

JEANNE RYAN

NERVE

O livro que deu origem ao filme com
EMMA ROBERTS e DAVE FRANCO



Planeta

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

**NEEDS
INITIATIVE**

JEANNE RYAN

NERVE

Tradução
Débora Isidoro



Planeta

Copyright © Jeanne Ryan, 2012

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2016

Todos os direitos reservados.

Essa edição foi publicada em acordo com Dial Books for Young Readers, um selo da Penguin Young Readers Group, uma divisão da Penguin Random House LLC.

Título original: *Nerve*

Preparação: Tomoe Moroizumi

Revisão: Elisa Nogueira e Andréa Bruno

Diagramação: Vivian Oliveira

Adaptação de Capa: Departamento de Criação Editora Planeta do Brasil

Adaptação para eBook: Hondana

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Star Books Digital

R124n

Ryan, Jeanne

Nerve / Jeanne Ryan ; tradução Débora Isidoro. - 1. ed. - São Paulo : Planeta, 2016.

Tradução de: *Nerve*

ISBN 978-85-422-0787-3

1. Ficção americana. I. Isidoro, Débora. II. Título.

16-34656

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

2016

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Padre João Manuel, 100 – 21^o andar

Ed. Horsa II – Cerqueira César

01411-000 – São Paulo-SP

www.planetadelivros.com.br

atendimento@editoraplaneta.com.br

Para James, meu grande prêmio

prólogo

Foram três dias de espera, mas, às quatro da manhã de um domingo, a rua na frente da casa de Abigail finalmente ficou livre de todos os Observadores. Talvez até os loucos precisassem dormir de vez em quando. Ela também precisava descansar, porém, mais que isso, queria liberdade. Fazia quase uma semana que estava fora de casa.

Havia deixado um bilhete para os pais, jogado os equipamentos de camping no carro, de qualquer jeito, e saído apressada, olhando pelo espelho retrovisor o caminho todo, por duas horas, até chegar ao parque Shenandoah. Havia percorrido aquelas mesmas estradas com a família inúmeras vezes, todas marcadas por jogos, canções, vídeos e, às vezes, só devaneios, mas desta vez só sentia o pânico crescendo.

Ignorando os anos de treinamento com os pais para se registrar com um patrulheiro ao chegar ao parque, ela deixou o carro perto do começo da trilha mais deserta que encontrou e seguiu por um caminho onde a vegetação era mais farta e alta. No começo da tarde, teria que escolher um

lugar para montar o acampamento. Por ora, só queria desaparecer no meio do mato. Se conseguisse evitar os Observadores por mais um tempo, essa vegetação lhe garantiria um pouco de paz, pelo menos por alguns dias.

A mochila pesava muito nos ombros enquanto ela subia a encosta rochosa, passando por samambaias e pegando uma ou outra gota de orvalho que ainda persistia nas folhas. O som de água corrente lá em cima a incentivava com a promessa de uma cachoeira. Seria uma gloriosa distração da constante ruminação que dominava seus pensamentos nos últimos vinte e três dias.

Maldito jogo.

Ela afastou um galho mais baixo, derrubando água e folhas na própria cabeça. Tudo bem, não tinha ninguém ali para ver as folhas coladas em sua pele e em seu cabelo. Mas pensar em outras pessoas trouxe imediatamente imagens insistentes e indesejadas. E medos. Medos que viviam no limite da consciência e pareciam tomar forma física, dessa vez com o som de passos suaves que a seguiam.

Ela ficou quieta, esperando, torcendo para o som ser apenas sua imaginação. Ultimamente, era traída pelo cérebro com frequência.

Pare. Foque. Pense.

Os passos pararam por um momento, depois prosseguiram mais rápidos. Sim, tinha alguém atrás dela. E agora? Ficava escondida atrás de um arbusto e esperava a pessoa passar? Devia ser alguém se exercitando na trilha, provavelmente em busca de solidão, como ela. Mesmo assim, se esconder era o melhor plano.

Ela correu para aumentar a distância e se encolheu em meio aos galhos de um imenso arbusto de rododendro.

Os passos ficaram mais altos e pesados, um peso que sugeria alguém grande. Era essa a tal “consequência” que aqueles cretinos que comandavam o jogo ameaçaram impor se ela não ficasse disponível para os fãs? Mas ninguém podia esperar que fosse simpática com os babacas que ligavam a qualquer hora, os malucos que a abordavam nos banheiros ou os doentes que criaram aquele site horrível com imagens dela e de outros jogadores sob uma mira telescópica. Quando descobriu esse site, ela inventou uma doença que a manteve trancada em casa durante a semana inteira. Mas não podia se esconder para sempre. E não conseguiria liminares para manter o planeta inteiro longe dela.

A respiração ficou mais rápida e superficial quando a pessoa que estava atrás dela chegou mais perto. Os passos eram cadenciados, medidos. Talvez não fossem humanos.

Engraçado como a possibilidade de um urso-negro a preocupava menos que a de um humano. Ou os passos nem eram reais. Podiam ser um sonho, uma impressão manipulada como havia sido cada pensamento que teve durante o jogo, e mesmo depois dele. Estava ficando mais difícil entender o que era real ou não. Como o bilhete que encontrou em uma revista quando fugiu para ir ao shopping: “Querida Abigail, o jogo só acaba quando nós decidimos”.

Como alguém podia saber que iria àquela loja em particular e que olharia aquela revista? Depois ela olhou todas as outras revistas da estante para ver se mais alguma havia sido preparada com a mensagem, e nesse processo perdeu de vista o bilhete, que sumiu como se não houvesse existido. Provavelmente roubado por um dos “nós” desconhecidos que vigiavam cada movimento que fazia. Essa era a pior parte, não saber como era o inimigo, enquanto sua imagem ficava disponível para todos, como uma versão perversa de um jogo de cartas.

Agora um assobio acompanhava os passos. Nem sua imaginação fértil seria capaz de criar um cenário onde um animal soubesse assobiar “Somewhere Over the Rainbow”. Seus olhos se encheram de lágrimas enquanto tentava

acreditar que essa pessoa era só alguém de bom humor fazendo uma trilha.

Os passos pararam. Ela se encolheu mais no meio da folhagem, e os arbustos em volta balançaram.

Uma voz profunda disse:

— Eu sei que você está aí.

Seu estômago revirou. Ela colou as costas na árvore mais próxima, arrependida por não ter subido nela em vez de se esconder ali. Não havia ninguém num raio de quilômetros, e uma olhada rápida no celular mostrou que estava sem sinal. Fazia sentido. Ultimamente, o telefone só servia para lhe trazer desgraça.

Os ramos do arbusto de rododendro se afastaram, e ela viu o rosto de um homem com cara de pitbull e hálito de bacon. Caramba, era melhor não saber qual era a aparência das pessoas que a atormentavam. Essa imagem teria papel de destaque em seus pesadelos pelo resto da vida. Pelo tempo que durasse, qualquer que fosse esse tempo.

As mãos gordas afastaram ainda mais os galhos.

— Por que não sai daí, benzinho? Facilita as coisas para nós dois.

Todos os músculos se contraíram, e os joelhos dela quase dobraram. O pavor que a invadia era pior que o da última

partida do jogo, quando havia enfrentado uma sala cheia de cobras. E pensar que esse era seu maior medo no mundo...

Apesar do tremor e do aperto no peito, ela encontrou forças para dizer:

— Sai daqui, babaca.

Ele se assustou.

— Não precisa ser grossa. Tenho sido seu maior incentivador.

Os olhos dela varreram a vegetação rasteira. Só uma alternativa dava um pouco de esperança. Ela deixou a mochila escorregar dos ombros para o chão antes de pular para a área onde os arbustos eram menos densos. Mas ainda havia o suficiente para arranhar os braços quando correu pelo meio deles em direção à trilha. Infelizmente, o homem bloqueava o caminho de volta ao carro, o que a obrigou a adentrar ainda mais na floresta cheia de colinas.

Ela corria, e os passos pesados a seguiam. Logo todos os sons foram absorvidos pelo estrondo da cachoeira próxima, cuja água borrifou seu rosto quando ela se aproximou da grade de proteção da plataforma de observação. O único caminho para baixo era pela encosta escorregadia e cheia de pedras de um penhasco com saliências cobertas de musgo.

Atrás dela, um apito desconcertante e agudo se sobrepôs ao barulho da água. Ela virou para encarar o homem, cujos bolsos estavam cheios de formas pontiagudas que faziam pensar nas várias armas usadas no jogo Detetive. Não que ele precisasse de um candelabro ou de uma faca, com aqueles braços grossos como troncos de árvores. O que poderia querer? Seria um fã furioso decidido a castigá-la por ter perdido a transmissão do “epílogo” com os outros jogadores na noite passada? Havia assistido com a mão tampando a boca enquanto os parceiros de jogo brincavam e riam, apesar das expressões contorcidas no rosto e das olheiras. Mas nenhum deles havia respondido suas mensagens mais tarde, como se a associação com ela fosse mais ameaçadora do que quem quer que os assombrasse. Era insano. Quando se inscreveu para jogar, ninguém falou nada sobre vídeos de acompanhamento ou perseguição.

Ela subiu na cerca, tentando se agarrar ao metal escorregadio. Seria capaz de descer até o rio sem quebrar o pescoço?

— Isso não é necessário, Abigail. — O homem resmungou e enfiou a mão no bolso. — Volte aqui e me ajude. Podemos conquistar uma coisa que ninguém mais conseguiu: ganhar mil créditos.

Créditos? Ele devia ser um daqueles malucos que fazia vídeos de jogadores só para conquistar o respeito dos parceiros Observadores e que era agraciado na forma de votos, ou créditos. Se houvesse uma maneira de medir seu terror, aquele cara teria a pontuação máxima. Os pervertidos se divertiam com isso. Mas esse homem levaria a situação um passo adiante? Pensar nisso a deixou com um nó na garganta. Respirar fundo. Concentrar-se em achar uma saída.

Ele inclinou a cabeça olhando para ela, como se considerasse a luz e a composição da imagem. Seria possível que só quisesse uma foto? Ela quase parou de respirar quando o homem tirou a mão do bolso bem devagar. Só conseguia pensar no quanto era estranho que sua vida não estivesse passando como um filme diante dos olhos. Em vez disso, o que lembrava era um filme que havia visto na aula de inglês no oitavo ano, *The Lady or the Tiger?*. Era irritante como o filme deixava a plateia em dúvida. Por que não escolhiam um final?

E agora, diante dela, um estranho podia estar pegando uma câmera ou uma arma, dependendo do que ele queria roubar, sua imagem ou sua vida. Com um soluço, ela percebeu que, em parte, preferia a opção que não teria

sonhado em escolher antes de entrar no jogo, só para que o horror que havia se tornado sua realidade chegasse ao fim.

A mão dele saiu do bolso direito, e havia nela uma câmera pequena e preta que parecia um inseto bonitinho. Ela soltou o ar e engoliu um soluço. Uma foto, então. Talvez, se fizesse um grande esforço, pudesse sorrir, e isso tudo chegaria ao fim. Correria de volta pela trilha, iria para casa dirigindo como louca e se esconderia no quarto pelo resto do dia. Ou por mais tempo. Os Observadores perderiam o interesse nela em algum momento, quando outro jogo, com um novo elenco de jogadores, começasse.

— Sorria, lindinha — disse o homem na frente dela.

Ela o encarou e tentou sorrir. Uma gota de suor escorreu pela têmpora, seguida rapidamente por outra. Mais alguns segundos e tudo isso acabaria.

Clique.

Ela exalou. Tudo bem, se era isso que ele queria, ótimo. Não, não tinha nada de ótimo, mas podia sobreviver.

E então, com um sorriso distorcido, o homem pôs a mão no outro bolso.

um

Sou a garota que fica atrás da cortina. Literalmente. Mas, depois de abri-la para o Segundo Ato, terei quarenta minutos livres, sem trocas de figurinos ou maquiagem para coordenar, a menos que algum ator precise de uma ajeitada rápida. Respiro fundo. Para uma noite de estreia, tudo correu bem, e é isso que me preocupa. Alguma coisa sempre dá errado na estreia. É tradição.

Estou em dúvida entre ir ao camarim feminino, onde a conversa gira em torno de garotos, ou ficar no corredor, onde posso encontrar um deles, bom, um em particular. Como o cara em questão tem que entrar em cena em dez minutos, escolho o corredor e pego meu celular, embora a senhora Santana, nossa professora de teatro, faça-nos desligar todos eles durante as apresentações sob ameaça de morte.

Nada de novo na página do perfil ThisIsMe. Não é surpreendente, considerando que a maioria dos meus amigos está na peça ou na plateia. Posto uma mensagem ali:

AINDA RESTAM INGRESSOS PARA AS DUAS
PRÓXIMAS APRESENTAÇÕES. COMPRE O SEU,
SE AINDA NÃO ESTIVER AQUI!

Pronto, cumpri meu dever cívico.

Junto com a mensagem, posto uma foto que tirei com minha melhor amiga, Sydney, antes do começo da peça. A fotografia é como uma daquelas imagens contrastantes dos livros da pré-escola: ela, a Barbie dourada de Hollywood, muito mais alta que eu, a boneca Blythe retrô de pele pálida, cabelo castanho-escuro e olhos grandes demais para o tamanho do rosto. Pelo menos a sombra metálica que peguei emprestada do kit de maquiagem do elenco faz meus olhos parecerem mais azuis.

Um anúncio da Custom Clothz surge na tela do celular tentando me convencer do quanto eu ficaria linda em seus novos vestidos de verão.

Roupas de verão são um sonho em Seattle, principalmente em abril, mas o vestido lilás com saia rodada é lindinho demais para resistir, e eu carrego uma foto minha, informo minha altura e meu peso, um metro e sessenta e dois, e cinquenta quilos, mais ou menos. Estou tentando decidir que outras medidas posso informar quando uma risada familiar transborda do camarim masculino

seguida pelo dono, Matthew, que para ao meu lado e encosta o ombro no meu, ou melhor, encosta o bíceps de jogador de futebol americano no meu ombro.

Ele se inclina para aproximar a boca da minha orelha.

— Humm, sutiã tamanho quarenta e dois, certo?

Como ele leu meu celular tão depressa? Viro o aparelho para o outro lado.

— Não é da sua conta. — O mais provável é que seja um quarenta, principalmente hoje, com esse sutiã simples que não faz milagres.

Ele ri.

— Vai compartilhar a informação com estranhos, mas eu não posso saber?

Apago a tela.

— É só um anúncio, não é uma pessoa de verdade.

Ele vira de frente para mim e apoia os antebraços na parede, minha cabeça no meio, depois fala com aquela voz rouca que sempre dá a impressão de que está contando um segredo:

— Sério, quero te ver nesse vestido.

Escondo o braço atrás das costas.

— É mesmo? — Comparada à dele, minha voz lembra um disco riscado de tão “linda”.

Ele puxa minha mão e pega o celular.

— Ou alguma coisa, sei lá, mais confortável. —
Retomando a posição de antes, ele olha para o celular e põe minha foto sobre um corpo vestido só com uma lingerie branca. Os seios parecem maiores que os meus, no mínimo um 46.

Sinto o calor subir pelo pescoço.

— Engraçadinho. Vamos fazer uma sua agora.

Ele começa a desabotoar a camisa.

— Posso posar ao vivo, se quiser.

O corredor fica abafado. Eu pigarreio.

— Você precisa manter o figurino, melhor começarmos pela versão virtual. — Nossa, será que eu não poderia soar menos bocó, menos apaixonadinha? Que bandeira!

Os olhos dele brilham mais verdes que nunca.

— É claro, depois que a gente terminar de brincar de vestir a Vee virtual.

Ficamos ali juntos enquanto ele escolhe calcinhas e biquínis. Cada vez que tento pegar o celular, ele ri e o puxa de volta. Tento uma tática diferente, a indiferença. Quase funciona quando o surpreendo com um gesto rápido. Não o bastante para recuperar o aparelho, mas consigo bater no lugar certo da tela e fecho o site. No lugar, aparece um

anúncio daquele jogo novo chamado NERVE, que é basicamente o “Verdade ou Desafio”, só que sem a parte da “Verdade”. Embaixo do nome pisca um quadro que diz:

VEJA QUEM ESTÁ JOGANDO!

Aparecem três fotos de jovens completando várias tarefas.

Matthew levanta as sobrancelhas.

— Ei, vamos dar uma olhada nessa menina da tarefa de fingir que está furtando algo em uma loja.

Ele inclina o telefone para podermos ver o vídeo de uma garota cheia de piercings escondendo embalagens de esmalte na calça camuflada. Mesmo que ela esteja só fingindo, devia ser ilegal esconder qualquer mercadoria dentro daquela calça. E como ela passa pela segurança do aeroporto com todos aqueles alfinetes no rosto? Como se escutasse meus pensamentos, ela olha para a câmera e mostra o dedo. A imagem do vídeo se aproxima e foca os traços que lembram os de um lobo, e meus ombros ficam tensos. Ela sai da loja sorrindo e vai para o estacionamento, onde usa o esmalte vermelho para pintar XXX bem na testa.

A cena desaparece, e Matthew toca a tela embaixo do quadro preto para dar quatro estrelas de cinco na avaliação.

— Eu teria dado só três. O desafio era fingir que furtava, não furto de verdade — falei. — Que tipo de idiota grava o momento em que comete um crime?

Ele ri.

— Para, ela foi corajosa. E quem vai reclamar por ela ter levado o desafio além do que foi pedido? Seria divertido ver essa menina nas rodadas ao vivo.

— Ei, não fala isso para a Sydney. Ela estava maluca para jogar a partida deste mês, até descobrir que vai acontecer na noite da última apresentação.

— Qual é, estrelar a peça não é suficiente para ela?

Transferi o peso do corpo de um pé para o outro. Apesar de brincar com Sydney dizendo que ela é uma diva, não vou fazer essa piada sem que ela esteja presente.

— Teatro no ensino médio nunca deu grandes prêmios a ninguém.

Ele dá de ombros e olha novamente para o telefone.

— Olha esse vídeo de um cara que deixa o cachorro lambe a sopa da sua boca.

— Nojento.

Matthew dá cinco estrelas para o vídeo. Assim que ele clica na estrela, um anúncio aparece:

ENVIE SEU VÍDEO PARA DISPUTAR A

CHANCE DE COMPETIR NA PARTIDA AO VIVO
DESTE SÁBADO. NUNCA É TARDE DEMAIS!

Ele balança o telefone na minha frente.

— Devia mandar um vídeo, Veezinha.

— Quê? Vou fazer sua maquiagem no sábado, lembra?

— Estou falando dos desafios preliminares. Devia tentar.

Se for escolhida para as partidas ao vivo, alguém pode te substituir na maquiagem.

É evidente que ele acha que não tenho a menor chance de ser escolhida e, mesmo que seja, que qualquer um pode espalhar um pouco de base no elenco. De repente me sinto diminuída.

Puxo minha saia.

— Para que perder tempo? Eu nunca jogaria de verdade mesmo.

No mês passado, na primeira vez que o jogo foi disputado, meus amigos se reuniram na minha casa e fizemos uma vaquinha para assistir às partidas on-line. Ser um Observador era muito legal. Ser um dos jogadores que disputaram o grande prêmio da Costa Oeste e passaram meia hora com os dedos dos pés agarrados à beirada de um telhado? Não, obrigada.

Matthew clica em alguns botões no site do NERVE.

— Aqui tem alguns desafios que você pode tentar: comer com as mãos em um restaurante chique, ir a um mercado exótico e pedir testículos de bode...

— Não vou fazer desafio nenhum.

Ele digita alguma coisa no meu telefone.

— Eu sei que não vai. Estou brincando, você fica linda vermelha de vergonha.

Greta, que cuida do cenário, se aproxima correndo e bate no braço dele.

— Você entra em dois minutos.

Matthew me devolve o celular e já está longe quando percebo que ele atualizou meu status no ThisIsMe de “solteira” para “promissor”. Meu coração acelera. Apesar de ainda ter quase meia hora antes de ter de fechar as cortinas, sigo até a coxia. Ele entra no palco e ocupa seu lugar à esquerda, perto de Sydney, com quem vai discutir, brigar, beijar e cantar antes do fim da peça.

Por ora, Sydney comanda o espetáculo, iluminada dramaticamente em toda sua glória loira. Sinto orgulho da imagem impressionante que criei a partir de seus traços naturais. É claro que dediquei mais tempo à maquiagem de Matthew, contornando cada canto de seu rosto com cuidado

e carinho. Mesmo a seis metros de distância, o brilho do holofote em seus olhos verdes faz meus joelhos tremerem.

Recito as falas com os atores durante a meia hora seguinte até chegarmos ao final, quando os amantes se reencontram. Matthew segura o rosto de Syd entre as mãos e seus lábios se encontram em um beijo que dura um, dois, três segundos. Mordo o lábio e luto contra uma onda de inveja, embora Syd garanta que Matthew é mais propaganda que realidade. Ela sempre acha que sabe o que é melhor para mim.

O elenco se junta a Sydney e Matthew para a última canção, e eu fecho a cortina. Como eles vão agradecer na beirada do palco, além da cortina, meu dever está cumprido, e vou para o camarim recolher os figurinos. A área das meninas cheira a spray para cabelo e um enorme buquê de rosas vermelhas ocupa o centro da bancada. Vejo o cartão. São rosas para Syd, é claro. Alguns minutos mais tarde, ela e as outras garotas do elenco entram na sala ofegantes e risonhas.

Instintivamente, abraço minha melhor amiga.

— Você foi incrível. E olha, alguém mandou para você.

Ela dá um gritinho e abre o cartão. Seus olhos se arregalam.

— Um fã anônimo!

Engulo um suspiro diante da trama óbvia.

— Anônimo por dois minutos, até ele aparecer cobrando algo pela gentileza.

Ela cheira as flores e sorri, acostumada com esse tipo de atenção.

— Conseguiu fazer seus pais mudarem de ideia sobre hoje à noite?

Sinto o peito apertado.

— Não. Pelo menos vão me deixar sair da prisão para a festa da noite de encerramento da temporada. Depois de cinco meses seguindo as regras ao pé da letra, eu os convenci de que merecia liberdade. Será a primeira vez que eu vou sair com meus amigos, a menos que eles considerem que trabalhar na peça ou estudar na biblioteca é sair com os amigos, desde o “acidente” que, na verdade, foi um incidente na imaginação dos meus pais.

— Então também não vou — Syd responde.

Bato de leve no braço dela.

— Não seja boba. Você merece comemorar. Só não exagera na bebida para não acordar de ressaca e com olheiras. Meu talento de maquiadora não faz milagres.

Syd desamarra as fitas do espartilho.

— Tem certeza? Quer dizer, sobre a festa de hoje? E eu tenho total confiança no seu talento de maquiadora.

Eu a ajudo com as fitas nas costas.

— É claro. Depois você me conta tudo. Melhor ainda, posta as fotos. Certo?

Quando todos terminam de trocar de roupa, recolho os figurinos e dou uma olhada nas peças para ver o que precisa ser passado ou costurado para o espetáculo do dia seguinte.

Sydney me abraça de novo antes de sair com Greta e as outras meninas.

Alguns minutos depois de elas terem ido embora, Matthew aparece na porta entreaberta.

— Como vai a corajosa Veezinha?

Meu estômago dá um pulo quando o vejo, mas tento manter a calma enquanto examino um paletó de tweed.

— Tudo bem. — Quem precisa de uma festa de noite de estreia, se posso ficar com ele até a hora de ir para casa? Sim, meu status pode ser “promissor”.

— Você e Syd vão para a casa da Ashley?

— Ela vai. Eu não posso.

— Ainda de castigo? Caramba, garota, começa a estudar mais. — Ele e a maioria dos meus amigos pensam que meus

pais me puseram de castigo por causa de notas baixas. Só Sydney sabe a verdade.

— Pelo menos eles vão me deixar ir à festa da noite de encerramento. Desde que eu volte para casa até meia-noite.

— Se eu anunciasse minha liberdade iminente, talvez ele me ajudasse a encontrar formas de tirar proveito dela no sábado.

Matthew olha para as rosas.

— Ela já sabe quem as mandou?

Me faltou ar por um momento.

— Como sabe que foi um anônimo?

Ele pisca.

— Tenho minhas fontes. Até amanhã. — Ele balança a cabeça uma última vez, olha para mim da cabeça aos pés e diz: — Hum, você é bonitinha demais para trabalhar nos bastidores. — E vai embora.

É isso? Nossa chance de ficarmos sozinhos, e ele vai embora? Meu estômago revira de novo, mas não é aquele frio na barriga gostoso. E por que ele perguntou sobre as flores? Tento não tirar conclusões, mas estudo as possibilidades mesmo assim. Talvez algum amigo dele esteja a fim da Sydney, e Matthew esteja fazendo o reconhecimento. Mas alguma coisa no tom de voz dele sugeria incerteza, vulnerabilidade. Matthew havia mandado

as flores? Syd é sua coestrela, mas, mesmo assim... Meu único consolo era que, se Matthew havia enviado as flores, Sydney não se dera o trabalho de levá-las para casa.

Com a mandíbula tensa, pego na bolsa uma chavinha para abrir um pequeno armário que contém a arma secreta do pessoal que cuida dos figurinos: um spray com uma mistura de vodca e água. É um jeito barato de renovar os figurinos. A senhora Santana nunca havia permitido que um aluno usasse o spray sem supervisão. Fico feliz de saber que pelo menos um adulto confia em mim atualmente, mas, se meus pais soubessem, ela perderia o emprego.

Ouçõ passos, e Tommy Toth, que desenhou os cenários e comanda toda a parte de tecnologia, olha para dentro da sala.

— A noite foi ótima, não foi?

Espirro o spray dentro de um vestido bordado e um pouco suado.

— Sim, foi tudo perfeito.

— Todo mundo foi embora. Quando terminar aí, eu te acompanho até teu carro. — Se houvesse uma recompensa por educar filhos gentis, os pais de Tommy a ganhariam, com certeza. No quinto ano, quando ele e eu estávamos na

patrulha de segurança, ele sempre se oferecia para carregar os cartazes de PARE.

Saio da sala para cuidar dos figurinos masculinos no camarim vizinho.

— Tudo bem, meu carro está bem na porta.

Ele me segue.

— Você está bem?

Dobro a calça de Matthew, que ele deixou pendurada em uma cadeira.

— É claro. Foi uma semana agitada, só isso.

Ele levanta os braços.

— É, nós dois ficamos com todo o trabalho de bastidores.

Sim, a espinha dorsal. Mas sem os aplausos. E sem rosas também. Pisco para conter as lágrimas e olho para ele.

— Fez um ótimo trabalho, Tommy. Ninguém mais teria criado cenários tão bons. — Durante a peça, o palco se transforma em um minuto, passando de um vilarejo no Afeganistão destruído pela guerra a uma boate em Tóquio. É uma peça multicultural.

Ele dá de ombros.

— Não seja tão modesto. Você merece tanta atenção quanto os atores.

— Há vantagens em não estar no centro do palco.

Ergo as sobrancelhas.

— Diga uma.

— Privacidade.

Dou risada, mas o som fica entre um grunhido e um ronco.

— Isso é uma vantagem?

Ele dá de ombros outra vez. Quando termino de ajeitar os figurinos, meu telefone vibra. É uma notificação de mensagem. É minha mãe me lembrando de que tenho de estar em casa em quarenta minutos. Suspiro. A coleira apertou. Quando deleto a mensagem, vejo que Matthew salvou o link do site do NERVE. O jogo que ele sabia que eu não ia tentar jogar.

Olho para Tommy.

— Acha que sou corajosa?

Ele recua um passo.

— Corajosa? Não sei. Mas tem muito carisma. Lembra aquela vez no primeiro ano quando criou uma letra nova para o hino da escola?

Essa era minha maior façanha? Uma letra ofensiva que nem tinha rimas? Faço uma careta e mostro o celular para ele.

— Você se inscreveria neste jogo?

Ele estuda a tela.

— Creio que não. É muito arriscado.

— Não é a minha cara, certo?

— Eu não disse isso.

Paro ao lado de Tommy e toco no link para o site do jogo. Lá tem uma relação de vários desafios que uma pessoa pode cumprir para se candidatar às rodadas ao vivo, além de pop-ups prometendo fama instantânea e um videoclipe de alguns vencedores do grande prêmio do mês anterior em uma estreia de filme. Duas garotas exibem a joia valiosa que ganharam por seus desafios. Sortudas.

Leio a lista. A maioria dos desafios parece horrível, mas tem um que é ir a uma cafeteria e jogar água em si mesmo gritando “água fria me deixa quente”. É idiota, mas menos perigoso que roubar esmalte, mesmo que fosse só fingimento. Olho o relógio. Tem uma cafeteria Gotta-Hava-Java no caminho de casa. Se eu fosse bem rápida, poderia cumprir o desafio da água. Isso tiraria o diminutivo do vocabulário de Matthew, que ele acrescenta ao meu nome até quando me manda mensagens, o que faz desde que começamos a ensaiar para a peça. Coisas fofas e muito papinho cheio de insinuações, especialmente tarde da noite.

Olho para Tommy.

— Quer fazer uma coisa diferente?

Ele fica vermelho.

— Não vai se inscrever para jogar, vai?

— De jeito nenhum. É tarde demais para ser escolhida, mesmo que eu quisesse. Mas não seria divertido tentar cumprir um desafio? Só para ver como é?

— Hum, não, sério. — Ele pisca algumas vezes, como se as lentes de contato sinalizassem que era hora de encerrar o dia. — Sabe que isso é postado on-line e que, como ninguém precisa pagar para assistir aos desafios preliminares, muita gente veria?

— Sim, essa é a ideia.

Ele inclinou a cabeça.

— Tem certeza de que está se sentindo bem?

Guardo o spray no armário.

— Sim, estou. Não precisa ir comigo. Só achei que seria divertido.

— Talvez seja. — Ele assente e fica claro que está reconsiderando. — Tudo bem, eu vou para filmar.

É isso! Eu havia esquecido completamente que precisava de alguém para filmar o desafio. Pego a bolsa e passo por ele me sentindo meio Lara Croft.

— Ótimo. Vamos nessa.

Ele corre para me acompanhar.

— Podemos ir no meu carro. — Os pais lhe deram de presente de aniversário um Audi digno de um filme de ação.

— Não, vamos no meu. — É o meu desafio.

Há uma umidade no ar que não estava lá no começo da noite. Apesar de estar a caminho de uma cafeteria onde vou jogar água em mim mesma, não quero tomar chuva. Tommy e eu corremos para o meu carro, um Subaru com dez anos de uso e um volante que trepida toda vez que piso no freio. Mas é meu e é aconchegante. Enquanto dirijo, tento cantarolar um hip-hop que toca no rádio, mas não consigo.

— Acha que alguém no Gotta-Hava-Java vai perceber que estou cumprindo um desafio para o NERVE?

Ele olha para o painel do carro como se pudesse encontrar algo mais interessante que o sistema de som barato com um adesivo manuscrito que diz: AUMENTA O SOM!

— Duvido que os clientes de lá façam parte da demografia do NERVE.

Acho engraçado como ele pronuncia “demografia” com facilidade, como se estivesse fazendo uma propaganda. É o tipo de coisa que meu pai fala. De repente me sinto enjoada, lembro o rosto pálido do meu pai ao lado da minha cama no hospital há alguns meses, como ele balançava a cabeça e

dizia o quanto minhas atitudes eram inusitadas. Garotas como eu não iam parar em uma garagem com o motor ligado. Exatamente, eu respondi para ele.

Paro de pensar nisso.

— Vou fazer papel de boba na frente de um monte de gente que nem imagina que é tudo um jogo. Perfeito.

No mês passado, um locutor havia explicado em voz baixa para a plateia que os jogadores não podiam contar às pessoas que estavam cumprindo um desafio.

As sobrelhas erguidas de Tommy diziam “dã”, mas ele é educado demais para expressar o pensamento em voz alta. Em vez disso, ele me fala sobre um documentário que viu sobre uma escola de administração no estilo samurai, cujos alunos têm que cantar em esquinas movimentadas para superar as inibições.

— Talvez isso seja bom para você — ele comenta.

Eu o estudo. Ele é mais bonito do que eu lembrava, não que tivéssemos sido mais que amigos. Com aqueles traços definidos, a atitude confiante e os pais ricos, provavelmente acabaria concorrendo para algum cargo político antes da nossa reunião de dez anos de formatura.

Então lembro que ainda nem havia preenchido o formulário de inscrição.

— Pode entrar no site do NERVE e inserir meus dados? —
peço.

Ele liga o celular e começa a ler as questões enquanto digita. Dou a ele meu endereço, número de telefone, e-mail e dia de aniversário (24 de dezembro, quase o melhor dia do ano). Para minha lista de contatos de emergência, um exagero para um desafio de dois minutos, relaciono Sydney, Liv, Eulie, Tommy e Matthew, só de brincadeira.

Cinco minutos mais tarde, depois de contornar a cafeteria duas vezes, encontro uma vaga a um quarteirão da Gotta-Hava-Java. O ar não tinha mais o calor do dia, e pensei que a caminhada de volta ao carro, depois do desafio, seria desconfortável. Presumindo que eu cumprisse o desafio, e uma pequena parte de mim duvidava disso.

Entrego minha jaqueta a Tommy.

— Segure para mim, assim vou ter alguma coisa seca para vestir depois.

— Acho melhor segurar sua bolsa também, só por precaução.

Que outro cara pensaria em manter os acessórios seguros? Eu me arrepiei.

— Boa ideia.

Tommy segura minhas coisas com carinho, como se tivesse medo de estragar alguma coisa, o que não seria nenhuma catástrofe, já que compro tudo pela metade do preço na Vintage Love, onde trabalho.

Entramos na cafeteria e meu coração dispara quando vejo que o lugar está lotado. Uma coisa é escolher um desafio de uma lista no celular, outra é representar. Representar, ai, esse é o problema. Como o teste para a peça da escola, no qual não fui aprovada, ou aqueles relatórios de Estudos Mundiais que suei frio para apresentar na frente da sala. Por que alguém como eu entra em um jogo como esse?

Inspiro, imagino Matthew beijando Sydney no palco enquanto vejo tudo da coxia. É óbvio que estou fazendo isso para provar alguma coisa. Obrigada, Introdução à Psicologia.

Tommy encontra uma cadeira vazia em uma mesa comunitária perto do centro da loja e acomoda nossas coisas. Depois volta a mexer no celular.

— O site do NERVE diz que tenho que transmitir isso ao vivo para eles, assim não podemos editar as imagens. Vou começar assim que você estiver pronta.

— Tudo bem. — Vou para o fim da fila, lutando contra a sensação de estar perdendo o controle das pernas. Tenho que usar toda minha concentração para pôr um pé na frente do

outro, como se caminhasse em uma piscina cheia de calda de caramelo. Respirar, respirar, respirar. Se o cheiro de café não fosse tão forte, pelo menos! A ventilação ali era horrível. Meu cabelo e minha roupa iam ficar impregnados por muito tempo depois que eu saísse dali. Minha mãe ia perceber?

Um casal na minha frente está discutindo se deve pedir chai à noite, já que o chá indiano tem cafeína, e um grupo de mulheres na frente deles atormenta o barista com perguntas sobre contagem de calorias. A conversa me irrita. Quero gritar que gente preocupada com calorias não deve frequentar lugares que oferecem dúzias de opções de doces.

Aceno para um dos baristas tentando chamar sua atenção. Ele sorri e continua tirando um café expresso. O relógio na parede marca 21h37. Droga, tenho vinte e três minutos para chegar em casa e acabo de perceber que vou ter que levar Tommy de volta ao carro dele antes de ir embora. Empurro as pessoas para me aproximar do balcão, o que provoca alguns comentários furiosos. Quando virem o que vou fazer, talvez eles calem a boca. Ninguém quer se meter com uma doida. No canto do balcão vejo uma jarra de água gelada e uma pilha de copos de plástico. Encho um copo e vou para perto de Tommy, tentando não derrubar a água, apesar do tremor nos braços e nas pernas.

Eram 21h39. Respiro e assinto para Tommy, que prepara o celular e diz alguma coisa que não consigo entender. Algumas pessoas ao redor nos olham com ar curioso, reprovador. Tommy sorri e levanta o polegar, o que provoca em mim uma enorme onda de gratidão. Isso seria impossível sozinha. Talvez ainda seja. Meu corpo não para de tremer, e luto contra as lágrimas que ameaçam irromper. Caramba, sou muito medrosa. Claro que engasguei no teste para a peça.

Olho para o relógio e, de repente, tenho a sensação de estar em um túnel. Tudo à minha volta fica escuro. Tudo que vejo é o relógio pulsando como em *O coração delator*, de Edgar Allan Poe. Isso é ridículo. É só um copo de água e uma frase. Syd jogaria nela mesma a jarra inteira enquanto cantava seu número favorito de *Os miseráveis*. É claro, não sou ela.

Meu coração acelera ainda mais, minha cabeça gira. Cada molécula do meu corpo quer correr. Ou gritar. Ou os dois. Digo a mim mesma para respirar. O desafio vai acabar em um minuto. Só mais alguns momentos de terror. Limpo o rosto. Quando o relógio da parede marca 21h40, pigarreio para limpar minha garganta seca.

Sou capaz disso? A pergunta se repete enquanto levanto o copo sobre a cabeça. É surpreendente que meu braço ainda

funcione. Com uma voz que é pouco mais que um sussurro, digo:

— Água fria me deixa quente.

Deixo cair algumas gotas sobre a cabeça.

Tommy olha para mim como se não tivesse me ouvido.

Ergo a voz, que soa como um crepitar, e digo:

— Água fria me deixa quente!

Jogo o resto da água do copo sobre a cabeça. O choque gelado clareia meu raciocínio. Ai, meu Deus, eu consegui! E agora estou ensopada, querendo mais que nunca ter o poder de desaparecer.

Uma mulher perto de mim grita e pula para o lado.

— Que droga!

— Desculpa — falo enquanto a água pinga do meu nariz. Sei que devia fazer alguma coisa, mas meu corpo está paralisado. Com exceção dos olhos, que registram um milhão de detalhes ao mesmo tempo: todos parecem debochar de mim. Com esforço consciente, venço a imobilidade e limpo o rosto com o dorso da mão enquanto alguém tira uma foto. Olho feio para o cara, e ele me fotografa de novo.

Tommy abaixa o telefone e arregala os olhos para mim.

— Ai, Vee, cara, sua blusa... — Ele aponta para o meu peito com um ar horrorizado. Começo a abaixar a cabeça,

mas sou interrompida por um barista que corre para mim com um pano de chão. Ele olha feio para a poça em torno dos meus pés.

— Eu cuido disso — falo, tentando pegar o pano. Por que não pensei em pegar guardanapos de papel?

Ele não solta o pano.

— Acha que vou confiar em você? Dá licença. E se não vai comprar nada, por favor, saia.

Droga. Até parece que cuspi no liquidificador dele.

— Desculpa. — Corro para a porta. O ar do lado de fora esfria minha blusa molhada e desperta a sensação de um mergulho no lago Washington.

Tommy me alcança trazendo minha jaqueta.

— Veste isto agora!

Olho para minha blusa embaixo da lâmpada da rua e paro de respirar por um instante. O que não considerei antes de jogar água na minha cabeça era que vestia uma blusa de algodão branco. E que o sutiã era de seda fina. Eu, a coordenadora de figurino, funcionária de uma loja de roupas em meio período, devia ter levado em conta o efeito da água nesse tipo de tecido. Era a famosa camiseta molhada. E eu havia sido filmada.

Ai, meu Deus, o que foi que eu fiz?

dois

Peguei o telefone do Tommy.

— Apaga o vídeo!

— Não dá. É um feed ao vivo.

Seguro a jaqueta na frente do peito.

— Por que não parou quando percebeu que eu estava exposta?

Ele massageia a nuca.

— Estava concentrado em tentar te manter enquadrada, só percebi quando abaixei o celular. Não entra em pânico. As coisas ficam diferentes no vídeo. Talvez a iluminação e a resolução limitada da câmera do celular tenham te favorecido. — Mas a expressão dele era de dúvida.

— Tem como dar uma olhada? — Por que não usei o sutiã cor-de-rosa com forro?

— Não, meu celular não salva cópia de chats de vídeo. Eles ocupam muita memória.

Entramos no meu carro e eu visto a jaqueta de costas para ele. Quero ficar ali sentada pensando em uma solução, se é que existe alguma, mas preciso chegar em casa em quinze

minutos. Ligo o motor, ajusto o aquecedor na potência máxima e volto para o teatro.

Tommy está mexendo no celular.

— Talvez tenha um jeito de cancelar sua inscrição.

— Isso, tenta! Diz para eles que não autorizo a divulgação.

Depois de dois minutos, ele pigarreia.

— Aqui diz que todo o material transmitido é propriedade deles. Quando se inscreve no jogo, você cede os direitos do vídeo.

Bato no painel.

— Ah!

Não falamos mais nada até chegarmos ao estacionamento. Antes de descer do carro, ele diz:

— Não esquece que tem milhares de vídeos lá, a maioria pior que o seu, provavelmente. As pessoas fazem muitas loucuras para serem escolhidas para as partidas ao vivo.

— Espero que sim. Olha, tenho que estar em casa em nove minutos, bom, tenho que ir.

— Prometo que não vou falar nada. — Ele faz o sinal da cruz sobre o peito, depois fecha a porta.

Engulo em seco e saio dali atordoada. Como pude ser tão burra? Inconsequência não faz parte da minha

personalidade. Tímida, esforçada, leal, todas essas chatices típicas de Capricórnio, eu sou assim.

Corro de volta para casa, mais um novo comportamento. Mas não sou rápida o bastante. São 22h02 quando entro no corredor que liga a garagem ao fundo da casa.

Minha mãe está lá me esperando como uma fiscal de pedágio.

— Onde estava?

— Na peça. Houve um problema com a pia do camarim e eu me molhei. Tentei secar tudo o mais depressa possível. Desculpa, me atrasei um pouco. — Mentir desse jeito me dá ânsia de vômito, mas, se eu contar a verdade, ninguém vai se beneficiar dela.

Ela me olha com uma expressão severa.

— Você prometeu que estaria em casa às dez.

— Mãe, por favor. Foi um acidente. — Quando a palavra sai da minha boca, percebo o erro. Chamar qualquer coisa de “acidente” é quase uma provocação para os meus pais ultimamente, mesmo agora, cinco meses depois.

Meu pai sai da cozinha e se aproxima de nós.

— Tudo bem?

Que outro aluno do terceiro ano do ensino médio tem pai e mãe esperando acordados às dez da noite?

Aperto a jaqueta fechada sobre o peito e ajeito meu cabelo.

— Sim, só me molhei um pouco na pia do camarim. Desculpa.

A voz do meu pai é suave, mas não a sua expressão.

— Por que não ligou?

— Achei que chegaria a tempo. Mas peguei muitos faróis fechados. — Tem algum jeito de eles verificarem os padrões dos semáforos entre o teatro e minha casa para desmascarar minha última mentira?

Ele assume seu lugar ao lado da minha mãe. Estou na frente deles, querendo tirar a roupa molhada. Eles se olham.

Cruzo os braços.

— Todos os meus amigos estão em uma festa. Tive que limpar os figurinos e cuidar de uma pia quebrada. Não acham que é castigo suficiente para um atraso de dois minutos?

Eles se olham de novo, e meu pai suspira.

— Tudo bem. Acreditamos em você.

Mais uma pontada de culpa atravessa meu peito, mas, sério, não fiz nada errado. Bom, a menos que conte me expor on-line a nem sei quantos Observadores.

— Obrigada. Preciso ir dormir, amanhã tenho aula. — Seguro a respiração e torço para não ter sido muito óbvia no jogo da filha responsável.

— Boa noite, meu bem — eles dizem ao mesmo tempo, antes de cada um me dar um abraço. Às vezes acho que tudo seria mais fácil se eu não fosse filha única. Ainda é tarde para eles terem outro filho? Eca, nem vou pensar nisso.

Lá em cima, me arrumo para dormir e penso em tudo que aconteceu naquela noite. Espero que Tommy esteja certo, que meu vídeo tenha se perdido na avalanche de inscrições. Mesmo assim, passo a noite me virando na cama e, às cinco da manhã, desisto de dormir. Com duas horas até ter que me arrumar para a escola, devia fazer o dever de casa ou alguma coisa produtiva. Mas a primeira coisa que faço ao sair da cama é pegar o celular. Não, espera, posso ver os vídeos mais depressa no computador. Sento na frente da escrivaninha e ligo o laptop com as mãos trêmulas.

Levo alguns minutos para chegar ao site do NERVE e entender o esquema de organização das inscrições. Quando clico, aparece uma janela lembrando que durante o primeiro evento do NERVE um cara ganhou uma viagem para a Itália, para treinar durante uma semana com uma equipe de ciclistas do Tour de France, e uma das meninas foi chamada

para uma entrevista de emprego na MTV. Eles mostram fotos dos vencedores sorridentes. Nada mal para uma noite de terror, acho.

Vou navegando pelo site, e meu humor melhora. Mais de cinco mil pessoas se candidataram em todo o país. Na noite de sábado, amanhã, o NERVE vai escolher competidores de doze cidades e promover as partidas ao vivo. Na última vez, eles levaram metade dos melhores jogadores das partidas ao vivo para disputar um grande prêmio em Nova York, e a outra metade para a disputa em Las Vegas, onde os jogadores enfrentaram um tudo ou nada.

Quase tenho uma vertigem quando descubro que o desafio da cafeteria foi escolhido pelo menor número de concorrentes. Provavelmente por parecer fácil, o que devia ser chato para os Observadores. Perfeito. Abro a categoria e vou olhando os vídeos até meu coração parar diante de um que reconheço.

A imagem pequena mostra meu rosto contorcido com o desconforto e brilhando por causa da água. Embaixo, um indicador mostra mais de oitenta comentários associados ao meu vídeo. Ah, não. É mais que o dobro do número de qualquer outro nessa categoria.

Respiro fundo e clico na imagem para começar o vídeo. Lá estou eu com cara de sofrimento, olhando para o relógio na parede e para a câmera na mão de Tommy. Eu me sinto uma idiota. E pareço uma idiota no vídeo. Por que achei que era uma boa ideia cumprir o desafio? Porque Sydney ganhou flores, e eu não? Ridículo. Devia estar acostumada com isso.

A voz de Tommy narra:

— Essa é a garota mais doce e sensata que conheço, e ela vai fazer algo muito, muito distante da sua zona de conforto. Ela vai conseguir?

Eu não havia percebido que Tommy comentava enquanto filmava. No vídeo, hesito como se fosse responder “é claro que não”. Por um segundo, torço para a noite passada ter sido só um sonho estranho. Mas a garota na tela joga água sobre a própria cabeça e bufa.

Ouçõ a voz de Tommy:

— Ah.

E surge no quadro uma garota muito molhada, com um sutiã muito pequeno e uma camiseta muito reveladora. Meu pior medo.

Começo a ler os comentários embaixo do vídeo e sinto uma onda de náusea. Um deles diz: “Belas passas!”. E esse é

o mais gentil. Fecho o laptop, volto para a cama e cubro a cabeça.

Uma hora mais tarde, meu celular vibra anunciando uma mensagem de texto. Ignoro a notificação e a mensagem. Meus amigos viram o vídeo? Eu me encolho ainda mais sob as cobertas.

São sete e meia quando minha mãe bate na porta.

— Querida, tudo bem? Vai se atrasar.

— Tudo bem, estou quase pronta — minto.

— Posso entrar?

— Ah, só um minuto. — Visto um jeans e uma camiseta, depois abro a porta segurando um bocejo.

Minha mãe espia o quarto por cima do meu ombro, provavelmente procurando um cachimbo de crack.

— Fiz sopa de aspargos ontem à noite. Quer levar um pouco para o almoço?

— Seria ótimo. Obrigada.

Assim que fecho a porta, corro para o telefone. As mensagens de Sydney e Liv são sobre a festa da noite passada, basicamente para dizer que queriam que eu tivesse ido. A última mensagem é do Tommy. “Me liga!”

Eu ligo. Quando ele atende, digo:

— Já vi. É horrível. E por que narrou a cena? — Não ligo para isso, na verdade, porém é mais fácil do que perguntar o que ele achou do meu peito.

— Só queria tornar a coisa mais divertida e te dar uma desculpa, sabe, só por precaução.

— Para o caso de eu desistir?

— Para o caso de mudar de ideia. Não tem nada de vergonhoso nisso.

Massageio a têmpora.

— Ah, obrigada, acho. De qualquer maneira, seus comentários foram muito mais gentis do que os das pessoas que escreveram lá. Viu como são ofensivos?

Ele limpou a garganta com um pigarro forçado.

— Ignora. As coisas não são tão ruins quanto você pensa. Alguns vídeos na categoria “bunda” têm trezentos comentários.

— Não tem nada que eu possa fazer para tirar o vídeo do ar? Não é ilegal exibirem o vídeo de uma menor mostrando o peito?

— Ninguém nem se importa com os vídeos de gente mostrando a bunda... E tudo que o NERVE fornece como canal de contato é o formulário de inscrição e os links para os vídeos, não tem nenhum canal de contato direto. Não

consigo nem rastrear o site que hospeda o jogo; eles podem ter uma base no exterior e pular de servidor em servidor.

Passo a mão na testa.

— Obrigada por tentar, Tommy.

— Se nenhum de nós falar nada, é bem capaz que nenhum conhecido nosso veja o vídeo. E depois que o NERVE fizer as rodadas ao vivo amanhã à noite, o foco da atenção vai mudar.

Quero acreditar nele. O argumento é lógico e sua voz me acalma.

— Tudo bem, o que aconteceu no Gotta-Hava-Java fica no Gotta-Hava-Java.

— É isso.

Agradeço e desligo. A caminho da escola, minhas mãos e pernas tremem, mas quando chego lá tudo parece normal. Pela primeira vez, fico feliz com a política da diretoria que proíbe o uso de celulares no colégio, exceto em casos de emergência. Passo o dia agindo como se estivesse tudo bem, e na hora do almoço já quase esqueci o pânico.

Quando passo por Tommy no corredor dos armários naquela tarde, cochicho:

— Até agora, tudo bem.

Depois do colégio, faço minha lição de casa correndo, janto mais cedo, mesmo sem ter muita fome, e prometo à minha mãe que volto para casa no horário combinado. Chego ao teatro por volta das cinco e encontro o lugar fervendo com a atividade que precede o espetáculo. Meu primeiro impulso é ir à cabine de iluminação falar com Tommy, mas Sydney se aproxima correndo para me mostrar uma resenha muito positiva da peça, que afirma que o Chinook High School tem algumas estrelas em formação. Uma grande foto de Sydney esbofeteando Matthew acompanha o texto.

Os olhos dela brilham.

— Adoro essa cena.

Matthew se junta a nós e toca o rosto como se ainda estivesse com dor.

— Acho que gosta dela um pouco demais.

Olho para os dois, procurando alguma química. Não vejo nada. Syd revira os olhos e se dirige para o camarim feminino. Os olhos de Matthew a seguem, mas só por um momento e depois voltam para mim.

Ele toca meu nariz.

— Pronta para fazer minha maquiagem, Veezinha?

— É claro. — Pego minha caixa de cosméticos e o acompanho ao camarim masculino, onde ficamos sozinhos.

Pego a base compacta e um copo de água da pia. Matthew afasta o cabelo com uma faixa enquanto umedeço a esponja para começar a trabalhar. Enquanto estou debruçada sobre ele para aplicar a base, Matthew toca meu quadril. Juro que sinto o calor da mão dele através do tecido.

— Senti sua falta ontem à noite na festa da Ashley. — A voz era grave.

E ele nunca tinha dito nada sobre sentir minha falta. Talvez meu futuro fosse mais “talvez, quem sabe” do que eu pensava.

— É, foi uma droga não poder ir. De qualquer jeito, hoje tinha aula. A festa de amanhã vai ser melhor.

— Tem certeza de que não pode sair hoje à noite? Nem para um café ou alguma coisa assim? — Ele acariciou meu quadril.

Café? Sinto um aperto no peito. Não tem jeito de ele ter visto o vídeo, tem?

— Adoraria ir, mas infelizmente não posso. Amanhã a gente se encontra. — Meus dedos tremem quando aplico o creme de contorno nas laterais do nariz e no queixo.

Quero perguntar sobre seu interesse repentino em café, mas dois garotos entram e vão trocar de roupa atrás da cortina. A sala fica mais cheia enquanto trabalho no rosto de

Matthew, e não temos mais oportunidade para conversas particulares. Quando termino a maquiagem dele, tem uma fila de atores ao lado da cadeira, e depois de maquiar todos eles volto ao camarim feminino para dar os últimos retoques no cabelo e no rosto das atrizes, já que a maioria é capaz de fazer o básico sozinha. Tenho que correr para abrir a cortina para o primeiro ato. Sério, deviam arrumar outra pessoa para cuidar disso, mas o pessoal da cenografia e dos efeitos especiais tem que trabalhar duro para montar as cenas do vilarejo afegão.

Quando a cortina sobe, fico na coxia para garantir que todo mundo está bem caracterizado, depois vou limpar meu kit. No camarim feminino, Ashley e Rita estão cochichando e param de falar quando entro. Não somos grandes amigas, nada disso, mas elas nunca se comportaram desse jeito comigo.

Pego as esponjas usadas para limpá-las.

— Parece que todo mundo se divertiu muito ontem à noite. Foi uma pena meus pais não terem me deixado ir.

Ashley assente.

— Eu entendo. — Ela aplica um pouco de spray fixador no cabelo, apesar de já ter um penteado mais firme que um projeto para a aula de artes. — Tudo bem, Vee?

Fico tensa e meu estômago revira com a pergunta, a mesma que todo mundo fazia constantemente cinco meses atrás, depois de eu ter passado uma semana no hospital. Adoto imediatamente o modo resposta automática:

— Tudo ótimo. Por quê?

— Ah, por nada. Você parece cansada, só isso.

Maravilha, isso é o que as pessoas de meia-idade dizem umas às outras quando, na verdade, querem dizer “você está com cara de velho”.

— Acho que preciso de um pouco de maquiagem. —
Forço uma risada e corro para o camarim masculino.

Lá dentro, John e Max sorriem para mim de um jeito estranho. É minha imaginação? Estou paranoica, não estou? Esses caras estão sempre rindo desse jeito. Sem olhar para eles, guardo tudo e vou para a saída de emergência que está vazia, felizmente, graças às severas leis antifumo de Seattle.

Pego o celular e acesso o site do NERVE. Meu vídeo tem cento e cinquenta comentários. Será que me atrevo a ler todos? Parte de mim está mortificada, mas não dá para negar certo orgulho por ter chamado tanta atenção. Mas não o bastante para ler os comentários, por isso passo para meu site de compras favorito e acrescento alguns produtos para o

cabelo à lista de desejos, embora minha real necessidade seja um bom corte.

Tremendo, queria não ter que entrar para fechar a cortina no intervalo. E se eu deixar a obrigação para outra pessoa? Mas, é claro, não faço isso. Sou responsável, apesar do que meus pais pensam.

Respiro fundo, entro e corro para a coxia. Assim que o ato chega ao fim e desço a cortina, volto depressa para a saída de emergência, mas Sydney me encontra.

— Precisamos conversar.

Ah, não. Continuo andando, mas ela me segue até lá fora e segura meu braço.

— Matthew acabou de comentar alguma coisa sobre você estar jogando NERVE. Do que ele está falando?

Fico sem ar e, para não desmoronar, me apoio à parede.

— Não fique brava. Fiquei irritada por não poder ir à festa da Ashley ontem à noite e acabei cumprindo um desafio preliminar.

O corpo dela parece se erguer do chão.

— Você o quê?

— Foi idiotice, eu sei. E deu tudo errado. Eu tinha que jogar água na minha cabeça, mas a água deixou minha

camiseta transparente e, ai, meu Deus, que confusão. —
Apoio a cabeça nas mãos.

Ela faz um ruído de desaprovação com os lábios.

— Para. Não pode ser tão ruim assim. Vamos dar um jeito nisso. Cadê seu celular?

Uso o cotovelo para mostrar meu bolso, sem querer tirar as mãos do rosto. Ela pega o telefone, e ouço o som dos comandos. É claro que ela sabe exatamente o que procurar, porque é candidata ao NERVE. Por um momento, sinto uma onda de satisfação por ter feito uma coisa que Syd queria fazer antes de ela ter tido tempo de tentar. Mas essa sensação desaparece quando entendo que ela nunca teria sido burra a ponto de deixar as coisas terminarem como acabaram para mim.

— Que desafio você cumpriu? — ela pergunta.

— Cafeteria — respondo com os dedos na frente da boca, como que tentando impedir que as palavras saíssem.

Mais cliques, depois:

— Ah, entendi.

Abaixo as mãos.

— Eu falei.

Ela está séria.

— Tudo bem, vamos parar para pensar. — Além de ser loira e linda, Syd sempre tira as notas máximas.

— Não tem nada para pensar. Quero ir para casa.

— Não, fugir só vai fazer tudo parecer pior. Além do mais, o vídeo não mostra muita coisa. Você não estava nua. Talvez dê para reverter a situação. Várias celebridades apareceram na mídia pela primeira vez por causa do vazamento de cenas de sexo.

— Hum, meus objetivos profissionais não incluem *reality shows*.

— Tudo bem, mas essas garotas enfrentaram a situação de cabeça erguida. Portanto, número um: não se desculpe. Quando as pessoas mencionarem o assunto, sorria e dê de ombros, tipo “ai, gente, podia ter acontecido com qualquer uma”.

Pego o celular da mão dela e começo a ler os comentários. É claro que tem um do Matthew:

“Veezinha, não sabia que você era assim!”

Que maravilha. Saio do site e dou uma olhada nos e-mails. Tem alguns de amigos perguntando “O QUE FOI AQUILO?”, outros cheios de pontos de exclamação e interrogação enviados por conhecidos. Tem um de uma garota, que eu não conheço, que me manda apenas VADIA.

Como ela conseguiu meu e-mail? Deleto a mensagem antes de desligar o celular.

Syd está na porta.

— Pronta?

— Acho que sim. — Tento manter a cabeça erguida quando caminhamos para o camarim feminino. Percebo rostos virando em minha direção.

Quando entramos na sala, Sydney anuncia:

— Minha melhor amiga teve coragem de encarar um desafio do NERVE!

As outras reagem assustadas, mas, quando olham para mim, sorrio e dou de ombros, e elas dão risada e me cumprimentam batendo na minha mão. Sério? Perguntam se fiquei nervosa, se a camiseta transparente foi de propósito, coisas desse tipo. Respondo com sinceridade, encarando todo mundo e sem me encolher. Quanto mais falo sobre o assunto, mais me sinto bem.

Matthew aparece com um sorriso sensual.

— E aí, garota da cafeteria! Um duplo com creme para mim! — Deixo ele me abraçar e resisto à vergonha que estou sentindo. Ele cochicha ao meu ouvido: — Eu falei que você devia estar no palco.

Quando me solta, ele pega o celular e carrega o vídeo para todo mundo ver. Dou risada com todos, apesar de preferir que ele desligasse o celular. Cabeça erguida, cabeça erguida. Felizmente, essa falsa calma diante da calamidade fica mais fácil com a prática. Depois da segunda exibição do vídeo, Tommy aparece na sala com uma cara confusa.

Matthew mostra o telefone.

— Ei, cara, já viu o desafio da Vee?

— A voz no vídeo é do Tommy — conto.

Todo mundo se surpreende, e Matthew bate nas costas de Tommy.

— Bom trabalho! Cara, o pessoal dos bastidores está superando o elenco!

Todo mundo ri, e Matthew exhibe o vídeo mais uma vez. Tommy olha para mim com uma expressão de dúvida. Dou de ombros. Felizmente, as luzes piscam indicando que o intervalo termina em um minuto.

Quando Matthew sai da sala, vou atrás dele.

— Como achou o vídeo?

Ele dá de ombros.

— Mandaram para mim. — E se afasta correndo.

Fico ali no meio do camarim, sozinha e ofegante como se tivesse disputado uma prova de corrida. Por que o NERVE

mandou meu vídeo para o Matthew? Então entendo. Ele é um dos meus contatos para casos de emergência. Estranho não terem mandado nada para Syd ou Tommy.

Quero voltar para a saída de emergência, mas me esforço para agir normalmente e assumo meu lugar na coxia, pronta para soprar as deixas de todo mundo. O show tem que continuar. E continua, tão perfeito quanto na noite anterior. Quando chega a hora da cena do beijo, imagino que sou eu nos braços de Matthew. E tenho certeza de que ele olha diretamente para mim antes de beijar Syd. Mil, dois mil, três mil, e eles se afastam. Talvez amanhã seja minha vez.

Depois da peça, minhas amigas Liv e Eulie aparecem nos bastidores para dar parabéns para todo mundo e ver como estou, tenho certeza, já que cada uma mandou pelo menos cinco mensagens perguntando sobre o vídeo que o NERVE enviou para elas durante a apresentação. Explico que era só brincadeira e que está tudo bem. As duas estão entre as melhores alunas do colégio e são mais céticas que o restante dos meus amigos, mas não insistem no assunto. Por enquanto.

— Quer ir para a minha casa com a gente? — Liv convida.

— Seria legal, mas quando a gente chegar lá só terei dez minutos para voltar para casa. Vocês vão amanhã, não vão?

— Elas criaram os cartazes anunciando a peça e escreveram uma crítica vibrante no jornal da escola, o que garantiu convites para a festa de encerramento.

Eulie ri.

— Liv está me arrastando, mas sim. — Ela cruza os braços na frente do corpo magro e alto, vestido com jeans e suéter. Se tem alguém que eu adoraria maquiar e vestir, esse alguém é ela. Com as roupas e a maquiagem certas, ela poderia passar por irmã da Syd. A diferença é que é tão tímida quanto Syd é extrovertida. Ela e Liv vão cumprimentar as outras pessoas enquanto arrumo os figurinos.

Matthew se aproxima de mim, senta na cadeira de maquiagem e me encara.

— Quer ignorar o horário de voltar para casa? Posso fazer um vídeo para você.

— Ah! Se eu chegar tarde em casa, nunca mais saio do castigo. Mas ainda tenho trinta e cinco minutos. Podemos ficar aqui mais uns vinte minutos.

Ele olha o celular.

— Droga, não dá tempo nem para uma cerveja.

— Não precisamos disso.

Ele passa a mão na testa.

— Você não precisa, Veezinha, mas eu estou com sede. E vinte minutos, bom, não é muito tempo, é?

— Acho que não.

Os amigos dele aparecem na porta.

— Vem, cara, vamos embora!

Ele levanta e beija minha cabeça.

— Estou ansioso pela festa amanhã. Vamos pendurar uma placa de “Não Perturbe” na porta do camarim?

Opa, acho que as intenções dele são um pouco mais radicais que as minhas. Mesmo assim, tudo que digo é:

— A gente se vê.

Sydney, que trocou o espartilho por um minivestido que não cobre muito mais que o figurino, volta com Liv e Eulie.

— Acho que você conseguiu.

— Graças a você. Divirta-se. — Não havia nenhuma festa do elenco planejada, mas era sexta-feira.

Ela comprime os lábios.

— Vou ficar muito feliz quando você sair do castigo.

— Só mais um dia.

— Então, não apronta. Nada de cumprir mais nenhum desafio, certo?

— Está brincando? Tenho que ir para casa daqui a pouco.

Ela se despede de mim com um abraço, e Liv e Eulie também me abraçam. Depois, como na noite anterior, fico sozinha para terminar de arrumar tudo. Quando acabo, sento para ler algumas dúzias de mensagens no celular. A maioria é bem favorável, o que me surpreende. Ufa.

Perto do fim da lista de e-mails, tem um do site do NERVE. Tenho vontade de deletar sem ler, mas qual é? Talvez eles queiram me dar os parabéns por ter chamado tanta atenção com um desafio que devia ter sido bobo.

Meu coração acelera quando leio a mensagem:

OI, VEE!
VOCÊ TEM TONELADAS
DE NOVOS ADMIRADORES!
QUEREMOS TE CONVIDAR PARA UM NOVO
DESAFIO CLASSIFICATÓRIO
E VAMOS FAZER VALER A PENA!
DÁ UMA OLHADA NISSO!

Clico no link que mostra uma foto do meu desafio na cafeteria, mas eles editaram a imagem, e agora apareço com um par de sapatos que postei na minha página do ThisIsMe há algumas semanas. Uau, tem uma fila de espera de três meses para comprar os sapatos na cor marrom, e aqueles

são os da edição limitada em rosa flamingo. O NERVE deve ter contatos bem importantes. Como eles sabiam que eu queria os sapatos? Alguém indicou minha página?

Leio o resto da mensagem.

PARA GANHAR OS SAPATOS,
VOLTE À CAFETERIA HOJE À NOITE.
UM RAPAZ CHAMADO IAN (FOTO A SEGUIR)
VAI ENTRAR ÀS 21H40. PEÇA PARA ELE COMPRAR
UM LATTE. ENQUANTO ELE ESTIVER NA FILA,
VOCÊ DEVE PARAR NO MEIO DA CAFETERIA E
CANTAR “ONE HUNDRED BOTTLES OF BEER ON
THE WALL” DE OLHOS FECHADOS
ATÉ ELE ENTREGAR SUA BEBIDA.

Quê? Por que o site do NERVE quer que eu volte à cafeteria onde fiz papel de idiota? Bom, é claro, que lugar melhor para me envergonhar ainda mais? Não tem importância; não posso fazer o que eles querem. Chega de desafios. Prometi a Sydney.

Mas aqueles sapatos...

E tudo acabou bem, não foi? Além do mais, esse desafio não envolve água. Só cantar e encontrar alguém. Estou tão

distraída que só percebo a presença de Tommy quando ele para do meu lado. Mostro a ele o celular.

— De jeito nenhum — ele diz.

Vejo que horas são.

— Se sair agora, talvez eu consiga.

Tommy balança o corpo para a frente e para trás, como se estivesse sofrendo espasmos.

— Se quer mesmo se envolver com o NERVE, acesse o site amanhã à noite como Observadora.

— Por que vou pagar para ver, se posso ganhar para jogar? Estou farta de ser plateia. — Além do mais, quero tanto aqueles sapatos que posso quase sentir o cheiro deles.

Ficamos ali nos encarando como dois caubóis em um filme de faroeste. Dois caubóis magrelos que não saberiam como atirar ou cavalgar nem que dependessem disso para viver. Porém, quanto mais penso no desafio, mais eu me pergunto: “*Por que não?*”.

Tommy deve sentir minha intenção. Ele diz:

— Bom, se não posso te fazer desistir, posso te acompanhar como cinegrafista e guarda-costas.

Sufoco a risada. Acho que um guarda-costas gênio dos computadores é melhor que nenhum guarda-costas. Mais ou

menos. E preciso de alguém para filmar o que vou fazer. Formamos uma boa equipe.

— Mas desta vez vamos em carros separados, assim chego em casa mais rápido — digo a ele.

Enquanto corro para o carro com Tommy ao meu lado, abro um link e preencho rapidamente um formulário adicional que me pede para concordar com uma lista de termos e condições. Leio a lista e clico nas respectivas alternativas antes de guardar o celular. Meu pescoço está úmido.

Antes de entrar no carro, pergunto a Tommy:

— Acha que os baristas vão chamar a polícia quando me virem lá de novo?

Ele franze a testa.

— Provavelmente não logo de cara.

Por alguma razão, a resposta dele me faz rir. “Não logo de cara.” Tenho que me contentar com isso.

três

Estaciono o carro às 21h36 e, no caminho para a cafeteria, dou uma olhada no celular para ver a foto do meu parceiro de desafio, Ian. Cabelo escuro na altura do queixo, olhos intensos e tão escuros quanto o cabelo, maçãs do rosto marcadas. Em uma palavra, gato.

Tenho que deixar o bonitinho comprar um café para mim e cantar enquanto espero? A primeira parte é fácil, mas cantar em público? Começo a pensar que ir para casa é melhor. Fico sem os sapatos lindos de morrer, mas também não morro de vergonha. Lembro que completei um desafio na noite anterior. E tenho admiradores. Tudo bem, devem ser geeks bêbados sem nada melhor para fazer que assistir a milhares de vídeos atrás de imagens de decotes em câmera lenta, mas, mesmo assim...

Dentro da loja nenhum sinal de Ian, então ando bem devagar enquanto Tommy procura um lugar para sentar no meio do cenário. Dois caras usando sandália e meia entram apressados e olham em volta até me verem. Depois se sentam em mesas próximas, o tempo todo olhando para

mim. Para um observador casual, eles pareceriam ser garotos típicos de Seattle, munidos de smartphones, mas sem nenhuma noção de moda. Quando apontam os celulares para mim, percebo que devem ser Observadores mandados pelo NERVE para registrar meu desafio. Ai, droga. Mas faz sentido que os donos do jogo queiram ver como os jogadores reagem à pressão de uma plateia ao vivo. Meu estômago revira. Essa é minha reação.

Torço as mãos e fico parada, olhando para baixo. De vez em quando olho para a porta. Onde está Ian? O desafio estava marcado para nove e quarenta. O NERVE sabe a hora que tenho que voltar para casa, assim como sabia dos sapatos? Sei que postei reclamações sobre o castigo no ThisIsMe, então, se eles viram minha página, devem saber sobre isso e muito mais. Bom, tanto faz, não é segredo.

Tenho a impressão de que fico ali por mais de uma hora, mas são só dois minutos, e depois Ian entra na loja. Percebo que ele me reconhece imediatamente, mas não fala nada. Atrás dele, uma garota magra e alta segurando um smartphone corre para ocupar um lugar alguns metros longe de mim. Acho que ele também tem uma guarda-costas.

Quando Ian para na minha frente, eu cruzo os braços. A foto que vi não havia capturado a perfeição da pele morena

do rosto ou o andar cadenciado na calça jeans velha. Mas ele ia morrer se desse um sorrisinho?

Eu falo:

— Ei, você tem que comprar um latte para mim. Avelã é o meu favorito. — Suficientemente diva?

Ele comprime os lábios.

— E daí?

Quê? O desafio também é dele, não é? Talvez a palavra certa seja “exigir”.

Subo na ponta dos pés e jogo o cabelo.

— Como assim? Quero um latte. Agora.

Ele chega mais perto, e tenho que levantar a cabeça para enxergar seu rosto.

— Quem você acha que eu sou?

A pergunta me surpreende.

— Você é Ian, não é? — Minha voz lembra a de um personagem de desenho animado.

— Sim.

— Então, eu sou Vee.

Seus lábios se contraem.

— Vee é abreviação de quê?

Ah, isso é segredo.

— Que importância tem isso?

Ele dá de ombros.

— Acho que não tem importância. — Mas ainda não faz nenhum movimento que sugira que vai comprar o latte para mim.

Solto o ar ruidosamente.

— Tudo bem. Acho que nós dois perdemos. A menos que seu desafio seja bancar o babaca. — E me dirijo à porta.

Ele me segura pelo braço.

— Já vai desistir?

Inclino a cabeça. Qual é a dele?

— Vai comprar o latte para mim ou não?

— O que isso vale para você?

Um par de sapatos de arrasar, palhaço.

— O que você ganha?

Ele se aproxima um pouco mais.

— Parte do meu desafio depende de você.

Humm.

— Como assim?

— Você tem que anunciar que eu sou um amante incrível.

A voz dele era tão baixa que eu quase não consegui entender.

— Quê?

— Você precisa me dizer que eu sou um amante incrível. Tem que falar alto.

Isso era parte do desafio? Ou ele estava brincando comigo? Brincar comigo podia ser seu desafio. Mas e se eu disser que ele é um amante incrível, e nem assim ele comprar meu latte? Ele completa o desafio, mas eu não. Opa, impedir que eu complete o desafio pode ser o desafio dele! Deus, dois desafios no jogo, e eu já estava com a cabeça cheia de conspirações. É assim que funciona o NERVE?

Ponho uma das mãos na cintura e aponto com a outra para o peito de Ian, um gesto que vi Sydney repetir milhares de vezes quando ela quer fazer alguma afirmação.

— Entra na fila para pegar o latte. Depois que fizer o pedido, falo para todo mundo o quanto você é bom de cama.

Ele me estuda por um segundo, talvez lidando com seus próprios problemas de confiança.

— Combinado.

Ele entra na fila. Eu me sinto fabulosa, até que, assustada, percebo que a pior parte do meu desafio começa agora. Respiro fundo e fecho os olhos para não ver as risadinhas ao redor. Minha cabeça gira de novo e meu coração bate de um jeito irregular. Isso é um ataque de pânico? É muito pior por eu ter que ficar no escuro. Sempre

odiei o escuro. Minha imaginação enlouquece com as possibilidades. E se alguém foi desafiado a me dar uma paulada na cabeça? Ou levantar minha saia? O sentimento de vulnerabilidade enche meus olhos de lágrimas. Ah, não, estou chorando na frente de todo mundo. Que grande espetáculo para o NERVE. Sinto raiva do jogo, e essa fúria supera o pânico. Ótimo. Melhor me agarrar à raiva e cantar. Abro a boca e as palavras saem dela, o que é surpreendente. Palavras trêmulas, desafinadas, mas estou cantando.

Canto um verso inteiro antes de perceber que tenho outro dilema. De olhos fechados, não vou conseguir ver Ian fazendo o pedido. Como vou saber quando devo gritar que ele é um amante incrível? Se gritar antes da hora, ele desistirá de comprar o latte? Continuo cantando, cravando as unhas na palma da mão.

As risadas vêm de todas as direções. Talvez o desafio de Ian seja jogar o latte na minha cabeça. Eu me encolho quando sinto a presença de alguém perto de mim.

— Ele acabou de pedir sua bebida — Tommy cochicha e põe um lenço de papel na minha mão.

Sinto vontade de abraçá-lo.

— Obrigada — falo entre um verso e outro enquanto enxugo o rosto. Só então me pergunto por que não espiei,

simplesmente, e como Tommy sabia que eu não estava espiando.

Uma fagulha de esperança enche meu peito. Estou quase completando meu desafio. Ainda falta ajudar Ian a concluir o dele. A menos que eu seja uma cretina que não faz o que prometeu. Mas, é claro, não sou. Sou uma capricorniana na essência.

Fecho os olhos com ainda mais força e grito:

— Você é a melhor transa que já tive, Ian!

Gargalhadas explodem de todos os lados. Com o rosto vermelho de vergonha, continuo cantando a música da cerveja.

Quando chego a 63 garrafas na parede, sinto outra presença. Ouço a voz de Ian:

— Aqui está: um latte para a namorada mais incrível. — E ele começa a cantar “Beautiful Girls” com uma voz suave de tenor que teria valido o papel de protagonista na peça da escola.

Abro os olhos e pego o copo quente enquanto ele canta para mim. Ser alvo de uma serenata em público é quase tão constrangedor quanto cantar. Um dos caras que está filmando faz um sinal de positivo com o polegar. A menina que entrou na cafeteria atrás de Ian ri e continua filmando.

Perto, outras duas garotas digitam no celular. Estão nos avaliando? Canalizo minha Sydney interior e me inclino para elas em agradecimento, embora não esteja me candidatando para as partidas ao vivo. Só quero aqueles sapatos. Que acabei de ganhar.

Felizmente, a música chega ao fim. Desafio encerrado. Ufa.

Levanto o copo para Ian:

— Bravo!

Ele se curva e posa para os Observadores, especialmente para a garota com cara de modelo que filmou tudo com o celular, namorada dele, provavelmente. Depois, ele sorri. Uau. Que diferença isso faz naquele rosto. Os dentes são muito brancos e alinhados, e as covinhas nas bochechas são tão fundas que dá para enfiar uma moeda nelas.

Tommy se junta a nós e, tenso, olha para Ian.

— São 21h49.

Olho para Ian.

— Tenho que ir. Obrigada pelo latte e pela música.

Ele acena para as garotas que continuam digitando no celular.

— Desculpe, tive que agir como um babaca. Deixar você irritada antes de pedir para gritar aquela coisa do amante era

parte do desafio.

— Bom saber que essa não é sua verdadeira personalidade.

Ele me encara como se tentasse me decifrar e alguma coisa não encaixasse.

— Você foi ótima no desafio. Estou impressionado.

Estufo o peito. Fui ótima, não fui?

— Você também.

O barista que limpou o chão ontem olha feio para nós. É minha deixa para sair do palco.

— Boa sorte, Ian! — digo enquanto corro para a porta com Tommy.

O ar frio me envolve. Mas, ao contrário da noite anterior, é refrescante, não violento. Eu consegui! Consegui! Corremos para os carros e rimos, e eu quase perco uma sapatilha, o que seria bem apropriado, porque me sinto a própria Cinderela fugindo do baile.

quatro

Tommy balança a cabeça como se não pudesse acreditar que eu consegui.

— Parabéns.

Vou saltitando pela calçada. Quando foi a última vez que saltitei? No primeiro ano?

— Obrigada por ser meu braço direito, Tommy. Eu não teria conseguido sem você. Se você fosse uma garota, eu te emprestaria os sapatos que ganhei.

O sorriso dele perde um pouco do brilho.

— Ah, obrigado, acho.

— Você entendeu o que eu quis dizer. E foi incrível! — Entro no meu carro. — Queria que a gente pudesse comemorar, mas você conhece meus pais.

— Sim. A gente se vê amanhã. — Ele hesita por um momento, como se esperasse me ouvir dizer mais alguma coisa. Depois, dando de ombros de um jeito acanhado, me ajuda a fechar a porta.

No caminho para casa, ligo o rádio e canto com a cantora country sobre tirar proveito do homem que a magoou. Por

que músicas como essa são tão divertidas? Quando paro na garagem, ainda tenho um minuto. Perfeito. Ando pelo corredor para a cozinha me sentindo tentada a gritar a letra de “Everything’s Coming Up Roses”, de *Gipsy: em busca de um sonho*, mas isso provocaria muitas perguntas da minha mãe, que está sentada na sala fingindo ler um livro.

Quando a abraço, torço para não estar cheirando a café.

— A peça foi ótima.

— Que maravilha, meu bem! Seu pai e eu estamos ansiosos para ir assistir ao espetáculo amanhã.

— A terceira noite é sempre mágica. Vão ficar felizes por terem esperado.

Subo a escada dançando e canto enquanto me arrumo para dormir. Com uma canção de *Amor, sublime amor* na cabeça, adormeço sorrindo. No meu surto de alegria, esqueço de desligar o celular, e ele me acorda às oito da manhã. Ignoro e viro para o outro lado para continuar sonhando com Matthew, mas também com outros gatos em cafeterias.

O telefone vibra de novo, e de novo. Quem quer falar comigo tão cedo? Arregalo os olhos. Será que tem a ver com o desafio? Faço um inventário rápido dos eventos da noite anterior. Não deve ter nada constrangedor no último vídeo. Nada.

Mesmo assim, decido dar uma olhada no celular.
A primeira mensagem é de Sydney.

COMO PÔDE?

Esqueci que tinha prometido não me meter em mais nenhum desafio. Mas ela veria os sapatos e entenderia. Pena que calçava dois números a mais que eu, porque emprestar os sapatos seria um jeito rápido de acalmar Syd.

As mensagens seguintes também são dela. E não são bonitas. Mas não têm nada sobre eu ter me exposto ou feito alguma coisa vergonhosa, a menos que a gente conte minha voz desafinada. Mas por que ela está tão incomodada? Então entendo. Ela queria se candidatar ao NERVE. Candidatar-se de verdade. Meus desafios provavelmente a fizeram lembrar que não é possível para ela, pelo menos por enquanto. Mas ela não tem o que invejar. Não tenho a menor intenção de participar das partidas ao vivo. Os desafios foram só para me divertir. Bom, não era diversão de verdade, mas... sapatos.

Espero até depois do café da manhã para responder às mensagens e incluo a imagem que o site do NERVE me mandou, a montagem da minha foto usando os sapatos. Ela me liga. Ah, não.

Quando atendo, ela grita:

— Não me interessa qual é o prêmio. Você disse que não ia mais jogar. E se alguma coisa desse errado? Alguma coisa que eu não conseguisse resolver como em seu primeiro desafio?

Passo a mão no cabelo.

— Ninguém está pedindo para você resolver nada por mim. Foi só mais um desafio. Você viu, não tinha roupa molhada nem partes do corpo expostas, e o cara era legal. E se não fosse, Tommy estava comigo.

— Você não entende. E se eles tivessem mandado outros jogadores para fazer alguma coisa horrível com você? Lembra o que fizeram com aquela garota que tinha TOC?

Sinto um arrepio.

— Mas aquilo foi nas partidas ao vivo. Olha, ninguém se machucou. Ganhei sapatos incríveis. Acabou. — Imagino-a balançando a cabeça do outro lado da linha.

— Vee, às vezes não te entendo. Parece que é autodestrutiva ou alguma coisa assim.

Cada músculo do meu corpo fica tenso.

— Está sugerindo que alguma vez tentei me fazer mal? Devia saber o quanto eu estava cansada naquela noite, depois de te ajudar a decorar as falas da peça de Natal,

lembra? Sugerir que deixei o motor ligado de propósito é baixo, muito baixo.

— Eu não estava nem falando disso.

— É claro.

O silêncio se estende por um momento.

— Escuta, tenho coisas para fazer — digo.

Ela e eu desligamos sem dizer mais nada. Que ótimo, na noite de encerramento da peça, quando devíamos estar planejando minha primeira noite de liberdade, minha melhor amiga fica brava comigo. E como ela soube sobre o desafio tão depressa, aliás? Ela anda abrindo o site do NERVE quando acorda ou eles a informaram, como fizeram com alguns amigos meus depois do primeiro desafio?

Acesso o site do jogo e encontro a seção com os vídeos de “Qualificação Avançada”, que podem ser vistos de graça, provavelmente para despertar o interesse pelas partidas ao vivo em regime de pay-per-view. Não demoro para encontrar o meu. Tem mais de cem comentários. Sério? O desafio nem é tão empolgante. Assisto ao vídeo, que começa com Tommy falando que Ian seria um cara de sorte se realmente tivesse alguém como eu. Muito fofo. É evidente que o vídeo foi editado pelo NERVE, porque a cena seguinte mostra Ian, e ao fundo tem uma voz feminina descrevendo o

que gostaria de fazer com ele. Com detalhes. É a garota que entrou atrás dele? Eles estavam juntos ou o NERVE a designou para ser sua Observadora?

O vídeo é cortado para a parte em que eu canto. É horrível ver como pareço amedrontada. Mas tenho uma certa característica na câmera. Alguma coisa que me faz parecer muito, odeio admitir, inocente. Talvez seja por eu parecer tão pequena perto de Ian. Falando em características, o cara parece ter saído de um filme. Sua estrutura óssea não podia ser mais definida.

Leio os comentários embaixo do vídeo. Dúzias de garotas imploram para se inscrever como Observadora presencial, se o NERVE selecionar Ian para as partidas ao vivo, apesar de ser três vezes mais caro que assistir às rodadas on-line. É claro que os Observadores presenciais podem ganhar prêmios se capturarem cenas interessantes, mas as chances são pequenas.

O restante dos comentários é dividido por gênero, com os garotos falando sobre como fico fofa com aquela cara de medo, e as meninas jurando que seriam parceiras melhores para Ian. Aquele cara tem uma torcida feminina bem forte.

Bom, toda sorte para ele na seleção de hoje à noite. Enquanto mando boas vibrações mentais, um anúncio do

NERVE aparece na tela. OLHA QUEM ESTÁ NO JOGO! Ao lado, trechos dos vídeos dos primeiros jogadores selecionados para as partidas ao vivo em dois lugares, Washington e Tampa. Alguns minutos depois, outro pop-up anuncia OLHA QUEM ESTÁ ASSISTINDO! Surgem as fotos de pessoas que já se inscreveram para ser Observadores, on-line ou presenciais. Acho que até a plateia quer seu momento de fama.

Agora que participei de alguns desafios, sinto vontade de assistir ao jogo e provavelmente o veria, não fossem os planos que já tinha feito para aquela noite. O NERVE vai continuar no mês que vem e no outro. Agora, prefiro ficar com Matthew.

Hora de desligar o computador e viver meu dia. Entre a lição de matemática e os desenhos para a aula de design de moda, faço três doces diferentes para levar hoje à noite. Mesmo assim, as horas se arrastam.

Às cinco em ponto, estou no meu carro. Quando chego ao teatro, logo me ocupo com a maquiagem do elenco. Todo mundo quer estar lindo para a noite de encerramento. É meio desconfortável quando chega a vez de Syd. Ela está animada, brincando com todo mundo à nossa volta, mas tenho certeza de que só eu noto que mal olha para mim. E

quando alguém comenta o quanto é legal eu ter cumprido outro desafio, ela muda rapidamente de assunto.

Graças a outro buquê de flores, a sala é dominada pelo perfume de peônias, mas Syd não revela quem é o admirador que mandou o ramalhete, apesar da curiosidade das outras meninas. Assim que termino de colocar os cílios postiços, ela sai da sala apressada.

Matthew me faz esquecer-la rapidamente quando descansa a mão no meu joelho nu enquanto faço sua maquiagem. Ele quer ver meus vídeos do NERVE enquanto trabalho, mas aviso que tem que parar de rir.

Matthew me mostra outro anúncio do NERVE.

— Começou uma partida ao vivo em Austin. Aposto que você ficaria incrível de chapéu de caubói e esporas. Está se sentindo ousada hoje, Veezinha?

— Não tenho a menor intenção de jogar mais água na minha cabeça, se é o que está sugerindo. — E espero que não esteja, porque adoro aquela minissaia de seda e a jaqueta bordada. Pena ter que usar sapatilhas rasteiras para trabalhar nos bastidores; botas teriam ficado muito mais legais. Mas completei o look com uma camiseta do seriado *True Blood*, e o broche da campanha do Jimmy Carter que encontrei em uma liquidação dá o toque eclético perfeito.

Não que garotos saibam apreciar um visual bem montado. Ou Jimmy C.

Matthew e o restante do elenco estão vestidos e maquiados, e atravesso o mar de atores e técnicos, que me cumprimentam por ter completado dois desafios do NERVE. O incentivo me faz lembrar de curtir a glória da noite de encerramento, em que cada momento se divide entre uma nostalgia agriçdoce e uma forte sensação de conquista. Talvez eu consiga fazer as pazes com Sydney depois da festa. Principalmente se eu pedir desculpas.

Pela terceira noite seguida, a peça transcorre sem nenhum deslize. Acho que todos os meses de ensaio valeram a pena, e logo todo esse trabalho vai se resumir somente às lembranças gravadas em vídeos.

Durante o terceiro ato, estou na lateral do palco, sentindo o cheiro de madeira velha e tentando não bater na cortina de veludo empoeirada. Espio por trás dela e vejo rostos conhecidos na plateia. Liv e Eulie estão lá de novo. No canto direito, acho que vejo o perfil da minha mãe. Sim, é meu pai ao lado dela, os olhos vagando pelo teatro como se esperasse me ver caindo de uma galeria.

Recito mentalmente as falas com os atores, a última vez que faço isso, exceto nas festas, quando os geeks do teatro se

exibem. Finalmente, uma hora e meia depois do começo do espetáculo, Matthew e Syd se encontram, a união dos amantes que a plateia antecipou nos três atos. Ele segura o rosto dela entre as mãos, e Syd arqueia as costas de forma graciosa. Seus lábios tremem e se unem lentamente. Uma mulher sentada na primeira fila suspira. Todos nós suspiramos, vivemos aquele beijo indiretamente.

Um mil, dois mil, três mil, quatro mil, cinco mil... Mas que droga? Segundos intermináveis se arrastam, e o abraço dos dois só fica mais apertado, mais intenso do que pede o roteiro, e dura séculos além dos beijos anteriores. Uma pequena chama se acende em meu peito. Sydney deixa as mãos de Matthew apertarem seu corpo com tanta força que aposto que ela vai ter hematomas.

Deslizo um dedo pela cortina desfiada, tentada a puxá-la e encerrar a apresentação. O teatro é tão velho que pareceria um acidente. Mas, é claro, uma garota como eu nunca faria um escândalo como esse.

Sydney e Matthew finalmente se soltam com um olhar prolongado e cantam o dueto, que vai se transformar no final encenado por todo o elenco. Atores passam por mim e ocupam seus lugares no palco. O peito de Sydney se enche com as notas agudas da canção até restar apenas o eco da

melodia seguido pelos aplausos. Mordo o lábio e fecho a cortina.

Enquanto os atores se curvam em agradecimento, corro para a escada de incêndio do lado de fora. Pelo menos não está chovendo, o que é um milagre na primavera de Seattle.

Não foi assim que imaginei a noite de encerramento. Depois de toda a coordenação de figurinos, horas aplicando maquiagem, tardes ensaiando falas com Sydney até eu saber o papel tão bem quanto ela e os três doces que preparei para a festa, quem merece beijos demorados com Matthew esta noite sou eu.

Sento em um degrau que é como gelo embaixo da saia de seda, ligo o celular e mudo meu status no ThisIsMe de “promissor” para “aberta a ideias”. Também posto: Carma não me atinge.

Eu devia ir embora agora. Esquecer a porcaria da festa e minha primeira noite livre do castigo. Minha suposta melhor amiga não suporta a ideia de dividir os holofotes, não é? Meus desafios não fazem Syd brilhar menos. Ninguém mais ganhou dois buquês de flores. Matthew os mandou? Ela corresponde ao que ele sente? Aquele abraço... Uma coisa é atuar, outra é a vida real. Minha cabeça gira. Eles estão juntos em segredo? Não consigo acreditar que a amiga que

torceu o pulso no quinto ano me defendendo de um idiota que me atormentava por causa do meu verdadeiro nome mentiria para mim desse jeito. Mas aquele beijo!

Alguém abre a porta. É Sydney que veio pedir desculpas?

Tommy reage surpreso.

— O que está fazendo aqui? — Ele senta em um degrau acima do meu, e sinto o perfume de pinho.

Olho para ele.

— Precisava de um pouco de ar.

Ele sorri.

— É, ar é bom.

— Você não devia estar supervisionando a equipe de montagem?

— Não, só vamos desmontar o cenário amanhã.

— Eu devia mandar mais um lembrete para todo mundo providenciar a lavagem a seco do próprio figurino. É bom que ninguém devolva nada fedido.

— Ou...?

Apoio o queixo na mão.

— Talvez eu pendure as roupas sujas na porta do armário do responsável com uma máscara de gás ou alguma coisa assim. — Sim, a peça incluía máscaras de gás.

Os olhos dele brilham.

— Não esperava isso de uma garota tão doce.

— Doçura é supervalorizada. — Como responsabilidade, lealdade e todos os outros adjetivos que serão escritos no meu anuário.

Ele olha para mim com ar curioso.

Pela porta entreaberta, ouço do outro lado as gargalhadas do elenco a caminho dos camarins. Deixei potes de creme e lenços de papel para todo mundo remover a maquiagem, mas aposto uma semana do meu salário na Vintage Love que a maioria vai mantê-la para a festa, porque eles gostam das sombras e dos contornos que crio.

O frio de abril faz minha pele arrepiar, e sinto uma dor de cabeça se aproximando. Ver minha melhor amiga se jogar em público em cima do cara de quem estou a fim provocou um curto-circuito emocional e me deixou atordoada.

Ou só idiota mesmo, já que as palavras que saíram da minha boca a seguir foram:

— Afinal, o que todos os garotos veem na Sydney?

A pergunta é idiota, não só porque me faz parecer uma derrotada insegura, mas porque a resposta é óbvia: a capacidade que ela tem de fazer todo mundo se sentir importante em dez segundos, o cabelo loiro de diva e um corpo que ela exhibe com saias justas e jeans de cintura baixa.

Sem mencionar o espartilho que ela usou no último ato da peça e que vai continuar usando até alguém tirá-lo fita por fita.

Ele desvia o olhar.

— Ah, nem todo mundo se encanta com o tipo dela. Tem gente que prefere garotas menos... ah, óbvias. — Ele fica vermelho.

Ele acha que garotas miúdas com uma queda por roupas retrô não são óbvias ou que são invisíveis? Não dá para dizer que eu não me esforço para ter meu charme.

A porta atrás de nós é aberta com um estrondo forte o bastante para fazer tremer a escada. Meu coração dispara.

O rosto de Matthew está corado, e ele já tirou metade da maquiagem. Ou alguém tirou para ele.

— Veezinha, eu estava te procurando.

— É mesmo? — Minha voz sai esganiçada.

Ele ri.

— Meeeesmo.

Tommy revira os olhos.

Levanto e limpo a parte de trás da saia.

— Qual é?

— Estava pensando se a gente não poderia ir a um lugar mais tranquilo.

Meu coração ameaça parar.

— Ah, é claro. — Contenho o impulso de levantar o punho num gesto de vitória.

Matthew segura minha mão e me leva para dentro.

— Até mais, Tommy — digo antes de fechar a porta.

Passamos por grupos de atores posando com amigos e familiares que foram prestigiar o espetáculo. O ar cheira a perfume. Por um segundo tenho a impressão de ver meu pai, mas logo perco de vista o cabelo curto e grisalho. Deve ser o pai de outra pessoa. Por que meu pai estaria nos bastidores? Para me dar os parabéns pela excelente coordenação de figurinos? Esta é minha noite de liberdade. Eles vão me dar mais espaço.

Matthew me leva até um closet no fim do corredor, um espaço pequeno que serve de camarim, caso seja necessário. O lugar está vazio. Antes que eu perceba o que ele está fazendo, Matthew me segura pela cintura e me gira como uma fada.

Dou risada e me sinto leve.

Ele me põe no chão e toca meu nariz. De repente, voltamos àquela situação deliciosa em que estivemos por algumas semanas. Eu não havia imaginado. Talvez tenha me

enganado com relação ao beijo no palco. Ele e Sydney representavam personagens, afinal.

Meu coração bate acelerado.

— Você mandou muito bem hoje.

— Graças a você e ao resto da equipe. — Ele passa um braço sobre meus ombros e me leva para perto do espelho.

— Você foi como um anjinho voando sobre nós, ajudando todo mundo com o figurino. E a comida que trouxe estava incrível.

Sento em cima da bancada, e ele se acomoda na cadeira. Vai me puxar para sentar em seu colo? A ideia me faz estremecer.

Matthew segura minhas mãos.

— Posso pedir mais um favor?

— É claro. — Eu devia ter retocado o brilho labial.

Ele aponta para o próprio rosto.

— Estraguei a maquiagem. Pode retocar? Syd diz que eu fico rústico, e acho que vai ser legal para a festa.

Perco o chão. Ele quer um retoque? Para continuar no personagem porque Sydney acha que ele fica mais machão? Fico ali sentada e o encaro.

Ele aponta para minha caixa de maquiagem, que deve ter levado para lá antes de me encontrar. Desde quando

Matthew é tão precavido? Agora está batendo nos meus joelhos como se tocasse bateria.

— Só o básico, não precisa se preocupar com os detalhes. Respiro fundo e levanto, tentando superar a decepção.

— É claro.

Abro a caixa, pego um pincel e o pó para contorno. Assim que começo, ele afasta as mãos das minhas pernas. Realço o queixo e o nariz, depois trabalho com o delineador. Já estou na metade do trabalho nos olhos quando as perguntas mais difíceis começam a invadir minha cabeça. Matthew já ficou a fim de mim de verdade? Do mesmo modo como eu gosto dele? Ou sou só um meio para se aproximar de Syd?

Aperto o lápis contra sua sobrancelha, o que o faz se encolher.

— Desculpa — digo. A marca deixada pelo ataque me dá uma ideia. Sinto vontade de fazer uma modificação sutil na maquiagem dele. Existe uma linha fina entre parecer rústico e intenso ou psicótico. Posso dar um jeito de as outras garotas no elenco ficarem um pouco nervosas quando olharem para ele. Minhas mãos começam a trabalhar de modo a juntar mais as sobrancelhas. Mas alguma coisa me faz parar. A mesma coisa que nunca me deixa fazer um

escândalo ou entrar em uma briga. Contendo as lágrimas, dou a Matthew os olhos brilhantes e sensuais que ele quer.

Jogo os cotonetes usados no lixo.

— Pronto.

Alguma chance de recuperarmos o clima mágico de antes? Sento na frente dele, notando em seu colarinho a mancha que pode ser de batom ou blush.

Ele arrasta a cadeira para o lado para poder se olhar no espelho.

— Ótimo, Vee! Você é demais!

Não me sinto demais enquanto ele se admira. Matthew levanta e bate no meu ombro de um jeito brincalhão. Não tem beijo de obrigado. Não tem giro de fada.

Quando ele está saindo da sala, digo:

— Foi você quem mandou as flores para Syd?

Ele para com uma expressão satisfeita.

— A página dela no ThisIsMe diz que rosas e peônias são suas favoritas. São mesmo?

— Bom, se está na página dela, devem ser. — Fecho a caixa de maquiagem com um tranco.

— Legal. Vejo você na festa. — Ele sai apressado.

A última coisa que quero fazer é ir à festa. A noite está oficialmente arruinada. Quanto antes eu sair dali, melhor.

Corro para a área dos bastidores, onde deixei minha bolsa. Tem muita gente no caminho para a porta do teatro, por isso decido sair pela escada de incêndio. Quando passo pelo camarim feminino, ouço Sydney rindo, uma estrela no meio de muitos admiradores e todas aquelas peônias fedidas. Não tenho energia para abrir caminho na multidão ou enfrentar a cena que ela vai fazer se eu avisar que não vou à festa do elenco. Mais cedo ou mais tarde, ela vai perceber que fui embora. Mais tarde, provavelmente.

Saio apressada, apostando corrida com as lágrimas que ameaçam transbordar dos meus olhos. Quando chego à escada de incêndio, respiro fundo e deixo escapar um grande soluço. Como pude deixar Matthew me conduzir como um bichinho de estimação na coleira?

Alguém abre a porta. Ele borrou a maquiagem de novo?

Tommy espia pela fresta.

— Juro que não estou te seguindo, mas você não estava com uma cara muito boa lá dentro.

Passo um dedo embaixo do olho.

— Estou bem.

— Quer água ou alguma coisa?

Talvez pense que garotas que não são óbvias são frágeis.

Penso em programas de humor para conter o choro.

— Estou bem. — Para não ter que encará-lo, pego o celular que chequei havia poucos minutos.

Meus joelhos dobram quando vejo a última mensagem que recebi. Vai ter uma partida ao vivo do NERVE em Seattle.

E eles me querem lá.

Tremendo, leio o resto da mensagem.

— Ai, meu Deus.

— O que é?

— O NERVE me escolheu! Vão fazer uma partida ao vivo aqui.

— Isso é loucura!

— Eu sei. Tenho dez minutos para responder.

Ele balança a cabeça.

— Você viu como eles aterrorizaram os jogadores na última partida. Já ouviu falar em síndrome de estresse pós-traumático? Meu primo sofre disso desde que voltou do Afeganistão. Nenhum prêmio justifica correr esse risco.

Passo a mão pelo quadril.

— Tem razão. Mas muita coisa assustadora é de mentira, como os efeitos especiais na peça. Acha que o cara que jogou a última partida realmente ficou preso com um rato em um elevador escuro? Aposto que teriam deixado ele sair, se quisesse. E o rato era o bichinho de estimação de alguém,

tenho certeza. — Mordo a unha do polegar. Por que estou defendendo o NERVE?

— O medo dele parecia real.

— Tem que parecer. Mas eles não podem exigir nada muito perigoso ou ilegal. Seriam processados.

Tommy solta uma lamúria como se eu fosse uma tonta.

— Se eles não pedem nada que não deveriam pedir, porque os donos do jogo se mantêm anônimos?

— A base disso tudo deve ser nas Ilhas Cayman por causa dos impostos ou algo parecido.

A voz dele assume um tom urgente.

— Acho que não percebe onde vai se meter. Não é preciso ser a garota com o dragão tatuado no braço para espionar dados pessoais dos outros. Eles vão usar isso contra você.

— Não tenho nada a esconder. — Bom, só a estadia no hospital. Mas nem o NERVE consegue acessar dados confidenciais do sistema de saúde. Além do mais, estou cansada de sentir vergonha de uma coisa da qual nem devia me envergonhar.

Ele mostra a porta.

— Vem, vamos para a festa. Você pode cantar sua versão da música da escola.

Finjo jogar o celular nele. Tommy se abaixa. Além da porta entreaberta, as vozes do elenco recitam os pontos altos do espetáculo e riem. As vozes de Sydney e Matthew são mais altas que todas as outras, é claro. Passo por Tommy e fecho a porta com um chute.

A voz dele agora é suave.

— Sei que você pode estar magoada depois desta noite, mas isso não é motivo para se tornar uma *femme fatale*.

Quem dera.

— Seria divertido fazer alguma coisa totalmente inesperada, só isso.

— Já fez. Duas vezes. E ficou bem perturbada quando as coisas deram errado na primeira vez.

— Mas ontem à noite não foi tão ruim. Ganhei um prêmio.

— Aqueles desafios foram preliminares. Milhares de pessoas do mundo todo pagam para ver as partidas ao vivo. Acha que elas vão se contentar com você em uma camiseta molhada?

— Deixa eu ver qual é a oferta, pelo menos. — Olho o celular. É claro que o NERVE está oferecendo alguma coisa. Uau, um dia inteiro no Salão Dev, com massagem, depilação, maquiagem, serviço completo. Melhor de tudo, um corte de

cabelo com o proprietário, que só atende celebridades. Como se não fosse suficiente para me fazer babar, o NERVE manda uma imagem minha naquele vestido lindo que marquei no site Custom Clothz algumas noites atrás. Desta vez, as proporções do corpo estão corretas, e o que vejo não é ruim, mesmo com um busto tamanho quase quarenta.

Sinto um arrepio, em parte por causa dos prêmios incríveis, em parte por causa das palavras de Tommy. Uma oferta desse nível deve estar associada a expectativas bem altas.

Eu me aproximo do corrimão para considerar minhas opções. Na alameda lá embaixo, dois corvos pousam em uma caçamba de lixo. Por que Seattle tem tantos corvos? Os pássaros não gostam de clima quente? O vento sopra mais forte, expulsando as aves e silenciando o ar à nossa volta.

Essa é a primeira noite depois do castigo por eu ter entrado na garagem de casa no último mês de novembro e adormecido escutando minhas músicas preferidas. Desde então, meus pais me tratam como uma criatura frágil que tentou fazer uma coisa inimaginável, por mais que eu tenha tentado convencê-los do contrário.

Pelo menos Syd acreditou em mim. Foi o que eu pensei. A história que todo mundo ouviu foi que eu tive uma gripe

muito forte que me mandou para o hospital. Durante um tempo houve boatos, mas, quando voltei para o colégio, todo mundo estava mais interessado em um triângulo amoroso que se formava no time de futebol.

Todo mundo se interessa pelo drama mais recente. Hoje tenho a oportunidade de substituir meu antigo drama por algo novo. Só queria saber se isso seria melhor ou pior.

Olho para o meu telefone.

— Você é um cara esperto, Tommy. Provavelmente, o mais esperto que eu conheço. Obrigada pelos conselhos.

— Mas não vai me ouvir?

— De jeito nenhum. Vou jogar.

cinco

Dois minutos depois de mandar minha resposta e aceitar a oferta, o NERVE responde com uma descrição do primeiro desafio ao vivo. Quando leio a mensagem, minha respiração se altera. Instintivamente, mostro o telefone para Tommy.

BEM-VINDA ÀS PARTIDAS AO VIVO, VEE!
VOCÊ VAI TER A OPORTUNIDADE DE GANHAR
TONELADAS DE GRANDES PRÊMIOS.
E ESCOLHEMOS PARA SER SEU PARCEIRO
ALGUÉM QUE VOCÊ JÁ CONHECE: IAN!

O gato da cafeteria vai ser meu parceiro? Nada mau.

ENTÃO, AQUI ESTÃO OS REQUISITOS
DO SEU PRIMEIRO DESAFIO:
• DISPENSAR O NAMORADO.

Surge na tela uma foto de Tommy. Hum, talvez a pesquisa do site não seja tão abrangente quanto eu temia.

Mas, namorado ou não, a ideia de jogar sem meu parceiro não oficial me deixa enjoada.

- BAIXE E RODE O APP ANEXO.
ELE TEM UM LINK MAIS RÁPIDO PARA O JOGO.
- ENCONTRE IAN NO BOLICHE
PACIFICA EM 25 MINUTOS.
- ENTRE E PEÇA UM PRESERVATIVO PARA DEZ
HOMENS QUE ESTEJAM LÁ DENTRO.
- SAIA COM IAN CANTANDO O PRIMEIRO
VERSO DA CANÇÃO ABAIXO.

Considerando a pequena possibilidade de eu ser Amish ou viver fora do mundo, eles incluem a letra de uma canção sobre transar que toca vinte vezes por dia no rádio. Tudo bem, a maioria das músicas que toca no rádio fala sobre transar, mas essa é a mais explícita.

Tommy encosta na parede.

— E aí, o que é isso?

— Hum, vou fazer uma prova com Ian.

— Ele é seu parceiro? — A voz treme.

— Desculpa. Deviam ter escolhido você para jogar comigo. Pena que não se inscreveu.

Ele desvia o olhar e engole em seco.

— Qual é o desafio?

— Não sei se posso te contar.

— Não sou da plateia nem sou Observador. Além do mais, ninguém vai saber.

Eu conto a ele.

Tommy não muda de expressão, mas percebo que seu olhar fica mais duro.

— Pelo menos deixa eu ir com você. É loucura ir encontrar o cara sozinha.

— Eu tenho que ir sozinha. — Mostro meu celular.

Tommy contrai a mandíbula como fez quando a senhora Santana, professora de teatro, tentou reduzir o orçamento para a montagem do cenário.

— Você é inteligente demais para isso.

— Não vou deixar o lugar com ele. O boliche é um lugar público.

Ele pega o próprio telefone.

— Vou me inscrever como Observador.

— Não precisa gastar dinheiro para me vigiar.

Ele dá de ombros.

— Eu teria feito a inscrição de qualquer jeito. Não gosto muito das festas do elenco.

— Tem certeza? Matthew planejou um ingrediente extra para o ponche. — A senhora Santana não é a mais atenta das supervisoras, e acho que Tommy poderia se divertir se relaxasse um pouco.

Ele suspira.

— Tome cuidado. Promete?

— Desde que você prometa que só vai se inscrever como Observador on-line, não presencial, porque isso é motivo para me desclassificarem.

Ele assente.

— Combinado. Não esqueça que você pode desistir quando quiser.

— É claro. Se houver alguma coisa esquisita, pulo fora.

Não tenho tempo para decidir se é dúvida ou esperança que vejo em seu rosto. Corro para o meu carro e vejo as instruções de rota que o NERVE mandou com o desafio. Também começo a baixar o aplicativo que eles enviaram. É uma pena Tommy não poder ir comigo e discutir a estratégia. Mas o desafio é claro. Sim, sei que o da água também era. Um arrepio percorre minhas costas quando me lembro do tecido transparente colado em meu peito.

Tento me distrair da missão sintonizando uma estação de hip-hop, mas a música só serve para fazer meu coração

bater mais depressa. Vinte minutos mais tarde, entro em um estacionamento cheio de SUVs e minivans. Ian está parado perto da porta da frente e parece agitado. É justo que ele tenha esperado por mim dessa vez.

Dou uma olhada em volta procurando os Observadores. Não devíamos ter alguns ali filmando tudo? Talvez estejam a caminho. E nada me impede de sair do carro e ir cumprimentar meu parceiro. Quando me aproximo dele, vejo um cartaz na porta com a frase: “BEM-VINDOS, ADEPTOS DA PUREZA”.

— O desafio ficou mais complicado — comento.

Ele dá de ombros como se já esperasse por isso.

— Não esqueça que o desafio determina o que temos que pedir, mas não diz nada sobre esperarmos por uma resposta.

Por que não pensei nisso? Tenho que melhorar meu jogo, se quiser ganhar alguma coisa.

— Bem pensado.

Ele toca meu broche do Jimmy Carter.

— Conheci esse cara em um projeto do Habitat para a Humanidade.

Uau, um cara que nota acessórios e ajuda os sem-teto. Tommy não tinha com que se preocupar.

— E aí, por quanto tempo vamos esperar os Observadores?

— Esperar por quê? Podemos filmar sozinhos. O aplicativo do NERVE tem um link de vídeo chat que a gente pode usar.

Verifico meu telefone, que agora tem um ícone do aplicativo do NERVE na lista de favoritos. Sigo as instruções e rodo o programa, que exhibe meu desafio e um botão do vídeo chat com uma barrinha de status. Ela anuncia: TAREFA NÃO INICIADA.

— A câmera do meu celular é muito ruim — digo.

— Não se preocupe. Você pode abrir o link e gravar o áudio. Vamos usar meu telefone para o vídeo principal. Eu filmo você primeiro, antes de a gente deixar o pessoal lá dentro muito agitado, e depois você me filma?

Agradeço pela consideração, mas me preocupo com o que pode significar “deixar o pessoal muito agitado”.

Uma garota de bochechas rosadas e o namorado dela passam por nós para entrar no boliche. Eles riem de mãos dadas, os olhares tímidos sugerindo que ainda não trocaram o primeiro beijo, o que me faz sentir muito sofisticada, embora eu não tenha ido muito além do estágio dos beijos.

Meus ombros ficam tensos.

— Estou me sentindo muito cretina. As pessoas lá dentro vão pensar que a gente está rindo delas. E não merecem isso.

Ian respira fundo e olha para dentro do boliche. Depois digita no celular. Depois de um minuto de leitura, ele diz:

— Os estudos que eles fizeram sugerem que os programas de educação sexual mais bem-sucedidos são aqueles que não desaconselham práticas sexuais seguras. Então, essas pessoas devem conhecer preservativos. Se não conhecem, vamos fazer um favor a elas.

Balanço a cabeça.

— Grande raciocínio.

— Olha, é só um desafio bobo. Talvez eles achem engraçado. Vamos perguntar com delicadeza, certo?

Pessoas da nossa idade deviam ser capazes de lidar com dois palhaços pedindo um preservativo. Não vamos prejudicar ninguém. E talvez alguns até tenham ouvido falar no NERVE e riam da situação. Uma grande piada.

— Pronta? — ele pergunta.

Respondo que sim assentindo com a cabeça antes que eu possa me convencer do contrário.

Quando entramos no salão iluminado por lâmpadas fluorescentes, somos recebidos por gritos e risadas e pelo cheiro de batatas fritas e da cera para madeira que é usada

nas pistas. Há dúzias de adolescentes ali e alguns adultos supervisionando tudo. Cartazes e faixas nas paredes aconselham: “Guarde o seu melhor para o casamento!” e “Sr. Perfeito NÃO é realmente o Sr. Perfeito”.

Meu coração pulsa no ritmo de um baixo; não, é um banjo. Ian segura minha mão, o que não me acalma, apesar da pele morna e macia. No canto mais distante do bar, seis videogames piscam e fazem barulho. Cinco caras de aparência rude se movimentam em torno das telas apontando joysticks que têm o formato de rifles. Posso conseguir metade da minha cota se pedir para eles, e ninguém mais vai conseguir ouvir o que eu falar, se eu tiver sorte. Inclino a cabeça na direção do grupo. Ian vai na frente.

Quando nos aproximamos do grupo, Ian começa o vídeo chat do NERVE. O cara que está mais perto de mim, um loiro grandalhão de cabelo curto e espetado, levanta uma das sobrancelhas.

Eu pigarreio.

— Com licença. Tem uma camisinha sobrando?

Ele põe as mãos na cintura e estufa o peito.

— Quê?

Repito mais alto.

— Estou procurando uma camisinha. Tem uma?

— Não tem graça.

Menos um. Passo para o cara de cabelo encaracolado ao lado dele.

— Tem uma camisinha para me emprestar? — Como se fosse alguma coisa que eu pudesse devolver depois de usar. Eca, duas vezes eca.

Ele fecha a cara.

— Sai daqui.

— Só depois de perguntar ao seu amigo. — E me aproximo de um baixinho que está mordendo o lábio. — Tem camisinha? — Antes que ele possa dizer alguma coisa, pergunto aos que estão segurando os controles do jogo em forma de rifle. Os dois apontam para mim, e o estrondo de uma bola de boliche derrubando os pinos corta o ar como um tiro. Eu pulo. Ian toca minhas costas, e juro que o contato provoca em mim uma onda de eletricidade, apesar do nervosismo.

— Obrigada — falo apressada antes de seguirmos para outro grupo.

Três rapazes e duas garotas estão sentados em torno de uma mesa bebendo refrigerantes. Sem esperar para formular um plano, bato no ombro da primeira pessoa na minha frente. Quando ela vira para mim, prendo a respiração. É o

Jack, o garoto por quem minha amiga Eulie é apaixonada há meses. Acho que sua presença ali explica por que ela nunca conseguiu nada com ele. Acho que ele também frequenta o videoclube com o Tommy. Meu Deus, tomara que perceba que estou jogando NERVE. Mas, por algum motivo, suspeito que Deus não vai ficar do meu lado nessa jogada.

Passo as mãos na saia.

— Ah, oi, Jack. Eu estava pensando se você poderia me dar uma, hum, camisinha...

Ele fica vermelho.

— Por que você está me pedindo isso?

Resisto à vontade de chorar.

— Desculpa. — Pedir desculpas não é contra as regras, é? Ele estreita os olhos como se me analisasse e depois balança a cabeça.

Ian segura meu braço e me leva para outra mesa.

— Não se preocupe, você está quase conseguindo.

Ele tem razão. Repito a pergunta para mais dois desconhecidos numa sucessão rápida, sem esperar pela resposta. Um deles levanta e para na minha frente.

— Não tem graça. É melhor ir embora.

Eu me sinto uma idiota quando me aproximo das garotas ao lado dele. Ninguém ali fez nada para merecer esse

constrangimento. Tremendo, pego o telefone de Ian.

— Pega leve com elas.

Ian se aproxima de uma menina com camadas de sombra azul nos olhos.

— Por acaso tem aí uma camisinha? Não que você use, nada disso.

— Sai daqui, babaca! — Ela reage. Babaca faz parte do vocabulário que elas podem usar?

— E você? — ele pergunta à outra garota. Quando ela grita que não, nós nos afastamos correndo.

Oito para mim, duas para Ian.

Caminhamos para outro grupo misto. Jack ainda me observa da mesa, com a testa franzida. Evitando encará-lo, faço a pergunta para mais dois garotos, e um deles é o que vi chegar com a namorada mais cedo. Ela agarra a mão dele e faz uma cara horrorizada. Estraguei o encontro? Grito um pedido rápido de desculpas e pego o celular da mão de Ian. São dez. Por que não me sinto eufórica? Tudo que quero fazer é gritar o quanto lamento pelo que fiz e sair correndo dali. Mas não posso. Não enquanto Ian não cumprir sua cota. Aponto a câmera para a cena enquanto ele repete a pergunta para uma menina morena e pequena. Ela berra como um

filhotinho machucado, o que atrai a atenção dos caras do videogame.

O loiro grandalhão reage.

— Vocês já causaram demais. Vão embora!

— Já vamos — respondo. — Só mais alguns minutos.

Ian repete a pergunta para mais duas meninas, a quarta e a quinta, e uma multidão nos cerca. O loiro está tão vermelho que tenho a impressão de que ele não consegue respirar. Acho que toda essa promessa de pureza não inclui exercícios de redução de estresse.

Um dos adultos, que nos observava do canto da sala, se junta ao grupo. Ele usa o cabelo penteado para trás e um paletó que vale mais que metade do meu guarda-roupa. É o líder deles ou alguma coisa assim?

O homem passa um braço em torno dos ombros de Ian e pergunta com um tom jovial:

— O que está acontecendo aqui, pessoal?

Ian se afasta do abraço como se tivesse levado um choque.

— Estamos fazendo uma... entrevista. E é com alegria que comunico que até agora seu grupo está se saindo muito bem.

O homem franze a testa.

— Entrevista?

Ian atravessa o grupo e se aproxima de outra mesa com três garotas. O rosto moreno agora tem um tom vermelho. Eu o acompanho da melhor maneira possível com a câmera, sem saber se estou capturando a última pergunta, mas o grito da ruiva alta com quem ele acabou de falar deve servir de prova para o pessoal do NERVE. As duas amigas da ruiva também gritam. Já foram oito.

O loiro diz alguma coisa para o homem com o paletó caro, que assente e sorri. O que eles estão combinando?

Ian olha para mim, com o rosto brilhante e a respiração acelerada. Ele corre para uma mesa perto da porta. O grupo o acompanha gritando sentimentos nada puros. Aponto a câmera para eles, e o loiro grandalhão tenta arrancá-la da minha mão. Ele não consegue por pouco, e escondo o celular no sutiã. Estufo o peito, desafiando o cara a passar pela estampa de dentes de vampiro na minha camiseta, torcendo para ele não perceber meu blefe.

Ele estende a mão e para a alguns centímetros do meu peito. Seu pescoço tem manchas vermelhas que não estavam ali antes.

— Sai daqui, piranha!

Bom, nunca me chamaram disso antes, mas não vou debater minha vida amorosa com esse sujeito. Corro para

acompanhar Ian. Ele fez a pergunta para outra garota, mas não consegui filmar. Meu testemunho será suficiente? Pego o celular e filmo a pergunta seguinte.

— Pergunte para mais uma menina — grito.

— Mas já foram dez — ele diz.

— Uma eu não filmei.

Ele reclama.

Uma supervisora adulta se junta ao grupo que o repreende e aponta o dedo para o nariz de Ian.

— Você deveria ter vergonha!

— Eu tenho, mas poderia me emprestar um preservativo?

— ele pergunta com um sorriso doce.

O loiro grita na cara de Ian:

— Tenha respeito, seu babaca! — Ele parece prestes a explodir.

Guardo o telefone dentro da camiseta e levanto uma das mãos para ele.

— Ei, não esqueça: não matarás!

O loiro cospe na minha direção. Eu grito quando a saliva quase acerta a ponta do meu sapato. O homem de paletó ri e bate nas costas do garoto.

— Seus porcos! — Cuspo de volta.

O loiro agarra meus braços e os aperta na altura dos cotovelos. Seu hálito cheira a gasolina, uma vantagem para quem quer preservar sua pureza, definitivamente.

Ian puxa o garoto pelos ombros.

— Cara, a gente já vai embora. Tira as mãos dela.

O grandalhão se aproxima ainda mais.

— Teve a chance de ir embora do seu jeito. Agora vai sair do nosso. — Ele me arrasta para a porta enquanto o homem de paletó e alguns garotos agarram Ian. Todo mundo grita.

Jack puxa o loiro e berra:

— Para com isso, eles vão embora. Acho que é para um jogo.

Finalmente alguém percebeu, mas o loiro empurra Jack com um ombro e não me solta. É como se meus braços estivessem em uma prensa.

Respiro fundo e, apesar de querer me encolher numa bola quando penso no que vou fazer, começo a cantar a música sobre transar. Jack olha para mim horrorizado. Tommy ou Eulie talvez possam convencê-lo de que não sou tão má. Se eu sobreviver.

Ian se junta a mim, e cantamos enquanto eles nos empurram pela porta. Lá fora também tem uma multidão. Vamos conseguir entrar no carro antes de sermos

espancados? Alguém me empurra com força. Eu grito quando caio sentada no asfalto. Ian tomba do meu lado. Viramos para a entrada do boliche e cantamos juntos até que alguém bate a porta.

A vontade de rir e chorar é idêntica e forte. Em vez disso, continuo cantando como se a música fosse um mantra capaz de nos proteger da hostilidade à nossa volta.

Ian fica em pé.

— O desafio acabou. Conseguimos.

Ele me segura pelos braços e me ajuda a levantar. Quando consigo me equilibrar, limpo a saia com as mãos. Não rasgou, mas sei que amanhã terei um hematoma enorme no quadril. Ian massageia o cotovelo e olha para mim, provavelmente porque ainda não parei de cantar.

Ele apoia as mãos nos meus ombros.

— Eu disse que o desafio acabou. Respira fundo.

Eu tento, mas deixo escapar um soluço.

— Desculpa, mas não filmei a parte em que cantamos. — Pego o celular que guardei dentro do sutiã e limpo o aparelho na saia antes de devolvê-lo a Ian.

Ele aponta para o estacionamento.

— Nem precisava.

No meio de toda aquela comoção, não percebi que a multidão ali fora é mais amistosa que a outra, a de dentro do boliche. Quando viramos, as pessoas aplaudem. Muitas apontam celulares para nós. São os Observadores presenciais, todos com links diretos para o NERVE.

Ian segura minha mão e nós nos curvamos para agradecer. O aplauso ganha força, e eu me animo. Até a dor no quadril diminui. De repente, o desafio não parece mais tão horrível quanto um minuto atrás, agora que sinto a euforia de ter sobrevivido. Quero dançar, correr em círculos e gritar.

Uma dúzia de Observadores, alguns da nossa idade, outros mais velhos algumas décadas, se aproxima para nos cumprimentar. Eu não sabia que havia tanta gente diferente nesse jogo.

— Vimos pelas vidraças. O NERVE avisou que não podíamos entrar desta vez — explica uma mulher baixinha com óculos de armação de chifre. — O pessoal lá dentro queria enforcar vocês.

— Deve ser toda aquela energia acumulada — respondo em voz alta.

A multidão ri, apesar do meu comentário não ter graça. Mesmo assim, o incentivo me anima.

Aponto para o meu celular com um gesto exagerado.

— Espero que tenha feito boas imagens de quando jogaram a gente para fora. — Quanto mais provas, melhor.

Ian ainda respirava ofegante, mas sorria para as câmeras, oferecendo todos os ângulos como se estivesse no tapete vermelho. Quero abraçá-lo por ter me protegido lá dentro. Meu coração bate como o de um atleta, e quanto mais a multidão aplaude, mais eu fico agitada. Deve ser isso que motiva as celebridades.

Seguindo a sugestão de Ian, fazemos uma dança da vitória para os nossos admiradores e cantamos alguns versos da “nossa” música. As pessoas que estão mais perto começam a cantar também, e depois as que estão atrás vão entrando no coro até todo mundo estar cantando e dançando. Que loucura. Não acredito que estou me divertindo tanto com uma centena de desconhecidos, principalmente quando penso que dentro do prédio há outra centena de estranhos querendo me espancar.

No meio da comoção, ouço o que parece ser uma criança gritando, apesar de não ter nenhuma criança por perto. Estranho. Também sinto meu celular vibrar. Pego o aparelho. É o NERVE mandando parabéns. Ian e eu levantamos os telefones.

A multidão grita:

— Outro desafio! Outro desafio!

Estou preparada para isso? Esse foi bem intenso. Os jogadores podem desistir a qualquer momento, mas ninguém abandonou o jogo no último mês, pelo menos que eu saiba.

O barulho da multidão diminui como se eles esperassem alguma coisa. Os olhares são como milhares de alfinetes perfurando minha pele, mas estamos conectados de algum jeito, como uma criatura com centenas de pulmões respirando em uníssono. Estou arrepiada, mas dou risada com a multidão.

O que meus amigos pensariam? Alguns devem estar acompanhando. Pego o celular de novo, mas não recebi nenhuma notificação. Nada? Nenhuma mensagem? De ninguém? Tento escrever para Tommy e alguns outros amigos, mas recebo uma mensagem de erro. Decido telefonar. Tudo bloqueado. Até o acesso à minha página do ThisIsMe. Apesar da multidão que me cerca, de repente me sinto sozinha.

Ouçõ novamente uma voz de criança, desta vez cantando de forma debochada. Finalmente percebo que é meu celular. O NERVE deve ter mudado o toque do meu telefone. E a

mensagem deles chega sem problema. Muito legal, o aplicativo fornece um link mais rápido, mas bloqueia todo o resto. Eu devia ter imaginado.

Leio a mensagem, que é basicamente um relatório de status. Nossa audiência é maior que a maioria dos índices alcançados por eles na Costa Leste e no Extremo Sul nas últimas horas, por isso haverá um prêmio para o próximo desafio. Tem tanta gente nos vendo? Olho para baixo para ver se minha blusa está rasgada ou molhada outra vez. Não, tudo muito discreto.

Ian também olha o celular.

— Parece que a gente é popular.

Popular? Hum. Quem está entre os nossos Observadores? Matthew? O que ele acha da Veezinha agora?

— Que tipo de prêmio vão oferecer? — Ian pergunta.

Tem que ser tão tentador quanto os sapatos e o dia no spa, no mínimo. Uma viagem para Nova York, talvez? Uma garota pode sonhar.

A multidão volta a cantar, mandando ondas de calor que me envolvem. A iluminação neon espalha um brilho pastel pelo grupo.

Ian sorri.

— Quer sentar no meu carro enquanto esperamos o próximo desafio? Está bem ali. — Ele aponta para um Volvo cinza no estacionamento. Um carro sensato para um cara que ajuda a construir casas para os necessitados.

Eu assinto. Vai ser bom ter um pouco de tranquilidade para recuperar o foco. Acenamos para as pessoas e entramos no carro. Há um momento delicioso de silêncio quando fechamos as portas.

— É, parceira, cumprimos o desafio de uma partida ao vivo! — ele comenta.

É difícil acreditar que mal nos conhecemos. Examino seus traços bem definidos.

— O que o NERVE sabe sobre você que eu não sei? — Caramba, estou flertando?

— Hummm. Muita coisa, tenho certeza. Vamos ver. Estou terminando o ensino médio na Jackson Academy, como muito pretzel e faço longas caminhadas na praia. E você, Vee? — Para falar meu nome, ele aproxima os dentes perfeitos do lábio inferior de um jeito que faz minhas pernas tremerem.

— Terminando o ensino médio no Chinook, maquiadora e figurinista de teatro e sonho em transformar o mundo em

um lugar melhor. — Repito o aceno de miss que dei para a multidão um pouco antes.

— Por que se inscreveu no NERVE?

— Por nenhum motivo especial. Só queria fazer alguma coisa fora do comum. E você?

Ele se inclina para mim.

— Os prêmios, é claro.

É, os prêmios.

— O que ganhou?

— Até agora, uma quantia em dinheiro do desafio preliminar e uma passagem de ônibus no último desafio.

É brincadeira? Mas por que mentir sobre um prêmio?

— Uma passagem de ônibus? Parece meio, sei lá... — A palavra que me vem à cabeça é “aleatório”.

— É perfeito. Posso usar para viajar para qualquer lugar dos Estados Unidos. Quando eu quiser.

— Por que não viaja de carro?

— Porque teria que usar este carro, que é dos meus pais.

— Seu rosto parece duro por um momento, mas depois ele olha para mim e sorri. — Tivemos sorte de escapar da gangue dos virgens violentos. — Mais duas palavras com V. Quero lambe os lábios de prazer quando o vejo pronunciá-las, mesmo achando que a obsessão por pretzels é incomum.

Antes que eu encontre um jeito de induzi-lo a falar “vitória” ou “vivassecção”, meu telefone e o dele tocam ao mesmo tempo, a mesma voz de criança fazendo ruídos infantis, um som que me faz pensar em um filme de terror. É o toque do NERVE. E o nosso próximo desafio.

seis

O QUE ACHA DE GANHAR ESSE PRÊMIO?

Clico no link que mostra o próximo prêmio, um celular moderno com todos os aplicativos que alguém pode querer, uma câmera de alta definição, acesso rápido à internet e dois anos de cobertura ilimitada. Uau.

SEU PRÓXIMO DESAFIO: DIRIJA-SE À ÁREA DEMARCADA NO MAPA ABAIXO. ANDE PELAS RUAS INDICADAS ATÉ CONVENCER ALGUÉM A PAGAR US\$ 100 POR SEUS SERVIÇOS SEXUAIS. NÃO, VOCÊ NÃO TEM QUE PRESTAR O SERVIÇO, SÓ ENCONTRAR ALGUÉM DISPOSTO A PAGAR.

Meu estômago se revirou. Tenho que me comportar como uma prostituta? Naquela região da cidade? Eca. Deviam me dar uma arma e um colete à prova de balas. Quando minha mãe trabalhava em um prédio comercial a um quarteirão dali, ela sempre reclamava com meu pai das coisas nojentas que encontrava no estacionamento. Ele brincava, dizia que a

empresa para a qual ela trabalhava devia anunciar essas coisas como bônus e oferecer aos empregados intervalos mais longos para o café, além de adesivos com a frase “Se o carro estiver balançando...”. Sinto falta desse bom humor. Nossa casa era mais animada, mas essa energia desapareceu, graças a mim.

Tento espiar o celular de Ian, mas ele o segura perto do peito. Seu rosto é iluminado pelas cores diferentes das luzes do boliche, um segundo em lilás suave, outro em vermelho intenso.

A multidão lá fora também olha o celular para saber onde a diversão os levará.

Uma mulher, cujos cachos vermelhos me lembram a soprano de *O fantasma da ópera*, bate na janela de Ian e grita:

— Qual é seu desafio? — Ela aponta para mim. — Deve ser dos bons, porque a mocinha aí parece que vai vomitar.

Ian abre a janela e olha para ela como se pedisse desculpas.

— Lamento, vai ter que esperar até o NERVE divulgar a informação.

Ele não devia ter que explicar as regras. A mulher não havia assistido às rodadas no mês passado? Ou os Observadores presenciais ganhavam prêmios quando faziam

um jogador quebrar as regras, como quando capturavam cenas muito boas? Caramba, de novo as minhas teorias de conspiração.

Acenamos para os nossos incentivadores, ou fãs, e Ian fecha a janela. Um cara tenta impedir enfiando o celular dentro do carro. O flash me deixa cega por um momento, mas Ian consegue fechar a janela e faz o sinal da paz para as pessoas lá fora.

Eu me abano com a mão.

— Uau. Eles são como paparazzi.

— E aí, qual é o desafio?

— O seu primeiro.

Ele apoia a cabeça no encosto do banco.

— Tenho que ser charmoso em uma parte pouco charmosa da cidade. Charmoso o suficiente para convencer as trabalhadoras da região a prestar serviço de graça — acrescenta. — E você?

— Se eu realmente for cumprir outro desafio, tenho que convencer alguém a pagar cem dólares pelos meus serviços.

Ele me olha da cabeça aos pés sem nenhuma pressa.

— Seria uma pechincha.

— Obrigada. Acho. — E fico séria. — Mas é uma pechincha naquela parte da cidade? Não consigo aceitar que

as pessoas se vendam por dinheiro algum, mas, se vou pedir mais que a taxa habitual, o desafio pode ser bem difícil.

Ele ri e pega o telefone.

— Quanto mais difícil, melhor, do ponto de vista do cliente.

Minha resposta é um resmungo.

Depois de olhar as informações no celular, ele diz:

— O preço médio de uma garota de programa está entre cem e trezentos dólares. Mas, para quem atua na rua, o valor fica entre vinte e cinquenta dólares. Então, sim, você vai cobrar bem mais caro, mas, como não parece estar chapada de anfetamina, acho que deve conseguir.

— Ah, valeu, parceiro. — Meu estômago revira novamente. Depois eu me lembro do prêmio. Um telefone novo sem ouvir meus pais reclamando da conta seria ótimo. Mas vou me expor na rua para ganhar o celular?

Ian me conta que ele vai ganhar um equipamento de luxo para acampamento. Esse cara tem prêmios temáticos, sem dúvida. Só viagens. Os olhos dele brilham mais que as luzes de neon lá fora, e ainda mais quando o NERVE manda uma oferta bônus: para cada mil Observadores on-line que se inscreverem, nós ganhamos duzentos dólares. Uau. Quanta gente vai pagar para nos ver sobreviver na zona?

— Vai ser difícil documentar o desafio sem afugentar as prostitutas e os cafetões — comento.

— Temos que ser discretos. E os nossos Observadores também.

Algumas dúzias deles, pessoas com idade entre pouco menos e pouco mais de vinte anos, cercam o carro como zumbis.

Meu celular toca de novo. Seria legal desistir só para recuperar meu toque antigo. Quando vejo quem está ligando, fico surpresa com a chamada. Atendo antes que o pessoal do NERVE mude de ideia e bloqueie o sinal de novo.

Tommy fala do outro lado:

— Tudo bem aí? Aquele empurrão foi bem forte.

Caramba, o NERVE já postou nosso vídeo, quase em tempo real. Não devem ter editado muito as imagens. Mas por que me deixaram falar com Tommy? A ligação está sendo gravada? Talvez eles queiram saber o que eu penso; deve ser isso.

— Meu quadril dói um pouco, mas vou ficar bem.

— Posso ir te buscar agora. Não estou longe.

É claro que não. Respiro fundo.

— Não, Tommy. Acabamos de receber os próximos desafios. Ainda não decidi nada. — Pelo canto do olho,

percebo o sorriso de Ian.

Tommy respira, ofegante.

— É sério? Está pensando em aceitar outro desafio?

— Vale um celular incrível e algum dinheiro. Pode não ser muita coisa para alguém que tem uma poupança e um carro novo, mas, para mim, é muito.

— Você já se machucou. Não vale a pena morrer por isso.

— Que dramático! Eles não propõem desafios que envolvam risco de vida. É sempre muito desconfortável, só isso.

— E qual é o desafio?

— Você se inscreveu para ser Observador, não posso contar. — Tem algum jeito de mantê-lo por perto como minha rede de segurança? Precisávamos de um código secreto, algum jeito de contar a ele aonde vou sem o NERVE perceber.

Mensagens secretas me fazem lembrar de quando Syd e eu estávamos no sétimo ano e nos preparamos para os testes de *O milagre de Anne Sullivan*. Decoramos os dois papéis, Anne Sullivan e Helen Keller, e até aprendemos o alfabeto de sinais, que virou uma ferramenta muito útil para nos comunicarmos durante as aulas. Queria poder ligar para Syd e contar a ela o que vou fazer, mais do que queria poder

contar a Tommy. Por que ela tinha que se envolver com Matthew?

A voz de Tommy interrompe meus pensamentos.

— Não vá, Vee. Ouvi dizer que uma das meninas que ganhou na última vez... — A ligação acaba em um ruído de estática. Quando tento ligar de volta, não consigo. Porcaria de telefone.

Ian batuca no volante.

— Se decidir continuar jogando, quer uma carona? — Ele põe o cinto de segurança, o que me conforta. Assassinos psicóticos usam cinto de segurança? Além do mais, ir àquela região da cidade sozinha no meu carro é mais arriscado do que pegar uma carona com ele, eu acho. E com todos aqueles Observadores em volta, o que Ian poderia fazer?

— Quero — respondo, o que anuncia minha decisão com relação ao transporte e à minha participação no próximo desafio. Mal posso acreditar que cumpri um ao vivo e estou pronta para tentar mais um. Eu, Vee, a garota dos bastidores.

Ian liga o carro, e nós dois levantamos o polegar para os Observadores, informando que ainda estamos no jogo. Eles aplaudem e se dirigem aos seus carros enquanto informo minha decisão ao NERVE. O que o jogo vai propor em

seguida? Atrás de nós, ouvimos muitas buzinas e o som de um carro tocando uma música tão alta que consigo sentir os graves.

Ian franze a testa.

— Seria legal ter alguém por perto para filmar o próximo desafio, mas esses caras podem atrapalhar mais do que ajudar.

Um cara do lado de fora mostra o traseiro e provoca gargalhadas entre os amigos. Entendo o ponto de vista de Ian, mas fugir dos Observadores significa perder a simpatia deles. No mês passado, um jogador das partidas de Los Angeles foi antipático com os Observadores presenciais, e eles sabotaram seu desafio e o tiraram do jogo.

— Podemos pedir para se comportarem, se começarem a aprontar demais — sugiro. — Além do mais, logo o NERVE vai anunciar o local do nosso próximo desafio.

Ian tem que desviar de uma garota que fazia piruetas ao lado do carro.

— Eles são perigosos.

Ele sai do estacionamento e faz algumas curvas rápidas para escapar da maioria do grupo. Alguns carros ainda estão atrás de nós, mas ultrapassar um farol vermelho os deixa

para trás. Quem poderia imaginar que um carro de aparência tão séria teria esse desempenho?

Entendo a atitude de Ian, mas tenho a sensação de estar atravessando uma ponte que teve um cabo cortado. O NERVE o obrigou a isso, como me obrigou a me livrar de Tommy? Nesse caso, o que mais o jogo vai querer que ele faça sem me informar?

Mexo no cinto de segurança.

— Não sei se deixar os Observadores para trás foi uma boa ideia.

— Não se preocupe, é temporário. — Ele faz mais algumas curvas para garantir que ninguém mais nos segue, depois liga o rádio e diz:

— Vamos dar a eles cenas incríveis para compensar esse tratamento, prometo.

— Vamos precisar compensar muita gente depois desta noite.

— É. Seu namorado deve estar furioso.

Ele quer saber se tenho um namorado?

— Sua namorada também não deve ter ficado feliz.

Ele sorri.

— Não tenho namorada.

Hum. A boa notícia é que ele está disponível, a má notícia é que talvez seja incapaz de ficar só com uma garota.

— Tommy também não é meu namorado. E ele não entende por que alguém se expõe por aí em troca de prêmios legais.

— Quem nasce cheio de dinheiro nunca entende.

— Como sabe, garoto do colégio e do celular caríssimo?

O rosto dele endurece.

— Eu conquistei este celular. E o colégio.

— Sério? Como? Quero seu emprego. — Não que não goste de trabalhar na Vintage Love. Não gosto do salário, só isso.

Ele balança a cabeça com um sorriso tenso e aumenta o volume do rádio. O carro vibra. Tudo bem, Ian não me deve explicações. Eu também não estou contando a história da minha vida.

Aponto para o rádio do carro.

— Quem é?

Ele fica boquiaberto.

— Nunca ouviu Rolling Stones? Mick Jagger? É um clássico!

— Já ouvi, mas não essa música.

— Então, esta é sua noite de sorte.

Será? Esta é mesmo minha noite de sorte? Menos de duas horas atrás, minha melhor amiga deu em cima do cara de quem estou a fim há um mês. Mas agora ganhei um par de sapatos e um dia de spa. E estou pegando carona com um cara muito gato. É verdade, estamos a caminho do pior bairro da cidade, onde vou fingir que sou prostituta. E talvez seja espancada. Ou pior. Todo mundo sabe que a vida de uma prostituta não é como em *Uma linda mulher* ou *Em busca de um sonho*.

Estacionamos a alguns quarteirões da área delimitada no mapa do NERVE, e passo um pouco de brilho labial enquanto penso nas opções de figurino. A roupa que estou usando e as sapatilhas rasteiras não servem, mas talvez eu consiga dar um toque de colegial vadia no visual. Puxo a camiseta para baixo para exibir as alças do sutiã, levanto a saia e prendo o cabelo em duas tranças com elásticos que encontro no fundo da bolsa. Precisava de um pirulito.

Antes de sairmos do carro, decidimos que minha bolsa vai ficar mais segura no porta-luvas do que comigo, o que me deixa ainda mais nervosa com a ideia de andar por aquela parte da cidade. Mas o celular vai comigo. Não vou me separar dele de jeito nenhum.

Fora do carro, Ian aponta para meu broche de campanha.

— Melhor tirar isso aí. As pessoas desse ramo não assumem posições políticas.

— Duvido que a maioria das pessoas por aqui saiba quem é Jimmy Carter, mas você tem razão. — Tiro o broche e o guardo no bolso.

Tudo bem, era chegada a hora de entrar no personagem. Syd diz que isso sempre começa com a atitude. Tentando canalizar os genes de diva que podem existir em mim, faço uma pose.

— Oi, Seattle, carne nova no pedaço!

Ian me analisa da cabeça aos pés.

— Aposto que não vai demorar nem dez minutos para ouvir uma proposta. Esses esquisitos que andam atrás de prostitutas devem gostar de morenas deslumbrantes de olhos azuis e cara de colegial.

— Ah, obrigada. — O “deslumbrante” e o “colegial” meio que se anulam, mas acho que foi um elogio.

Passo as mãos na saia sobre as coxas.

— Queria estar mais maquiada.

O jeito como ele olha para mim provoca um arrepio que se espalha por minhas costas.

— Sabia que as prostitutas foram as primeiras mulheres a usar batom?

— Faz sentido. Queriam ficar bonitas para atrair os clientes.

— Elas usavam batom para atrair clientes, mas não porque ficavam bonitas, e sim para anunciar que ofereciam serviços especiais. Da variedade oral.

— Ah. — Olho para ele com os olhos meio apertados. — Primeiro a pesquisa sobre abstinência, depois a tabela de preços das garotas de programa, agora prostitutas da Antiguidade. A noite está servindo para eu aprender muito sobre temas sexuais.

Ele pega o celular.

— Podemos falar sobre temas não sexuais também. Tipo, sabia que algumas culturas acreditam que tirar sua foto equivale a roubar parte de sua alma?

— Pensei que isso fosse lenda urbana, uma desculpa que as pessoas usam quando saem de casa sem pentear o cabelo.

Ele aponta o telefone para mim.

— Pode escolher.

Faço meu melhor biquinho de top model enquanto ele me fotografa. Quantas fotos foram só esta noite?

Ele passa a mão na cabeça.

— É melhor a gente começar. Não vai ser fácil convencer uma garota ocupada a me oferecer uma de graça.

Com aqueles olhos escuros e o sorriso cheio de segredos, aposto que está acostumado a receber toneladas de ofertas.

— Você vai se dar bem.

Andamos depressa, o que eu acho ótimo, em parte porque está muito frio, em parte porque quero controlar o nervosismo, mas tenho que me esforçar para acompanhar os passos longos.

Quando chegamos à avenida principal, ele diminui o ritmo.

— Melhor você ir na frente. Vou deixar o vídeo chat aberto para o NERVE. Tenta ficar embaixo das lâmpadas da rua.

Era o único plano que tínhamos até agora. Com uma piscada e um aceno, começo a andar rebolando, tentando mostrar uma ousadia que não tenho, especialmente com o ar gelado entorpecendo minha bunda. As calçadas estão cheias de gente de todas as camadas sociais, universitários com garrafas de cerveja, casais de mãos dadas, homens sujos cobertos de trapos pedindo aos pedestres um dinheiro para “comida”.

Os universitários riem e arrotam. Que gracinha. Quando passam por mim, cruzo os braços e desvio o olhar. Trabalhar

no comércio me ensinou a distinguir um possível cliente de alguém que está só “dando uma olhadinha”.

— Quanto, gatinha? — grita um deles.

— Mais do que você pode pagar — respondo, andando de um jeito que sugere malandragem de rua, espero. Ajudei Sydney a ensaiar alguns papéis, de Liesl em *A noviça rebelde* a uma princesa ninja em um tributo a *O tigre e o dragão*, mas ela nunca representou uma prostituta, e eu não tenho muito em que me basear.

Continuo andando enquanto o amigo do universitário ri da cara dele. Felizmente, ele não me segue para tentar provar sua masculinidade.

Estou tão atenta aos estudantes que não percebo que estou no caminho de duas garotas, uma de pele clara e enfeitada com cores fluorescentes, a outra de pele escura e coberta de cores metálicas. As duas parecem ter a minha idade, exceto pelos olhos, mais cansados que os da minha mãe. Os vestidos minúsculos expõem muita carne ao vento gelado, e eu me arrepio numa reação solidária.

A que exhibe as cores fluorescentes resmunga, e noto um dente dourado.

— O que está fazendo aqui?

— Só andando. — Fecho a jaqueta escondendo o que deveria ser um decote, mas agora é só uma tentativa boba.

A menina metálica aponta um dedo para mim. As unhas devem ter quase três centímetros de comprimento e estão pintadas com uma cor escura.

— Melhor não fazer mais que isso. — Ela e a amiga se aproximam.

Tento não imaginar o estrago que aquelas garras podem fazer, mas é difícil não pensar em felinos selvagens arrancando as entranhas da presa. Esse desafio é uma droga. Pior que o último. Mas não estou completamente sozinha; Ian também tem que enfrentar uma prova difícil. E é aí que tenho uma ideia.

Faço um esforço para não dar um passo para trás, como os guardas de Yellowstone ensinam a fazer quando um urso aparece farejando em volta do seu acampamento. Quando as garotas chegam perto o bastante para poder me bater, falo:

— Tem um músico que vem para cá depois do show hoje à noite. Viram o cara por aí? — Tento sorrir de um jeito cúmplice, de mulher para mulher.

A garota de pele clara umedece os lábios.

— Um músico?

Adoto uma atitude bem groupie.

— É. O nome dele é Ian, hum, Jagger. O pai é dos Rolling Stones. Aquela velha banda de rock, sabem? Então, é tipo, tal pai, tal filho. Legal, não? Enfim, a banda do Ian ia fazer um show em Seattle hoje à noite. Vi na fan page do cara que ele queria procurar alguém depois da apresentação e ele mencionou um bar por aqui. Conhecem o The Flash? — Creio que é esse o nome da boate onde fim de semana sim e o outro também alguém vai preso. Nossa, preciso parar e respirar fundo depois desse discurso para me acalmar.

A menina franze a testa.

— Por que o cara ia querer entrar naquele buraco?

Olho em volta e finjo surpresa quando vejo Ian a uns cinco ou seis metros de nós.

— Ai, meu Deus! — Corro na direção dele enquanto as garotas me seguem de perto. Agarro seu braço. — Ian Jagger! Eu amo você, adoro suas músicas! — Não preciso fingir que estou ofegante.

Ian disfarça a surpresa com um largo sorriso.

— Valeu, gata.

As garotas, que cheiram a perfume e a cigarro, me empurram para o lado. Como elas querem atrair clientes com esse cheiro?

— Oi, Ian — diz a menina de pele escura. — Meu nome é Tiffany. Você é famoso de verdade?

Ian dá de ombros e sorri como um perfeito astro do rock.

A outra garota diz que o nome dela é Ambrosia.

— Ele é famoso, pode ter certeza — diz ela. — Já vi esse rosto nas revistas.

A coisa toda está melhor do que eu esperava. Ian já percebeu o tamanho do favor que estou fazendo a ele? E quanto me deve?

Ele sorri de um jeito que faz aparecer aquelas covinhas destruidoras.

— Só ficaremos uma noite na cidade. Conhecem algum lugar onde eu possa me divertir um pouco?

— Ah, eu posso te dar um pouco de diversão, gato — Tiffany sugere.

Ian me entrega o celular.

— Princesa, pode tirar uma foto minha com essas mocinhas lindas? Minha gravadora gosta de ver o que faço em diferentes cidades.

Pego o telefone e aponto para eles.

— É claro, mas posso te dar mais diversão que elas, e não vou cobrar nada.

Tiffany fecha a mão e dá um passo na minha direção.

— Quem falou alguma coisa sobre cobrar, vadia?

Bingo!

— Desculpa, só pensei que...

Com as mãos na cintura, Ambrosia também dá um passo para a frente.

— Não tem que pensar nada, piranha.

Ian se coloca entre mim e elas.

— Ei, esqueçam a garota. Vocês duas querem ficar comigo? Sem nenhuma cobrança ou condição?

Tiffany responde:

— É claro. Vai postar a foto com a gente na sua fan page?

Ele sorri para mim.

— Vocês vão aparecer em todos os sites da internet. Garanto. Por isso pedi para essa menina com a bunda magricela tirar uma foto nossa.

As duas sorriem com ar triunfante para mim, a dona da bunda magricela, e perguntam a Ian onde ele está hospedado e se podem pedir serviço de quarto.

É nesse momento que um cara branco enorme, usando um chapéu Fedora, se aproxima de nós. Um Fedora? É brincadeira?

Suas mãos estão escondidas nos bolsos de um sobretudo que deveria ter uma gola de pele de leopardo, se ele quer

tanto montar o visual completo.

— Tiff, Am, o cara está criando problemas?

Tiffany e Ambrosia quase tropeçam uma na outra quando correm para perto do cara. Cada uma se pendura em um braço, e as duas cochicham alguma coisa para ele.

O homem franze a testa enquanto escuta o que elas dizem.

— Nunca ouvi falar de um Ian Jagger.

Seguro a câmera contra o peito e torço para ele não me notar. O homem olha desconfiado para Ian, empurra as duas meninas para o lado e se aproxima dele.

— Eu disse que nunca ouvi falar de você.

Ian dá de ombros.

— A gente toca emo.

— Homo? Sua banda toca música homo?

— Não, emo. É meio punk, meio deprê angustiado.

Ele continua se aproximando com as mãos nos bolsos até parar a alguns passos de Ian.

— Você toca punk, é isso? E onde tocou hoje?

Ian engole em seco.

— Em uma casa pequena. Não deve conhecer.

— Perguntei onde você tocou, Ian punk homo Jagger.

O cara dá mais um passo e agora está a centímetros de Ian, que engole em seco de novo. Continuo filmando, apesar de achar que já temos mais que o necessário. É como se nada me contentasse. Tiffany e Ambrosia param atrás do cafetão, trocando olhares assustados que as fazem parecer anos mais novas.

O cafetão fala:

— Parece que está interessado em passar um tempo com as minhas meninas. — A voz dele agora é mais baixa.

Ian sorri.

— Estávamos conversando. Elas são lindas.

O cafetão tira uma das mãos do bolso para coçar o queixo.

— É, elas são. Sabe de uma coisa? Também gostei de conversar com você. Por que não vamos dar uma volta e conversamos mais?

— Seria legal, mas tenho que ir. Os caras da banda já devem estar imaginando o que aconteceu comigo.

O cafetão cochicha.

— Não foi um convite.

Ian olha para mim com uma expressão aflita. A câmera escorrega em minhas mãos. Tento escondê-la no bolso antes que o cara a tome de mim, mas não quero perder essa cena.

— Fica aqui — Ian me diz.

Pela primeira vez, o cafetão olha em minha direção.

— Ela está com você? Bonitinha. Pode vir também. — E empurra o cotovelo de Ian com o dele.

Não sei se os sigo ou corro na direção contrária. Ele não pode pegar nós dois ao mesmo tempo, mas pode mandar Tiffany e Ambrosia atrás de mim. Olho em volta procurando alguém a quem possa pedir ajuda.

Nesse momento, um grupo de jovens aparece na esquina. Um deles aponta para nós, e os outros preparam seus telefones.

Os Observadores chegaram.

Todo mundo começa a filmar o que está acontecendo.

Quando o grupo se aproxima, o cafetão franze a testa.

— Que merda é essa?

Ian acena para os Observadores.

— Olha, parece que fui reconhecido por alguns fãs. Preciso cumprimentar o pessoal. — Ele se dirige ao centro do grupo, no meio de todo mundo.

Vou atrás dele e reconheço várias pessoas que estavam no boliche. É surpreendente, mas ninguém está bravo por termos despistado todo mundo. E, dessa vez, não me importo com todas as câmeras apontadas para mim. Vamos andando em meio a perguntas e elogios.

— Vocês vão ver tudo quando o NERVE fizer a transmissão — anuncia Ian para o grupo. Depois pega o celular da minha mão e, rindo, filma os Observadores enquanto eles nos filmam.

O cafetão e as garotas ficam para trás e olham para nós com ar confuso. Tiffany chora como se tivesse perdido algo muito importante.

Também tenho vontade de chorar de alívio. A animação dos Observadores me envolve como um escudo. Um grande, barulhento e lindo escudo. Com eles, eu sou alguém. Estou segura.

sete

Abro caminho entre as pessoas e me aproximo de Ian.

— Legal, agora você pode pegar um ônibus para Kentucky, Kansas, ou qualquer lugar nos Estados Unidos e ir acampar.

Ele ri.

— Foi incrível o que você fez com aquelas garotas, mesmo que quase tenham espancado a gente. É muita sorte ainda ter meu celular.

Os Observadores nos cercam e cumprimentam Ian batendo na mão dele.

Ele aceita as homenagens.

— Prometo que o vídeo vai bombar, gente, graças à minha incrível parceira! Agora vocês precisam dar um pouco de espaço para ela fazer o que tem que fazer. Senão, fim do espetáculo.

Todos parecem desapontados, mas concordam e ficam do outro lado da rua quando nós atravessamos e andamos para o quarteirão seguinte, longe do território de Tiffany e

Ambrosia, espero. Agora tenho diante de mim a adorável perspectiva de cumprir minha parte da prova.

Ian se aproxima de um lugar que anuncia: “Luxúria ao vivo com mulheres extravagantes”. Parece que, mesmo com um milhão de sites pornôns na internet, alguns homens ainda preferem o cara a cara, a experiência sórdida dos cubículos. O que é bom para nós, já que proporciona um trecho de calçada iluminada que se estende por quase dez metros.

Os caras na fila olham para mim, mas ninguém se aproxima, nem quando os chamo com um aceno. Decidimos que eles podem querer conversar de homem para homem ou alguma bobagem desse tipo. Ando pela calçada, perto da rua, olhando para os carros que passam, com uma das mãos na cintura e a outra solta ao lado do corpo. Para cada carro que passa me cegando momentaneamente com os faróis, dou um sorriso com os lábios comprimidos e inflo o peito. Estou usando o dobro de roupas que Tiffany e Amber vestiam juntas, mas nunca me senti mais nua. Do outro lado da rua, risadas ecoam no ar da noite. Se os Observadores não se controlarem, não vou conseguir completar o desafio.

Depois de percorrer um quarteirão, viro e ando lentamente em direção a Ian. Ele está conversando com os homens na fila, apontando para mim. Meu cafetão. Os

possíveis clientes — e é isso que eles pensam ser — olham para mim, estalam os lábios, mas balançam a cabeça. Qual é o problema? De longe, talvez pensem que sou uma magricela que usa mangas compridas para esconder as marcas das picadas de agulha. Ou que as roupas e os sapatos revelam que não sou do ramo. Acho que vou ter que convencer essa gente. Eca. Meu estômago ameaça dar um nó que nunca mais será desfeito, mas me aproximo dos homens. Felizmente, os Observadores ficam quietos.

Quanto mais me aproximo da casa de shows eróticos, mais sinto o cheiro de azedo, um odor parecido com o de sopa de repolho. Sufoco um gemido quando percebo que é o cheiro daqueles homens. Ian precisava escolher os pervertidos mais fedidos da rua?

Ele acena para mim.

— Vem cá, Roxie.

Roxie? Isso é um nome?

— Ah, oi, Stone.

Ele me segura pelo pulso como se fosse meu dono.

— Esses caras não acreditam que você vale a grana.

Mordo a boca.

— Talvez tenham razão. É minha primeira vez, estou bem nervosa.

Um sujeito de cara gorda e flácida olha para mim com os dentes à mostra.

— Nunca fez isso? Ah, agora entendi a roupa estranha.

Estranha? Fico ofendida, depois lisonjeada. Quem quer se encaixar nesse cenário?

— Não dava para comprar outra coisa — respondo, fungando. — Roupas de festa são caras. — Olho para as minhas sapatilhas sem graça e sérias. Ouço uma sirene distante.

O cara coça o covaco.

— Dou cinquenta, mas é tudo que tenho, e é mais do que as garotas cobram por aqui.

Levanto a cabeça e olho para Ian com cara de tristeza.

— Não sei se vou conseguir, mesmo com minha mãe precisando tanto da cirurgia. Preciso de ar. — É verdade. Se não me afastar daquele cheiro, vou desmaiar.

— Vai, irmãzinha. — Ian dá um tapinha na minha cabeça e volta a negociar com os homens, como faria um bom irmão. Dou mais uma volta pela calçada.

Alguns casais passam por mim, todos com a mesma expressão: um meio sorriso e um olhar rápido dos homens, um ar de desprezo e um olhar mais demorado das garotas.

Não percebem que sou uma delas? A última garota que me olhou de cara feia vestia uma camiseta igual à minha.

Não posso encarar como um ataque pessoal. É uma encenação, nada a ver com a vida real. Forço um sorriso para o casal seguinte e fico chocada quando eles retribuem. O cara se aproxima e apoia um braço sobre meus ombros.

— Ei — reajo, tentando me afastar dele.

A menina tira uma foto nossa enquanto o cara puxa uma das minhas tranças e cochicha:

— Está mandando bem, Vee.

Eu o empurro.

— Tira a mão de mim, esquisito.

Ian corre para nós e ameaça bater no cara, mas ele e a namorada dão risada e se afastam rapidamente. Quando Ian ameaça segui-los, eu o puxo de volta.

Respiro fundo.

— Esquece. Temos que pensar no desafio.

Ele parece dividido, mas, depois de pensar por alguns segundos, concorda comigo.

— Se perceber mais algum Observador te assediando, grita. Entendeu?

Concordo e volto ao trabalho. Minutos depois, um carro reduz a velocidade e para perto da calçada, bem do meu lado.

Lá dentro tem um homem de meia-idade e sobrancelhas grossas.

Ele sorri.

— Você é muito nova para ficar aqui sozinha. Olha só, está tremendo!

— Tenho idade suficiente. É só frio.

— Meu carro tem assentos aquecidos. Eu posso te dar uma carona.

Fico ali parada esperando o homem continuar. Por favor, alguém filma o que está acontecendo! Eu até tentaria usar a câmera ruim do celular, se não soubesse que isso ia espantar o cara.

Ele bate com os dedos no volante acompanhando o ritmo de uma música da era disco.

— E aí, quer entrar?

— Hum, você é fofo, mas...

Ian passa por mim de braços cruzados, disfarçando a câmera ligada. Ele para perto da porta traseira do carro. Espero que ninguém pense que é um cafetão cuidando de sua garota.

O motorista do carro nem percebe a presença de Ian. Ele coça o rosto.

— Precisa de dinheiro para comer? Talvez eu possa ajudar.

— É, estou com fome. — Enfatizo o “fome”.

Ele sorri.

— Quanto você come?

Quero vomitar ali mesmo, mas consigo responder:

— Muito.

Ele ri.

— Tão pequena, com todo esse apetite? Uns vinte paus?

Arregalo os olhos.

— Hum, umas cinco vezes isso.

O sorriso desaparece.

— Coisinha gananciosa, hein!

Esfrego a mão na cintura.

— Não. Só tenho disposição para trabalhar duro.

Ele levanta uma sobrancelha de taturana. Não quero nem pensar no que está passando pela cabeça dele.

— Você é uma delícia, mas não posso gastar tudo isso. Vai contra os meus princípios.

Como se esses homens que saem caçando prostitutas menores de idade tivessem princípios.

— Que pena. Espero que tenha uma boa noite. — E me afasto do carro.

Ele me segue de ré, e Ian se afasta depressa.

— Acha que é muita merda, é?

Isso não vai acabar bem.

— Não.

Ele grita:

— Vadia! — E pisa fundo no acelerador, espalhando fumaça até parar mais à frente, ao lado de uma menina de botas de tachinhas com salto de doze centímetros.

Meus joelhos tremem. Primeiro as prostitutas, agora esse homem. Não me lembro de ter sido chamada de “vadia” duas vezes na mesma noite, nem no mesmo mês. Meu lábio inferior treme.

Ian se aproxima de mim e aperta meu ombro.

— Não deixa isso te abalar. Era só um babaca que não conseguiu o que queria. Vamos conseguir. Você vai ver. E os vídeos estão ficando ótimos. — Ele se afasta, mas não muito.

Engulo a frustração e vejo a garota das botas de tachinha conversar com o cara de sobancelhas de taturana. Percebo que há muitos movimentos positivos de cabeça e sorrisos. Com tantas mulheres aceitando trabalhar por menos de cem, como vou conseguir um cliente? É claro que o NERVE preparou um desafio bem difícil. O que eu esperava? O prêmio é um celular com cobertura ilimitada!

Depois de alguns minutos, a garota contorna o carro para se aproximar da porta do passageiro. Assim que ela se afasta do campo de visão do cliente, seu sorriso desaparece. Em que estará pensando? Que aquilo não é a vida real, como eu disse a mim mesma sobre o que estava fazendo?

De repente me sinto cansada, quero ir para casa, tomar um banho quente e dormir. Dou uma olhada no celular enquanto ando. Nenhuma nova mensagem. O NERVE ainda mantém o bloqueio. Não percebem que preciso de apoio moral?

Estou pensando em pedir umas moedas a Ian para usar um telefone público e ouvir uma voz amiga, desde que eu consiga encontrar um telefone que funcione e não esteja coberto de nada nojento. Então, outro carro reduz a velocidade, e o logo da Mercedes para bem atrás de mim. A janela desce e vejo um homem de trinta e poucos anos com costeletas e traços jovens, do tipo que nem devia precisar dos serviços de uma profissional da calçada. Mas quem sou eu para discutir, certo? Ele apoia o braço na janela aberta e exhibe um relógio enorme que deve valer mais que o meu carro.

— Ei — diz, revelando dentes muito brancos.

Paro longe do alcance daquele braço, evitando apoiar meu peso no lado dolorido do quadril.

— E aí? — respondo.

— Você não precisa ficar aqui.

Espero ele continuar e sugerir que posso entrar no carro e desfrutar dos assentos aquecidos.

Em vez disso, ele diz:

— Sejam quais forem os problemas que te fazem pensar que essa é a única opção, eles podem ser resolvidos de outro jeito. Principalmente se aceitar a ajuda de alguém.

— Alguém como você?

Ele sorri.

— Estava pensando em alguém um pouco mais poderoso.

Opa.

— Está sugerindo um ménage? — Se ele oferecer cem dólares por uma orgia, eu cumpro o desafio?

O homem faz uma careta de desgosto, mas um momento depois recupera o sorriso.

— Eu me referia a um poder superior. Minha esposa e eu mantemos um ministério para ajudar garotas como você.

Eu me esforço para continuar no personagem.

— Garotas como eu? Você não me conhece.

— Sei que precisa de um lugar onde se sinta segura. Se quiser comer uma refeição caseira e conversar com outras garotas que já estiveram onde está agora, pode sair da rua neste instante.

Olho para Ian, que passa por nós com a câmera erguida.

— Você é muito legal, mas eu estou de boa.

O cara acompanha Ian com o olhar, debruçando-se na janela para encará-lo quando ele assume sua posição de cinegrafista no que deveria ser o ponto cego do motorista. Deve haver mesmo um poder superior cuidando desse homem, se ele tem o hábito de encarar desse jeito todos os cafetões que encontra.

Ele fala para Ian:

— Você é responsável pelo bem-estar dessa mocinha?

Ian dá de ombros.

— Somos amigos.

O homem estende a mão.

— É bom saber. Porque quero levá-la a um lugar seguro onde ela pode receber ajuda. Tenho certeza de que não vai se importar, amigo.

Eu aceno.

— Ah, oi! Eu me importo. Escuta, obrigada por se preocupar, mas está tudo bem. Isso não é o que parece.

Estamos só dando uma volta.

— É triste, mas deve saber que muitas jovens aqui são gravemente feridas pelos homens que dizem cuidar delas, seus supostos amigos.

Aponto para o outro lado da rua.

— Se quer realmente ajudar alguém, aquelas são Ambrosia e Tiffany. Elas precisam de ajuda. Mas o amigo delas é perigoso, então tome cuidado.

Eu me afasto do carro e puxo Ian pelo braço até o quarteirão seguinte. O homem nos segue com os olhos, mas, finalmente, desiste e vai embora.

Ian balança a cabeça.

— Só tem maluco no mundo.

— Ele não parecia maluco, e espero não ter criado nenhuma confusão para o cara. — Massageio as têmporas sem saber se minha atitude foi nobre ou idiota.

Ian me segura pelos ombros.

— Você não é responsável por ninguém além de você e, se quiser, por mim.

Pena que a garota das botas de tachinhas saiu com o sujeito de sobrancelhas de taturana. Ela parecia precisar de um pouco de esperança. Fico feliz novamente por tudo isso ser só um jogo para mim. O que me faz lembrar...

— Acho que a gente tem que voltar ao desafio — digo.

Ele pisca.

— Sim, vamos deixar para salvar o mundo depois de ganharmos os prêmios.

Ian se afasta, e fico sozinha outra vez. Olho para o outro lado da rua, torcendo para ver Tommy entre os Observadores, apesar de ele ter dito que só assistiria ao jogo on-line. Ainda estará cuidando de mim ou terá ido para casa enjoado?

Ando de um lado para outro enquanto Ian tenta atrair alguns homens que passam por ali a pé. Outros carros param perto de mim, mas é sempre a mesma história. Eu cobro muito caro. Quando o quarto carro em dez minutos vai embora, não consigo evitar o sentimento de rejeição, embora eles sejam fracassados que tenham que pagar para transar.

Mais uma rodada de pechincha acontece antes de um Ford Taurus parar. Suspiro e espero o começo da negociação.

Um cara de expressão suave abre a janela.

— Está sozinha?

Mordo o lábio.

— Por enquanto.

— Eu também. Solidão é uma droga, não acha?

Assinto. O papo com as prostitutas é sempre tão sem graça?

Ele batuca com os dedos na beirada da porta.

— Quanto vai me custar acabar com a nossa solidão?

— Cem dólares.

Ele levanta as sobrancelhas.

— Caramba. E o que eu levo por tudo isso? — Não me chamou de vadia gananciosa e ainda não foi embora. É um bom sinal.

Passo um dedo pelo meio do meu peito.

— O que você quer?

Ele ri baixinho e me olha da cabeça aos pés.

— Muito.

Olho em volta e vejo Ian passando por nós com o celular na mão. Encaro o motorista do carro e sorrio, e Ian assume sua posição.

Pisco algumas vezes.

— E aí, fechamos negócio? Vai pagar os cem?

— Tudo que eu quiser? — Seus lábios são carnudos e brilhantes, como se ele os lambesse o tempo todo.

— Uhum.

A mão peluda passa pela janela e toca minha saia. Resisto à vontade de vomitar.

Ele aperta um botão para destravar a porta do passageiro.

— Negócio fechado. Entra. — Ele se inclina para o lado para tirar uma caixa do banco. Quando muda de posição, vejo alguma coisa brilhando no bolso da camisa. Ah, não. Aquilo é um distintivo?

— Não, senhor, eu estava brincando. Peço desculpas se dei a impressão errada. — E corro para Ian gritando: — Corre!

Ouçõ a porta do carro bater atrás de nós.

— Volte aqui! Pare!

A multidão do outro lado da rua explode em gritos e aplausos. Corremos para eles desviando dos carros. Alguns garotos se dobram de tanto rir, outros seguram o telefone. Mas, desta vez, nenhum fã vai nos proteger. Ian e eu continuamos correndo. Duvido que algum Observador seja burro o suficiente para ir atrás de nós. Não com um policial armado atravessando a rua.

Ian e eu viramos na segunda esquina. Meus pés doem. Sapatilhas rasteiras não apoiam bem o arco do pé.

Estou ofegante.

— Não sei se consigo continuar nesse ritmo até o carro.

Logo depois, passamos por uma alcova, e Ian me puxa para lá. Instintivamente, prendo a respiração, pensando no

cheiro que deve ter um lugar tão óbvio para abrigar um bêbado. Apesar da umidade, não sinto o tão temido odor. Nós nos encolhemos nas sombras, Ian contra a parede, e eu nos braços dele. Meio minuto mais tarde, passos se aproximam e o policial passa correndo, xingando sozinho. Atrás dele passam dois garotos vestindo jaquetas esportivas, rindo e filmando. É, alguns foram burros o bastante para ir atrás dele.

O coração de Ian bate forte contra o meu rosto. Nenhum de nós move um músculo sequer.

— Vocês, venham aqui! — O policial agora grita para os garotos.

Pelo som dos passos, imagino que eles atendem ao chamado. As risadas silenciam. Ele exige os telefones, provavelmente com a intenção de apagar as cenas filmadas antes que elas sejam divulgadas na internet. Tarde demais, cara.

Quando eles passam pela alcova, um dos garotos arregala os olhos ao nos ver, mas, em vez de nos delatar para se salvar, abaixa a cabeça. O policial também olha para dentro do beco e estreita os olhos, mas continua em frente. Não me atrevo a respirar até os passos se afastarem. Quando respiro,

sinto o cheiro de Ian, que é como o aroma das montanhas em uma trilha no fim do verão. Respiro fundo de novo.

— Acho que a gente conseguiu — ele cochicha.

— Incrível. — Olho para o rosto dele, apesar de quase não distinguir seus traços.

Ele contorna meu queixo com um dedo.

— Ian Jagger, é?

— Não quer ser um astro do rock?

— Você foi a estrela da noite. — Ele me puxa para mais perto.

Ian vai me beijar? Mal conheço esse cara, mas já enfrentamos todo tipo de perigo juntos. Isso tem que contar para alguma coisa. E ele me protege. Isso vale ainda mais. Tudo bem, talvez a atenção seja só parte do jogo. Mas o arrepio que sinto nas costas é bem real.

Ele desliza o dedo do meu queixo até a boca, traçando o contorno dos meus lábios bem devagar. Ficamos ali respirando o ar um do outro, sentindo a pulsação um do outro.

Uma luz se acende dentro do prédio, e eu pulo para longe dele. A porta de vidro ao nosso lado deixa ver um pequeno saguão com um sofá velho e uma fileira de caixas de

correspondência. Um homem de cabelos brancos desce uma escada mancando, apoiado a um corrimão entalhado.

— Acabou o recreio — comento, e imito a decepção de um aluno do segundo ano que tem que voltar para a sala de aula.

Andamos na ponta dos pés, olhamos para os dois lados para termos certeza de que o policial foi embora e caminhamos depressa para o carro com os dedos entrelaçados de um jeito frouxo, relaxado. Só discutimos meu desafio quando já estamos dentro do carro.

— Acha que vão aceitar? — pergunto.

— Vão, claro. Uma oferta é uma oferta, não importa se foi um policial ou não.

Espero que ele esteja certo. Enquanto esperamos notícias do NERVE, ficamos ali sentados, sorrindo um para o outro. É difícil acreditar que pouco antes eu estava deprimida atrás de uma cortina empoeirada vendo minha melhor amiga me esfaquear pelas costas. E agora? Prêmios, diversão e dinheiro, talvez. Porém, mais importante, um cara delicioso que me olha como se eu fosse um doce.

Adoro esse jogo.

oito

Ian liga o motor e o aquecedor. Está começando a chover. As garotas na rua têm guarda-chuva ou chuva nem faz parte da lista de reclamações? Talvez a água ajude a lavar o cheiro dos clientes. Apoio o rosto no encosto do banco, satisfeita por não estar correndo, tremendo ou negociando com velhos tarados.

Ian imita minha posição e ficamos frente a frente, a menos de trinta centímetros de distância.

— E aí, até onde está disposta a levar tudo isso?

Ele está falando do jogo ou de outra coisa? A noite foi bem agitada até agora, mas não estou disposta a aceitar tudo que os criadores dos desafios do NERVE, que desconfio serem um bando de devoradores de cheeseburguers balofos, vão propor.

Mas o que digo é:

— Só tenho que chegar em casa até meia-noite.

Ele afasta uma mecha de cabelo da minha testa.

— Podemos nos divertir muito em cinquenta minutos.

Derreto por dentro. Cinquenta deliciosos minutos. Não, espera, ele está falando do jogo?

— Diversão é legal — respondo, torcendo para ele explicar a que se refere.

Sem desviar os olhos dos meus, Ian tira a jaqueta e chega mais perto. O calor que emana de seu corpo me atrai. Passo a mão em seu ombro, surpresa com o quanto ele é sólido, e mais surpresa ainda por ter tocado Ian sem pensar duas vezes. O jogo deve estar alterando minha resposta genética a riscos. O barulho da chuva no teto do carro provoca um arrepio, uma sensação como aquela que a gente tem embaixo das cobertas. Ficar nesse espaço aconchegante com Ian é bom. Muito bom.

E, é claro, esse é o momento em que meu celular e o dele começam a tocar uma música estridente. Minha cabeça quase bate no teto. Nunca pensei que sentiria saudade daquele toque sinistro de voz infantil. Desbloqueio o telefone, não por estar interessada no que vou descobrir, mas para fazer o barulho parar. A mensagem do NERVE é cheia de pontos de exclamação.

— Puta merda — diz Ian enquanto eu leio.

Concordo inteiramente. Não só ganhei meu celular novo como a audiência aumentou em sete mil Observadores, o que

significa um bônus de mil e quatrocentos dólares. Acho que vou desmaiar.

Além do que ganhei, o NERVE liberou minhas mensagens. Uma dúzia de Liv, outra de Eulie, primeiro de conforto (QUEM PERDE É O MATTHEW), depois de espanto (SÉRIO, É VOCÊ?), depois de parabéns (AI, MEU DEUS! AI, MEU DEUS!).

Mal posso esperar para contar a elas cada detalhe da minha noite, como faria normalmente com Sydney.

Mas é estranho não ter nenhuma mensagem dela ou de Tommy, nenhum “QUE MERDA É ESSA?”.

Só para testar, escolho o número de Tommy e ligo. A voz dele é aflita.

— Tudo bem? Por que não ligou antes?

Droga. Eu devia ter mandado uma mensagem para ele.

— O NERVE bloqueou meu telefone, faz parte do jogo. Você é a primeira pessoa para quem estou ligando. Nem imagina quanto dinheiro ganhei de bônus.

O suspiro dele enche meu ouvido de estática.

— É bom que seja muito, depois do que teve que fazer. Sério, sabe quanta gente leva uns tiros naquela área da cidade? E se fosse presa? Teria antecedente criminal!

A chuva ficou mais forte, e agora ouço um trovão a distância. Sinto a dor no quadril voltar, resultado do tombo quando fui expulsa do boliche.

— Não fiz nada de errado. Foi tudo uma encenação, só isso.

— Desfilou na zona, negociou um programa e resistiu à prisão. Boa sorte para tentar provar que era só brincadeira.

Dou risada.

— Parabéns pelo diploma de advogado.

Mas tenho a sensação de que ele está certo.

— Sei que você ganhou várias coisas e se divertiu, agora vai desistir enquanto está tudo bem, não vai?

Um relâmpago pinta o cenário de azul por um segundo.

— Eu vou. Está ficando tarde mesmo.

— Legal. É bom saber que vai para casa antes de as coisas ficarem ainda mais perigosas. Não confio naquele tal de Ian.

O tal de Ian afaga meus dedos como se fossem uma harpa. Cada pelo do meu braço arrepia de prazer. A carícia funciona como um tipo mágico de acupuntura, acalmando a dor na perna.

Ah, sim, ainda estou ao telefone.

— Ian é muito legal. Encontro você amanhã de manhã para ajudar a desmontar o cenário, tudo bem? Obrigada por

ter sido meu escudeiro nos desafios preliminares. Fico te devendo essa. Tchau, Tommy, você é demais. — Desligo antes que ele possa me criticar ainda mais.

Ian franze a testa.

— Pensei que eu fosse demais. Já está me traindo? — Ele sorri.

Humm... Ele acha que nosso envolvimento é suficiente para falar em traição? Ian morde o lábio de um jeito que me faz querer mordê-lo também. Se ele está brincando comigo, é bom nisso. E por que ele ia querer brincar comigo? Estamos do mesmo lado.

Meu telefone toca, e o toque é um rock que reconheço de um programa policial. Pelo jeito, não consigo me livrar dos Rolling Stones esta noite. Estranho é o celular de Ian continuar silencioso.

Quando leio a mensagem seguinte, faço uma careta.

Ele arregala os olhos.

— Que foi?

Tento entender o que estou lendo.

— Esse desafio é... bom, diferente.

— Como?

O calor do carro se dissipa. Contar a Ian sobre o desafio implica revelar coisas sobre mim. Coisas como ser a idiota

sempre atrás da cortina e à sombra de Sydney. Quando ele perceber como sou realmente, o conto de fadas vai chegar ao fim.

Engulo em seco.

— Tem a ver com minha vida real.

Ian continua tocando a harpa imaginária e sobe dos meus dedos para o braço. Música suave.

— Ao contrário desta aqui, sua vida de mentira?

— Não é de mentira, é mais para surreal.

O olhar dele é firme.

— Os desafios são do jogo, mas tudo que existe entre eles não é. Não para mim, pelo menos.

— Nem para mim. O que estou dizendo é que agora o NERVE quer que eu me meta com gente que eu conheço. E, por alguma razão, o desafio não te inclui.

Ele dá de ombros.

— Aposto que eles vão pensar em alguma coisa para mim. O que eles querem que você faça?

Olho pelo para-brisa.

— Querem que eu vá ao auditório onde apresentamos a peça da escola hoje. Eu fiz a maquiagem e coordenei os figurinos. Enfim, tenho que ir à festa do elenco e acusar uma amiga de uma coisa que ela fez, e ainda tenho que

acrescentar uma crítica negativa ao desempenho dela no palco. — O último detalhe é bobo e cruel. Mas o que não consigo entender é como o NERVE soube que estou brava com Sydney. Quem contou a eles? Liv e Eulie? Acharam que estariam me ajudando?

Ian desliza a mão por meu braço.

— Não é tão ruim, se pensar em tudo que já fez hoje à noite. Aquelas meninas na zona podiam ter arrancado seus olhos. Sua amiga não faria isso, certo?

Eu penso um pouco.

— Não. Ela é mais dramática que violenta. — Suspiro alto. — Mas esse desafio vai ser mais difícil. Até agora fiz coisas horrorosas na frente de estranhos. Essas pessoas são meus amigos. — Teoricamente, devia ser mais fácil, mas nada neste desafio será fácil.

A mão dele é macia e quente sobre a minha.

— Entendi.

Será que entendeu mesmo? É difícil imaginar Ian sem palavras ou envergonhado na frente dos amigos. Ele ficou nervoso quando o cafetão quis levá-lo para dar uma volta, mas quem não teria ficado?

— Não vai me falar que acusação tem que fazer contra sua amiga? — ele pergunta.

Suspiro.

— Tem a ver com um cara. Mas é uma velha história. —
É surpreendente a rapidez com que meus sentimentos por
Matthew perderam força.

Ian levanta uma sobrancelha.

— Esse confronto vai acabar em briga de verdade? Por
favor, diz que sim. Eu pago.

Bato no braço dele.

— Nem sonhando. Esse cara não merece o esforço. Já
falei, a história é antiga. — Nada como um cara lindo para
tirar outro gato da cabeça.

— Quanto tempo?

Dou uma olhada no telefone.

— Umas três horas.

Nós dois damos risada.

O celular dele vibra. Ian lê a mensagem e parece confuso.

— Meu desafio tem duas partes, mas só mandaram a
primeira, na qual eu sou basicamente um anexo do seu
desafio.

— O que tem que fazer?

— Flertar com a gata mais gostosa da festa.

Meu coração fica apertado. Mais um prêmio para Sydney.
Como o NERVE descobriu que essa era a melhor maneira de

estragar minha noite? Acusar Syd enquanto Ian flerta com ela é como um inferno feito sob medida para mim. Faço uma careta. Depois percebo que o inferno só vai acontecer se eu concordar.

— Bom, o prêmio não interessa — anuncio. — Vou desistir.

Ele endireita as costas.

— Por quê? Não é perigoso. Você vai ver seus amigos. E estarei com você o tempo todo.

— Não, vai estar ocupado dando em cima da gata mais gostosa da festa. — E ela vai dar mole.

Ian segura meu rosto entre as mãos.

— A gata mais gostosa da festa vai ser você, não tenho nenhuma dúvida.

Estudo sua boca suculenta.

— Ainda não conhece minha melhor amiga divaliciosa, Sydney, a estrela da peça e de todos os outros eventos do colégio. — Pronto, agora ele vai começar a enxergar a verdade. Minha confissão é a primeira brecha na fachada desse sonho que construímos e que é mais temporário que qualquer cenário que Tommy tenha montado para a peça.

O olhar dele ganha intensidade.

— Eu já te conheço. E garanto que é mais interessante que qualquer rainha do teatro. Flertar com você vai ser o mais fácil de todos os desafios.

— Ah, você fala de um jeito que faz tudo parecer quase tentador.

— E você sabe bem o que é tentação. — Ele tira um dos elásticos do meu cabelo, depois o outro, enquanto se inclina para mim bem devagar. Uma vibração elétrica percorre minha pele quando nossas bocas se encontram. A dele é tão deliciosa quanto parece. Eu poderia me afogar nesse cara. E me afogo. Perco a noção do tempo quando colamos um no outro. Ele tem gosto de frutas, do tipo que nunca enjoa. Meu corpo dói nos lugares certos. Mal consigo respirar quando nos afastamos.

A voz dele sai rouca.

— Vee, esse desafio tem tudo a ver com você. Faço o que for preciso para você brilhar na frente dos seus amigos. Essa garotinha do teatro vai ser completamente esquecida quando a gente acabar.

Como se fosse possível esquecer Sydney. Ela sempre foi maior que a vida, desde o primeiro dia do jardim de infância, quando chegou usando uma tiara e penas de pavão. Todas as crianças queriam brincar com ela, mas Sydney me escolheu

para ser sua confidente, a menina quieta que combinava as cores das roupas com as dos lápis e das borrachas. Naquela época, eu usava muito cor-de-rosa e amarelo.

Mas naquele ano, e em todos desde então, continuei me sentindo especial por ela ter me escolhido, por valorizar minha opinião. Não que ela não colocasse a opinião dela acima de tudo. Sydney sempre dizia ser ótima para julgar o caráter das pessoas e que soube, desde o primeiro dia, que seríamos amigas para sempre. Aceitei a amizade dela com gratidão, e se todo mundo me via como sua escudeira, eu não me incomodava com isso. Ela pode ser dramática e mandona, mas sempre foi leal. Até hoje. Como ela teve coragem de me trair?

Estudo o rosto perfeito de Ian. Ele reage deslizando um dedo por minha têmpora, e o contato me faz tremer por dentro. Nunca imaginei que um toque tão leve poderia ser tão bom. Que incrível seria aparecer no teatro com alguém que parece estar tão a fim de mim. Pela primeira vez, vou ficar com o prêmio. A imagem é deliciosa demais para ser ignorada.

Calculo. Podemos chegar ao auditório em vinte minutos e sair de lá em mais dez. Com sorte, consigo chegar em casa

na hora determinada. E se não chegar, talvez meus pais durmam assistindo a algum jornal noturno na televisão.

Ian sorri.

— Se eu completar a primeira parte do meu desafio, o prêmio é um cartão-presente do Gotta-Hava-Java. Não vai querer que eu perca, vai?

— Ah, o barista vai te receber de braços abertos.

— Vai receber nós dois. Você vai comigo.

Um encontro. O futuro. É tudo tão mágico! Quando ele menciona o prêmio, percebo que ver o nome de Syd na mensagem do NERVE me fez esquecer de clicar no link para saber o que eu ganharia. Respiro fundo, pego o celular e vejo o que eles oferecem.

Fico boquiaberta.

— Caramba, se eu cumprir esse desafio, poderei fazer compras na minha loja de roupas favorita. Com um limite de três mil dólares. — O suficiente para um guarda-roupa novo. Ainda vintage, é claro, mas bem menos simples, mais chamativo... não, não chamativo, mais notável. E por que não? Completei dois desafios hoje. As pessoas vão me olhar de outro jeito quando eu voltar ao colégio na segunda-feira.

Ele se aproxima um pouco mais.

— Não tem nada de ruim, gata.

Meu Deus, vou encarar o desafio só para ele continuar me chamando de “gata”.

— Mas eu nunca acusei Sydney de nada. Não desse jeito. — Torço as mãos sem saber como continuar. — A maioria das discussões que temos é boba, já que ela sempre faz as coisas do jeito dela. Quando ficamos realmente bravas uma com a outra, ela entra no modo *reality show* e chora e bate o pé enquanto eu fico quieta. Mas a gente sempre se acerta. E nunca brigamos por causa de um cara. — Melhor não explicar que seria inútil. Sydney sempre pega quem ela quer, independentemente do que pensam as outras pessoas.

— Ela deve ser mimada. E o cara por quem estão brigando deve ser um idiota.

Dou risada. Matthew ficaria com ciúme se me visse chegar com Ian? Ele bem que merecia, depois de ter me enrolado nas últimas semanas. Sydney entenderia minha vontade de castigá-lo. E teria que me respeitar por chamar sua atenção por ter dado em cima de alguém de quem eu estava a fim, mesmo que fosse de um jeito dramático. Por outro lado, quem melhor que ela para apreciar um bom drama? Esta noite poderia ser o momento de uma mudança radical na nossa amizade. Um momento que daria um pouco de equilíbrio à relação.

Imaginando patriotas clamando por justiça, digo:

— Tudo bem, vamos encarar.

Ele liga o motor.

— Vee, Vee, Vee — repete ele com os olhos meio fechados
—, você é tão...

Ian olha para mim, e tenho a sensação de que seus olhos penetram na minha alma.

— Tão, tão. É isso que você é. Tão, tão, tããããã.

Aquela boca!

— Você é tão, tão, tão você!

No farol fechado, ele me puxa e me faz lembrar o quanto ele também é tão, tão. Um carro atrás de nós buzina quando o farol abre.

Mais rápido do que eu esperava, chegamos ao estacionamento. Vejo pelo menos uma dúzia de carros, mas não o de Tommy. Ele deve estar assistindo aos desafios e se preocupando comigo em casa. Se ainda estiver vendo o jogo, espero que entenda. Como eu poderia saber que o NERVE me proporia um desafio como esse? Pensando bem, qual é o interesse desse desafio para a plateia? Os Observadores não vão poder entrar na festa. A senhora Santana não é lá uma grande supervisora, mas expulsaria todos os desconhecidos bem depressa. Talvez o NERVE esteja montando um conto de

fadas completo sobre como eu gostava do Matthew, mas agora também gosto do Ian. A plateia vai pensar que está testemunhando um triângulo amoroso. Bem esquisito, considerando que Ian vai filmar toda a cena. Mas, se é assim que o NERVE quer gastar sua verba, eu não me importo.

Bom, talvez me importe um pouco. Agora que chegamos, não sei se quero que Ian veja Sydney. Quando foi que um cara prestou mais atenção em mim do que nela? E se ele não conseguir resistir?

Ian desliga o motor.

— A chuva diminuiu. Vamos correr antes que aumente de novo.

Não há tempo para considerar as opções. Quanto mais eu penso, maior é a chance de perder a coragem. E estou cheia disso. Mordo o lábio inferior para ficar vermelho e inchado, a maquiagem da garota pobre. Cobrimos a cabeça cada um com sua jaqueta e corremos embaixo da garoa.

— Hora do show, linda — Ian anuncia segurando minha mão.

Forço um sorriso e respiro fundo. E de novo.

É. Hora do show.

nove

Entramos pela porta principal do auditório e limpamos o rosto molhado com a manga da blusa antes de seguirmos em frente. A música animada faz coro para as risadas altas. Quando entramos na sala principal, Sydney, ainda vestida com o espartilho apertado o bastante para asfixiar a maioria dos mortais, se movimenta pelo palco seguida pelos homens do elenco, gays e héteros. Eles desaparecem atrás de um biombo que Tommy criou e eu ajudei a pintar. Dependendo de como o material fino era iluminado durante a peça, a plateia via uma pradaria no ártico ou o cenário austero de uma sala de interrogatório. Agora é a pradaria, com Sydney retratada como sua mais colorida borboleta.

Fecho a jaqueta como se fosse um casulo e observo Ian olhando para os atores. Ele está olhando demais para Sydney?

Quando me vê, ela pula do palco.

— Veeeeee! Todo mundo estava te procurando!

Apesar do salto de dez centímetros, ela corre pelo corredor central e quase me derruba com um abraço tão

apertado que sinto no peito as varetas de bambu do figurino.

Quê? Se ela ficou brava com meu desafio na noite anterior, agora deveria estar furiosa. Talvez tudo isso seja só uma encenação para mostrar à plateia que ela apoia a melhor amiga. O que é difícil de acreditar, depois de ter me traído em público com Matthew.

Ela se afasta e olha para Ian. Ele me abraça e estende a outra mão para cumprimentá-la.

Sydney ri e mostra o celular.

— Eu sei quem você é. Todos nós sabemos. Viram as rodadas do grande prêmio em Chicago? Um cara acabou de nadar em vísceras de peixe.

Ela acena para Jake, um garoto quase tão pequeno quanto eu, e ele mostra um tablet. Alguém se move no vídeo, e juro que consigo sentir o cheiro de peixe estragado. Assim que o clipe chega ao fim, vejo o anúncio que cobre a tela. É uma imagem de uma menina nadando em alguma outra coisa nojenta, porém verde, e ela está ofegante. Um quadro na tela substitui essa foto por outra, a de uma garota de tranças e uma camiseta de vampiro fugindo de outras duas vestidas com shorts curtos e brilhantes. Ai, meu Deus.

Apono para a tela.

— Não acredito que estão usando fotos minhas para promover o jogo.

Sydney geme diante da minha reação.

— Ah, pode acreditar. E o que vieram fazer aqui? O jogo acabou? Decidiram não arriscar tudo que já ganharam em uma rodada com um grande prêmio? Acabou de começar uma no Colorado.

Ian abaixa o braço e afaga minha cintura, um movimento que Syd percebe.

— Estamos meio que esperando para ver o que acontece. Sua maquiagem está incrível, aliás.

Ela passa a mão no rosto.

— Sim, Vee é muito talentosa.

Ele cola o rosto ao meu cabelo por um momento.

— Sim, muito.

Sydney inclina a cabeça para o lado como se não o tivesse ouvido direito.

Em parte, quero curtir o momento, mas outra parte de mim quer acabar logo com isso. Agora. Sem pensar se estou pronta ou não, começo a falar.

— Ah, Syd, tem uma coisa sobre a qual precisamos conversar. — Queria poder contar a ela que isso faz parte de um desafio.

Ela franze a testa.

— Que coisa? Por que decidiu continuar jogando NERVE, por exemplo? Acho que entendo. — Ela pisca para Ian.

Qual é a dela? Está pensando que vamos interferir por ela no mês que vem, quando se inscrever para jogar?

Ian a ignora e pega o celular como se quisesse dar uma olhada em suas mensagens. Ele olha para mim e me joga um beijo, e em nenhum momento seus olhos desviam para Syd. Acho que estou apaixonada.

Sydney fica ali parada e confusa. Algum cara já a ignorou antes?

— Então, Syd... — continuo.

Uma porta bate em algum lugar no fundo do teatro.

Tommy entra pelo corredor central. Os olhos dele são como lasers sobre mim.

Uma onda de culpa ameaça me engolir. Aceno sem nenhum entusiasmo. O que ele está fazendo aqui?

Tommy levanta uma câmera que parece ser profissional. Na frente da lente, um microfone acoplado lembra um chifre de rinoceronte. Caramba, ele deve ser nosso Observador oficial.

Viro para Ian, mas ele está olhando para o telefone com uma expressão perplexa. Depois engole em seco e diz:

— Fala logo o que tem que falar para ela. Depressa.

Pigarreio e digo:

— Syd, aceitei participar das partidas ao vivo porque estava furiosa com você.

Ela leva uma das mãos ao peito.

— Comigo?

Não consigo deixar de sentir um pouco de pena. Meu comportamento e o desprezo de Ian por ela devem estar cozinhando seus miolos e ela deve estar questionando a realidade de seu mundo.

Tommy para ao nosso lado. Agora, eu e Syd estamos bem embaixo da haste do microfone. A luz vermelha da câmera pulsa num ritmo furioso.

Sydney estreita os olhos.

— O que está fazendo, Tommy?

Ele leva um dedo aos lábios.

Agarro o braço de Sydney.

— Vamos para o camarim.

Ela resiste.

— O que é isso? Você pirou? — Sua voz está um pouco mais alta.

Ela realmente não sabe?

— Eu falo quando a gente tiver um pouco de privacidade.

Tommy resmunga:

— Se quisesse privacidade, seu namoradinho não estaria transmitindo tudo.

A ruga na testa de Sydney se aprofunda. Ela tenta agarrar o celular de Ian.

— Também está filmando? Isso é um desafio? Está fazendo tudo isso para cumprir mais uma prova?

Ian guarda o celular no bolso e, em vez de responder a Sydney, olha para todo mundo na sala, como se desafiasse as pessoas a me deterem.

Tento concluir a horrível tarefa.

— Syd, escuta, eu só preciso falar uma coisa muito rápida, depois a gente vai embora. — Digo a mim mesma que isso não é invasão de privacidade. Não que ela algum dia tenha se importado muito com privacidade. Sua página do ThisIsMe é cheia de fotos dela usando biquíni.

Falo em voz baixa:

— Fiquei furiosa porque você deu mole para alguém de quem sabia que eu estava a fim.

— Mais alto — diz Tommy. — Os Observadores não ouviram.

Sydney cruza os braços, o que só aumenta o volume dos seios. Agora que sabe que está em cena, é impossível prever

o que ela vai fazer, exceto se mostrar gloriosa para a plateia. Ei, espera aí, esse público é meu.

Quanto mais depressa eu cumprir o desafio, maior é a chance de sobreviver a ele. Ou não desmaiar, pelo menos. Já estou enxergando pontinhos.

— Você sabia que eu estava a fim de um dos seus colegas de elenco. — Olho para Ian torcendo para ele ter notado que usei o verbo no passado, mas ele nem parece estar prestando atenção em mim. Seu rosto é uma máscara de sofrimento.

Continuo mesmo assim:

— Mas você se jogou em cima dele, na última cena. O roteiro pedia um beijo, não um amasso.

Syd arregala os olhos.

— Está falando do Matthew? — A voz treinada alcança todos os cantos do teatro.

— De mim? — Matthew estranha e pula de cima do palco. Quando ele se aproxima de nós, noto três cores diferentes de batom em seu rosto e sinto vários perfumes. O cara é praticamente uma placa de Petri lambuzada de fluidos.

Levanto a mão na frente dele.

— Não tem nada a ver com você, Matthew.

Alguém desligou a música. A senhora Santana? Onde ela estava, aliás? E onde estavam Liv e Eulie? Elas ficariam do meu lado, tenho certeza. Todo mundo olha para nós, e algumas pessoas levantam o celular. Até o Jake, o único que me ajuda de vez em quando com a criação dos figurinos, levanta o tablet para gravar a cena. Eu já devia ter me acostumado com esse tipo de atenção, mas as lentes das câmeras são como ferro quente em minha pele.

Olho para todo mundo.

— Tudo bem, voltem para a festa. Logo isso tudo vai estar disponível on-line.

Ninguém se move.

Esfrego as mãos.

— Enfim, era só isso que eu queria dizer, Sydney. Agora vou embora. Ah, e você carregou demais na emoção durante a cena do interrogatório. — Isso devia cumprir todas as exigências do desafio. E agora que terminei, não me sinto mais tão brava com ela. Quem se importa com Matthew?

Sydney agarra meu braço.

— Vou te mostrar o que é carregar demais na emoção. Acabou de me acusar de traição. Não pensei que ainda estivesse levando Matthew a sério, não depois de todos os avisos que te dei. — O rosto dela estava vermelho, o que

teria ficado horrível em qualquer outra pessoa, mas realçava sua incrível estrutura óssea. — Você já me acusou de algumas bobagens antes, mas eu nunca te trairia. Não percebeu como Matthew me agarrou no palco? Não consegui me soltar. Está vendo este hematoma? — Ela mostra o braço.

Matthew não queria soltá-la? Ele tinha mania de segurar com força. E o fato de ser ele o responsável pelas flores não significa que ela correspondia ao interesse dele. Cara, pisei na bola. Dou um passo para trás.

— Ah, desculpa. Olha, a gente conversa sobre isso amanhã, está bem?

Ela me segue.

— Não, vamos conversar agora. É para isso que servem as câmeras, afinal. — Com as mãos na cintura, Sydney está uns quinze centímetros mais alta que eu, graças aos sapatos idiotas que escolhi para compor seu figurino.

O teatro está em silêncio. Olho em volta e vejo rostos e celulares voltados para mim com a intensidade de um júri. Droga. Pisei na bola feio. Sydney está ali parada como uma estátua, radiante, indignada. Como sempre, ela é a vencedora.

— Estou esperando uma explicação, Vee — diz, batendo um dos pés no chão.

Todo mundo parece ter adotado a mesma postura. Juro que todos estão batendo o pé no chão. O teatro vibra com o clima de acusação. De novo, eu sou a sombra, mas agora minha condição rebaixada é evidente para milhares de pessoas, e não mais um segredo atrás da cortina.

O tempo parece parar. Como posso reverter a situação para os momentos deliciosos no carro de Ian antes de ele ter testemunhado essa tremenda humilhação? Pena que Tommy também está bravo comigo. Se alguém teria capacidade para inventar uma máquina do tempo, esse alguém seria ele.

Como um último recurso, sacudo a mão direita ao lado do corpo para chamar a atenção de Sydney. Quando atraio seu olhar, uso a linguagem dos sinais para dizer: “Desculpa. De verdade. Deixa eu ir embora”.

Ela olha para minha mão e sua expressão fica mais suave. Vai me dar uma trégua? Sydney deve entender por que pensei que ela havia me traído, por que fiz o que fiz. Quem me conhece melhor? E quem sempre quis me proteger?

Prendo a respiração e sinalizo: “Por favor”.

Ela levanta a cabeça.

— Você me deve desculpas. Agora.

Acabei de pedir desculpas na linguagem dos sinais. Ela quer me humilhar publicamente? É claro que sim. Retaliação. Como as coisas tomaram esse rumo? Sinto um calor invadir meu peito.

— Tenho que ir.

Os olhos dela estão cravados nos meus.

— De novo? Depois de me trair e oferecer sua crítica especializada sobre o meu desempenho no palco? — Sydney balança a cabeça. — Devia ter esclarecido tudo logo depois da peça. Sem as câmeras. Não ficou nem para dar um oi aos seus pais.

Paro de respirar por um segundo.

— Meus pais?

Ela faz um tsc tsc.

— É, eles estavam muito orgulhosos. Até descobrirem que você havia ido embora sem dizer a ninguém aonde ia. Bom trabalho, Vee.

Imagino a cara dos meus pais. Foi muito difícil convencê-los a me deixar recuperar a liberdade. E eu queria provar aos dois que não tinham com que se preocupar. Como pude desapontá-los tanto? E Syd, como ela teve coragem de envolvê-los nisso? Esse é o pior desafio. Se eu não houvesse me inscrito no NERVE, teria ficado no teatro para

cumprimentar meus pais, mostrado a eles que tudo havia realmente voltado ao normal. Mas estraguei tudo por causa de um celular novo e um par de sapatos. Lágrimas de frustração e raiva começam a correr por meu rosto.

Ian se aproxima.

— Estão satisfeitos agora, babacas? — De repente, ele pula em cima de Jake e pega seu tablet. — Desliga essa coisa antes que eu te arrebente.

Seguro o braço de Ian.

— Jake é legal.

Ian me empurra e cola o rosto no de Jake.

— Sai daqui, otário.

Jake recua e parece à beira das lágrimas. Ele tropeça nas cadeiras tentando se juntar ao restante do elenco no palco.

Ian agarra minha mão.

— Vem.

Não quero ficar com ele enquanto estiver agindo desse jeito, mas ficar ali, onde todo mundo me olha como se eu fosse uma criminosa, é ainda pior.

Quando passamos por Tommy, ele abaixa a câmera. Vejo as sombras escuras que se formaram embaixo de seus olhos.

— Mais um brilhante desempenho.

Olho para ele.

— Espero que a recompensa pelo trabalho de cinegrafista seja boa, Tommy.

Ele bufa enquanto enrola um cabo.

— Vão me dar o que eu queria.

Alguma coisa me faz parar e dizer:

— Olha só, para sua informação, quando falei com você, eu estava mesmo decidida a parar, mas eles me ofereceram esse desafio, e a proposta foi irrecusável.

— Se isso é o que chama de proposta irrecusável, você não é a garota que pensei que fosse.

Não sou a garota que eu pensei que fosse. Não sei quem eu sou. Tudo que sei é que estou saindo do teatro com Ian e de cabeça baixa.

Sydney corre atrás de nós quando estamos no saguão. Ela mudou de ideia?

Ofegante, ela anuncia:

— Apesar de estar furiosa com você, acho melhor não sair daqui com esse cara. Desiste do jogo. Aquele desafio de fingir que era prostituta foi muito perigoso. E pense neste desafio, em como tudo aconteceu. Tem certeza de que quer sair com esse babaca depois do que ele fez com Jake?

Ela encara Ian, que desvia o olhar com evidente desconforto. Toda a fúria que ele exibiu momentos antes

havia desaparecido. Dupla personalidade?

— Só quero ir para casa — digo.

Ela fala para Ian:

— Pode dar licença um minuto? Sem espancar ninguém?

Ele suspira alto e sai do teatro.

Sydney balança a cabeça.

— Sei que ele é gato, mas, Vee, fala sério, preciso mesmo explicar por que não deve sair daqui com ele?

O cansaço ameaça me dominar.

— O que acha que eu sou? Uma idiota desmiolada incapaz de cuidar de si mesma?

Ela levanta um dedo com uma unha perfeita.

— Estou falando como sua amiga, embora você não tenha agido como minha amiga nos últimos minutos. Esse cara é encrenca.

Suspiro.

— Como você sabe?

Ela torce o nariz.

— Você viu o que ele acabou de fazer com o Jake. E antes disso... Tem alguma coisa muito, sei lá, muito perfeita nele.

Sinto a tensão no pescoço.

— Perfeito demais para mim? É isso?

— Não foi isso que eu quis dizer.

Mas é isso, vejo na expressão dela.

— Boa noite, Syd. — Saio dali para tentar pensar. Talvez eu deva chamar um táxi.

Ian está parado embaixo do toldo, que não é uma grande proteção contra a chuva e o vento. Sua expressão é triste, não furiosa, mas, mesmo assim, não quero entrar no carro com ele.

Sem me aproximar, pergunto:

— O que foi aquilo?

Ele bate na parede com a mão aberta.

— Meu desafio. Os cretinos queriam que eu me comportasse de um jeito que desprezo. Desculpa.

Ah, droga, é claro. O jogo não ia deixar nós dois ganharmos uma etapa sem criar dificuldades. Chego perto dele e o empurro em direção ao carro. Quando estamos nos afastando do prédio, Sydney abre a porta e fala alguma coisa que é levada pelo vento. Quando entramos no carro, Ian liga o motor e o aquecimento.

Sua feição ainda está tensa.

— Acha que o Jake vai ficar bem?

— Vai, você não bateu nele de verdade.

— Mas humilhei o cara. E o assustei. Sério, às vezes é melhor levar um soco do que passar por isso.

— Verdade. Esse desafio foi horrível. Agora todos os meus amigos me odeiam.

Ele segura minha mão.

— Tem um pequeno consolo nisso: você enfrentou Sydney. E ficou uma graça com as mãos fechadas daquele jeito.

— Porcaria. Queria que houvesse um jeito de entrar no site do NERVE e apagar tudo. — Olho para o celular. Faltam dez minutos para a meia-noite. Mesmo que a gente corra até o boliche para pegar meu carro, não vou conseguir chegar em casa na hora determinada. Bom, ficar de castigo de novo não vai fazer nenhum grande estrago na minha vida social. Já estraguei tudo mesmo.

— Tenho que ir embora — falo.

Ele assente e parece tão derrotado quanto eu me sinto. Mas, antes que Ian saia do estacionamento, meu celular e o dele tocam, e agora são notas agudas e sininhos. Não tenho energia para atender o meu. Esse jogo acabou com a minha vida e agora quer me animar com essa musiquinha tilintante que parece vir do céu? Assim que tiver força para isso, vou responder à mensagem do NERVE com um grande “desisto”. Por ora, tudo que faço é apoiar a cabeça nas mãos. A

qualquer momento, vou chorar um tsunami que vai deixar marcas de rímel borrado em seu rastro.

Mas o carro não sai do lugar. E depois de um instante, Ian sussurra:

— Você não vai acreditar nisso.

dez

— Só me leva para casa, por favor. — Eu disse quase suplicando e tentando não desabar por completo, pelo menos até chegar em casa. Eu me forço a pensar em um tempo em que eu não era completamente horrível, por exemplo quando meu projeto de um vestido reutilizável de festa de formatura ganhou a medalha de prata no concurso de moda. Sydney ficou orgulhosa naquele dia e me fez prometer que eu desenharia seu vestido de noiva quando chegasse a hora. Porém, essa linha de pensamento só me faz lembrar que, mesmo nos meus interesses, estou em segundo lugar, nunca, nunca sou a estrela. E que Syd tem sido a amiga leal, não eu. Agora Ian me viu como sou: uma imitadora sem nada de especial, uma sombra na órbita de Sydney e seus megawatts. Não que ela ou mais alguém ainda me queira como amiga depois desta noite.

Ian se aproxima tanto que sinto seu hálito na minha orelha. Aquela boca perfeita cochicha:

— Sério, dá uma olhada nisso.

Descubro os olhos e vejo o celular dele na minha frente. A tela exibe uma montagem dos desafios que cumprimos esta noite, além de uma faixa que anuncia:

OLHA QUEM A GENTE QUER PARA
OS DESAFIOS DO GRANDE PRÊMIO!

Os olhos de Ian brilham.

— Estão em Seattle. Se eu completar os desafios, ganho um carro e um crédito enorme para combustível, o suficiente para ir para qualquer lugar.

— Aonde quer tanto ir?

Ele engole em seco.

— A questão é poder partir. A liberdade.

— O que eles querem que você faça para ganhar o carro?
Bungee jump sem corda?

Ele ri.

— Essa é minha garota.

Sua garota? E como ele consegue se divertir com isso?

— É sério. Deve ser um desafio impossível.

Ian dá de ombros.

— Vamos descobrir logo. Dá uma olhada no seu telefone para ver qual é seu grande prêmio.

— Quem se importa?

Ele sorri lentamente.

— Você.

Fecho os olhos. É verdade. Apesar do ódio que passei a sentir por esse jogo, estou curiosa. O NERVE sempre acena com coisas que eu quero muito. O que eles acham que vai conseguir me atrair, depois do desastre do desafio com Sydney? Um passaporte falso com CDs de um idioma estrangeiro e moeda do país em questão?

— Vou ver o que eles oferecem se você me levar de volta ao boliche. Já estou atrasada.

Ele dirige enquanto olho o celular. Quando leio a mensagem, tenho a sensação de que o sangue desaparece das minhas veias. Minha voz enfraquece.

— Ai, meu Deus, não pode ser sério.

— Você sabe que pode. Já viu o vídeo daquele ganhador que voou com os Blue Angels?

Engulo em seco. Não sinto mais o nó na garganta que estava ali até um minuto atrás, porque o desespero foi superado pelo choque.

— Uma bolsa integral para a faculdade de moda.

— Legal.

Mais uma mensagem chega enquanto estou olhando para o aparelho. Minha voz treme quando a leio:

VOCÊS FORMAM UMA EQUIPE INCRÍVEL.
PRONTOS PARA O TUDO OU NADA?

AQUI VAI O DESAFIO:

- VÃO AO CLUB POPPY E ENTREM NA SUÍTE VIP ÀS 00H30. (MAPA A SEGUIR).
- PARTICIPEM DE UMA ENTREVISTA DE CINCO MINUTOS.
- PERMANEÇAM NA SUÍTE VIP POR TRÊS HORAS E COMPLETEM OS DESAFIOS DO GRANDE PRÊMIO QUE SERÃO PROPOSTOS A VOCÊS LÁ.

Ian e eu nos olhamos. A chuva agora é só uma garoa fraca, deixando pedras preciosas de luar nas vidraças. O pior da tempestade parece ter passado.

Balanço a cabeça.

— Acho que é uma boate privada. Pelo menos não estão sugerindo que a gente vá a um matadouro abandonado na periferia.

Ele sorri.

— Parece que está pensando em encarar. O desafio do grande prêmio, não o matadouro.

— Meus pais me matariam.

Ele ri.

— Enfrentou um bando de virgens furiosos, fingiu ser prostituta, escapou de um policial e desafiou sua melhor amiga. E agora está com medo de chegar tarde em casa?

— Minha mãe é mais assustadora que tudo isso.

— O que ela pode fazer? Qual é a pior possibilidade?

Olho para o teto.

— O pior? Castigo até o fim do ano, para começar. Não estou exagerando. Estou de castigo desde novembro.

Ele coça o queixo.

— A bolsa para a faculdade de moda não amenizaria essa fúria? Só teria que lembrar a ela de toda a diversão que ela e seu pai poderão ter com o dinheiro que guardaram para pagar sua universidade. Férias em Fiji, talvez? — Ele segura minha mão de um jeito casual, como se fôssemos um velho casal, mas a pele em contato com a minha é elétrica, nova.

— É mais complicado que isso. Faz um tempo que a situação anda bem estranha entre mim e meus pais. — E por que não conto logo que marca de absorvente eu uso, já que estamos nesse nível de intimidade?

Ele respira fundo.

— Talvez você precise desse desafio. Para melhorar as coisas. Minha pele arde, sensível, como se ele estivesse vendo demais.

— Se eu não for para casa logo, eles vão ficar preocupados.

— Telefona e dá uma desculpa. Seu carro é velho. Diga que quebrou, e eu estou ajudando a consertar.

— Eles não vão acreditar nisso. E, mesmo que acreditem, viriam atrás de mim. A câmera do meu celular é uma porcaria, mas o GPS é nível FBI.

— Tudo bem, você tem que decidir o que é melhor. Ir para casa agora, mais tarde do que deveria, com crédito para roupas novas e um celular, ou ir para casa com mais algumas horas de atraso e uma bolsa integral para a faculdade. Se ficar de castigo, use o tempo livre para trabalhar no seu portfólio ou no que for preciso para ser aceita na escola mais cara, na melhor escola. E não esqueça os outros benefícios. Quando seus amigos souberem que você arrebentou na rodada do grande prêmio, vão esquecer aquela cena com Sydney e provavelmente até dar risada de tudo.

Dar risada. É claro. É evidente que ele está falando tudo isso porque acha que ainda precisa de mim como parceira e quer o carro novo. Estou me sentindo meio pressionada, mas ele tem o direito de tentar, não tem? De qualquer maneira, mesmo sem todo esse incentivo, a ideia de ir para uma

faculdade de moda brilha radiante na minha cabeça como um farol. Principalmente depois de boa parte da poupança para a universidade ter sido usada para pagar as contas do hospital. É claro que vou ter que pôr em risco os prêmios que já ganhei, mas nenhum deles vai servir para amenizar a tensão na minha família ou abrir caminho para um recomeço.

Cruzo os braços.

— O que acha que vai acontecer na sala VIP? Com milhares de Observadores, eles não podem fazer nada grave com a gente, não é? — Segurança para publicidade, meu novo mantra. Quantos programas de TV lançaram mão desse conceito para evitar que seus participantes se matassem?

Ele batuca com os dedos no volante.

— Eles podem armar para alguém bater na gente. Como aqueles Adeptos da Pureza, mas duvido que a situação escape do controle. Eles querem continuar atraindo jogadores.

Paramos em um farol fechado, e olho pela janela para um homem que passeia com seu cachorro. Quando ele levanta a cabeça, nossos olhares se encontram. Meio sobressaltado, ele muda de direção, puxa a coleira e atravessa a rua como se

tivesse medo de ser atacado. Estou tão horrível assim?
Ninguém nunca teve medo de mim antes. Nunca.

Notas suaves de piano brotam do meu celular.

REVIMOS OS ÚLTIMOS VÍDEOS DE IAN E TOMMY.

PARECE QUE O ÚLTIMO DESAFIO CUSTOU
MAIS CARO PARA VOCÊ DO QUE HAVÍAMOS
PERCEBIDO. QUE TAL UMA CHANCE
DE AJEITAR AS COISAS? SE COMPLETAR
OS DESAFIOS DO GRANDE PRÊMIO,
ACRESCENTAMOS UMA ENTREVISTA
PARA SYDNEY COM UM AGENTE
DE HOLLYWOOD. É NOSSA MANEIRA
DE APAGAR OS RESENTIMENTOS
ENTRE DUAS GRANDES AMIGAS.

Sydney adoraria! Esse pode ser seu grande começo,
melhor que qualquer oferta que eu jamais poderia fazer. É
como se o NERVE nos conhecesse muito. Por que eu me
surpreendia com isso?

Recebo outra mensagem de texto:

ACEITA OU NÃO? SEUS OBSERVADORES
ESTÃO ESPERANDO.

Nossos Observadores. De que tamanho é o nosso público? O elenco e a equipe do teatro ainda estão assistindo a tudo, provavelmente. Ou não? Preciso do conselho de alguém em quem confie, alguém que não tenha em jogo um carro novo. Tento telefonar para Eulie, depois para Liv, mas as duas ligações são bloqueadas.

Outra mensagem?

VOCÊ TEM QUE TOMAR ESSA DECISÃO SOZINHA.

— Não posso ligar para ninguém. — Passo a mão no meu cabelo sem graça. — Nem mesmo para os meus pais para inventar uma desculpa, se eu quiser me atrasar mais.

Ele olha para mim, depois para a rua.

— Vai ter que pedir desculpas depois do fato consumado. Se decidir continuar, é claro. Você que sabe, Vee.

Eu que sei.

Olho para ele e penso em voz alta.

— Três horas em uma suíte confortável em uma boate, com milhares de pessoas vendo cada movimento que fazemos. Para pagar a faculdade de moda. E você ganha um carro novo.

— Liberdade para nós dois.

— É, liberdade e mais alguma coisa, talvez. Tenho sido uma grande decepção para muita gente.

— Duvido. Você tem muita empatia pelas pessoas. Ficou preocupada com o risco de ofender a pureza daquela gente no boliche. E queria ajudar as prostitutas, mesmo depois de elas ameaçarem te socar. Você tem coração, Vee. E presença. Não sei por que esconde essas coisas quando está com seus amigos. Mas tive uma chance de te ver em ação, e isso tudo é muito sexy.

As palavras dele são como um bálsamo. Qualquer que seja a motivação. Ainda não sei até que ponto posso confiar nele. Não dá para confiar minha vida, é claro, mas provavelmente algumas partes do meu corpo.

Ele segura minha mão enquanto dirige e beija meus dedos.

— Tem que decidir o que vai fazer. Eu vou entender se achar melhor desistir. Sério.

Respiro fundo. Sem fazer mais nada, posso ir para casa com mil e quatrocentos dólares e prêmios incríveis. E Ian ainda fica com a passagem de ônibus, se quiser desistir do jogo por causa da minha decisão.

Mas, se eu desrespeitar ainda mais o horário estipulado por meus pais e enfrentar o que espera por nós nos desafios

do grande prêmio, posso mudar minha vida. Em vez de voltar ao colégio como a idiota que brigou com a melhor amiga na frente da câmera, serei alguém que arriscou tudo por uma grande vitória. Todo mundo vai saber que a morena contida que parece cantora do coro pentecostal não é quem eles pensavam que fosse.

Sou alguém com presença. Alguém que milhares de pessoas querem ver. E vai haver mais gente, se eu aceitar os próximos desafios. Esta noite me mostrou como pensar mais alto. Ou de um jeito diferente, pelo menos. Fingi que era uma prostituta, fala sério! Se consegui vencer esse desafio, o que mais posso fazer? Tentar um papel na próxima peça? Pedir um aumento no trabalho? Fazer Tommy não me odiar? Posso pedir desculpas a Sydney por tê-la envolvido no desafio hoje, mas me negar a acatar suas imposições no futuro. E talvez convença minha mãe e meu pai de que não tentei me asfixiar na garagem. Qualquer coisa é possível. Qualquer coisa.

Até outro desafio.

— Eu topo — cochicho.

— Isso! — Ele para o carro junto da calçada e se inclina para um beijo suave, depois outro mais demorado. As mãos

estão no meu cabelo, nos braços, na cintura. Quando ele recua, minha boca parece estar em carne viva.

— Não vai se arrepender — ele promete. — Eu te protejo. Sabe disso, não sabe?

— Uhum. — Com Ian do meu lado, ninguém vai me fazer parar. Ninguém vai nos fazer parar. Prendo a respiração e mando uma mensagem para o NERVE.

Ian liga o motor e manobra na rua para fazer o retorno. Apertamos a mão um do outro com tanta força que sinto sua pulsação forte e segura. Cada vez que paramos, os beijos são frenéticos. O NERVE acertou em uma coisa: agora somos uma equipe.

No caminho, tento mandar mensagens e ligar para meu pai e minha mãe com uma desculpa, mas, é claro, o NERVE bloqueou minha linha. Não há muito que eu possa fazer, a menos que a gente passe por um telefone público. Preciso pensar no prêmio. Escola de moda, família, futuro.



Levamos vinte minutos para chegar ao Club Poppy, um edifício de cinco andares com uma boate colorida e brilhante no primeiro andar. A música pulsante chega ao carro

enquanto Ian encontra uma vaga marcada como VIP perto da lateral do prédio.

Saio do carro e sou recebida por um vento úmido que castiga minhas pernas. Uma luz pisca sobre nós. Apesar da multidão aglomerada na entrada, o caminho para a porta lateral, identificada como “Sala VIP”, está vazio. Pelo menos é coberto por um toldo que nos protege da garoa. Corremos pelo caminho e paramos na frente de um porteiro enorme, que pergunta meu nome e o de Ian e compara nosso rosto com o que vê em seu celular.

Finalmente ele assente e, com um sorriso esquisito, abre a porta.

— Subam pelo elevador.

Lá dentro não sentimos mais o vento, mas ainda faz frio, apesar de eu estar encolhida junto de Ian. Nossos passos ecoam vazios no piso de mármore de uma área de entrada que tem um leve cheiro de cravo. Ouço o pulsar fraco de baixo e percussão vindo da boate. Fico surpresa por não ser uma música mais alta, mas acho que os clientes VIP contam com paredes à prova de som que permitem escolher o que se quer ouvir.

Na nossa frente tem um pequeno elevador, e sobre ele um cartaz com a inscrição “Bem-vindos, VIPs”, caso a gente

tenha esquecido que estacionou o carro em uma vaga VIP e passou pela entrada VIP. Entramos no elevador e nos vemos no espelho de corpo inteiro. Não pareço mais a ensolarada garota retrô de antes. Sombras escuras contornam meus olhos. O rosto de Ian também está abatido, com a mandíbula tensa. Quanto esta noite vai nos envelhecer?

— Não tenha medo — ele sussurra. Seu hálito é morno e faz cócegas na minha nuca.

Subimos vários andares antes de o elevador parar e abrir a porta para uma área carpetada em tons de vermelho e com uma iluminação ambiente bem aconchegante. À nossa esquerda tem um elevador mais largo identificado com a palavra “Governança”. Só tem mais uma porta, bem na nossa frente, e ela é de madeira entalhada e sem placa anunciando nosso status VIP. Parece ter sido tirada de um castelo, do tipo que tem masmorras. De repente, sinto vontade de virar e correr para casa.

Meu corpo deve trair essa inclinação, porque Ian cola o rosto ao meu.

— A gente consegue, Vee. São só três horas. Eu te protejo.
— Ele beija minha testa e acaricia meu braço.

Uma sensação morna e líquida inunda meu peito. Três horas por três anos de curso de moda. Mais importante, a

chance de consertar as coisas. Com um importante primeiro passo no meu caminho profissional, meus pais vão ter que acreditar que estou pensando no futuro. E é bom que acreditem. Além disso, Sydney vai pirar com a chance de conhecer um agente e, possivelmente, começar a realizar seus sonhos. Vamos recuperar nossa amizade; são muitos anos de confidências e muitos bons momentos para jogar tudo fora. Sim, esses prêmios podem fazer uma enorme diferença. Posso ganhar todos eles por minha família. Por minha melhor amiga. Por mim mesma.

Três horas. Menos de duzentos minutos. Já vi filmes mais longos que isso. Com um movimento afirmativo de cabeça, endireito os ombros.

Juntos, empurramos a porta pesada.

onze

Entramos em uma pequena sala com a mesma iluminação ambiente do corredor dos elevadores. Os únicos móveis são um balcão brilhante de recepção e três poltronas com mesinhas laterais sustentando uma coisa que não se vê mais em público: cinzeiros. Do outro lado do balcão há um corredor comprido, onde uma luz brilha cerca de nove metros para baixo. À nossa direita, no saguão, vejo duas portas com um luminoso sobre cada uma delas. “Ian” e “Vee”, eles anunciam.

Meu celular vibra.

ENTRE NA SALA PARA A ENTREVISTA.

— Hora de começar a ganhar seus prêmios — Ian comenta. Ele me beija e entra na sala marcada com seu nome. A porta fecha antes que eu consiga ver mais que uma mesa simples e paredes de um tom claro de verde.

Entro na sala “Vee”. Ela cheira a cedro e tem cabides ao longo de uma parede, o que sugere que, na vida real, aquilo é um closet para casacos. Mas hoje à noite o espaço foi

decorado como um aconchegante camarim com uma penteadeira brilhante de cerejeira e uma poltrona de couro vermelho na frente de um espelho bem iluminado. Eu me sento. Alguém deixou sobre a mesa um envelope com meu nome impresso em letra manuscrita. Dentro dele tem um cartão com cheiro de lírio e uma caligrafia floreada. Que coisa antiquada. O cartão diz para eu me arrumar e explica que há vários produtos disponíveis nas gavetas. Abro uma delas e encontro pilhas de pequenas embalagens de celofane, cada uma estampada com o logo de uma marca de cosméticos que só me permito comprar na época do Natal e cheias de pequenas porções de brilho labial, sombra para os olhos, rímel, tudo. A gaveta de baixo contém uma garrafa de água e um pacotinho com compressas frias. Bebo um grande gole de água e ponho uma compressa sobre os olhos inchados. O combo me refresca instantaneamente.

Notas tilintantes brotam de um pequeno alto-falante cor-de-rosa sobre a mesa, e uma voz feminina informa:

— Você tem três minutos antes de começarmos a entrevista.

Examino meu reflexo com objetividade, como faço com cada ator com quem trabalho. Pele acinzentada, olhos cansados, cabelo desgrenhado. Agora entendo por que o

NERVE sugeriu que eu me arrumasse. Mas que papel estou representando? A megera atrevida? A vítima inocente? Se eu pintar alguns ferimentos de guerra, talvez atraia mais simpatizantes. Ah, esquece. Vou como eu mesma, nada mais, nada menos.

Quando exploro as embalagens procurando as cores certas, experimento um pouco de conforto. Isso é o que eu sei fazer. Escolho a sombra cinza, rímel preto básico e delineador. Um pouco de pó para igualar o tom de pele e brilho labial para o acabamento. Encontro uma escova chique que promete alisar meu cabelo com um processo de ionização. A propaganda na TV sempre me fez duvidar dos resultados, mas, depois de algumas escovadas, meu cabelo fica sedoso.

Olho para minha imagem. É estranho ver meu rosto, em vez do de outra pessoa, na criação concluída. A pequena porção de maquiagem fez um pequeno milagre escondendo o resultado das dificuldades que enfrentei esta noite. Estou satisfeita. Porém, o espelho desaparece de repente, e minha imagem se transforma em uma tela preta. Opa. Na tela surge o rosto de uma mulher, e me lembro, de repente, de uma brincadeira de infância sobre um fantasma ensanguentado. Mas, diferente de uma assombração grotesca, essa mulher é

uns dez anos mais velha que eu, tem cabelos escuros e olhos azuis e usa uma camisa cheia de babados. Parece estranhamente familiar, até eu perceber que ela poderia ser tranquilamente minha imagem no futuro.

— Oi, Vee — ela diz. — Meu nome é Gayle.

Eu me dou conta de que antes, quando via o jogo, os locutores eram só vozes e silhuetas sombrias no fundo da cena. A plateia vê Gayle? Ela é o cérebro por trás do NERVE? Espera só até eu contar a Tommy que o jogo tem um rosto humano identificável, não só empresários anônimos com uma conta nas Ilhas Cayman.

Ajeito a blusa.

— Oi. Não esperava conversar com uma pessoa de verdade.

Gayle ajeita o cabelo atrás da orelha de um jeito feminino.

— Decidimos que assim a entrevista seria um pouco mais fácil.

Desde quando o NERVE se preocupa em facilitar as coisas? Olho em volta.

— Onde estão as câmeras? Isto está sendo filmado, não está?

Ela sorri exibindo covinhas.

— A câmera está na tela. Acho que tem uma perto de onde você vê meu olho direito. E, sim, seus Observadores vão ver você.

Que horror. Tenho certeza de que os pixels da tela parecem menos uniformes na área em volta dos meus olhos. Lindo, a plateia me viu fazendo caretas para o espelho enquanto eu me maquiava.

Ela cruza as pernas.

— Então, o que achou do jogo até agora?

Por onde eu começo? Por como ele se dividiu entre me oferecer uma aventura incrível e destruir minha vida?

— É mais difícil do que eu pensava, mas de um jeito diferente do que eu esperava.

— O desafio com Sydney, por exemplo?

Estamos indo direto ao ponto, então.

— Uhum.

— Tem alguma coisa que gostaria de dizer a ela?

Meu coração bate mais depressa.

— Ela ainda está assistindo ao jogo? — pergunto, torcendo para essa pessoa do NERVE ter a resposta.

— Não sei se Sydney está entre os nossos Observadores. Mas se estiver?

Olho para a penteadeira enquanto penso no que dizer, e depois encaro diretamente o olho direito de Gayle.

— Eu diria a ela que sinto muito por ter armado para ela no desafio e que, quando isso acabar, vamos ter que conversar muito. Aliás, vocês desfocaram o rosto dela na transmissão, certo? Porque ela não assinou uma autorização de uso de imagem.

Não que isso tenha importância. Todo mundo que importa vai saber exatamente com quem eu estava discutindo.

A atitude calma de Gayle se mantém.

— Não vamos perder tempo com detalhes técnicos chatos, certo?

Na verdade, tem alguns detalhes técnicos que eu gostaria de discutir, como quando vão parar de bloquear minha linha ou como descobriram que eu estava furiosa com Sydney. Mas sei que esta mulher não vai me dar esse tipo de resposta, por isso fico ali sentada com uma expressão neutra.

Ela descruza as pernas e se inclina para a frente com os braços sobre as coxas.

— Vamos falar sobre Ian. O que acha dele? — O tom agora era íntimo, como se estivéssemos em uma festa do

pijama. Lembro que temos mais de nove mil Observadores. Provavelmente bem mais.

Sinto meu rosto ficar vermelho.

— Ele é um cara muito legal.

— Nossa plateia acha que ele é de babar. E você?

Dou de ombros.

— Não sou cega.

Ela ri.

— Vou interpretar como um sim. Acha que vão ficar juntos depois de hoje à noite?

O que ela quer que eu diga?

— Não falamos sobre isso. — A menos que o convite para ir ao Gotta-Hava-Java tenha sido sério. Era?

— Vocês se beijaram?

Endireito as costas.

— Bom, isso é meio particular, não acha?

Ela sorri.

— Meu bem, faz tempo que o limite da privacidade foi ultrapassado, não acha?

Não sei como responder, então espero ela continuar.

— E aí, Vee, por que se inscreveu no NERVE? Tem gente que diz que esse tipo de coisa não combina com seu perfil.

Sua expressão arrogante me deixa tensa. Como alguém pode dizer que sabe o que eu faria e o que não faria? Enfim, depois de todo aquele drama com Matthew e Sydney, devia ser óbvio o motivo que me levou a jogar. O que mais ela quer que eu admita? Que estava cansada de me sentir invisível?

Inclino o corpo para a frente e sussurro:

— Às vezes é divertido fazer alguma coisa que não tem a ver com seu perfil.

Ela aplaude.

— Muito bem, Vee. Todos nós estamos orgulhosos de você. De onde tirou coragem?

Coragem ou idiotice?

— Ah, não sei. Estou só enfrentando um desafio de cada vez.

— Quanta modéstia. Por isso os Observadores te adoram. Tem alguma coisa para dizer a eles?

Ajeito a saia sobre as coxas. É a primeira vez que falo diretamente a todos os Observadores. O que dizer a milhares de pessoas? Sydney saberia.

— Obrigada, pessoal. Agradeço especialmente às pessoas que seguiram a gente no desafio da prostituição. Vocês livraram nossa cara.

— É verdade. Aposto que está ansiosa para começar o próximo desafio.

Nem um pouco. Só para ganhar o prêmio.

— Acho que estou mais nervosa que qualquer coisa.

Ela ri novamente.

— NERVE é o nome do jogo, certo? Mas é divertido. Você teve muitas experiências até agora. Tenho certeza de que agora terá mais uma. Antes de entrar na sala do jogo, porém, quero falar sobre alguns pontos fundamentais.

Respondo com um movimento afirmativo de cabeça.

Ela levanta o dedo indicador.

— Primeiro, você está jogando como parte de uma equipe com mais seis jogadores. Se um de vocês não cumprir o desafio do grande prêmio, todos perdem. Mas não se preocupe: haverá pequenos desafios para quebrar o gelo, provas opcionais cujo único objetivo é a diversão.

— Tudo bem.

— O outro ponto a lembrar é que, se fizer alguma coisa que viole a integridade de um desafio, o NERVE pode impor um castigo que vai tornar os próximos desafios mais difíceis.

— Violar a integridade de um desafio? Como assim?

Ela faz um gesto como se o assunto não fosse importante.

— Basicamente, cumprir o desafio, mas trapacear de algum jeito. Não se preocupe, a gente vai saber se acontecer.

Ei, eu sou a garota a quem confiam um spray com vodca. Integridade não é problema para mim.

— Tudo bem.

Os olhos dela brilham.

— Maravilha! Boa sorte, Vee. Ah, e nossos patrocinadores vão ficar muito satisfeitos se usar todos os cosméticos que quiser. Talvez queira se retocar mais tarde.

A tela apita e some, e o espelho reaparece. Meu rosto está vermelho e os olhos brilham. Ainda estão me filmando? Pergunta idiota. A plateia deve achar que estou atordoada. E por que vou querer me retocar? Vou ter que jogar mais água na cabeça? Bom, com ou sem água, os produtos ali são de qualidade. Pena que minha bolsa ficou no porta-luvas do carro do Ian. Encho uma bolsinha de maquiagem com as embalagens.

— Obrigada, patrocinadores — digo para o espelho.

Do lado de fora, Ian está me esperando com o cabelo penteado, e ele aponta para a sala no fim do corredor.

— Temos que ir para lá.

Alguma coisa na entrevista me deixou enjoada, apesar dos cosméticos que ganhei. A amizade falsa da

entrevistadora não me deixou mais calma; pelo contrário. Provavelmente, a intenção era essa.

Dou de ombros.

— É, acho que sim.

Ele me abraça.

— Isso é arrependimento?

Por ele me abraçar, não. Suspiro.

— É meio tarde para desistir agora.

— A saída fica bem ali.

— Você perderia o carro. E eu perderia a faculdade de moda e todos aqueles prêmios legais.

— Bom, ainda teremos uma coisa mais importante. — Ele me encara enquanto fala.

Devia ser brega, mas, vindo dele, não era. Ou eu já estou apaixonada demais.

Ian beija minha cabeça quando me acomodo no vão entre o pescoço e o ombro dele. Mesmo depois de correr e brigar, ele ainda tem cheiro de sabonete de sândalo. Respiro fundo. O desafio só vai durar três horas. E olha só quem é meu parceiro.

— Vamos jogar — decido.

Passamos pelo balcão abraçados. Assim que chegamos ao corredor, ouvimos as risadas vindas da sala iluminada no

fundo à direita. Imagino um jogo daqueles de girar a garrafa. Não, muito fácil. O NERVE provavelmente convidou Tiffany e Ambrosia para virem me espancar. Em um ringue de lama. Com facas.

Ouçó vozes além da porta, mas nada alto o suficiente para eu poder entender o que dizem. O lado esquerdo do corredor que leva até a sala tem várias poltronas, como se os clientes que se comportam mal fossem mandados para lá de castigo. O lado direito do corredor é coberto por uma cortina que parece ser de seda. Paro por um momento para admirar as borboletas e flores bordadas em cores de pedras preciosas. O tecido é apropriado para o vestido de uma imperatriz e cem vezes mais detalhado que um cenário de pradaria que Tommy desenhou para ser projetado em um telão no palco da nossa peça.

Ian me empurra para a frente, em direção à porta aberta, que fica na metade do corredor. A outra porta, a do fim do corredor, está fechada. Quando estamos nos aproximando da porta aberta, da sala onde toda ação parece acontecer, Ian para e cochicha:

— Talvez seja melhor as pessoas lá dentro não saberem que estamos juntos. Isso pode transformar a gente em alvo.

Alvo? Estamos no mesmo time, não estamos? Mas com o NERVE nada é certo, por isso concordo com a sugestão de Ian e sinto falta de seu calor quando ele se afasta de mim alguns passos. A conversa dentro da sala para assim que passamos pela porta. O lugar tem cerca de quatro metros quadrados. Então, isso é uma sala de jogo? A metade esquerda está vazia, coberta por um tapete cor de maçã do amor. A metade direita tem duas namoradeiras em lados opostos de uma mesa de centro com tampo de vidro. Em vez de se apoiar sobre uma base, ela é suspensa por cabos prateados. Há três garotas e dois caras sentados em volta da mesa, todos com menos de vinte anos.

— Oi — Ian os cumprimenta enquanto se dirige à poltrona vazia na ponta mais distante da mesa.

Sorrio para o grupo e sento ao lado dele, deixando a bolsinha de maquiagem ao meu lado. O assento resiste como se tivesse molas de colchão. Tento parar o movimento de sobe e desce, mas é como estar sentada em um barco. A cada movimento que faço, o assento faz um barulho que parece um suspiro e me empurra de volta. Os outros também balançam para cima e para baixo. Por que as pessoas pagariam mais caro para se reunir em uma sala esquisita

como esta? Ou o NERVE providenciou a decoração especial só para esta noite?

— Decidiu se juntar a nós, então — diz um ruivo sentado na minha frente. Ele tem os bíceps superdesenvolvidos e as bochechas de quem abusa de esteroides. Um dos braços enormes envolve uma garota muito bronzeada, com curvas exageradas e uma centena de pulseiras barulhentas. Ela esfrega o pé descalço na canela dele. Embaixo da mesa de vidro, nada é segredo.

Na namoradeira ao lado vejo duas garotas, uma caucasiana, a outra asiática, cada uma com cinco piercings, pelo menos. Reconheço a garota caucasiana, é aquela que roubou esmalte de unha em um desafio preliminar. O jeito como ela estava colada na asiática dava a entender que também estavam juntas. Porém, com aqueles coturnos, nada de pé fazendo carinho. Do outro lado da mesa, um cara de pele escura, cabelo muito curto e óculos pequenos está sentado de braços cruzados. Ele consegue se equilibrar no meio da poltrona, que não balança. É um bonitinho tipo Tommy, limpinho com um jeito nerd, mas não tem ninguém perto dele, nem homem, nem mulher.

Ian se inclina para a frente e segura a beirada da poltrona para se equilibrar.

— Então, acham que vão mandar Observadores para cá?
O cara de óculos pisca.

— Os Observadores estão ali. — E aponta para uma câmara instalada em um canto do teto.

Examino o ambiente. Quatro câmeras empoleiradas como falcões nos cantos da sala. Entre elas, telas pretas cobrem os três terços superiores das paredes. A superfície sob os painéis é coberta por um papel de parede de textura rica e estampas geométricas em tons de cinza e vermelho. A única parede ligeiramente diferente é a que fica mais perto da porta. Apesar de ter o mesmo padrão, ela é mais brilhante do que fosca, como se a cobertura fosse de tinta, em vez de papel. De qualquer maneira, cara... e feia.

Ian estende a mão para o cara de óculos.

— Meu nome é Ian.

Ele aceita o cumprimento.

— Samuel — diz.

Ninguém mais se apresenta. Talvez o desafio seja se sentir socialmente deslocado. Eu torço as mãos.

A menina branca de coturno, cujos piercings são, na maioria, alfinetes e pinos, solta uma gargalhada. Ela balança os dedos perto do rosto.

— Está com medo, Velma?

Olho para ela de cara feia. Mas, se o pior que tenho que aturar durante as próximas três horas são ofensas no nível Scooby-Doo, dá para sobreviver.

Ian olha para o ruivo e sua namorada cheia de pulseiras.

— Qual foi o melhor desafio que cumpriram esta noite? A menina ri.

— O do sex shop, com certeza. Tínhamos que pegar os produtos e falar para todo mundo o que achávamos deles. — Ela sobe e desce as sobrancelhas para o ruivo.

Ian dá risada. Eu sorrio. Ontem, um desafio desse tipo teria parecido impossível. Agora acho fácil.

A garota asiática, que tem um corte moicano cor-de-rosa, franze a testa.

— Droga, queria ter feito esse.

A amiga afaga seu ombro.

— Quem sabe amanhã, cupcake?

Tento me equilibrar na poltrona mantendo o traseiro parado, mas o menor movimento provoca ondulações. Se esta é a sala VIP, que tipo de buraco é a boate lá embaixo?

Ian olha em volta da mesa.

— Já se conheciam antes das rodadas ao vivo?

A menina das pulseiras sorri para o cara que está com ela.

— Não. Hoje foi demais. O NERVE é melhor que aqueles sites de relacionamento.

Quanta pesquisa ela fez? Tenho que admitir que o NERVE acertou comigo e Ian. Só tiveram que usar os dados da inscrição e as informações que encontraram na minha página do ThisIsMe. Também entraram em contato com Liv e Eulie? Quando tudo isso acabar, vou perguntar às minhas amigas quem falou o quê.

Ian olha para Samuel.

— E você? Não tem parceira no jogo?

Ele dá de ombros.

— Tenho, mas ela é alérgica a gelatina de limão.

Antes que alguém possa perguntar o que isso significa, o celular de Samuel toca com um som comum de notificação. Depois de ler a mensagem, ele levanta e vai para a porta, puxando-a. Quando escuto o clique baixo da fechadura, trancando-nos dentro da sala, sinto a tensão como um aperto dentro do corpo.

— Por que fez isso? — pergunta a Pulseiras.

Samuel sorri.

— Porque o NERVE me ofereceu um bônus de cinquenta dólares.

O ruivo que está ao lado da Pulseiras dá um tapa na lateral da mesa, fazendo o tampo de vidro balançar. Ian interrompe o movimento antes que a mesa bata em seus joelhos. Essa mobília não para quieta?

O ruivo olha para uma das câmeras e abre os braços.

— Caras, eu teria fechado a porta por trinta!

Chego a pensar que a câmera vai assentir. Em vez disso, as luzes perdem intensidade. Nós nos olhamos confusos. Um a um, todos nós pegamos o celular e esperamos para ver quem leva os próximos cinquenta. Minha tela não tem nada.

Apitos ecoam pela sala, provocando novas ondas quando todos se movem nas poltronas. Os painéis negros nas paredes se acendem com luzes que piscam de forma alternada, como em uma máquina de pinball.

As luzes dão lugar à imagem de Gayle, a mulher que me entrevistou havia pouco, e de um homem careca de cerca de trinta anos, camiseta de banda indie e alargadores do tipo que fazem um estrago permanente.

Juntos, nossos mestres de cerimônia gritam:

— Bem-vindos aos desafios do grande prêmio!

As telas se alternam entre a imagem dos dois e a expressão “BEM-VINDOS!” acompanhada por desenhos de fogos de artifício e uma música alta que foi o tema do jogo

do mês passado. A câmera finalmente para nos anfitriões, que estão em cima de um palquinho cercado de pessoas com aquela expressão quase delirante que aprendi a associar aos Observadores. O homem apresenta Gayle e a si mesmo, Guy.

Depois aponta um dedo para a sala dos jogadores.

— Vamos repetir as regras: agora vocês estão jogando como uma equipe. Se alguém desistir, ninguém leva o prêmio.

A menina com os alfinetes fecha a mão e olha em volta, parando em mim.

— Se alguém desistir, eu vou atrás.

De repente, sinto vontade de ir ao banheiro.

A câmera fecha em Gayle.

— Vamos começar com alguns desafios para quebrar o gelo. Relaxem e divirtam-se.

Quero perguntar aos outros o que vão ganhar se conquistarem o grande prêmio, mas acho que é como perguntar o tamanho do sutiã ou o peso de alguém, por isso cochicho para Ian:

— Queria saber qual é a audiência agora.

Guy sorri em uma das telas.

— Boa pergunta, Vee. Vocês têm uma tonelada de novos fãs. Querem tentar adivinhar quantos? Ah, vamos

transformar isso em um jogo. Quem chegar mais perto do número ganha cem dólares.

Fazemos estimativas a partir de vinte mil (meu palpite) até meio milhão (palpite do ruivo). Guy e Gayle trocam um sorriso antes de Guy anunciar que Ty, o ruivo, é o ganhador. Mas os anfitriões não informam o número exato de Observadores. Mesmo assim, como o segundo palpite mais alto foi cem mil, tem muita gente sintonizada.

Isso devia me fazer sentir famosa, mas só consigo pensar em quanto essas pessoas estão pagando para ver sete adolescentes em uma sala com mobília instável. E o que esperam ver?

doze

Gayle aplaude com entusiasmo forçado.

— Muito bem, o próximo desafio para quebrar o gelo vem da plateia.

A imagem dela é substituída por letras que anunciam:

OLHA QUEM ESTÁ ASSISTINDO!

A música é estridente. A tela se acende e mostra um grupo de jovens amontoados em um espaço que parece ser um quarto de alojamento. Uma menina de cabelos compridos e olhos vidrados lê a tela do celular:

— Hora das apresentações para começar a coisa de um jeito amigável. Por um bônus de cinquenta dólares para cada um, percorra a sala dizendo seu primeiro nome e de que cidade você é. — Ela levanta o punho cerrado. — Vai, Wolver! — A imagem desaparece.

Cinquenta paus para falar meu nome aos outros jogadores? Fácil demais. Deve ter algum truque aí, mas não consigo imaginar o que pode ser. As apresentações até ajudam a gente. Li em algum lugar que é mais difícil ser cruel com alguém depois de reconhecer essa pessoa como

um semelhante, um outro ser humano. Não que essas pessoas tenham a intenção de nos atacar. Quem sabe? Talvez eu até me torne amiga de alguns ali. Não o bastante para cumprir desafios pervertidos em parceria, é claro. Mais para poder rir de tudo isso no futuro, em um encontro de jogadores do NERVE, como os jogadores do mês passado fizeram no vídeo de encerramento da rodada.

Percorremos a mesa. A asiática de moicano cor-de-rosa é a Jen. A amiga que ameaçou me pegar, se eu desistir, é a Micki. As duas são de Reno e brincam sobre terem entrado para o clube do sexo nas alturas, a bordo do avião fretado no qual o NERVE as trouxe para Seattle. A menina das pulseiras e viciada em bronzamento é Daniella; ela e o parceiro, Ty, são de Boise e também chegaram de avião imediatamente após o último desafio que cumpriram. Já conhecemos Samuel, que é de Portland.

Quando me apresento, Micki revira os olhos.

— Que tipo de nome é V? Seus pais não conseguiram pensar em mais de uma letra? — Ela ri com Jen, Ty e Daniella.

Levanto uma sobrancelha.

— Seus pais te deram o nome de um rato?

Desisto de pensar em possíveis amizades.

Percebo que as engrenagens enferrujadas em seu cérebro se esforçam para produzir uma resposta, mas, antes que ela consiga pensar em alguma coisa, os painéis se acendem e exibem o rosto sorridente dos nossos anfitriões. Gayle diz para Ty abrir a porta na parede atrás dele e depois abrir o armário vermelho (e só o armário vermelho) lá dentro.

Ty continua sentado.

— Quanto vão me pagar por isso?

Guy sorri.

— Você e seus parceiros podem ficar com tudo que encontrarem dentro do armário. Quem chegar primeiro, pega o que quiser.

Ty levanta depressa e examina a parede estampada no fundo da sala. Não há nenhuma porta evidente. Ele olha para a câmara e dá de ombros.

— Isso é uma pegadinha?

Provavelmente, é um teste de QI. Na parede, uma das espirais acende como um botão de elevador. Quando Ty a pressiona, uma portinha de correr se abre. Viro a cabeça para dar uma olhada na parede atrás de mim. Quantas portas escondidas tem a sala? Pelo número de espirais, podem ser muitas.

Daniella levanta e se encolhe atrás de Ty. Com uma piscada para a câmera, ela afaga seu traseiro. Samuel olha para nós e revira os olhos, o que me faz ter alguma esperança com relação a ele. Pelo menos imagino que, se a situação descambar para a violência física, ele vai ficar fora da briga. Espera, por que estou pensando nisso?

O espaço além da porta é revestido do teto ao chão por gavetas de armário, cada uma de uma cor diferente. Ty puxa a vermelha no topo, que abre com um ruído de porta de geladeira. Endireito as costas e tento ver o que tem lá dentro, sufocando um gemido ao constatar que são garrafas de cerveja. Se eles querem que a gente beba, isso não pode ser bom. É claro, Ty e Daniella comemoram como se tivessem encontrado um tesouro. Micki e Jen pulam da cadeira e se aproximam deles. Ty abre algumas garrafas e as distribui. Os outros jogadores brindam batendo garrafa com garrafa.

— Saúde!

Uma mensagem aparece nas telas:

PARA CADA CERVEJA CONSUMIDA,
MAIS CINQUENTA DÓLARES!

Olho para Ian.

— O que acha? — cochicho.

— Temos que socializar — ele responde. — Mas não podemos perder o controle.

Concordo com um movimento de cabeça.

— Uma cerveja para cada um, no máximo.

Ele e eu nos aproximamos do armário e, quando passamos por Samuel, Ian se oferece para pegar uma cerveja para ele, mas Samuel prefere nos acompanhar, provavelmente para não ser o esquisito deslocado. Diante do armário, Ian abre uma cerveja para mim. Examino a garrafa procurando sinais de adulteração.

— Escutei o ruído do gás quando abri a garrafa — ele fala.

Cheiro o gargalo. Cheiro de cerveja. E estou morta de sede. Mas, tecnicamente, isso é ilegal. Não que eu me incomode na vida real, mas quem quer desrespeitar a lei em uma transmissão ao vivo? Sussurro minha preocupação para Ian.

Ele ri.

— Como alguém vai provar que não é suco de maçã? Pode ser o que a gente disser que é.

É claro. Bebo um golinho. Gelada e amarga. Definitivamente, não é suco de maçã. O rótulo é em alemão,

mas consigo entender que o teor alcoólico é de seis por cento. Faz sentido que nos sirvam uma bebida alcoólica. O jogo não faz questão de respeitar a lei. Se o NERVE fornece esse tipo de bebida a menores de idade, o que mais vão nos pedir para fazer?

Ty e as outras meninas se reúnem em um canto, bebendo como se estivessem em uma festa, contando histórias sobre como já vomitaram por causa de bebida. A plateia deve estar devorando cada palavra.

Ian me empurra na direção deles. Eu acho aquela gente ridícula, mas entendo a estratégia de Ian. Não precisamos formar grupinhos, principalmente se não fizermos parte deles. Até Samuel parece entender a ideia e fica parado à margem do grupo olhando para os próprios pés.

Examino meus companheiros de jogo e percebo que o NERVE tentou diversificar ao máximo em termos de etnia, orientação sexual, tipo físico e nem sei mais quantas categorias. Tudo planejado para agradar uma grande variedade de demografias, como Tommy teria dito.

Alguém ali andaria com outro membro deste grupo se todos estudassem no mesmo colégio? Além de mim e Ian, é claro. Os grupos sociais na minha escola não são tão rígidos quanto em outros lugares, mas a maioria das pessoas sabe

onde se encaixa. Além de Sydney, Liv e Eulie, converso mais com garotas que conseguem discernir uma *Vogue* de uma *W* e que demonstram respeito pelo meu visual vintage econômico. Fico à vontade com meus amigos, mas sempre invejei como Sydney circula entre os grupos como se tivesse um passe livre. No fundo, me pergunto se as pessoas seriam simpáticas comigo se eu não andasse com ela. Talvez depois do desastre do último desafio eu acabe descobrindo.

Micki arrota e levanta a garrafa para a câmera.

— Cerveja alemã é tudo!

Samuel pigarreia.

— Acho que a gente não devia beber tanto. Podemos precisar de coordenação para os próximos desafios. Só um palpite.

Micki ri.

— Valeu, nerd, mas o nome do jogo é NERVE, não MEDINHO. — Mas seu gole seguinte é um pouco menor.

Ian levanta a garrafa.

— Vamos fazer um brinde. Aos grandes prêmios e a muitos bônus em dinheiro!

Todo mundo assobia e brinda batendo as garrafas como se fôssemos uma grande família feliz. Talvez não seja tão ruim, mesmo com a horrível Micki. A cerveja desce mais

suave a cada gole, e uma vibração gostosa invade minha cabeça. Olho o celular, depois mostro a tela para Ian. Faltam duas horas e trinta e oito minutos. Tenho uma vontade maluca de cantar a música das cem garrafas de cerveja, mas não quero dar ideias a essa gente.

Ian segura minha mão, o que aumenta a sensação de calor no meu peito.

— A gente vai conseguir — ele cochicha.

Aperto seus dedos. É inútil fingir que somos só amigos.

Ian tenta incluir Samuel em uma conversa sobre videogames. Não tenho muito a acrescentar, mas tento sorrir de um jeito nada ameaçador, como se a cerveja me deixasse feliz. Não que eu fosse uma grande ameaça, mesmo que tivesse dentes de vampiro.

Um techno metal começa a tocar na sala, e as pessoas dançam balançando a garrafa. É a segunda cerveja de cada um. Estou contando.

A música dá lugar a um apito que indica que os painéis escuros vão acender.

OLHA QUEM ESTÁ ASSISTINDO!

Surge, na tela, a imagem de dois caras muito fofos sentados lado a lado em um sofá de veludo vermelho.

Um deles acena.

— Ei, jogadores, somos de Houston! O NERVE vai aumentar o bônus de cada um em cem dólares se vocês dançarem.

Os dois levantam do sofá e começam a pular e balançar os punhos fechados com várias outras pessoas atrás deles.

Não me importo de dançar. Adoro, na verdade. Mas alguma coisa em ser paga para isso deixa meus ombros tensos. O NERVE age como se fôssemos macacos treinados que pulam cada vez que alguém balança uma banana na nossa frente.

Tudo bem, esse é o objetivo do jogo, mas, mesmo assim...

A música que ouvimos é a mesma que toca em Houston e, aparentemente, em vários outros pontos de reunião de Observadores, porque cada painel na parede mostra uma cena diferente de pessoas dançando, como se todas estivessem em uma enorme boate. Ao meu lado, Ian balança os ombros e o quadril, se mexendo com toda a “suavidade” de que dispõe um hétero. Até Samuel balança os braços para a frente e para trás. Todo mundo olha para mim. Micki franze a testa e diz alguma coisa a Jen. Ian sorri e segura minha mão livre, me fazendo girar. Hesito por um momento. Quero mesmo ser vista como a garota que recusa dinheiro

fácil? O que é uma dança, afinal? Principalmente se vai servir para manter o clima de socialização. Começo a me mexer acompanhando Ian, surpresa por sentir uma energia despertando em mim.

Deixo a música me envolver e dou risada quando tenho a impressão de que alguns Observadores acenam diretamente para mim das telas. As músicas ficam cada vez mais altas, e eu danço com mais liberdade, sem me incomodar com as câmeras. Tinha alguma coisa na cerveja? Deixo a garrafa vazia perto de uma parede e continuo dançando. Todo mundo se balança e ri quando batemos um no outro. A ruga na testa de Micki desapareceu. Depois de umas três músicas, o ritmo diminui e me acolho no peito de Ian. As luzes perdem intensidade e o brilho das telas diminui, dando à sala um clima sexy. Legal. Se os desafios continuarem assim, vai dar para encarar. Eu me aninho nos braços de Ian.

É claro que o NERVE não manteria esse clima confortável. A música para e o apito conhecido toca. Só quando paro de dançar percebo que estou com calor. Levanto o cabelo, e Ian sopra minha nuca, provocando um arrepio.

Guy e Gayle aparecem novamente. Sorrindo, ela diz:

— Bom, algumas pessoas na plateia estão comentando que os movimentos de Samuel não são exatamente o que

eles chamam de dançar. Mas como isso não é um desafio obrigatório, ele não terá nenhuma punição.

Gayle dá risada, depois continua:

— Hora do último desafio para quebrar o gelo! Na parede atrás da mesa há quatro portas, cada uma levando a uma sala privada. Entrem nas salas formando grupos com os jogadores que escolherem para uma partida de Sete Minutos no Paraíso. Tenho certeza de que não preciso explicar as regras. — Ela pisca. — A equipe ou o jogador que apresentar o espetáculo mais interessante para a plateia ganha quinhentos dólares. O segundo lugar leva cem. Todos os outros ficam só com o tempo no paraíso. Divirtam-se!

Ian me cutuca.

— E aí?

Ele só pode estar brincando. Por mais divertida que seja a ideia, já fingi ser uma prostituta hoje e não vou fazer mais nada nesse sentido. Os Observadores já nos viram dançando, não viram?

Mexo o cabelo para cima e para baixo.

— Vamos deixar isso para mais tarde.

Ele segura minha mão e a beija.

— Legal.

A música retorna com uma batida techno. Muito romântico... Ty e Daniella se pegam antes mesmo de entrar na sala. Não quero ver onde ele coloca as mãos.

Mas queria saber como são as salas privadas, por isso me aproximo da parede e toco uma das espirais. Uma porta se abre e vejo um espaço suficiente apenas para uma caminha e um criado-mudo, mais nada. Bom, deve ter algumas coisas na gaveta do criado-mudo. Uma lâmpada fraca brilha no teto, ao lado do espelho. Dou um passo para o lado e deixo Ian espiar lá dentro. Ele ri e diz que podíamos tirar um cochilo, pelo menos. Claro. Como se eu conseguisse deitar ao lado dele e dormir.

Micki e Jen se mordem e gemem a caminho do cubículo vizinho. Antes de entrarem, Jen pergunta a Samuel:

— Quer vir com a gente?

Ele parece considerar a oferta, apesar do olhar ameaçador de Micki por cima do ombro de Jen. Finalmente, a cautela vence a vontade, porque ele balança a cabeça. As duas entram e fecham a porta.

Ian, Samuel e eu voltamos às poltronas em volta da mesa. Samuel pega o celular, movendo o dedo na tela como se jogasse. A conversa com Ian deve ter dado a ele a ideia de que isso é algo socialmente aceitável para fazer em uma

“festa”. Bom, pelo menos é mais fácil de engolir que o que está acontecendo tão perto de nós. Apoio a cabeça no ombro de Ian e fecho os olhos para tentar cochilar enquanto meus parceiros de jogo criam um pornô em tempo real.

Os painéis apitam e começam a exibir fotos de cada jogador com legendas, coisas como ÍNDICE DE APROVAÇÃO DO OBSERVADOR. Caramba, o meu é o mais baixo, só vinte e dois por cento. Samuel tem vinte e quatro, e as fãs de Ian devem estar se esforçando, porque ele tem sessenta e sete. Micki e Ty lideram com índices acima de noventa por cento, e Jen e Daniella estão em algum lugar entre essas marcas. Eu não devia me importar com o que pensam os pervertidos que estão assistindo ao jogo, mas meu rosto queima com o sentimento de rejeição.

Ian me diz para ignorar tudo aquilo, porém é mais fácil falar que fazer. Depois de alguns minutos, as portas atrás de nós são abertas, mas quando olho para as salas viro rapidamente para a mesa tentando apagar da mente a imagem da barriga de Ty. Os outros voltam às poltronas ajeitando as roupas e limpando a boca com a mão. Eles riem e apontam para seus índices de aprovação antes de as telas apagarem novamente.

Guy anuncia:

— Depois de uma votação feita entre os Observadores, o melhor uso dos sete minutos vai para Jen e Micki. Muito bem, mocinhas!

Aposto que é a primeira e última vez que alguém chama Micki de mocinha.

A cabeça de Gayle aparece na tela ao lado da de Guy.

— Muito bem, pessoal, os desafios para quebrar o gelo estão encerrados. Agora vamos à melhor parte, aos desafios do grande prêmio, que todos terão que completar para ganhar suas recompensas. — Ela levanta uma sobrancelha.

— Prontos para o primeiro?

Alguns respondem:

— Sim.

Como se Gayle ou o NERVE se importasse.

Ela e Guy se inclinam para a frente e falam juntos:

— Vocês só precisam dar um telefonema.

treze

Um telefonema? Duvido que a primeira tarefa para ganhar prêmios tão caros seja só passar um trote.

Guy dá de ombros.

— É fácil. Nós damos as orientações, e vocês fazem a ligação. Serão poucos minutos para cada um de vocês. Quem quer ser o primeiro?

Ninguém se oferece imediatamente, mas logo Daniella levanta a mão.

— Por que não? Adoro falar ao telefone.

O sorriso de Gayle é largo.

— Ótimo! Mais cinquenta dólares por ter se oferecido, Daniella! Você vai ligar para o Marco, seu ex-namorado. E vai dizer que ele estava certo todas as vezes que a acusou de traí-lo com o irmão dele.

Daniella perde um pouco da cor.

— Como vocês... Ah, espera, mesmo que tenha rolado, Marco e eu terminamos.

A expressão de Gayle fica séria.

— Ou faz a ligação ou todo mundo perde os prêmios.

Ty afaga o ombro de Daniella. Não é um gesto romântico. Os olhos dela estudam a sala. Procurando uma saída? Quando fica claro que o NERVE não vai surpreendê-la com uma mudança de desafio e que nenhuma das portas vai se abrir para ela poder se esconder embaixo das cobertas manchadas, ela pega o celular. Todos nós balançamos sobre a mobília maluca, nos tornamos parte da plateia, pelo menos por alguns minutos. Eu me sinto mal por Daniella, mas estou curiosa para saber como vai ser essa conversa. Caramba, qual é o problema comigo?

Daniella vira de costas para nós, mas o NERVE ligou o celular ao sistema de som, provavelmente pelo aplicativo que nos fizeram baixar, e os toques da chamada soam claramente pelos alto-falantes da sala. Vemos na tela o rosto de Daniella.

Depois do segundo toque, uma voz masculina atende.

— Ah, oi, sou eu, Dani.

Tem música tocando do outro lado da linha.

— E aí?

É possível que ele não esteja assistindo ao jogo? Daniella e Ty devem ser celebridades em Boise esta noite, e o cara não está acompanhando? O NERVE sabia disso quando propôs o desafio?

Daniella adota um tom quase infantil.

— Só queria dizer que eu fiquei com o Nate quando estávamos juntos. Você tinha razão.

O silêncio é quase estático, mas breve, e depois a voz explode:

— Eu sabia, seu lixo!

Daniella afasta o telefone da orelha o máximo possível, o que não silencia os insultos e palavrões do outro lado. Chorando, ela grita para a câmera:

— Pronto, já fiz!

Depois desliga o celular e olha para Ty, que está de cara fechada como se ele tivesse sido o traído.

Gayle aparece na tela. A imagem tem um foco suave e sua voz é gentil.

— Viu? Não foi tão difícil, foi? — Ela chama os outros jogadores, e cada um tem que fazer uma ligação para um ex ou amigo e dizer coisas que vão provocar sofrimento dos dois lados. Ian tem que ligar para uma antiga namorada e falar que terminar o namoro foi a pior burrice que ele já fez e que adoraria voltar. A voz da menina é tão carregada de expectativa que meu estômago dá um nó.

Depois do telefonema, Ian limpa o suor da testa.

— Espero que alguém diga a verdade a ela antes que eu tenha que dizer. Que desafio mais ferrado.

Como o NERVE escolheu pessoas que não estavam assistindo ao jogo para receber essas ligações? Tomaram providências para que essas pessoas estivessem ocupadas com outras coisas? Deram ingressos para shows, por exemplo? Estou começando a pensar que o poder deles não tem limite.

Logo chega minha vez. Tenho que ligar para Tommy e dizer que sei que ele está a fim de mim e ainda relacionar três motivos pelos quais nunca vamos ficar juntos. Minha respiração acalma. Tommy não está a fim de mim e sabe que estou jogando. Na verdade, aposto que ele está assistindo à partida, por isso posso falar tudo que eu quiser, e ele vai saber que é só uma encenação. Ufa. Talvez o NERVE tenha alguns limites, afinal, ou fiz meus desafios preliminares tarde demais e eles não tiveram tempo para traçar todos os planos diabólicos. Seja qual for a razão, sigo em frente.

Tommy atende no primeiro toque.

— Oi — digo. — Desculpa por antes.

Um apito precede a iluminação de uma das telas.

ATENHA-SE AO ROTEIRO.

Quê? Não posso pedir desculpas antes de começar a conversa? É isso que eles chamam de integridade do desafio?

Continuo com a ligação, embora não tenha conseguido ouvir a resposta de Tommy.

— Então, sei que você gosta de mim. Mas a gente nunca vai ficar junto, porque, bom, porque somos muito parecidos. Sabe, estamos sempre nos bastidores. Além do mais, você é bem, ah, intenso. — Ele é, não é? Todas aquelas horas que passou refazendo o cenário! — E eu nunca conseguiria corresponder aos seus padrões, de qualquer maneira. — Ei, de onde saiu isso? Eu devia ter ensaiado melhor. Mas é isso. Três razões.

Ele fica em silêncio por um momento.

— Caramba, eu sabia que você era egoísta, mas agora tenho a prova disso.

Espera aí, por que ele disse isso? Tommy sabe que isso é um desafio. Ah, entendi, ele entrou na brincadeira.

E continua:

— O verdadeiro motivo por que nunca vai ficar com alguém como eu é que se odeia demais para aceitar alguém que gosta de você pelas razões certas. Prefere um cara que te engana e te faz parecer desesperada na frente dos amigos. Pensei que fosse diferente, mais inteligente que o resto da

tribo. Mas agora vejo que só não tinha tido uma chance de desenvolver esse seu eu verdadeiro e infeliz.

Ele desliga antes de mim.

Tenho a sensação de que levei um soco no estômago. Mais uma vez, fui humilhada na frente do mundo todo. Ele era meu escudeiro. Quero desaparecer.

Ian segura minha mão.

— Ele está com ciúme e magoado. O que esperava?

Não sei o que esperava. Mas o NERVE conseguiu o que queria, e de todos nós. Filhos da mãe. Apenas o primeiro desafio para o grande prêmio, duas horas antes do fim do jogo, e já somos um bando de soldados chocados e paralisados.

Guy aparece na tela, agora de paletó e gravata, mas ele não sorri.

— Muito bem, agora que já falamos com os amigos, é hora de ligar para a família.

Tudo fica meio turvo. Meus pais mal sabem o que fazer com o controle remoto da TV. É claro que eles não estão assistindo ao NERVE. Penso em várias possibilidades de como o jogo pode atormentá-los.

Guy pigarreia.

— Todos vocês terão o mesmo roteiro para o próximo telefonema, mas cada um vai falar com o familiar mais próximo de outro jogador. A mensagem é simples. Diga que seu parceiro sofreu um acidente grave e desligue. É isso.

Ai, meu Deus, meu Deus, meu Deus. Pensar em meus pais recebendo esse tipo de notícia faz meus olhos arderem.

— Não posso fazer isso com eles — sussurro.

Ian me abraça.

— É, isso é horrível. Meu pai também não é o tipo de pessoa para quem é fácil dar uma má notícia. Mas pense em como seus pais vão ficar felizes quando você voltar para casa com a bolsa para a faculdade de moda. Além do mais, tem muitos amigos seus acompanhando tudo. Um deles vai ligar para sua casa e falar a verdade. Meus amigos vão fazer a mesma coisa. — Ele olha para a câmera mais próxima.

— Certo?

Ian fala sorrindo, mas vejo que seus olhos tremem como se ele temesse alguma coisa. Mas ele tem razão. Mesmo que Sydney esteja furiosa comigo, ela não vai deixar meus pais pensarem que estou machucada. Nem por um minuto. Vai telefonar para minha casa assim que o desafio terminar. E Liv e Eulie também. Isso significa que meus pais terão só alguns segundos de sofrimento em troca do dinheiro da

bolsa. Além do mais, um telefonema de um dos meus amigos também vai explicar por que não voltei para casa no horário estipulado, o que significa que o desafio pode me favorecer muito, mesmo que eu fique de castigo novamente, o que é uma certeza.

Respiro fundo.

— Tudo bem.

Como fui a última a fazer a ligação na etapa anterior, agora sou a primeira. Fui designada para telefonar para os pais de Jen. O número do telefone é exibido nos painéis. Apesar do jeito de durona, ela olha para mim com ar preocupado. Movo a cabeça num gesto afirmativo para acalmá-la, querendo poder garantir que vou pegar leve, mas não tem um jeito ameno de dizer a um adulto que seu filho sofreu um acidente. Espero que os amigos de Jen estejam acompanhando a prova.

O som do teclado do meu celular é transmitido pelos alto-falantes como uma marcha fúnebre. Assim que o pai de Jen atende, dou a notícia e desligo enquanto ele dizia:

— O quê?

Talvez o fim brusco da ligação sirva para ele perceber que foi um trote. Uma brincadeira demente, psicopata. Por favor, amigos da Jen, tirem o pai dela dessa agonia, rápido!

As outras ligações seguem o mesmo padrão. Minhas unhas deixam marcas na palma das mãos quando Ty liga para minha casa.

Quando minha mãe atende, Ty fala com uma nota embargada na voz, como se ele estivesse chorando.

— Lamento informar que Vee sofreu um acidente grave.

Sorrindo, ele continua na linha por tempo suficiente para o grito de dor do outro lado entrar em meu peito como uma faca.

Pensando só na angústia dela, grito:

— Estou bem, mãe!

Assim que grito, Ty desliga o telefone. Minha mãe me ouviu? Fecho os olhos numa prece silenciosa. Ai, Syd, por mais que você me odeie agora, por favor, cuida da minha mãe como sempre cuidou de mim.

Um apito me leva de volta ao jogo. Várias cenas rápidas mostram grupos diferentes de Observadores vaiando. Em seguida, Gayle aparece na tela. Com um suspiro desapontado, ela diz:

— Ah, Vee, e você achando que não seria atingida pelo carma.

Quê? Ah, sim. A frase que postei mais cedo na minha página do ThisIsMe.

Grandes letras vermelhas correm lentamente sob o rosto de Gayle, e ela balança a cabeça:

VEE VILOU A INTEGRIDADE DO
ÚLTIMO DESAFIO. A PUNIÇÃO SERÁ APLICADA
QUANDO JULGARMOS OPORTUNO.

Então, era isso que eles chamavam de integridade? Espero que me deem uma dica de qual será a punição, mas o painel apaga. Querem me deixar preocupada, é claro. Talvez me coloquem em uma daquelas cadeiras no corredor, as que me fizeram pensar em castigos. Ou vão me trancar com Ian em um dos armários decorados como salas. Mas sei que não terei tanta sorte.

Ranjo os dentes. Gayle estava certa sobre o carma? Eu mereço isso? Penso na garota de bochechas vermelhas no grupo Adeptos da Pureza e em seu namorado fofo. Ian e eu estragamos o encontro dos dois. E nem sei se aquele cara que queria salvar prostitutas sobreviveu ao encontro com o cafetão que o mandei procurar. Ele pode estar em um hospital. O que fiz com Sydney não causou danos físicos, pelo menos. Mas não impedi Ian de ameaçar Jake. E me inscrevi nessa rodada para o grande prêmio, e agora meus

pais devem estar desesperados. No geral, hoje ganhei mais pontos negativos do que positivos.

O carma deve estar querendo me ferrar.

catorze

Micki cantarola.

— Alguém vai levar uma surra...

Solto o corpo na poltrona idiota, deixando as molas me jogarem para cima.

— Cala a porra da sua boca. — Tenho certeza de que é a primeira vez que falei isso. Olha só, o jogo está melhorando meu vocabulário.

Ela levanta, furiosa.

— O que foi que disse, vaca? Primeiro tenta estragar tudo, agora vem com graça para cima de mim? — E começa a contornar a mesa. — Foi o jogo que te plantou aqui para tentar estragar os desafios? Como aqueles Observadores em Atlanta? Se é isso...

Ei, ei! Quê? Ela acha mesmo que trabalho para o NERVE? Calculo a distância entre mim e a porta. Ela está mais perto. Ótimo, a próxima rodada de entretenimento vai ser a surra que ela vai me dar.

Mas Ian se coloca entre nós e diz:

— Calma.

Ela estufa o peito de tronco de árvore e o encara.

— Não me manda ficar calma, bonitinho.

Ian é mais alto que ela e não recua.

— É sério?

Jen ergue a voz do outro lado da mesa.

— Volta para cá, gata. Vai acabar assustando os jogadores. E vai perder sua Harley.

Micki aponta o dedo para mim.

— Se eu descobrir que está tentando sabotar a gente, vou te quebrar de porrada, vou te deixar caída em cima dessa bunda magricela.

Qual é o problema dessa garota? E por que todo mundo está falando da minha bunda magricela? Bom, pelo menos ela volta para o outro lado da mesa.

Sei que o mais sensato é ficar quieta, mas digo:

— Acha mesmo que eu me associaria a essa gente podre por trás do jogo? Como vamos saber que você não foi plantada aqui para deixar tudo estúpido e violento?

— Quer ver o que é violento?

Jen puxa a camisa da namorada para falar alguma coisa ao seu ouvido. Seja o que for, Micki decide sentar.

Ian se acomoda ao meu lado, encaixa a cabeça em meu pescoço e cochicha:

— Acho que o desafio do telefone mexeu mais com ela do que Micki quer deixar transparecer.

Para ela, o primeiro desafio havia sido dizer a uma garota que era a fim dela havia anos e que faria qualquer coisa para elas ficarem juntas. A garota reagiu meio enojada, e o rosto de Micki ficou muito vermelho. No desafio seguinte, ela tentou dar a impressão de que não se incomodava quando Ian ligou para sua avó, que mora em um asilo, mas a veia em seu pescoço pulsava como se fosse explodir.

— Que castigo acha que eles vão me dar? — pergunto a Ian.

— Não sei, mas nossos desafios vão ficar mais difíceis.

Deixo escapar um gemido.

— Porque o que fizemos até agora não foi difícil o bastante?

O NERVE nos dá um minuto de descanso, provavelmente enquanto passam um comercial ou enquanto falam com os participantes de alguma outra rodada de grande prêmio em outro lugar. Naturalmente, os jogadores em volta da mesa aproveitam para pegar outra cerveja. Enquanto eles bebem, eu me apoio em Ian e penso em como seria estar com ele fora do jogo. Ian cochicha que estou indo muito bem e fala mais algumas coisas provocantes, coisas que ficam ainda

mais gostosas com o hálito quente acariciando minha orelha. Quem precisa de desafio para se excitar quando cada toque é elétrico?

Mas minha fantasia dura pouco. Gayle aparece na tela para informar que o cenário da próxima rodada de desafios está pronto. Ela molha os lábios com a língua, como se estivesse saboreando o momento.

— Todos preparados?

Ninguém tenta fingir entusiasmo, exceto Ty. Todo mundo sabe que vai ser horrível. Olho meu celular. Falta 1h45 para tudo terminar.

Gayle bate palmas na frente do rosto como se estivesse pronta para cantar um solo.

— A próxima rodada foi personalizada para cada um de vocês. Na parede mais comprida diante da porta há quatro saídas que levam a salas especiais. Vamos conduzir a rodada em dois grupos. Quando eu chamar seu nome, dirija-se à porta aberta.

A primeira porta é aberta. Mais um armário da perversão? Ou um trampolim no telhado? Não quero nem pensar em conhecer as pessoas que frequentam essa boate normalmente.

Guy aparece na tela ao lado de Gayle e chama Ian. Ele me abraça depressa e segue pela porta aberta. Se está nervoso por ser o primeiro, não demonstra.

Gayle diz:

— Quando a porta fechar, um timer será acionado, só abrindo novamente depois de quinze minutos, a menos que haja um incêndio e o alarme dispare.

Um jeito interessante de nos trancar em nossos desafios, de usar as armadilhas que nós mesmos criamos. Ian dá de ombros e fecha a porta, provavelmente ansioso para acabar logo com aquilo. Compartilho do sentimento, mas, ao mesmo tempo, morro de medo de um desafio para o qual o NERVE queira trancar as portas. Mas não sou um dos nomes que Guy anuncia para a primeira fase. Samuel, Micki e Ty entram nas outras salas, deixando Daniella, Jen e eu para trás.

Enquanto nossos parceiros são torturados ou trancados com ratos, as meninas e eu nos reunimos na frente do armário de bebida e comida e dividimos o chocolate que foi deixado junto com as cervejas. Por que não? De repente, penso que somos a metade mais fraca das nossas duplas. Vai ser mais fácil nos aterrorizar na segunda fase?

Jen morde um pedaço de chocolate e limpa o canto da boca.

— Micki não é tão durona quanto você pensa. Ela está nervosa com o jogo, só isso.

— Ou está mostrando a verdadeira personalidade — respondo, recusando-me a aliviar a parceira de Jen. — De qualquer maneira, obrigada por tê-la chamado para longe de mim. É loucura dela acreditar que trabalho para o jogo.

Jen levanta as sobrancelhas.

— É mesmo?

Fico boquiaberta.

— É claro que sim!

Ela bate no meu braço.

— Estou brincando. Se alguém aqui foi plantado, só pode ser Samuel. Ele é quieto demais.

Daniella estremece.

— Tenho medo de escuro. Eles não vão me fazer ficar sozinha em uma sala escura, vão?

Ajeito minha saia.

— Agora que sabem do seu medo, talvez. — Não quero ser cruel, mas alguém tem que dar um toque de que toda fraqueza demonstrada será usada contra ela.

Seus ombros tremem.

Sorriso para ela.

— Mas não vai acontecer nada ruim. Se apagarem as luzes, tente cochilar e recuperar energia para o próximo desafio. — É fácil falar.

Ela arregala os olhos.

— De jeito nenhum. Assim que eu fechar os olhos, eles vão mandar aranhas ou alguma coisa assim. Lembra aquela menina da última rodada? Abigail? O maior medo dela eram cobras, e olha o que fizeram com ela.

Lembro-me do terror no rosto daquela participante há um mês. Consegui me convencer de que as cobras não eram venenosas. Se ela relaxasse, tudo ia ficar bem. Mas ela não relaxou, e eu a vi esferneçar. Por diversão.

Jen pega mais chocolate.

— Aquela garota queria ser atriz. Acha que os gritos eram reais? Para ela, o jogo foi só um grande teste. Depois da participação, ela continuou aparecendo com frequência no ThisIsMe. Viu o que ela fez na semana passada? Pulou de um penhasco sobre uma cachoeira, e alguém estava filmando por acaso. Não vive sem atenção!

Pego uma lata de refrigerante.

— É muito esforço para conseguir um papel no cinema. E ouvi dizer que ela pirou depois do último vídeo.

Jen dá risada.

— Jogada publicitária.

Conversamos sobre os outros desafios do mês anterior, classificando os mais excitantes e comparando o que sabíamos a respeito dos antigos participantes. Não que alguém fosse dar importância a eles depois desta noite. O único elenco que importa é o mais recente.

Hum. Estou pensando em mim como membro de um elenco? Interessante.

Concluo que Jen e Daniella não são tão ruins. Os parceiros delas é que são péssimos. Mas, se tivessem parceiros melhores, provavelmente não estariam na rodada do grande prêmio, já que eles eram a personalidade forte. Ian era responsável por estarmos ali? Ou fiz papel de idiota, e as pessoas queriam me ver mais por isso?

A primeira porta se abre ao som de uma trombeta do NERVE. Ian sai cambaleando, com os olhos vermelhos e as pernas trêmulas. Mas que porcaria é essa? Corro e o ajudo a sentar.

Fico surpresa quando sinto o tremor em suas costas.

— O que fizeram com você lá dentro?

Ele balança a cabeça.

— Lembram coisas das quais não quero me lembrar. E coisas de que não quero falar. Desculpa.

E eu pensando que éramos parceiros!

— Tudo bem. Quer alguma coisa do armário?

Ele balança para trás e para a frente com a cabeça entre as mãos.

— Não, valeu.

O que pode ter deixado Ian tão abalado? Outra porta é aberta, e Ty sai atordoado. Fechando uma das mãos, ele pede para Daniella pegar uma cerveja. Mas seus olhos tremem de um jeito estranho, como se tentasse não chorar. Parece que até os psicopatas podem ser atormentados.

Micki sai da sala com os olhos vidrados e grita:

— Se alguém fizer algum comentário errado, não vou nem pensar duas vezes antes de colocar o idiota pra fora do jogo. Entenderam?

Finalmente Samuel volta à sala. De cabeça baixa, ele vai sentar na poltrona e fica olhando para as próprias mãos. Não consigo saber o quanto o desafio o afetou, porque ele adotou aquela mesma postura várias vezes durante a noite.

Guy aparece na tela e aplaude.

— Muito bem, próximo grupo, vamos lá. Daniella, primeira sala.

Tremendo, ela se aproxima da porta e vira para um aceno rápido antes de começar seu desafio. Eu sou a segunda. Se ao menos pudesse passar alguns minutos com Ian! Odeio deixá-lo ali tão vulnerável. Mas o que posso fazer? Eu o abraço, mais para acalmá-lo do que por mim mesma, acho, e me dirijo à porta.

O ar que sai da saleta é gelado, como se viesse de fora. Passo por um corredor com luzes no chão e sigo a iluminação descendo uma rampa. A porta é fechada. Clique. Posso jurar que ouço o tique-taque fraco do timer ou de uma bomba. Sigo as luzes pelo corredor e desço pelo menos um andar. No fim da rampa, o corredor vira para a direita, onde há duas portas. As luzes indicativas passam pela primeira porta e me levam à segunda. Entro no cômodo iluminado por uma abóboda vermelha no teto. O pequeno espaço tem uma cadeira de couro virada para a parede na frente da porta.

A voz de Gayle parece vir de vários pontos da sala.

— Sente-se e fique à vontade, Vee.

Eu me acomodo na cadeira de couro, e a porta atrás de mim é fechada com um estrondo. O que é isso, um brinquedo de parque? Devagar, um painel se move em direção ao meu corpo, e as luzes pequeninas nele começam a brilhar quando a cúpula vermelha no teto se apaga. A

escuridão é quase completa, e meu coração bate mais depressa. Eles me deram o desafio de Daniella por engano? Talvez ela esteja em cima de um palco vestindo roupas molhadas enquanto Matthew dá risada e Sydney a acusa de ser uma porcaria de amiga.

O painel na minha frente toma forma quando meus olhos se adaptam. Estendo a mão e encontro um volante e maçanetas no console ao lado dele. Sim, é um console. O que vai acontecer, uma simulação de direção?

— Aperte o cinto, Vee — diz Gayle, que ainda é só uma voz sem imagem.

Não compreendo que a ordem é real até ela repetir as palavras com tom mais firme.

— Tudo bem, tudo bem. — Toco o assento dos dois lados do corpo até encontrar o encaixe do cinto perto do lado direito do meu quadril e a ponta dele junto do ombro esquerdo. Passo a faixa sobre o peito e prendo a ponta no encaixe. Talvez tenha uma montanha-russa no prédio ou algo parecido. É bem possível, porque são três andares entre a boate e a sala VIP. Bom, já andei em carrinhos de montanha-russa no escuro. Não é meu passatempo favorito, mas sobrevivi.

Na minha frente, pequenos detalhes ganham forma, como as grades de ventilação no painel e o sistema de som. Será que funcionam de verdade? Outros detalhes se revelam formando uma imagem coerente. Olho para os mostradores e prendo a respiração ao ver o adesivo com a frase “AUMENTA O SOM!” no botão do rádio. É uma cópia do meu carro.

Franzindo a testa, ligo o rádio. Ele toca uma música indie que tenho no meu player, uma que ouço muito. Quem deu detalhes da minha playlist ao NERVE? Syd se aliou a eles para se vingar de mim?

O ruído do motor ligando ecoa embaixo do painel, e meu assento vibra como se eu estivesse dentro de um carro de verdade. É bem legal, para falar a verdade. Relaxante. Tão relaxante que apoio a cabeça no encosto do banco e fecho os olhos, mesmo sabendo que provavelmente isso vai servir como dica para o NERVE soltar as aranhas. Que venham.

Adoro a música que está tocando e canto junto. A música seguinte é ainda melhor. Isso é tão confortável quanto meu carro de verdade. O cenógrafo do jogo prestou atenção aos detalhes, como Tommy fez com os cenários da nossa peça. Sinto até o cheiro de fumaça do escapamento.

Fumaça? Em uma sala fechada?

Meu corpo pula para a frente. Não pode ser! Aperto o botão do cinto de segurança, mas ele não solta. Quanto mais puxo a fivela, mais apertado o cinto parece ficar. E a música está mais alta.

Arrepiada, percebo que a trilha sonora é a mesma que eu ouvia naquela noite na garagem, uma situação que também começou bem tranquila. Como eles podiam saber? Ou interrogaram todos os meus amigos sobre minhas preferências musicais e deram sorte quando arriscaram um palpite?

O cheiro fica mais forte, e eu fico tonta. Isso não pode ser real. É bem provável que alguém esteja fumando do outro lado da sala, soprando a fumaça pela ventilação no painel para me assustar. E está funcionando.

Pego meu celular para pedir ajuda, mas não tem sinal. As paredes podem ser feitas de aço. Como em uma prisão. Pensar nisso só provoca outro tremor em meu peito. Continuo puxando o cinto, e então percebo que devo ter uma plateia. É claro.

Levanto um pouco a cabeça e olho para onde imagino que haja uma câmera.

— Gayle, Guy, me soltem! — Não quero nem saber se isso viola a integridade do desafio.

Estou ouvindo a risada de Gayle pelos alto-falantes?

Eu grito:

— Quem estiver assistindo ao desafio, chame a polícia agora! Estão liberando gases tóxicos aqui, e eu estou tonta. Não é brincadeira. Alguém chame a polícia e peça para vir à sala VIP no Club Poppy. Por favor!

Tem alguém me ouvindo? Ou todos vão imaginar que outra pessoa vai me salvar, como eles explicam nas aulas de primeiros socorros?

— Sydney, Liv, Eulie, todas vocês, chamem a polícia agora! Estou implorando. O NERVE é um jogo completamente maluco. — Elas vão me ver? O NERVE deve ter algum tipo de atraso na transmissão para garantir que os Observadores só vejam o que eles querem que seja visto. Com os desafios de Jen e Daniella acontecendo simultaneamente, é possível que transmitam um pouco de cada sala, alternando as imagens. Mas eles não me fariam mal de verdade, fariam? Deve haver um limite para o que podem fazer. Tem que haver.

Mas estou cada vez mais tonta. Uso toda a força que tenho para puxar o cinto de segurança. Está muito apertado. Mesmo que isso seja uma enorme pegadinha, todos os músculos do meu corpo se esforçam para fugir dali. Eu me

dobro para o lado e tento passar por baixo da faixa que comprime meu peito. O braço e o ombro escorregam por baixo do cinto, mas não tem espaço para a cabeça passar. Torço o corpo o máximo que posso para a direita até estar quase deitada no banco, depois empurro o corpo contra o assento e escorrego o tronco por baixo do cinto. O movimento provoca uma dor horrível no pescoço, mas consigo me soltar da parte superior do cinto de segurança.

Usando o volante como apoio, puxo a parte inferior do corpo para cima, para me livrar da parte de baixo do cinto também. Depois de alguns minutos estou ofegante, mas livre.

Ou não? Pulo do assento e estendo os braços até tocar a parede atrás do “carro”. É fria e lisa como mármore, ou como uma tumba. Levo um momento para encontrar a maçaneta da porta, que giro e puxo. Trancada, é claro.

Vão me deixar asfixiar trancada nesta sala enquanto a câmera filma tudo? Talvez esta seja uma daquelas coisas de carma que te perseguem, coisas que já teriam te atingido antes se você não tivesse escapado delas. Morrer na garagem era o meu destino? Não, não, essa ideia é maluca. Seria mais fácil se eu não estivesse tão tonta e atordoada.

Bato na porta com força.

— Ei, me deixem sair! — Viro para o interior da sala e suplico mais uma vez para quem estiver assistindo ao desafio me ajudar. O motor continua ligado. A música continua tocando.

De costas para a porta, escorrego até ficar abaixada. Os gases ali são mais fortes? Não, espera, a fumaça sobe, certo? Estou confusa demais para lembrar. Apoio a cabeça nos joelhos e fecho os olhos, que ardem. Até minha garganta queima. Não sei o que estão borrifando ali, porém é mais forte que fumaça de escapamento de automóvel. Quando adormeci na garagem de casa meses atrás, não senti nada.

Ou senti? Fiz tanto esforço para bloquear as lembranças que nunca considerei realmente os detalhes, nem quando tentei contar tudo à psiquiatra.

O que foi que deu em mim naquela noite? Todo mundo sabe que é perigoso ficar dentro de uma garagem com o motor do carro funcionando. Em algum momento, devo ter pensado que havia desligado o carro. Mas o banco, a música e o calor eram muito aconchegantes. E eu estava chateada. Sim, era isso, estava chateada com Sydney. Um detalhe sobre o qual não pensei muito antes. Havíamos decorado as falas dela para uma peça, mas, no fim da noite, em vez de

agradecer, ela reclamou que o figurino a deixava gorda. Um figurino que eu havia remodelado para ela duas vezes.

Fiquei tão chateada com isso a ponto de me matar? Isso é ridículo. Mas, talvez, só talvez, tenha feito tudo aquilo para chamar um pouco de atenção. Também é maluco, mas um cantinho da mente questiona se não há um pouco de verdade nisso.

Bato com a mão aberta no piso de pedra. Esse jogo, essa especulação, tudo é uma droga. Quero ir para casa e dormir, esquecer tudo. Gritando, esmurro a porta e esfolo os dedos. Estou furiosa comigo por ter me metido nessa encrenca, furiosa com o NERVE por esse desafio horrível e furiosa com os Observadores por não me salvarem. Afasto o rosto quente da porta e levanto os dedos do meio para a sala escura. Se vão me deixar sofrer, eu vou atormentar todo mundo. Mas não vou chorar.

A porta atrás de mim estala.

Levanto, mas é difícil, porque minhas pernas estão dormentes. Quando consigo ficar em pé, giro a maçaneta. A porta está destrancada. Eu a empurro, meio esperando descobrir que o mundo lá fora se transformou em outro espetáculo de horror.

Mas volto ao corredor seguindo as pequenas lâmpadas no chão como em um avião. O ar é frio, mas limpo. Inspiro profundamente várias vezes enquanto subo a rampa para a porta que me leva de volta à sala onde estão os outros jogadores. Ela se abre quando me aproximo.

Aperto os olhos contra a luz intensa, que não era tão forte antes de eu sair dali para cumprir o último desafio. Do outro lado, Ian me espera de braços abertos. Eu mergulho neles e me deixo abraçar.

— Você conseguiu — ele diz.

Suspiro.

— Como se eu tivesse escolha. — Corpo e espírito desistiram. Se eu tivesse força, sairia dali agora mesmo. Mas meus joelhos quase não conseguem me sustentar.

Ian deve sentir minha fraqueza, porque praticamente me carrega para a poltrona namoradeira, onde me encolho em seus braços esperando esquecer o resto do mundo. O coração dele bate tão forte, tão seguro, tão vivo! Quando levanto a cabeça para espiar os outros, que se reuniram perto do armário onde está a cerveja, percebo que Jen e Daniella estão ainda piores que eu, se é que é possível.

Mais música techno. Olho o celular e descubro que ainda temos mais uma hora ali. Como é possível? Não suporto nem

mais um minuto, imagine uma hora!

Guy e Gayle aparecem na tela em roupas de festa, como se estivéssemos em uma comemoração de Ano-Novo. Guy diz:

— Parabéns por terem cumprido mais uma rodada! Vamos continuar.

— Não — eu digo.

Ele franze a testa, e as sobrancelhas de Gayle sobem. Alguns jogadores olham para mim de cara feia, revoltados como se eu houvesse cuspidado na igreja. Micki cerra os punhos. Ty também. Mas Daniella e Jen balançam a cabeça para cima e para baixo, arrancando olhares letais dos parceiros. Por alguns segundos, os painéis exibem fotos de cada um de nós acompanhadas pelos índices de aprovação dos Observadores. Não preciso ver o meu para saber que caiu ainda mais. E daí?

Respiro fundo.

— Vocês acabaram de tentar me matar. Chega.

Guy reaparece.

— Você está absolutamente certa.

Estou?

Ele balança o dedo.

— Não sobre termos tentado te matar, boba. Aquilo foi seu nervosismo e a cerveja. Sua cabeça a enganou. É incrível o que o cérebro pode fazer quando se sente preso no escuro. Mas sejamos sensatos. Todos vocês estão bem, não é?

Ninguém responde.

Gayle aparece na tela ao lado dele.

— A plateia acha que vocês precisam de combustível para o espírito. Nós concordamos. Deem uma olhada no celular.

Quanta consideração, plateia. Não posso esquecer de mandar cartões de agradecimento pulverizados com antraz. No entanto, embora não queira fazer mais nada que o NERVE proponha, fico curiosa o bastante para olhar o telefone, que agora tem uma mensagem com o título “OLHA QUEM ESTÁ ASSISTINDO!”. Abro a mensagem e encontro um vídeo de Eulie e Liv.

Liv bate com a mão aberta na câmera como se me cumprimentasse.

— Que orgulho de você, Vee! É a garota mais corajosa que eu conheço.

Eulie se junta a ela e ri.

— Mais estrela que você sabe quem.

Elas me contam que todos os nossos amigos estão torcendo por mim e que vai haver uma enorme

comemoração no dia seguinte. É claro que ainda não perceberam que vou ficar de castigo até o verão, mas, mesmo assim, sorrio ao saber que nem todo mundo me odeia.

Ian e os outros também assistem a um vídeo no celular. Todo mundo tem a expressão mais suave, inclusive Micki.

Gayle nos chama da tela.

— Melhorou um pouco, pessoal?

Sou a única que responde:

— Não o bastante.

Ela sorri.

— Então ainda não olhou tudo que tem no seu celular.

Olho para a tela e descubro que há outra mensagem. Quando a leio, quase deixo cair o telefone. Eles aumentaram meu grande prêmio, que agora inclui um estágio em uma das maiores grifes de Nova York. Os outros devem ter recebido ofertas igualmente tentadoras, porque a sala explode em aplausos e assobios.

Ian fica vermelho.

— Não acredito nisso.

— O que eles te ofereceram?

Ele cochicha:

— Um advogado especializado em casos de emancipação.

Inclino a cabeça para um lado e o encaro intrigada, e ele acrescenta:

— Significa liberdade completa. E você?

Eu conto sobre o estágio.

Ian parece entorpecido pela oferta do jogo, como se tivesse esquecido completamente o que passou naquele quarto nefasto.

— Vale a pena aguentar mais uma hora dessas bobagens que eles inventam para nós, não vale?

— Não sei. — O NERVE tentou me asfixiar? Na sala iluminada, aninhada nos braços de Ian, essa ideia chega a parecer insana. Eles nunca escapariam ilesos. Certo? Estou cansada e estressada, e eles mexeram com o meu equilíbrio. É isso que fazem. Mas também oferecem prêmios que ninguém mais pode dar. Com o estágio e a bolsa integral para a faculdade de moda, minha vida estaria resolvida.

Ian beija meu rosto.

— Nada pode parar a gente.

Reviro os olhos.

— É, somos totalmente invencíveis.

Guy bate palmas para chamar a atenção de todo mundo.

— Todos prontos para continuar?

Os outros gritam:

— Sim!

Não estou entusiasmada com a ideia, mas o suborno funcionou. Balanço a cabeça numa resposta afirmativa.

Ele sorri.

— Maravilha! Vamos entrar na última fase das rodadas para o grande prêmio, então!

A imagem desaparece. Esperamos nossos anfitriões voltarem às telas. A música techno some, substituída por um new age típico de aula de ioga, o que me deixa mais nervosa que os sintetizadores exagerados, embora eu tenha escolhido continuar jogando. Tento respirar fundo, mas não consigo. Uma gota de suor escorre pelo meu rosto. A tela vazia é quase uma provocação. Depois de um longo instante, as letras aparecem brilhantes.

TUDO QUE PRECISAM FAZER É
ESCOLHER UMA VÍTIMA.

quinze

A sala ferve com perguntas, mas Micki só ri em silêncio. Minha cabeça parece flutuar, e é como se meu cérebro escorresse dela. Ranjo os dentes para me controlar.

Eles querem uma vítima.

Por que me enganei imaginando que me deixariam ganhar uma bolsa integral para a faculdade de moda sem me enlouquecer completamente antes disso? Tento me apoiar sobre os joelhos trêmulos.

Ian segura meu pulso e o afaga enquanto sussurra:

— Não desiste da bolsa. — Ele encara a câmera. — Querem que a gente escolha uma vítima? Para quê?

Ty dá risada.

— Para se divertir, cara!

Todos nós esperamos olhando para a tela, aguardando a explicação de Guy ou Gayle sobre o propósito de escolhermos uma vítima. Mas a tela permanece apagada.

Ian coça o queixo.

— Talvez seja uma pegadinha e a vítima também ganhe um prêmio.

Os outros fazem caretas. Também não acredito nisso.

Micki aponta para mim com uma garrafa de cerveja, a quinta que ela bebe.

— Eu acho que o “V” é de “vítima”. Ou é de “virgem”?

Jen beija a nuca de Micki. Quando levanta a cabeça, ela diz:

— Eu acho que é de vítima virgem.

Quê? Pensei que havia me aproximado dela mais cedo, quando dividimos o chocolate. Tomara que ela se enrosque em um dos alfinetes espetados no queixo da namorada!

Cruzo os braços contra o vazio que sinto por dentro e faço um esforço para falar, apesar de não confiar muito na minha voz.

— Isso é loucura, pessoal. Não percebem? Estão tentando nos jogar uns contra os outros só para ser divertido.

Ty bebe um gole de cerveja.

— Não brinca! — exclama ele, sendo irônico. — Mas só estamos votando. Não vamos fazer nada com você, não é, gente? — Com os braços estendidos e uma cerveja em cada mão, ele gira lentamente para olhar para os outros.

Micki assente.

— Claaaaro. A menos que a virgem não vote e faça todo mundo perder os prêmios. Daí, sim, vamos ter que fazer

alguma coisa com ela.

Ian balança a cabeça numa reação de desgosto.

— Se alguém tentar qualquer coisa com ela, vai ter que se ver comigo.

Micki balança os dedos.

— Ai, ai, ele é durão. Acha que é assim que vai pegar a Virgem Vee?

Ty pisca para mim.

— Eu dou um refresco para a gata se ela votar no herói Ian. — Ela esvazia mais uma garrafa bebendo tudo de uma só vez.

A sala fica em silêncio, exceto pelo apito em meus ouvidos.

A voz de Guy brota dos alto-falantes, embora a tela permaneça escura.

— E você, Samuel? Daniella? Ian? Vee?

Daniella faz biquinho e movimenta a boca de um lado para outro.

— É verdade que você é virgem, Vee?

Olho feio para ela.

Daniella dá de ombros.

— Desculpa. Bom, vou ser legal e votar no Ian.

Samuel estuda as próprias mãos.

— Desculpa, Vee. Eu voto em você. Só para termos uma maioria simples.

Olho para ele como se dissesse: “Obrigada, babaca”. Samuel segue a maioria por razões de segurança, e eu sou menos ameaçadora que Ian. É claro, essa é a melhor estratégia para alguém que está jogando sozinho. Mesmo assim...

Ian vota em Ty, e eu voto em Micki, como se isso tivesse alguma importância.

Entramos em compasso de espera. Os outros jogadores voltam à mesa e ocupam seus lugares. Apesar de ouvirmos uma música que é tocada há eras em todas as boates, ninguém mais quer dançar.

A boca de Ian se aproxima da minha orelha.

— Eles só querem deixar todo mundo nervoso. Você vai ver.

Cochicho de volta:

— Se o NERVE jogar esses idiotas em cima de mim, eu desisto. E todo mundo perde os prêmios.

Ele beija meu rosto.

— É mais que justo.

Nada acontece por cinco longos minutos. A menos que a gente conte Micki pegando outra cerveja ou o tremor que

domina meus braços e pernas, que já estão arrepiados. Queria que o NERVE dissesse logo qual é o próximo desafio e acabasse com isso. Ian tenta me acalmar com incentivos sussurrados, mas não foi ele quem levou a maioria dos votos na escolha da vítima.

— Tem banheiro aqui? — pergunto aos painéis escuros. Eles têm que permitir intervalos biológicos, não têm? Mas não lembro de ter visto outras portas no corredor.

Micki, que deve ter uma bexiga do tamanho do estuário de Puget, considerando toda a cerveja que já bebeu, aponta para mim.

— Nem pense em fugir, ou vou fazer um estrago bem grande em você.

Ian levanta a mão.

— Calma. Todo mundo quer os prêmios, e com o menor estrago possível.

A voz de Gayle anuncia:

— A porta do banheiro está bem atrás de você, Vee.

É claro, outro buraco na parede. Viro para onde os armários improvisados se abriram pouco antes. No espaço à esquerda deles, vejo uma espiral acender. Com as pernas tremendo, contorno a poltrona e percebo que todo mundo evita olhar para mim, como se eu não fosse mais nada. Não é

esse o primeiro passo que as pessoas dão em uma guerra? A despersonalização das vítimas?

Pressiono a espiral iluminada, e uma porta se abre na parede. Além dela tem um banheiro pequeno e sem janelas, é claro.

— Se não sair em cinco minutos, vamos te buscar — diz Jen, olhando para Micki em busca de aprovação, que chega na forma de um beijo barulhento.

Eu me tranco no banheiro, grata por ouvir o ruído da ventilação ligada automaticamente. Pelo menos ninguém vai ouvir barulhos constrangedores do outro lado. A porta não tem trava, mas é o momento mais privado que tive nas últimas horas. Sento no vaso e apoio a cabeça nas mãos pela milionésima vez na noite. Agora sou a vítima. O que isso quer dizer? Vão me empurrar como fizeram os Adeptos da Pureza? Ou arrancar meus olhos, como as prostitutas ameaçaram? Vão conseguir me fazer sentir tão imprestável e sem valor quanto Syd e Tommy fizeram? Por mais que eu tente resistir, começo a chorar.

Depois de um minuto, cerro os punhos. Que idiota. A última coisa de que preciso é essa Micki invadir o banheiro e me pegar chorando no vaso. As câmeras funcionam aqui? Ah, não, me contorço por dentro quando penso que pode

haver câmeras ali também. Examino o teto e não vejo nenhuma, mas isso não significa que não possam estar escondidas nas paredes à minha volta. Por que não pensei nisso antes de usar o banheiro, droga? Quanto os Observadores viram? A plateia que não tentou me salvar daquela sala escura cheia de fumaça.

Mantendo a saia abaixada, levanto a calcinha, depois dou a descarga e lavo as mãos. No espelho, vejo olhos vermelhos e borrados de rímel. O retoque da maquiagem já era. Lavo o rosto com água fria. Isso ajuda com o vermelho dos olhos, mas leva embora o que restava de rímel, deixando-me com aquela cara de criança que fez Ian rir de mim. Posso ir buscar minha bolsinha de cosméticos e retocar a maquiagem, talvez criar um novo personagem para mim, mas isso deve ser o que o NERVE quer que eu faça, então esquece.

Alguém bate na porta.

— Vai logo! Também preciso usar o banheiro — Daniella reclama com sua voz aguda.

— Segure sua vontade, já estou saindo. — Minha voz é ríspida, mas sinto que recupero a força. Respiro fundo, abro a porta e olho para ela com os olhos meio espremidos. Olho para os outros com a mesma cara, exceto para Ian. Depois

sento na poltrona e xingo em silêncio quando ela pula embaixo do meu corpo.

— Alguém estava chorando — comenta Micki, rindo.

— Cala a boca — respondo. — Estou cansada.

Ela passa a mão pelas pontas do moicano de Jen.

— É, já deve ter passado da sua hora de dormir.

Ian sussurra:

— Quanto mais você responder, mais ela vai te infernizar. Concentre-se em mim. Vamos sair daqui como vencedores. Imagina só como vai ser a comemoração.

Escuto o que Ian diz, mas estou olhando através da mesa para o tapete vermelho. A estampa de voltas delicadas converge para um ponto embaixo da mesa. As espirais e curvas atraem meus olhos.

Desvio o olhar do tapete quando a porta é aberta atrás de nós.

Daniella, com uma camada de batom capaz de competir com as prostitutas da Antiguidade, sai do banheiro e senta em seu lugar. Ondas de perfume almiscarado invadem a sala, provocando uma dor imediata na área entre meus olhos. Nem o NERVE teria sido capaz de planejar um ataque mais eficiente contra o nosso olfato.

Volto a estudar o tapete. Alguma coisa nele me incomoda. No ponto central embaixo da mesa, percebo o que parecem ser círculos concêntricos de manchas mais escuras. Inclino o corpo para a frente para enxergar melhor, apoiando os braços sobre a mesa com todo cuidado para não fazê-la balançar.

O painel apita e Guy anuncia:

— Vocês são os últimos jogadores que ainda estão disputando o grande prêmio. Todos os Observadores agora acompanham o que acontece nesta sala!

Jen e Micki acenam para as câmeras. Sinto vontade de ir ao banheiro de novo. Por que os anfitriões não aparecem mais nas telas? É sinistro ouvir vozes sem ter o complemento visual.

Gayle fala com tom autoritário:

— Daniella, abra o armário verde.

Daniella pula da cadeira e bate palmas.

— Mais coisas gostosas!

Ótimo, qual vai ser agora? Uísque ou arsênico? Não quero saber. Séria, concentro minha atenção nas manchas no tapete. São mais parecidas com rasgos. Não, buracos. Buracos? Entender o que são aqueles padrões é como levar um soco no estômago. Ralos. Que droga de sala VIP precisa

de ralos em um tapete que, tenho certeza, é resistente a água? Levanto a cabeça.

Daniella abre o armário, deixa escapar uma exclamação e fecha a porta. Sem nenhuma preocupação com os dentes da frente, ela morde o lábio coberto de batom.

Ty dá um tapa na mesa.

— Chega de drama. O que tem aí?

Ela sorri com os dentes manchados de batom e abre o armário novamente com mãos trêmulas, mas desta vez puxa a porta para exhibir o interior.

Todo mundo prende a respiração.

Há sete pistolas penduradas no fundo do armário.

dezesseis

Dois segundos depois eu alcanço a porta.

Mas Micki também é rápida, e ela passa por Daniella e Ty.

— Você não vai a lugar nenhum, vadia! — Ela segura meu cotovelo e me puxa para trás.

Gritando, tento agarrar a maçaneta.

— Não vou ficar aqui com um bando de macacos bêbados e armados.

Ian se aproxima e tenta fazer Micki me soltar.

— Tire a mão dela.

As unhas da garota machucam meu braço através da manga da jaqueta.

— Essa princesinha covarde de merda não vai tirar nossos prêmios.

Jen e Ty se juntam ao grupo, puxando Ian para longe de mim e da porta. Ele se debate enquanto tento me soltar, mas Micki é muito forte. Ela me derruba no chão e pula sobre mim. Minha coluna grita embaixo do peso de seu corpo.

Seus piercings espetam meu rosto quando ela cola sua bochecha à minha e fala com aquele hálito quente de cerveja

bem perto da minha orelha.

— Aposto que uma vadia como você gosta de fazer de quatro.

Eu me contorço, mas não consigo me soltar. Ela empurra meu rosto contra o tapete, cujo cheiro de borracha confirma minha impressão sobre ser lavável. Tremo só de pensar em que tipo de substância já foi removida dali.

A música agora é um metal, um rock com notas graves e profundas que acompanham as batidas do meu coração. Com um grunhido, consigo soltar um cotovelo e acertar as costelas de Micki. Ela puxa meu cabelo, arrancando lágrimas dos meus olhos e levantando minha cabeça, o que me permite dar uma olhada na sala. Samuel continua sentado perto da mesa. Daniella está encolhida em um canto, de braços cruzados e olhos arregalados, apavorada com a briga.

À minha esquerda, Ian, Ty e Jen trocam socos e empurrões. No minuto em que Ty soltar a cerveja para brigar de verdade com Ian, não teremos mais chances. E Ian deve ter pensado a mesma coisa, porque, com um movimento digno de um filme do Tarantino, ele se apoia na parede e chuta o peito de Ty, jogando-o em cima de Jen. Os dois caem. Isso! Pelo menos um de nós pode fugir e acabar com esse jogo horrível.

Ian corre para a porta e gira a maçaneta. E de novo. Mas nada acontece.

— Que porra é essa? — ele diz.

De repente, o peso de Micki em cima de mim diminui, mas meu peito fica pesado enquanto vejo Ian tentando abrir a porta. Tem alguma coisa errada. Quando fico de joelhos, Micki já está se jogando em cima de Ian e puxando o cabelo dele. Ele gira com velocidade suficiente para desequilibrá-la, provocando um efeito dominó quando ela cai em cima de mim, e eu caio em cima de Ty e Jen, que haviam acabado de levantar do último tombo. Ficamos ali, amontoados, gritando palavrões. De algum jeito, acabo no topo da pilha, como uma boneca de pano em cima de rottweilers. Rolo para o lado e corro para Ian.

Vejo seus bíceps flexionados enquanto ele puxa a porta de novo e mais uma vez. Mas ela não se move.

— Filhos da mãe, trancaram a gente aqui! Isso é sequestro!

Micki se coloca entre Ian e a porta e tenta abri-la. E ri quando não consegue. Quem ri quando descobre que foi sequestrado?

A música se transforma em uma melodia de carrinho de sorvete, e depois se perde em meio ao *pi, pi, pi* do painel,

onde surge uma mensagem:

A PORTA DEVE ESTAR EMPERRADA.
VAMOS MANDAR ALGUÉM ARRUMAR O MAIS
DEPRESSA POSSÍVEL.

Eu grito para a tela:

— Não podem fazer isso! Vamos processar!

QUEM, EXATAMENTE, PRETENDE PROCESSAR?

Aponto para Micki.

— Posso começar por essa vadia.

BOA SORTE. VAI SER SUA PALAVRA
CONTRA A DELA.

A plateia vê as mensagens do NERVE? Ou só uma versão editada que protege os administradores do jogo? Talvez por isso não vejamos mais os anfitriões, agora que estamos entre armas de fogo. Quando penso nisso, sinto minha pressão cair.

Uso Ian como escudo e pego meu celular no bolso. Ligo para a polícia. O rosto de Micki lembra o de um lobo, e ela tenta me atacar, mas Ian a segura. Não faz diferença. Meu

telefone está bloqueado. Meu gemido de desgosto faz Micki e Ty gargalharem.

Não acredito nisso.

— Vocês são psicopatas? Estamos trancados aqui com armas. Ninguém além de mim e Ian se incomoda com isso?

Samuel está encolhido na poltrona.

— Eles devem ter removido os pinos de disparo ou descarregado as pistolas.

Tenho que fazer um esforço enorme para não pular em cima dele.

— Quer mesmo apostar nisso?

Ty resmunga.

— Sossega. Ninguém vai atirar. É só uma brincadeira.

Daniella cobre a boca com a mão, como se tentasse não chorar, mas não fala nada. Jen e Micki mordem a boca uma da outra e riem. Elas sabem alguma coisa que eu não sei?

Tento usar o celular novamente. Talvez consiga desinstalar o aplicativo do NERVE e recuperar o sinal, mas isso exige uma senha. Mostrando o telefone para a câmera, grito:

— Tirem seu programa daqui!

É claro que ninguém responde. Massageio a parte de cima dos meus braços, tentando resistir ao pânico que ameaça me

dominar. A manga da minha jaqueta rasgou, e vejo que tenho arranhões profundos no ombro direito.

Berro:

— Preciso de um médico. Seu pitbull escapou da coleira.

Micki leva a mão à testa.

— Você merecia coisa pior.

HÁ ITENS DE PRIMEIROS SOCORROS
NO ARMÁRIO AMARELO. NOSSO
MÉDICO VIRTUAL ACHA QUE TODOS
VOCÊS ESTÃO BEM, MAS VAMOS EXAMINAR
TODO MUNDO QUANDO A PORTA
FOR CONSERTADA.

O armário. Corro até lá sem me importar com o material de primeiros socorros, mas pensando em impedir o acesso de todo mundo ao armário das armas. Percebo que alguém, provavelmente Daniella, fechou a porta do armário verde, onde estão as pistolas.

Ty é mais rápido que eu, porém, e me impede de passar.

— Ah, não, não vai rolar.

Tento contorná-lo, mas ele é muito grande.

— Preciso de um curativo. E de uma vacina antirrábica, provavelmente.

Ian para ao meu lado.

— Cara, estamos todos presos aqui. Deixa ela pegar o que precisa.

Ty estende um braço.

— Eu pego. Caso algum idiota pense em pegar uma arma e estourar a fechadura da porta. — Ele me encara. — Não vai funcionar mesmo. Eles testaram na TV.

Ótimo. Essa informação deve ser o único dado científico dentro daquele cérebro de ervilha.

Meu braço dói. Talvez eu precise mesmo de uma vacina antirrábica, ou de um antisséptico, pelo menos.

— Tudo bem. Não vou pegar nenhuma arma. Só preciso de alguma coisa para o braço. Ou você pode me deixar sangrar até eu precisar de atendimento médico e o NERVE ter que cancelar o jogo. — Aposto que o NERVE nunca faria isso.

Ty pede o reforço da turma. Ficamos ali, frente a frente, uns encarando os outros, enquanto ele abre o armário amarelo e vasculha o conteúdo. Ty me entrega alguns curativos e suprimentos.

De volta à poltrona, Ian limpa meus arranhões com lenços antissépticos antes de colocar os curativos. Do outro

lado da mesa, Jen segura uma bolsa de gelo contra a cabeça de Micki. *Eu fiz aquilo? Que bom!*

Ty fica sentado de braços cruzados, olhando para nós como se nos desafiasse a chegar perto do armário. Daniella ronrona enquanto passa a mão na cabeça dele, as pulseiras tilintando como chaves de uma cela. À minha esquerda, Samuel continua em silêncio e olha para nós por cima dos óculos. Estamos todos sentados, como no quadro *A Última Ceia*, mas sem comida e sem santos.

A música agora é um rock de elevador. Quem está escolhendo a trilha sonora? Satã?

MUITO BEM, JOGADORES,
HORA DE GANHAR O PRÊMIO.

Novamente as orientações são dadas na forma de textos nos painéis. Por mais que eu tenha achado Guy e Gayle falsos como bonecos de plástico, sem eles a sala parece ainda mais isolada.

TY, PONHA AS ARMAS EM CIMA DA MESA.
UMA NA FRENTE DE CADA JOGADOR.

Meu estômago parece uma pedra despencando até o chão. Ty olha para o painel com a testa franzida, como se não

soubesse ler. Ou talvez ele tenha desenvolvido uma consciência nos últimos minutos.

VOCÊ GANHA UM BÔNUS DE US\$ 100 POR ISSO.

Ele levanta com um sorriso largo. Prendo a respiração e torço para que alguém tenha feito um truque de mágica que tenha transformado as armas em pombos dentro do armário. Mas, assim que ele abre a porta, fica claro que nada mudou. O azar que tem me assombrado desde o começo da noite veio para ficar.

Ergo a voz:

— Não faz isso, Ty. Esse negócio é totalmente *O senhor das moscas*. O NERVE quer transformar a gente em selvagens. Mostre a eles que você é dono da sua vontade.

Ty olha para Ian.

— Não consegue controlar sua mulher, cara?

O rosto de Ian fica tenso.

— Ela tem razão. Não faça isso, Ty.

— Medrosinho. — Ele pega uma arma e a acaricia. — SIG Sauer P226. Linda. Melhor amiga de um soldado da Marinha.

Com a arma a seu lado, ele pega outra e a coloca na frente de Daniella. As duas seguintes vão para Jen e Micki, que se inclina para examinar a arma com um assobio baixo. Em

seguida, ela olha para mim, e eu me encolho. Ty põe uma pistola na frente de Samuel, outra na minha frente e, por fim, uma diante de Ian. A minha e a de Ian foram postas com o cano apontado para nós.

Cruzo os braços e começo a repetir:

— Quem estiver nos vendo, chame a polícia. Quem estiver nos vendo, chame a polícia.

O que eles vão fazer? Ameaçar-me com outra punição? Trocar as pistolas por metralhadoras?

Continuo repetindo o pedido. O NERVE pode ter bloqueado minhas solicitações quando eu estava na outra sala, mas eles não podem continuar me censurando, principalmente agora, com todas as outras rodadas de grande prêmio encerradas. Não há outro programa para exibir. Depois de um tempo, ou vão ter que nos deixar sair ou vão ter que permitir que os Observadores nos vejam. De qualquer maneira, o jogo acabou. Dane-se a faculdade de moda.

HORA DE FICAR QUIETA, VEE.

— Hora de me deixar desistir. Desisto. Desisto. Desisto.
— Alternando a declaração com pedidos para alguém chamar a polícia. Ian se junta a mim.

OLHEM O CELULAR.

Interrompo a repetição para dizer:

— Não tem mais nenhum prêmio que possam me oferecer. Faculdade de moda e estágio não valem isto aqui. Nada vale.

Ty rosna.

— Bom, fazer uma viagem à Irlanda com meu pai antes que ele fique doente demais para isso é motivo suficiente para mim. Portanto, fique quieta.

OLHEM O CELULAR. SEUS PAIS VÃO FICAR AGRADECIDOS.

O quê? Vão envolver meus pais nisso de novo? Verifico o telefone e encontro uma longa mensagem. Leio o texto. Parecem ser anotações das minhas sessões com a terapeuta, coisas que ela digitava na porcaria do computador enquanto eu falava sem parar. Detalhes como o tipo de música que tocava no meu carro naquela noite. É impressionante a quantidade de informação contida nessas anotações. Eu me achava muito esperta tentando distraí-la do incidente na garagem com histórias sobre como me sentia invisível perto de Sydney, chegando ao ponto de contar sobre uma vez que

estava ficando com Jason Walker e ele me chamou pelo nome dela por engano. Tem mais material humilhante depois disso. Caramba, contei tudo à psiquiatra? Que bela porcaria todos aqueles formulários de privacidade que assinei. E para piorar as coisas, tem uma segunda mensagem com detalhes de uma sessão que a terapeuta teve com meus pais, alguma coisa sobre eles não terem relações íntimas desde... Ah, não, eles morreriam de vergonha se isso fosse divulgado.

Olho para as telas. Ian, que estava lendo alguma coisa no celular, também levanta a cabeça. Os olhos dele estão atormentados.

FICAREMOS DE BOCA FECHADA
SE VOCÊS TAMBÉM FICAREM.

Paro de repetir os pedidos.

MUITO BEM. AGORA, CADA JOGADOR DEVE
PEGAR SUA ARMA. QUEM NÃO PEGAR,
ABRE MÃO DA PISTOLA EM FAVOR DE OUTRO
JOGADOR QUE NÓS ESCOLHEREMOS.

Micki é a primeira a pegar a dela. Todos a imitam. Menos eu.

Pigarreio.

— Não vale a pena. Vamos beber as cervejas e dar um tempo. Isso ainda pode acabar bem.

Vejo uma ruga na testa de Ian quando ele olha para mim.

— Pega a arma, Vee.

Caramba, o que sabem sobre ele deve ser pior que as porcarias que descobriram sobre minha família. Ou o NERVE ofereceu a ele mais um bônus? Mas o que pode ser tão valioso? Queria entrar naquela cabeça e descobrir o que o está motivando.

Meus pensamentos, focados na pequena pistola preta diante de mim, provocam um arrepio que sobe por minhas costas. Estou com a boca seca.

— Isso é loucura.

Os olhos dele viajavam em volta da mesa.

— Sim, é. Mas, se não pegar a pistola, vai ficar totalmente desarmada.

Cada vez que respiro, tenho medo de começar a chorar e nunca mais parar. Faço um esforço para falar, apesar dos lábios trêmulos.

— Não pegar a arma pode ser mais seguro do que pegá-la. Nem esses caras atirariam em uma pessoa desarmada.

Micki estala a língua.

— É claro que não.

TRINTA SEGUNDOS PARA DECIDIR.

A voz de Gayle cochicha pelos alto-falantes:

— Seja esperta, Vee.

Tarde demais para isso.

Um relógio começa a marcar a passagem do tempo na tela. Olho em volta. Micki e Ty acariciam suas armas como se fossem animaizinhos de estimação. Até Samuel parece segurar a pistola como se já tivesse empunhado uma antes, o que me surpreende. Deve ser muito videogame. Daniella e Jen deixaram a pistola no colo, as mãos apertando os apoios de braço da poltrona.

O relógio mostra que faltam vinte segundos.

— Não precisa apontar a arma para ninguém, é só segurar — Ian insiste.

— É assim que eles nos aliciam, passo a passo — cochicho, embora todo mundo possa me ouvir.

A voz de Ian é tensa.

— Ninguém vai te obrigar a atirar, mas, se pegar a pistola, será uma a menos nas mãos daqueles caras.

Micki e Ty olham para mim como cobras atentas a um coelho. Talvez eu deva pegar o revólver e atirar nas câmeras.

Faltam dez segundos.

Uma gota de suor escorre pela testa de Ian.

— Vee, por favor, não posso proteger nós dois sozinho.

Não quero. Mas como posso ficar ali sentada e indefesa? Quando faltam três segundos, agarro a pistola. Ela é pesada e gordurosa e não parece falsa. Eu a coloco no colo sem me importar com as manchas de óleo na saia. Micki grunhe, e vejo um sorriso modificar sua expressão.

MUITO BEM, PESSOAL! AGORA RELAXEM E
CURTAM UM FILMINHO. JEN, POR FAVOR, ABRA O
ARMÁRIO COR-DE-ROSA PARA PEGAR O LANCHE.

Ela levanta e olha para Micki com ar confuso, sem saber o que fazer com a arma.

— Segura apontando para baixo — Micki a orienta.

Jen faz o que ela diz e caminha até o armário. Não consigo nem imaginar que tipo de lanche o NERVE vai oferecer. Alguma coisa tóxica, provavelmente. Ainda não tivemos que enfrentar nenhum desafio envolvendo veneno. Mas, quando ela abre o armário, sinto cheiro de pipoca com manteiga e tenho vontade de vomitar. Ela pega uma embalagem com um logotipo estampado e a coloca sobre a mesa, depois volta para pegar caixas de doces claramente

rotuladas com a marca do fabricante. Os patrocinadores acreditam realmente que podem aumentar suas vendas com isso? Pergunta idiota.

Jen fala para Micki:

— Tem um cooler cheio de Red Bull. Quer um, gata?

É claro que Micki e os outros que se encharcavam de cerveja antes pegam o energético. Álcool e cafeína, que combinação incrível.

Ty e Micki são os únicos que pegam pipoca, enchendo a mão e a boca. Samuel dá de ombros e pega uma caixa de doces. Quando Jen volta à sua poltrona, a iluminação é reduzida e um filme começa a ser exibido nas telas. O título é *Manuseio de armas para novatos*.

Passamos os cinco minutos seguintes aprendendo a carregar nossas pistolas, engatilhar, destravar e apontar com uma das mãos ou as duas. A cada nova informação, tenho que lutar contra a vontade de gritar. Vamos trocar tiros. Nosso sangue vai escorrer pelo ralo, e a sala vai ser limpa para o próximo grupo de jogadores. Meus joelhos tremem tanto que a arma pode cair do meu colo.

Ian segura minha mão.

— É só encenação. Estão tentando assustar a gente.

Tentando? Até o rosto dele está pálido, e a veia que pulsa na mão dele repercute na minha.

AGORA VAMOS CHEGAR NA PARTE DIVERTIDA,
GENTE. MAS, ANTES, ALGUNS DEVERES DE CASA.
ALGUÉM AINDA NÃO RECEBEU O CASTIGO PELA
INFRAÇÃO EM UM DOS DESAFIOS.

Sério? O que pode ser pior que isso? Quero me chutar assim que as palavras se formam em minha cabeça. Essa é uma daquelas perguntas que sempre se respondem sozinhas e de um jeito que você odeia no instante em que são feitas.

Em meio aos gritos animados de Micki, ouço vozes do outro lado de uma das portas usadas para os desafios personalizados. A porta se abre com um estalo e duas pessoas entram na sala com olhos vendados.

A arma no meu colo fica cinco quilos mais pesada quando identifico os recém-chegados.

Tommy e Sydney.

dezessete

Apavorada, pulo da cadeira e fico em pé.

— Gente, saiam enquanto podem!

Eles arrancam as vendas e piscam, atordoados. A porta por onde entraram fecha lentamente.

Corro para eles apontando para a porta.

— Depressa!

Eles olham nervosos para mim e para a porta, que fecha com um estalo. Micki e Ty levantaram, provavelmente para me impedir de fugir, mas sentam novamente com ar satisfeito.

Sydney ainda está desorientada. Nunca a vi com essa cara atordoada. A confusão se transforma em choque quando ela vê a arma em minha mão.

— Isso não é de verdade, é?

Escondo a pistola atrás do corpo.

— Não sei.

Tommy estuda a sala com uma mistura de desgosto e curiosidade. Ele olha para mim e balança a cabeça com uma expressão de “eu avisei”. Os outros jogadores continuam

sentados, alguns comendo pipoca, como se meus amigos e eu fôssemos o novo espetáculo.

Syd se aproxima de mim com os olhos cravados nos meus.

— Você foi longe demais com isso. Como teve coragem de continuar depois de eles terem provocado aquela alucinação com monóxido de carbono? Merda, Vee. — Ela me agarra pelo braço e me puxa para a porta por onde acabou de entrar.

Eu a acompanho.

— Quanto você viu? Ouviu quando pedi para alguém chamar a polícia? Ou todo mundo achou que fosse parte da alucinação?

Ela me ignora e bate na porta.

— Alguém abre a porta, vamos sair!

Os painéis acendem e apitam, e Syd vira a cabeça para ler o que está escrito na tela mais próxima. Toco suas costas, pensando em ampará-la quando terminar de ler a mensagem que, com certeza, vai mexer com ela.

AS PORTAS TÊM UM TIMER E SÓ SERÃO
ABERTAS EM TRINTA MINUTOS. A MENOS,
É CLARO, QUE HAJA UMA EMERGÊNCIA. OS
JOGADORES PODEM MOSTRAR ONDE ESTÃO AS
BEBIDAS. FIQUEM À VONTADE!

Sydney dá um tapa na parede.

— Não quero ficar à vontade. E, alô, armas *são* uma emergência! — Ela tenta enfiar os dedos na fresta quase invisível da porta, mas é inútil, por isso Syd se dirige à porta principal e tenta girar a maçaneta. Quando não consegue, ela esmurra a porta e grita: — Vocês disseram que Vee estava descontrolada e que Tommy e eu precisávamos vir buscá-la. Já viemos, agora abram a porta ou vou ligar para o meu pai. Ele é advogado.

Micki dá risada e pergunta aos outros jogadores se alguém quer mais uma cerveja. Ela finge andar sobre saltos altos quando passa por nós.

Syd pega o celular e fala um palavrão quando percebe que está sem sinal. Depois caminha até onde estou no meio da sala.

— Me dá seu telefone.

Meu peito está apertado. Esse é o meu castigo. Não basta me colocar em risco ou apavorar meus pais. O NERVE vai usar minha culpa, o que não é nada difícil com um capricorniano, principalmente comigo, que já estava me afogando em culpa antes da rodada do grande prêmio. Não suporto a ideia de ser a responsável pela presença dos meus

amigos neste inferno que eles nem entendem. Se acontecer alguma coisa com eles...

Abaixo a cabeça.

— Nenhum celular funciona e ninguém é resgatado ou processado. Não enquanto estivermos divertindo os Observadores. E agora nos deram armas e nos fizeram assistir a um vídeo de treinamento de tiro. Desculpa por ter metido vocês nisso.

O rosto de Tommy é duro. Ele grita com Ian, que levantou da poltrona e saiu de trás da mesa.

— A culpa é sua, seu filho de uma puta! — Ele dá um passo adiante.

Ian segura a arma junto ao corpo, mas seus olhos ficam transtornados.

— Melhor não chegar mais perto.

Pulo na frente de Tommy e estendo a mão.

— Não estava vendo o jogo? Enquanto estivermos presos aqui, temos sorte em contar com a proteção de Ian!

Tommy bufa e tenta passar por mim.

— Acha que isso é proteção? Você nunca teria vindo para cá sozinha.

Minha mão empurra o peito dele. Descubro com surpresa que é tão firme quanto o de Ian.

— Ninguém apontou uma arma para a minha cabeça. Ainda. Ian está tão enrolado nessa rodada de grande prêmio quanto eu. E agora, infelizmente, você e Sydney também. Meu Deus, queria que não tivessem vindo.

Sydney põe as mãos na cintura, como se ela estivesse no Primeiro Ato, Cena Dois.

— É um pouco tarde demais para isso.

— Por que não chamaram a polícia, se queriam me ajudar? — pergunto.

Ela bufa, irritada.

— Polícia? Por causa de um jogo? Todo mundo sabe que é tudo combinado. Coreografia.

Agora eu que fico irritada.

— Você também acha? — Estou olhando para Tommy. Ele sabe que não é bem assim.

Vejo seu rosto vermelho.

— Eles pularam de paraquedas no grande prêmio do Colorado e todos os paraquedas abriram. O medo é fabricado.

— Medo fabricado provoca as mesmas reações orgânicas, pode acreditar. — Suspiro. — Fomos enganados.

Ele passa por mim e se aproxima de Ian.

— Bom, seu parceiro não ajudou. Ele é tipo uma vagabunda da internet. Encontrei alguns sites bem feios com

imagens que, tenho certeza, são dele. Espera só até eu usar um programa de reconhecimento facial. — Ele me mostra o celular. — Está tudo aqui, vou te mostrar.

Pego o telefone.

— Pensei que estivesse sem sinal! Liga para a polícia agora!

Micki e Ty pulam de onde estavam sentados, e Tommy aperta o celular contra o peito, com os olhos arregalados.

— Não tenho sinal. Baixei o vídeo mais cedo. — E clica em alguma coisa antes de virar a tela do telefone para mim.

O pescoço de Ian fica vermelho.

— Isso é besteira!

Vejo um vídeo meio escuro de várias pessoas quase peladas lutando ou alguma coisa assim. Afasto o celular para longe de mim.

— Isso não é hora de ficar vendo vídeos esquisitos.

Tommy continua com a exibição.

— Você tem que ver com quem se uniu e em quem pode confiar.

Micki dá risada e espia por cima do encosto da cadeira.

— Qual é o problema? A virgem não aguenta uns pelados? Os painéis apitam, atraindo nossa atenção.

CHEGA DE CONVERSA. A PRÓXIMA TAREFA É A

SEGUINTE: APONTE SUA ARMA PARA AQUELE EM
QUEM VOCÊ VOTOU PARA SER VÍTIMA OU PARA
UM DOS RECÉM-CHEGADOS.

Os saltos de Sydney saem do chão.

— Mas o que...

Um grito escapa dos meus lábios, e é como se todo o meu sangue evaporasse. É assim que vou morrer? Ou um dos meus amigos vai ser morto? É isso que a plateia realmente quer ver? Minha garganta está apertada. Por que não fiquei depois da peça para cumprimentar meus pais? Qualquer filha decente teria feito isso.

Micki e Ty viram e usam as poltronas para apoiar o braço e apontar. Ela segura a arma com as duas mãos, Ty com uma só, mas com firmeza e segurança. Uma está apontada para mim, a outra, para Ian.

Samuel respira fundo antes de levantar a arma.

— Desculpa, Vee. Mas eu prometo que não vou atirar.

— Isso me faz sentir muito melhor. — Minha voz soa um pouco mais aguda. Penso em me esconder no banheiro e levar meus amigos comigo, mas a porta não tranca.

— Pega sua arma — Ty diz para Daniella.

Ela cruza os braços sobre o peito.

— Não sei. Isso ficou muito sinistro.

Ty comprime a mandíbula.

— Pensei que fosse mais forte.

Ela vira lentamente para nós, morde o lábio e pega a arma com as duas mãos, uma no cabo, outra embaixo do cano. Graças ao filme, conheço a terminologia. Essa vai ser a última informação que absorvo?

Daniella choraminga e usa o ombro para limpar o rosto. O movimento faz as pulseiras tilintarem, tilintarem, tilintarem e faz meu corpo se contorcer por dentro.

— É isso aí — diz Ty.

Micki cochicha alguma coisa ao ouvido de Jen antes de morder a ponta da orelha dela. Jen suspira e também pega a arma. Mais uma apontada para mim, mais uma apontada para Ian.

Olho para ele. Uma veia saliente pulsa em seu pescoço. Lentamente, ele empunha a pistola e a aponta para Ty.

A sala fica tão quieta que consigo ouvir a vibração das lâmpadas no teto.

Quero derreter e sumir naquele tapete, por mais nojento que seja, mas preciso pensar.

— Sydney e Tommy, vocês não têm nada a ver com isso.

— Aponto para a porta principal. — Fiquem lá.

Começo a contornar a mesa e volto à minha poltrona, que fica do outro lado da sala.

Mas eles me seguem.

Viro e digo:

— Não. Vão dar a esses babacas um alvo maior. Sei que são inteligentes o bastante para perceber que é assim.

Tommy se inclina e sussurra:

— Inteligentes o bastante para termos chamado a polícia antes de vir. É só uma questão de tempo até chegarem aqui. Você só precisa ganhar tempo.

Quero cantar de alívio. O NERVE ouviu o que ele disse? Não sei se seria bom ou ruim. Cochicho de volta:

— Eu devia ter imaginado. Você é incrível, Tommy. Agora, por favor, vá ganhar tempo perto da porta. Prometo que vou ver todos os vídeos que quiser me mostrar quando a gente sair daqui.

Ele segura o braço de Sydney e tenta levá-la para perto da porta, mas é inútil, é claro. Ela se solta e põe as mãos sobre meus ombros, como se não percebesse que está na mira das outras armas.

Seus olhos estão úmidos, mas a maquiagem continua perfeita.

— Vee, apesar de ter se comportado como uma cretina hoje, vim para te ajudar, e não para me encolher em um canto.

— Sabe de uma coisa, Syd? Tem razão, eu fui péssima. De algum jeito, vou consertar tudo que eu te fiz. Mas, se quer realmente me ajudar, por favor, tente ficar fora do caminho. Sério. Por favor, faz isso por mim.

Ela não se mexe. Como posso convencer Syd a se proteger, se ela já decidiu que vai ficar colada em mim?

As luzes começam a se apagar.

Eu a empurro para a porta.

— Vá logo, antes que apaguem as luzes e você fique presa no fogo cruzado. Se isso acontecer, não vai poder ajudar ninguém.

Ela treme, não sei se de medo ou frustração. Mas, finalmente, o bom senso vence. Ela se afasta. Tommy a segue olhando para trás, para mim e para Ian.

Sigo andando em direção a uma das namoradeiras e esbarro na mesa antes de chegar lá, o que a faz balançar com um rangido. Samuel estende a mão livre para segurar a mesa, mantendo a arma apontada para mim. Em vez de me sentar, vou para trás do móvel e me abaixo, usando o encosto como um apoio para apontar a arma, como os outros

fazem, mas fico menos exposta que eles, me protejo, mesmo o encosto sendo fino e provavelmente incapaz de deter uma bala. Mas me sinto melhor escondida atrás de um escudo. Por cima dele, aponto para Micki, que aponta para mim mostrando os dentes. Mal posso acreditar que estou apontando uma arma para outro ser humano.

Ian ainda está no meio da sala, exposto. Quando a iluminação enfraquece ainda mais, ele também contorna a mesa e se esconde atrás da namoradeira onde Samuel está. Por que não falei para Tommy e Sydney se esconderem lá? Pelo menos teriam alguma proteção. Só mais uma prova de que esta noite falhei com todo mundo de quem gosto. Meus amigos parecem muito vulneráveis encolhidos perto da porta.

Os outros jogadores provavelmente odiariam admitir que Ian e eu tivemos uma boa ideia ao nos escondermos atrás dos encostos, mas os dois casais do outro lado da mesa levantam de suas poltronas e se posicionam atrás delas, como nós. Tenho certeza de que Samuel adoraria se encolher atrás de sua poltrona, mas, como Ian está lá, ele dá a volta na mesa correndo para se juntar a Ty e Daniella atrás da cadeira deles. Somos como dois exércitos, cinco contra dois,

apontando para o outro lado da mesa, nossa fronteira, por cima do encosto de uma poltrona.

Só levamos um minuto para assumir nossas posições, mas o NERVE se impacienta, porque o apito das telas recomeça.

ENGATILHEM A ARMA.

Os painéis mostram uma animação de uma pistola sendo engatilhada, caso tenhamos esquecido as orientações do vídeo.

Meu estômago dói. Pressiono as pernas uma contra a outra para controlar o tremor e digo:

— Acham mesmo que isso não vai dar em nada? Se as armas estiverem carregadas e um de nós levar um tiro, o jogo acaba de vez.

NÃO ACABA. ISSO É PUBLICIDADE.

As palavras desfilam rapidamente pelo painel do outro lado da sala, que Ian e eu podemos ver, mas não no painel que está à nossa direita. Sydney e Tommy viram a cabeça para ler a mesma mensagem que eu li, mas duvido que tenham sido rápidos o bastante para enxergá-la.

Eu falo para a câmera:

— Estão brincando? Mesmo que ninguém encontre vocês, quem vai querer jogar depois disso?

Os outros jogadores parecem confusos. O painel sobre minha cabeça, na frente deles, não está funcionando?

A tela na minha frente pisca rapidamente.

PESSOAS QUE GOSTAM DE VENCER SEMPRE VÃO JOGAR.

Um recanto do meu cérebro sabe que isso é verdade, por mais que eu queira negar. Era só pensar no que fiz para tentar ganhar uma bolsa de estudos para a faculdade de moda.

Se não consigo convencer o NERVE, talvez encontre um resquício de lógica nos outros jogadores, que devem estar pensando que fiquei maluca, já que só escutam meu lado da conversa.

— Pessoal, vamos parar. Eles querem que a gente atire uns nos outros. É uma propaganda. Acham que estou exagerando? Olhem para o tapete embaixo da mesa. Tem um ralo. Sabem para quê? Para lavar a sala. Lavar nosso sangue.

Micki dá risada.

— Não, provavelmente é para lavar o xixi de bebês como você, que molham a calça.

Ela esfrega o polegar na parte de trás da pistola, e escuto o estalo alto. Jen fecha os olhos por um momento, depois, sem me encarar, também engatilha a arma. Ty faz a mesma coisa. Ian também. Clique, clique, clique.

Ty levanta as sobrancelhas para Daniella.

— O que está esperando?

— Estão carregadas? — ela pergunta em voz alta.

O QUE VOCÊ ACHA?

Agora todos os painéis voltam a funcionar. Já houve mensagens que os outros viram, e eu não?

Os ombros de Jen tremem.

— Não tenho experiência com armas. E se disparar?

Ty franze a testa.

— Não vai disparar, a menos que você aperte o gatilho, idiota. Engatilhar só muda o cenário de dois movimentos para um movimento.

Samuel acrescenta:

— E isso só é um problema se a bala for de verdade.

Qual é, ele ainda acha que as balas não são letais? O que nossa plateia pensa? A polícia não apareceu para salvar a gente. Todo mundo realmente acredita que isso é só um jogo de paintball ou algo parecido? Que vamos sair daqui sem

nada mais grave que alguns hematomas? Os sádicos que estão nos vendo querem que seja real. Meus amigos, pelo menos, devem estar assistindo a tudo horrorizados. E impotentes, porque ninguém sabe onde estamos.

Não lembro o que o vídeo explicou sobre dois movimentos e balas no tambor, mas sei que engatilhar a arma é se colocar um passo mais perto do tiro. E Daniella também entende que é assim. O rímel escorre por seu rosto. Mas, no fim, o medo de se tornar a próxima vítima, se puser em risco o grande prêmio de todo mundo, deve ser mais forte que as outras emoções, porque ela engatilha o revólver.

— Vee? — Ian me chama.

Estou me sentindo como Daniella. Não quero engatilhar, não quero apontar essa coisa com menos uma rede de proteção. Por outro lado, se alguma coisa maluca acontecer, vou ter que me proteger. E proteger meus amigos. Prendendo a respiração, apoio o polegar na saliência na parte de trás da arma. Clique.

O lábio superior de Micki tem um brilho que não estava ali antes. Bom. Uma névoa vermelha turva minha visão.

— Por quanto tempo temos que ficar assim? — pergunta Jen com a voz esganiçada.

Nenhuma resposta do NERVE.

Ian diz:

— O jogo só falou que tínhamos que engatilhar a arma, mas não por quanto tempo precisávamos mantê-la engatilhada. Já completamos essa parte do desafio. Vamos travar e abaixar o revólver antes que alguma idiotice aconteça aqui.

Samuel assente. Queria que ele dissesse alguma coisa.

Olhamos para os painéis esperando que o NERVE se manifeste.

Ian olha para os jogadores do outro lado da mesa e diz:

— E se eu contar até três e todo mundo desengatilhar ao mesmo tempo? Vamos parar enquanto ainda dá tempo.

Ele respira fundo.

— Um.

Jen levanta as sobrancelhas para Micki, cujo olhar continua cravado em mim.

— Dois.

Sinto o suor escorrendo por minhas costas. A sala está em silêncio, sem música, não ouvimos nem o rangido de uma poltrona.

Ian inspira profundamente. Seremos os únicos a desengatilhar a arma? Minha respiração é rápida. Acho que vou desmaiar a qualquer momento.

— Três.

Aproximo o dedo da saliência, mas, antes que eu consiga desengatilhar, tudo escurece. As luzes da sala foram apagadas. Lâmpadas strobo piscam. Pessoas gritam. E tiros são disparados.

dezoito

Instintivamente, eu me abaixo. O metal da arma é pesado e escorregadio, mas eu a mantenho apoiada ao encosto da poltrona, acima da minha cabeça. Meu coração bate acelerado como se tentasse fugir, e quando recupero a audição ouço uma música fanhosa que teria sido perfeita para uma quadrilha. Iiiirrá! Claro, uma piada de psicopata.

Meu braço direito formiga, quase adormece, e abaixo a arma lentamente, tentada a deixá-la no chão, mas posso precisar me proteger contra todos os outros revólveres que, tenho certeza, ainda estão apontados para mim, mesmo na escuridão.

— Todo mundo bem? — pergunto com voz suave, temendo assustar alguém e provocar mais tiros.

Ian fala à minha esquerda:

— Sim.

Falo mais alto, acima do som dos banjos:

— Tommy? Syd?

Ouço um barulho no canto mais distante da sala e depois a voz de Sydney, sempre se projetando com clareza

cristalina.

— Estamos bem.

Suspiro, aliviada.

— Não querem saber de nós? — pergunta Micki, cantarolando.

— Imagino que tenham sobrevivido, considerando que não atirei.

Ela resmunga:

— O cacete que não. Ou foi seu menino bonito que atirou em nós.

Ian muda de posição.

— Não, algumas pessoas conseguem controlar o dedo em cima do gatilho.

Ty dá risada.

— Não foi isso que ela disse.

Samuel fala alto, e tenho a impressão de que é a primeira vez em horas.

— Foram cinco tiros. Eu não disparei. E não ouvi o barulho perto de mim. Só podem ter sido vocês.

A voz de Ian soa irritada.

— Meu revólver está frio; quer vir dar uma olhada?

É claro que Micki aproveita a oportunidade.

— Sabia, ele tem um cano frio para combinar com a namorada frígida.

Essa garota tem que relacionar tudo a sexo? E por que ela não admite de uma vez que pirou e atirou? A menos... Tremendo de raiva, percebo que há outra possibilidade.

Pigarreio para falar com a mesma clareza de Sydney.

— O NERVE disparou os tiros. Ou espalhou o cheiro de pólvora no ar pela ventilação enquanto produzia o barulho dos tiros pelos alto-falantes. Queriam que a gente se assustasse e atirasse. Não percebem? Estamos na final.

Todo mundo fica em silêncio por um momento. Em algum nível, devem saber que estou sugerindo um cenário plausível.

Ian comenta:

— No escuro, com a strobo piscando, não dava para saber quem estava atirando.

Jen choraminga e diz:

— Babacas. Acendam as luzes. A plateia não pode ver a gente no escuro.

Não imaginei que ela fosse o tipo chorona. Mas também não pensei que fosse capaz de apontar uma arma para alguém.

— Estou sentindo cheiro de urina — diz Ty.

Isso é cheiro de amônia misturado ao de pólvora e pipoca? Eca.

O NERVE deve estar usando a iluminação para fazer alguma pegadinha, porque, apesar de não ver nenhuma luminosidade no teto, começo a enxergar o contorno dos meus braços. Sento, mais para me afastar do tapete nojento, mas também aproveito para dar uma olhada nas formas que emergem na penumbra: as poltronas namoradeiras, as cabeças se movendo, virando para mim. A mesa continua invisível, mas consigo enxergar os cabos grossos que a prendem ao teto.

TUDO BEM. SEM DESCULPAS.

APONTEM NOVAMENTE A ARMA.

E, PARA NÃO HAVER DÚVIDA, VOCÊS TÊM
QUE MANTER O REVÓLVER APONTADO PELOS
PRÓXIMOS VINTE MINUTOS DE JOGO.

Lembro-me da final de grande prêmio a que assisti no mês passado, aquela em que o pessoal ficou parado na beirada de um telhado. Eu tinha certeza de que havia uma rede de proteção lá embaixo. Enquanto os jogadores tremiam, o NERVE exibia destaques dos próximos desafios. É

o que devem estar fazendo agora. Tudo para garantir a diversão sádica.

Minhas pupilas dilatam, e vejo Ty se levantando atrás do assento da poltrona, a arma apontada para Ian. Ele cochicha alguma coisa para Daniella, que se junta a ele bem devagar. Jen e Micki apontam as armas para mim, ou para a poltrona na minha frente, dá na mesma. Samuel também. Ian aponta o revólver para Ty.

Mantenho a pistola em meu colo enquanto decido o que fazer. Deslizo os dedos por ela e encontro a alavanca de engatilhar. Desengatilhar? Mas preciso me proteger e tenho certeza de que ninguém mais desengatilhou a arma, embora o NERVE não tenha falado nada sobre mantê-las engatilhadas. Não tem opção, tem? Se quiser me defender e proteger meus amigos, tenho que ser uma combatente nesse jogo doente. Ajoelho no chão e aponto por cima do encosto da poltrona.

Esperamos. Mais uma vez, a iluminação é reduzida e a música silencia, tornando notáveis até os sons mais baixos: a vibração da eletricidade, um cano no andar de cima, respirações rápidas, corpos movendo-se. A escuridão é impenetrável, como uma criatura viva que cobre meus olhos, nariz, boca. Quero me livrar dela, mas estou presa em suas

garras. Meu peito ameaça explodir para libertar o coração acelerado. Soluço, incapaz de controlar a respiração ou os sons que produzo. Alguém do outro lado da mesa dá risada. Micki.

Ian muda de lugar atrás da poltrona, chega mais perto de mim e cochicha:

— Abaixei a cabeça. Respire devagar, profundamente.

Faço o que ele diz, segurando a arma e mantendo a pontaria. Não me importo com a porcaria do desafio, mas, se Micki começar a atirar, vou ter que reagir. Respiro fundo. Depois de um minuto, acho que consegui me controlar. Mas minha cabeça lateja, por isso seguro o revólver com uma das mãos e uso a outra para massagear a têmpora. Isso tudo é uma fantasia horrorosa, não é? Tento me imaginar em outro lugar.

De repente, lembro-me de uma aula que a professora de ciências deu sobre física quântica. Alguma coisa sobre um gato. O Gato de Schrödinger. Era uma história sobre como eventos permanecem no reino da probabilidade até realmente acontecerem ou até alguém testemunhar seu acontecimento. Esse cientista chamado Schrödinger disse que, se seu gato estivesse em uma caixa, ninguém poderia saber ao certo se ele estava vivo ou morto até abrir a caixa

para descobrir. Mas agora me pergunto se os Observadores só saberão do nosso destino se alguém abrir esta caixa do mal.

Não, para com isso. Tenho que usar a cabeça de um jeito que reduza o ritmo descontrolado dos meus batimentos cardíacos. A escuridão que nos cerca pode estar em qualquer lugar, em qualquer tempo. Eu posso estar viva ou morta. Tudo bem, decido estar viva. E já que fiz essa escolha, decido que a escuridão é um cobertor macio em uma noite sem luar enquanto descanso perto de um garoto carinhoso e doce. Quando ele me abraça, sinto seu coração bater forte e me convenço que é de paixão, e não de medo.

Estou quase me convencendo dessa fantasia romântica quando a luz fraca aparece novamente. Do outro lado da sala, três armas continuam apontadas para mim. A fantasia acabou. Lágrimas inundam meus olhos, e sinto no ventre o peso da impotência.

Peso que só aumenta quando Sydney suspira de um jeito teatral e diz:

— Muito bom, já foram uns quatro minutos. Hora de mudar de cena. Tenho certeza de que todo mundo é capaz de fazer alguma coisa mais interessante no escuro do que apontar armas.

Percebo na voz dela um tremor que nunca ouvi antes.

Preferia que ela ficasse quieta. Mas Syd alguma vez foi o tipo que suporta as coisas em silêncio?

Ty bufa.

— Pode vir sentar aqui e me mostrar em que está pensando. Uma das minhas mãos está livre.

Ouçõ sussurros aflitos no canto onde estão Tommy e Sydney.

Tenho a impressão de que insetos rastejam sobre minha pele.

— Fique onde está, Syd — grito. Eu iria até lá e a deteria, se isso não fosse alterar a mira de várias armas.

— Qual é seu nome? — ela pergunta.

— Ty, tipo “taaaaais” a fim de uma festinha?

Endireito as costas.

— Syd, nem pense em sair daí.

Era bem típico de Sydney tentar virar o jogo. Mas isso era muito maior que uma peça do colégio. Ela não vai conseguir usar seu charme para fazer valer sua vontade. Ou a minha. Pensar em Ty tocando o corpo dela com aqueles dedos gordos me causa ânsia de vômito. E Daniella? Pode ficar enciumada e descobrir que estar armada tem suas vantagens, afinal.

Micki geme.

— Caramba, a amiga da Vítima Virgem é ainda mais irritante que ela. Acho que a gente devia mudar o alvo.

Ergo a voz.

— É o tipo de coisa que eu espero de você, apontar para gente que não pode se defender. Mas não esqueça quem vai estar apontando a arma para sua cabeça.

Não acredito no que acabei de falar, mas Micki continua apontando para mim, em vez de virar para Sydney. Odeio que Syd esteja aqui tão indefesa. Minha corajosa e teimosa melhor amiga, que está vestida com aquele espartilho há tanto tempo que suas costas devem estar doendo.

Enxugo os olhos.

— Syd, fica aí com o Tommy, só isso. — Ele deve ter contado que ligou para a polícia, certo? A menos que tenha medo de Syd estragar tudo com um momento dramático de revelação.

Tommy se manifesta:

— Acho que nós também deveríamos ter armas.

Não! Onde ele está com a cabeça? A polícia vai chegar a qualquer momento. Bom, talvez ele esteja apostando nisso. O comentário pode ter sido apenas uma tentativa de parecer

durão. Quem ele quer impressionar? A plateia não merece esse esforço.

— Já tem arma demais aqui — respondo. — Ninguém precisa colaborar com esse espetáculo doentio.

Uma onda de dor se espalha pelo meu braço direito. Deve ser o esforço de segurar a arma por tanto tempo. Não sei por quantos minutos ainda consigo sustentar o peso do revólver escorregadio. Quanto tempo ainda temos, uns quinze minutos? E se estou ficando cansada, os outros não estão? Se ligarem a strobo de novo, ou se outro estrondo assustar alguém, um de nós pode apertar o gatilho. Quanto mais ficamos cansados, mais fácil é cometer um engano.

A sala fica completamente escura.

Cochicho para Ian.

— Temos que acabar com isso o mais depressa possível. — Antes que o braço dolorido de alguém se contorça com uma câibra. Antes que Sydney se irrite com Ty e cause um grande problema. Antes que o NERVE introduza algum elemento que nos empurre além do limite. E sei que eles vão tentar.

Ian cochicha de volta:

— Estou pensando em um plano.

— Que plano? Se jogar no chão e torcer pelo melhor? — Não quero parecer ressentida, mas a impotência desperta o pior em qualquer pessoa.

Ele resmunga.

— Imagino que não tenha janela no banheiro, certo?

Isso é o melhor que ele pode fazer?

— É claro que não. Não tem janela em lugar nenhum deste teatro pervertido. — Enquanto falo, uma combinação de imagens inunda minha cabeça: palcos, plateias, janelas, armas. Somos os atores nesta produção doentia. Os Observadores, essa escória, podem estar em qualquer lugar do mundo, bebendo, fazendo apostas e torcendo por sangue.

Imaginar a plateia assistindo ao nosso espetáculo faz meu coração bater mais depressa com a promessa de uma ideia. O que é? Não consigo me livrar da sensação de que estou a um passo de alguma coisa, como quando olho para um pedaço de tecido, para um material de costura, e junto tudo em uma criação. *Pense!* Queria poder examinar melhor o ambiente à nossa volta. Talvez a gente consiga abrir uma das portas de algum jeito. Quantas aberturas vimos até agora? Nove? Aperto os olhos tentando enxergar alguma coisa no escuro. O NERVE deve usar câmeras de visão noturna para transmitir as cenas em close. Acham que podem capturar nossa

ansiedade. Para eles, isso é empolgante. Aposto que os Observadores mais doentes gostariam de estar aqui na sala sentindo o cheiro do nosso medo. Imagino alguns torcendo por sangue, como em uma arena romana, com o imperador apreciando o massacre, sentado em seu trono dourado.

Paro de repente. É isso.

Alguém na plateia deve ter requisitado os melhores lugares. Alguém sempre os solicita. A parede à nossa esquerda tem telas diferentes das outras. E essa parede só tem uma porta comum no canto, diferente das outras, nas quais há vários tipos de aberturas escondidas. Quando Ian e eu fomos até o banheiro no começo da rodada do grande prêmio, passamos por aquelas cadeiras enfileiradas no corredor. A primeira fila.

De repente, tenho certeza de que a cortina de seda no corredor externo é mais que um objeto decorativo. É a cortina que agora está aberta para exibir este espetáculo doentio. E a parede brilhante ao lado da porta não é uma parede, é uma vitrine espelhada. Os Observadores estão a poucos metros. Sinto com absoluta certeza, como se fungassem na minha nuca.

Devo contar minha conclusão a Ian? E se alguma coisa do que Tommy falou for verdade? Ian me manipulou para

entrar neste jogo para ter fama na internet? Talvez Micki estivesse certa sobre ele ter sido plantado aqui pelo NERVE. De que outra forma ele poderia pagar uma escola particular? Syd também achou que ele é estranho, e ela é ótima para avaliar caráter. Ou não? Como pode ser tão boa nisso, se me escolheu para ser sua melhor amiga? Uma melhor amiga que duvidou de sua lealdade e se inscreveu em um jogo traiçoeiro que pode matar nós duas.

Mas Ian foi minha fortaleza hoje à noite. E preciso de alguém que me ajude a sair daqui. Tommy pode ter se enganado sobre a participação de Ian em vídeos sinistros na internet, como se enganou ao acreditar que a polícia chegaria a tempo. Ele viu o que queria ver, não o que estava lá. Mas ele é o cara mais esperto que conheço. Pode ter se enganado? Puxo meu cabelo. Não tenho tempo para descobrir a verdade. Vou ter que agir com base no instinto.

Protegendo a boca com a mão, sussurro minhas desconfianças para Ian e torço para ele estar do meu lado.

— Isso é loucura — ele responde, mas sua voz trai alguma insegurança. — E mesmo que seja verdade, o que podemos fazer? — Pelo menos ele está sussurrando, em vez de divulgar minhas ideias.

Balanço a cabeça, frustrada por ele não ver as coisas com a mesma clareza que eu. Ou ele não quer vê-las, talvez. Vai tentar me deter?

— Vamos atirar no espelho — decido.

Ele fica em silêncio por um instante.

— Vamos acertar alguém do outro lado, presumindo que tenha realmente alguém lá, ou as balas vão ricochetear no espelho. Nenhuma opção é aceitável.

Não sei se a plateia não merece uns tiros, mas aceito o argumento dele por enquanto.

— E se a gente bater no espelho com uma cadeira?

— São pesadas e não têm rodas. Duvido que a gente consiga dar impulso suficiente para quebrar o vidro.

Não temos mais nada na sala para jogar, exceto garrafas de cerveja e embalagens de pipoca. A menos que eu considere os outros jogadores, e eu não me importaria de jogar alguns pelo espelho. Se conseguíssemos pegar a mesa de vidro...

Paro de respirar por um instante.

Não precisamos pegá-la. Presa pelos cabos, ela é como um pêndulo. E como não há poltronas nas pontas, não tem nada para bloquear o movimento. Cochicho para Ian. No início, ele resiste, mas qual é a alternativa? Discutimos

rapidamente como pôr o plano em prática sem levar tiros dos outros. Assim que pensamos em alguma coisa que não parece impossível, ouço um estalo baixo.

— O que foi isso? — pergunto.

— Desengatilhei minha arma — ele responde.

Sinto o peito apertado. Estou vulnerável. Mas ele tem razão. Escapar não vai ter valor nenhum se durante a tentativa atirmos em alguém por acidente. E o NERVE nunca especificou que tínhamos que manter a arma engatilhada; desde que as mantivéssemos apontadas, eles não delatariam nossas atitudes com mensagens sobre violações da integridade do desafio. Desengatilho o revólver, mas o mantenho apontado para Micki.

— Pronta? — ele pergunta.

Não tenho tempo para não estar. A qualquer momento, Sydney pode se aproximar de Ty, o que pode irritar os jogadores perto dele. E o NERVE pode aumentar a música ou ligar os esguichos contra incêndio, o que vai assustar as pessoas, que podem atirar.

Fico em pé ao lado de Ian e decido:

— Hora do show.

Ele se aproxima de mim.

— Antes tenho que te falar uma coisa. Não sei que tipo de vídeo pervertido Tommy editou enquanto estava lá fora, mas é tudo falso.

Não consigo nem imaginar o que é verdade e o que é mentira. Tommy conseguiria criar todos os vídeos que quisesse. O que Ian faz on-line não me interessa, na verdade. O que importa é que temos que tentar escapar. Agora. Mas entendo a necessidade de esclarecer as coisas.

Cochicho para ele:

— Meu nome verdadeiro é Vênus. Quero que você saiba só para o caso de... Ah, e você tem que proteger Syd, aconteça o que acontecer.

— Nós vamos conseguir, Vênus. — Ele me beija na boca.

Vamos? Syd e Tommy também vão? O que eu não daria para estar nos bastidores vendo o beijo de Sydney e Matthew na última cena. Poderia durar para sempre, se eles quisessem.

Respiro fundo.

— Tudo bem, ação! — aviso, lamentando não termos tido tempo para informar Tommy e Sydney sobre nosso plano.

Nós nos movemos para a direita. Ian começa a rir baixo, depois mais alto, o que me causa um arrepio, embora eu esperasse por isso. Ninguém atira. Até aqui, tudo bem.

— Qual é a graça? — Ty pergunta.

— Nós — responde Ian. — Estamos agindo como coelhos assustados no escuro. Não tem nada que a gente possa fazer. Então, por que não damos à plateia o espetáculo que ela quer ver? Se formos muito bons, quem sabe não oferecem mais prêmios para todo mundo? — Ele passa por mim.

Agarro sua camisa com uma das mãos e continuo apontando o revólver para Micki com a outra até a gente contornar as cadeiras e bater na mesa. Ian afaga minha mão antes de soltá-la, movendo-se para o lado da mesa mais próximo dos nossos inimigos, enquanto fico do lado de cá e levanto a mão até encontrar o cabo que suspende a prancha de vidro. Espero que Ian esteja fazendo a mesma coisa do outro lado. Se ele vai me trair, não vai demorar.

— Alguém quer balançar? — pergunta Ian, empurrando a mesa.

Micki grita.

— Temos que apontar uns para os outros, idiota.

Ranjo os dentes, mas tento falar com um tom animado.

— Tem gente que consegue brincar e apontar ao mesmo tempo.

— O que estão fazendo? — pergunta Syd.

Puxo o cabo junto com Ian.

— Se o NERVE gostar do nosso desempenho, talvez você e Tommy possam sair daqui.

A mesa balança de um lado para o outro. Seguro o revólver perto do peito, mas ainda apontado para Micki.

Ian ri outra vez.

— Alguém quer brincar um pouco antes de Vee e eu subirmos nesta coisa?

A voz de Samuel treme.

— Os cabos podem não aguentar o peso.

— Está me chamando de gorda? — pergunto com um gemido.

Ian e eu empurramos a mesa com mais força. Os cabos rangem.

— Última chamada — Ian avisa. — Vai, Micki, você e Jen podem mostrar para nós como se faz. — Enquanto ele fala, a mesa bate na parede. Ninguém percebe, felizmente.

— Sai fora — Micki responde.

O NERVE vai interferir e nos fazer parar? Ou saber o propósito de estarmos fazendo aquilo ia aumentar os índices de aprovação entre os Observadores e satisfazer os patrocinadores do jogo?

— Na próxima — sussurra Ian.

É isso. Se meu plano falhar, não sobra mais nada. Não tenho outro jeito de salvar meus amigos. Meus joelhos parecem enfraquecer com o peso do que estamos enfrentando. Começam a dobrar, como aconteceu quando tentei conseguir um papel na peça. Como quiseram dobrar quando joguei água sobre minha cabeça na cafeteria. Como sempre ameaçam dobrar quando sou o centro das atenções. Tento mantê-los firmes. É minha vez de ficar forte. Pela primeira vez, tenho que representar.

Quando a mesa volta para nós, respiro fundo, me preparo e puxo o cabo com toda força que tenho. Ian também vai dar esse último impulso ou vai puxar o cabo para trás e interromper o movimento, revelando com quem está, de fato, sua lealdade?

A mesa voa. Com os cabos rangendo, ela bate na parede que torço para ser mesmo um espelho.

Um estrondo ensurdecedor explode dentro da sala. E depois ouço o som mais gostoso da noite: os gritos da plateia do outro lado do espelho.

Bem-vindos ao nosso show, babacas.

dezenove

— Que porra é essa? — grita Micki.

— Oops — Ian resmunga.

Seguro o cabo como posso quando a mesa volta para nós, e a empurramos de novo, provocando mais uma chuva de cacos de vidro. Tiros são disparados. Eu me abaixo sob a luz strobo e mais tiros explodem à nossa volta. Isso é de verdade? Os gritos são reais.

Entre os flashes de luz, um raio contínuo penetra a sala vindo do corredor. Era isso que os Observadores da primeira fila esperavam ver? Sinto uma onda de ódio pela plateia, que estava tão perto e não tentou nos salvar.

Quando a strobo para, a luz do corredor projeta um brilho pálido na sala. Isso facilita e dificulta nossa tarefa, já que Ian e eu podemos ver o que estamos fazendo, mas também somos vistos.

Ty se levanta de trás da poltrona. Ele move a arma entre mim e Ian.

— Que porcaria estão fazendo?

— O que o NERVE mandou a gente fazer — respondo. — Não receberam a mensagem no celular? — Ian e eu seguramos o cabo e damos impulso de novo. Mesmo que os outros jogadores não percebam que violamos a integridade do desafio, o NERVE deve saber. É só uma questão de tempo até responderem com outra consequência ou coisa pior. Sem motivo para continuar apontando a arma, eu a enfio na cintura da saia, junto das costas, para ter as duas mãos livres para o próximo empurrão.

A mesa acerta o espelho outra vez, a meio metro do chão, e alarga o buraco em uns trinta centímetros. Mais luz. Mais gritos. Queria que a mesa tivesse atravessado o buraco, chegado ao corredor e acertado nossa imprestável plateia, que parece estar correndo para se proteger.

As telas nas paredes exibem uma mensagem em letras enormes.

VIOLAÇÃO DE INTEGRIDADE!

APONTE A ARMA PARA OUTRO JOGADOR AGORA

OU TODO MUNDO PERDE OS PRÊMIOS!

Ouvimos uma buzina estridente.

Micki levanta, olha para o buraco na parede, mas mantém o revólver apontado para mim.

— Estão tentando fugir de novo. A oito minutos de ganharmos os prêmios!

A oito minutos de sermos mortos em uma carnificina que seria o *grand finale*, isso sim! Ian e eu conseguimos empurrar a mesa mais uma vez antes de ele correr para o meu lado da mesa de vidro. Um pedaço de espelho cai da parede, deixando uma abertura de mais ou menos quarenta centímetros de diâmetro.

Micki grita:

— Parem ou vou atirar, seus babacas!

Ian segura o cabo que está na minha mão e empurramos a mesa de lado.

— Não estamos armados. Vai atirar em alguém a sangue-frio?

Prendo a respiração. Ela vai?

O rosto de Micki é a imagem da fúria.

— Vou dar mais uma chance. Parem de mexer na mesa e voltem para o desafio.

Ty está ao lado dela.

— Eu também.

Ian e eu empurramos a mesa de novo, mas ela acerta o espelho na parede com menos força que antes.

Engulo em seco.

— Não tem a menor chance de você ou o NERVE convencer a plateia de que atirou em mim ou em Ian para se defender, porque nem estamos armados. Além do mais, Tommy chamou a polícia antes de vir para cá. Acha mesmo que vai escapar? — Olho para Jen e Daniella, esperando que elas decidam se juntar aos mocinhos, mas as duas apontam a arma na nossa direção.

— *Você realmente acredita que vai estragar meu lance?* — Micki pula a cadeira.

Dou alguns passos para longe dela sem me afastar da mesa. Mas, em vez de atirar, ela arranca o cabo da mão de Ian, impedindo que ele faça mais estrago no espelho. É minha deixa para correr para o buraco na parede.

Ian me segue, e Tommy e Syd correm atrás de nós. Chuto a beirada da abertura, provocando mais uma chuva de cacos de vidro. O buraco começa um pouco acima dos meus joelhos e tem cerca de meio metro de largura, com extremidades que parecem poder cortar ossos.

No fim do corredor, um Observador grita:

— *Depressa! Os merdinhas estão escapando!*

Micki pula em cima de Ian enquanto eu chuto a parte de baixo da abertura, arrancando mais um pedaço de vidro. Sydney também está tentando chutar a parede de espelho,

mas aquele salto alto dificulta a missão. Tommy fica ali parado e perplexo até Ty agarrá-lo com uma força descomunal.

Tommy geme.

— Para! A gente não se inscreveu para isso. Precisam parar agora.

Ele e Syd não se inscreveram para nada, só vieram me salvar, mas Ty e o NERVE não se importam.

Ian passa um braço em volta do tronco de Micki e a balança para a frente e para trás, batendo com as pernas dela em Ty, que puxou Tommy para longe da parede. Jen puxa Syd pelo cabelo, e elas brigam como gatos. Daniella se encolhe perto da cena e tampa os ouvidos. Está chorando? Bom, desde que não ataque ninguém...

Chuto a parede de vidro. Ian continua sacudindo Micki, e o pé dela ou o de Tommy acerta Ty no meio das pernas. Ele se dobra para a frente e solta Tommy, que cai no chão.

Grito para Samuel.

— Vem me ajudar. — Solto mais um pedaço do espelho e lamento não estar usando sapatos mais resistentes.

Samuel balança a cabeça.

— Não me pede para jogar meu futuro fora, Vee.

É sério?

— Se a gente ficar não vai ter futuro, imbecil. Acha que o NERVE não vai inventar alguma coisa pior para nós nos próximos cinco minutos? Dá para matar uma pessoa em segundos.

Meu próximo chute é mais forte e remove um pedaço de espelho do tamanho do rosto de Samuel. Agora o buraco começa no nível do chão. Ty começa a levantar. Tommy está no chão na frente dele, mas não parece capaz de enfrentar ninguém. Ian sacode Micki de novo, o que pode manter Ty longe de mim, mas só por mais alguns segundos. Meu tempo está acabando.

Para proteger as mãos, puxo as mangas para baixo até onde posso antes de me colocar de quatro. Depois engatinho para fora tentando não esbarrar o corpo no vidro que ainda resta. O topo do buraco enrosca na minha jaqueta, mas o brocado grosso protege minhas costas. Depois de passar pelo buraco de vidro, me levanto. Estou numa encruzilhada entre dois corredores. Se for para a direita, chego à porta fechada no fundo, e aquilo pode ser uma saída ou uma sala de execução. Se for para a esquerda, volto à área da recepção, onde pode haver Observadores esperando para me pegar.

Antes que eu consiga decidir, alguma coisa agarra meu tornozelo e torce minha perna. Caio sentada no chão e vejo o

rosto de Ty do outro lado da abertura no vidro. Ele tem uma visão panorâmica da área embaixo da minha saia, mas está olhando nos meus olhos, e os dele queimam de raiva. Em torno de seu rosto, a parede, que deste lado é uma imensa vitrine, mostra a sala em um foco perfeito. Sobre a vitrine há várias telas, cada uma com uma tomada diferente da sala do jogo.

Ty puxa minha perna. Uso o outro pé para chutar o rosto dele, que sufoca um grito, mas ele está preparado e agarra meu outro tornozelo. Sorrindo, ele apoia o peito pesado sobre os meus pés, apertando-os contra o tapete emborrachado. Do meu lado da parede, cacos de vidro penetram as meias e machucam a parte de trás das minhas coxas.

Ty prende quinze centímetros das minhas pernas com os antebraços.

— Posso ficar aqui a noite toda, sabe? Ou posso arrastar você de volta para cá.

Não tem como passar pela abertura sem me cortar. Estico o corpo para o lado direito tentando agarrar a cortina de seda na parede, mas ela foi puxada para um lado como uma cortina de verdade e está longe demais para eu conseguir alcançá-la. Tento pegar a arma, presa na parte de trás da

minha saia, mas minha jaqueta está retorcida e embolada em torno dela, prendendo a pistola à minha cintura. Felizmente, o bolso onde guardei o telefone ficou em cima da minha barriga. Ponho a mão lá dentro. Consigo discar os três números da polícia com rapidez suficiente? O sinal voltou?

Ty deve antecipar minha intenção, porque quase esmaga meus tornozelos quando muda de posição para se ajoelhar no chão. Ele puxa meus pés, arrastando meu traseiro no chão para mais perto da abertura, e mais cacos de vidro cortam minhas pernas. Enfio a mão no bolso de novo, embora não acredite na possibilidade de fazer a ligação a tempo. É nesse momento que meus dedos tocam em alguma coisa ao lado do meu telefone: o broche de campanha. Ai, muito obrigada, Jimmy C! Pego o broche, abro-o e, sem pensar, enfio o alfinete no rosto de Ty.

Ele grita enquanto furo sua testa e o outro lado do rosto.

— Sua vadia de merda!

O chute em seu rosto não havia sido forte o bastante para fazê-lo me soltar, mas o broche de campanha, embora pequeno, foi mais eficiente. Ty agarra o rosto e puxo as pernas para fora do buraco, arrastando-me para trás sobre os cacos de vidro que rangem embaixo do meu traseiro e

penetram em minhas mãos. Levanto e as examino depressa. Só um caco perfurou a pele, o que provoca uma dor horrível na base do polegar esquerdo. Mas a parte de trás das minhas coxas também arde por causa dos pequenos cortes. Deve haver pelo menos meia dúzia deles. Removo os vidros passando a mão nas pernas. Não tem mais nada que eu possa fazer.

Ty começa a rastejar pelo buraco, com o rosto contorcido numa máscara de fúria, mas os ombros largos não vão passar pelo vão sem sofrer um grande estrago.

Ian grita:

— Corre, Vee! Se um de nós escapar, o jogo acaba!

Depois de todo o esforço para sair daquela sala, ainda hesito por um segundo, querendo estar com Ian, Syd e Tommy, mas sem saber como. Deixá-los parece ser o pior tipo de abandono, mas ir buscar ajuda é o melhor que posso fazer por todos nós.

Ty fica em pé e chuta as beiradas do buraco, removendo mais um pedaço de vidro.

— Você vai morrer, vaca.

Corro.

— Vou buscar a polícia! — grito e corro para a esquerda, em direção à recepção. De repente, o corredor fica escuro.

Meu ombro parece gritar de dor quando eu me choco contra uma parede. Recupero-me e continuo correndo, incentivada pelos passos pesados atrás de mim.

Ouço um tiro. Depois, silêncio.

Não, não, não!

— Volte aqui, vaca, e aceite a consequência que o jogo vai impor a você — grita Micki. — Ou a próxima bala vai ser em um dos seus amigos.

Minha boca fica seca. Ela seria capaz disso? Não atirou a sangue-frio antes, mas agora ela está mais desesperada.

Sydney grita:

— Vai, Vee!

Ian acrescenta:

— O jogo já acabou!

É isso? O que Micki e Ty farão se eu continuar correndo? O que eles vão fazer se eu voltar? Racionalmente, sei que Ian está certo, mas a sensação é de estar traindo todo mundo. Ouço o barulho de vidro quebrando atrás de mim. Ty deve estar quase conseguindo passar pelo vão. Corro no escuro e bato contra alguma coisa que tem cantos salientes. O balcão da recepção. Estou quase lá. Então, lembro-me do meu telefone. Ofegante e esperançosa, tiro o aparelho do bolso.

Uma olhada rápida para a tela me faz gemer. Ainda sem sinal.

Pelo menos posso usar a luz do aparelho como lanterna, e é assim que vejo a porta principal. Ouço gritos e mais gemidos atrás de mim. Depois, outro tiro.

Meu Deus, meu Deus, meu Deus. Se Micki fez o inimaginável, voltar só vai piorar a situação. Abro a porta para a pequena área de entrada na frente dos elevadores e sou ofuscada pela luz, embora ainda seja só uma penumbra. Percebo um movimento na minha frente. A porta do elevador à minha esquerda começa a fechar, e na cabine há mais ou menos seis Observadores. Eles usam roupas coloridas, mas o rosto de todos tem uma tonalidade acinzentada. Um homem de cerca de 50 anos, com cabelo penteado para trás e jaqueta de couro com corte de alfaiataria joga um beijo para mim.

Filho da puta. É o adulto que supervisionava o encontro dos Adeptos da Pureza, o que jogou Ian e eu para fora do boliche.

Jogo-me para a frente, após conseguir pegar a arma nas minhas costas, e encaixo o cano na fresta cada vez menor entre as duas portas. Aço rangendo contra aço, e Observadores gritando e se espremendo contra as paredes do

elevador. Ah, agora o espetáculo perdeu a graça? Com um tranco, as portas cedem e abrem novamente.

Aponto a arma para o cara que jogou o beijo para mim.

— Joga o celular.

Ele dá de ombros.

— Deixamos o telefone com os motoristas. O NERVE não quer ninguém vendendo imagens do jogo.

Droga. O que devo fazer? Obrigo todo mundo a sair do elevador e desço sozinha para procurar a polícia, que pode ou não estar revistando o edifício? Não tenho tempo a perder. Começo a pensar em outro plano.

Engulo em seco.

— Tudo bem. Então sai. Só você.

O homem se apoia na parede e cruza os braços. Então sorri, sorri de verdade. O filho da mãe.

— Você não vai atirar em mim.

Ponho um pé dentro do elevador, caso as portas fechem de novo. Devo obrigar os outros a saírem? Todo mundo merece a mesma coisa. Mas a arrogância desse cara é mais do que posso tolerar.

Firmo a mão no revólver.

— As balas são falsas, não são? Por que eu não atiraria? Não vai acontecer nada. — Engatilho a arma.

Ele molha os lábios.

— Parte da diversão é não saber se a artilharia é real ou não. Mas aposto que você não vai pagar para ver. Violência não faz parte do seu perfil.

Faço um movimento afirmativo com a cabeça.

— Quer mesmo apostar nisso? Acha que meu perfil não mudou nada nas últimas horas? Se eu descobrir que um dos meus amigos se machucou, não vou me incomodar nem um pouco em apontar para partes do seu corpo que você certamente aprecia e valoriza. Então, agiliza.

Ele olha para baixo, analisando o próprio corpo, depois para mim e sorri, o que faz disparar meu sinistrômetro.

— Não me ameace, menininha.

— Um — começo a contar, apontando para o joelho dele.

Uma mulher gorda ao lado dele o cutuca com o cotovelo.

— Vai com ela. O NERVE vai resolver tudo depressa. Eles não querem perder os maiores patrocinadores.

O rosto dele fica vermelho.

— Cala essa boca, vaca.

— Dois — continuo, levantando um pouco a mão e mudando o alvo para a parte superior da perna. As portas começam a fechar, mas chuto uma delas, e elas recuam novamente.

O homem me encara, furioso.

— Tudo bem — concluo, começando a apertar o gatilho.
— Tr...

— Ok, vadiazinha. — Ele sai do elevador tão depressa que tenho medo de que agarre a arma da minha mão.

— Mais devagar! Ou eu atiro em você. Pode acreditar que vou adorar, depois de tudo que passei. — É surpreendente, mas, neste momento, acredito que sou capaz de disparar. E ele deve ter visto essa capacidade em meus olhos, porque faz o que eu mando. Caramba, em que me transformei?

Recuo quando ele sai do elevador e para na minha frente. Ficamos ali cara a cara até as portas do elevador se fecharem. A pele dele é esticada, como se fizesse plásticas regulares, e a calça casual deve custar uns quinhentos dólares, no mínimo. Tanto dinheiro, e ele desperdiça em diversão pervertida. Fazer esse cara se contorcer vai ser um prazer.

— Vamos voltar à sala — aviso. — Anda.

Deixo-o caminhar alguns passos à minha frente, e o cara abre a porta esculpida. Do outro lado ainda está escuro, mas a luz dos elevadores próximos mostra Ty agarrando um braço e cambaleando pela área da recepção. Ele deve ter se perdido no escuro. Um sorriso surge em seu rosto quando

nos vê. Estreito os olhos e tento enxergar na escuridão do corredor atrás dele, mas é impossível.

Paro atrás do homem.

— Volte, Ty, ou eu atiro nesse cara. Ele é um dos chefes do NERVE, até participou em um dos nossos desafios. Se ele se machucar, pode esquecer seus prêmios.

Ty dá risada.

— Quem você acha que está enganando?

O homem endireita as costas.

— Nem pense em dar um passo sequer em direção à saída. Se ela atirar, todos vocês vão pagar muito caro.

— Mas... — Ty hesita. — Meu braço...

— Agora — o homem decreta, evidentemente acostumado a dar ordens.

— Quem levou o tiro? — pergunto.

— Não sei, nem parei para ver — responde Ty.

Babaca.

Espio por trás do homem para ter certeza de que Ty começou a voltar pelo corredor. Tem alguma coisa escura pingando do cotovelo dele. Bom, ele sabe onde está o material de primeiros socorros. De algum lugar lá na frente vem o barulho de gritos e luta.

— E agora, princesa? — pergunta o homem.

— Abra a porta depressa — ordeno. Precisamos de luz.
Ele faz o que mando.

— Agora atravesse a área de espera e continue pelo corredor em direção à sala. Sem movimentos bruscos, mas sem enrolar.

Ele anda. Sigo-o alguns passos atrás, apontando a arma para a bunda dele e usando meu celular como lanterna. Dou alguns passos e olho ao redor para ter certeza de que ninguém entrou no corredor. Ouço gritos na sala do jogo. O NERVE mandou reforços?

Falo em voz alta:

— Syd, Tommy, Ian, vocês estão bem?

— Sim — Sydney grita de volta. — Desde que a psicótica não atire mais no teto.

O ar sai do meu peito como em uma explosão. Que alívio! Quando chegamos à sala, ordeno:

— Entre, Ty.

— Por quê? Pensei que quisesse acabar com o jogo.

— Faz o que ela diz — interfere o homem.

Ty passa pelo buraco aberto no vidro. Apesar de as luzes estarem apagadas na sala, os painéis sobre o espelho exibem várias imagens em tons escuros de verde, confirmando minha suspeita anterior de que o NERVE nos observava com

câmeras de visão noturna. Micki e Ian levantam do chão, onde deviam estar lutando. Eles se viram para mim como se tentassem entender o que acontecia no corredor.

— Que porra é essa? — Micki se abaixa, e os olhos ficam no mesmo nível do buraco. Por que ela não saiu para ir atrás de Ty? Acha que tem chance de o jogo continuar enquanto ela ficar lá dentro? Que tipo de prêmio ofereceram a ela além da Harley? Uma arena de briga de cachorros?

Minha voz é dura e fria.

— Ian, Tommy e Sydney, saiam.

Micki levanta e pega a arma de Jen.

— O próximo tiro não vai ser um aviso. — Vejo por um dos painéis que ela aponta para Syd.

O homem fala alto:

— Se não fizer o que Vee está dizendo, ninguém vai receber os prêmios. Posso garantir.

Ty enfia a cabeça pela abertura.

— Quem é você, o chefe do NERVE?

— Não, mas pode acreditar que eles querem que eu fique satisfeito.

Silêncio. É evidente que estão esperando o NERVE confirmar o que o homem disse. Mas o NERVE deve estar

ocupado demais formando um exército. Os painéis continuam mostrando os jogadores na sala.

A voz de Micki é ríspida, e ela mantém o revólver apontado para Syd.

— Não parece que todo mundo te apoia, senhor investidor. Talvez nem se importem se você levar um tiro.

O homem começa a tremer.

— Mas eu me importo. E tenho como garantir que todos vocês recebam os prêmios.

Percebo uma movimentação e vozes baixas dentro da sala.

Ty fala alto.

— Como pode garantir?

— Se ela atirar em mim, garanto que não vão ganhar nada. Se ela não atirar, saibam que sempre recompenso os que me ajudam. E castigo os que se opõem a mim.

A voz ressentida de Micki soa mais alta.

— Mas somos nós que estamos armados. Talvez o NERVE queira que a gente atire em você. E depois na Virgem e nos amigos dela. — Ela vira e aponta a arma para o homem pelo buraco na parede.

Ian interfere:

— Você chapou? Tudo que acontece nesta sala é transmitido. E guardado em vídeo. Quer passar o resto da vida presa ou sendo a vadia do dono do vídeo para poder escapar da cadeia?

Melhorou minha pontaria.

— Além do mais, se a gente atirar de volta, vai ser autodefesa. Não que isso tenha importância, porque não vejo nenhuma câmera aqui no corredor. Sou a única que não está sendo filmada. — Minha voz é dura e minhas veias parecem geladas.

Ty responde:

— Não sei...

— Bom, eu sei — continuo. — Cansei de jogar. Vou dar a esse babaca o castigo que ele merece. E, ao mesmo tempo, acabo com a chance de todo mundo ganhar os prêmios.

O homem fica tenso.

— Estou pegando a carteira. E ela está cheia de dinheiro e cartões de crédito. Podem usar tudo. — Ele tira a carteira do bolso e a joga no chão.

Micki olha pelo buraco na parede, provavelmente calculando se vai conseguir pegar a carteira e me acertar antes que eu atire nela. Ou no cara.

Por maior que seja a tentação de provocá-la, eu a deixo pensar. Micki pode ser cruel, mas não é burra.

Depois de alguns instantes, os ombros dela relaxam, e ela solta a arma.

— Saiam daqui, seus cabeças de merda.

Jen tenta abraçá-la, mas ela se esquiva.

Depois de mais alguns segundos, Tommy passa pela abertura. Então é a vez de Syd, seguida por Ian.

Antes de sairmos, aponto para a carteira do homem.

— Pega a carteira de motorista.

— Por quê? Não pode comprar nada com isso.

Não posso. E nem compraria, se pudesse. A ideia de comprar os prêmios com esse dinheiro sujo me deixa enojada.

— Pega a carteira — repito. Agora ele sabe como é sofrer uma invasão de privacidade.

Ele ajoelha, pega a carteira e tira dela o documento, antes de deixá-la novamente no chão. Sob a luz limitada do meu celular e das telas suspensas, não consigo decidir se aquilo é uma carteira de motorista ou a carteirinha de associação dos Perversos Anônimos, mas ele precisa entender que não estou brincando. O homem fica em pé e me entrega o documento.

Não vou me aproximar o suficiente para ele me desarmar, por isso digo para entregar a carteira ao Tommy. Comigo na frente do grupo, mas andando de costas para poder manter a arma apontada para o cara, saímos dali. Ian vai atrás de todo mundo, apontando a arma dele para o mesmo alvo.

Quando chegamos perto dos elevadores, chuto a porta e grito:

— Se alguém sair antes de estarmos fora do prédio, o cara leva bala no rabo. — Ninguém nunca morreu por causa de um tiro na bunda, digo a mim mesma. Quando bato a porta depois que todo mundo passou por ela, imagino as mãos na escuridão tentando pegar a carteira no chão.

Ian estende a mão para o botão do elevador VIP, mas grito para impedir.

— O andar todo foi ocupado pelo NERVE. Se mandaram reforços, ou se os motoristas lá embaixo estiverem armados, eles vão tentar subir pela entrada privada.

Ian chama o elevador de serviço. Todo mundo se assusta quando o sinal sonoro indica a chegada da cabine, todos esperando para descobrir se alguém veio atrás de nós. As portas abrem. O elevador está vazio. Felizmente. Mas ainda não estou convencida de que o NERVE não tem um

esquadrão de atiradores esperando por nós lá embaixo, na boate, inclusive.

Quando nos aproximamos das portas do elevador, o homem pergunta:

— Cumpri meu dever de refém?

Eu paro para pensar. Se encontrarmos alguém do NERVE, a presença dele vai servir para alguma coisa? Acho que não, ou já o teriam resgatado. Por outro lado, se a polícia estiver lá embaixo, corrupta ou não, não vai ser bom para mim aparecer com um refém na minha mira.

— Pode continuar onde está — decido.

Entramos no elevador. Aperto o botão marcado como Boate e faço uma prece silenciosa para não precisarmos de nenhuma senha para descer.

As portas fecham e o elevador começa a descer. Assim que isso acontece, Sydney e Ian me abraçam. Parece mentira que conseguimos sair daquela sala. Quanto tempo até os outros jogadores finalmente desistirem e saírem de lá?

Por cima do ombro de Syd, vejo Tommy, que parece desconfortável em um canto. Sinto uma pontinha de pena do meu escudeiro, apesar de ele ter me filmado durante o desafio no teatro da escola. Mas depois ele veio me salvar, não veio? Quando Sydney e Ian me soltam, eu me aproximo

dele e o abraço também. Tommy parece surpreso, mas me aperta num abraço meio estranho até eu perder o equilíbrio e bater com um braço em suas costelas. Sinto uma vibração perto do quadril dele. Afasto o braço. O que é isso?

Tommy recua um passo e me empurra para longe. Seu rosto fica vermelho, e ele olha para o próprio quadril.

Eu o agarro.

— Seu celular tem sinal. Acabei de sentir. Atende!

Ele sorri com os lábios, mas não com os olhos.

— Deve ter acabado de voltar.

Tommy pega o telefone do bolso e, tremendo, lê uma mensagem.

Dou uma olhada no meu celular, que continua bloqueado, e peço a Ian e Syd para olhar o deles. Todos bloqueados, menos o de Tommy, apesar de estarmos dentro de um elevador.

— Por que não chama a polícia? — pergunto.

Ele segura o celular.

— Ah, é. Vou chamar.

— Qual é a dificuldade de tocar em três números? — E por que ele hesita tanto? De repente, o caos das últimas horas parece assentar em minha cabeça, deixando um

caminho claro para o que eu não havia visto até agora. —
Cadê a polícia, Tommy? Ligou mesmo para eles?

Ele encara a tela do celular.

— É claro que sim. Devem ter ido ao lugar errado, alguma coisa assim. GPS não é uma coisa tão precisa quanto as pessoas pensam.

— Mas você é. — Tudo que aconteceu esta noite fica claro como água, como aquele espelho de dois lados por onde as pessoas observavam a sala. — Dá o telefone, Tommy.

Ele toca a tela.

— Já disse que vou ligar.

— Faz o que estou pedindo.

— Faz o que estou pedindo. — Ele me imita com uma voz aguda. — Você parece um personagem das peças em que nunca te aceitaram no elenco.

— Quero o telefone, Tommy. Agora.

— Entrega para ela — diz Ian, apertando o botão de parada para impedir que as portas do elevador se abrissem.

— Cala a boca. — Tommy limpa o suor da testa. — Vee, vim aqui te salvar, e agora não confia em mim?

— Não sei o que veio fazer aqui. Mas não ter vindo com a polícia foi uma grande burrice. E burrice não faz parte do seu perfil, Tommy. Nem ousadia. Mas ser calculista... sim.

Aposto que foi você quem contou ao NERVE por que eu estava magoada com a Sydney. E quantas pessoas poderiam ter contado ao NERVE sobre o adesivo no rádio do meu carro? Seu cretino!

Ele mostra os dentes.

— Como se eu fosse o maior cretino da noite. — Ele balança a cabeça com desgosto.

Eu fico cega. Com um movimento de artes marciais que aprendi ensaiando com Syd para o papel na peça dos ninjas, acerto um chute lateral entre as pernas dele.

Quando Tommy cai, pego o telefone das mãos dele. Está carregado de mensagens do NERVE, o que confirma minhas suspeitas.

— Filho da puta. Você me traiu por uma TV de tela grande?

Ele olha para mim com uma expressão transtornada.

— Dane-se a TV. Temos três em casa. Você não é a única que cansou de ficar nos bastidores.

Fico bem perto da porta e digito o número que vai acabar com isso. Tommy nem se mexe enquanto conto à polícia sobre as armas na sala VIP.

— Eu disse que ele era um babaca — comenta Ian.

Tommy dá um soco na parede e olha para Ian de um jeito ameaçador.

— O NERVE só escolheu você, em vez de mim, porque eles sabiam que ia magoar a Vee.

Sydney inclina a cabeça para Tommy.

— Você tentou participar? Como ninguém mencionou que você postou um vídeo?

Tommy transfere o olhar furioso para ela.

É difícil controlar a vontade de cuspir nele. Tommy me traiu porque o NERVE escolheu Ian em vez dele? Patético.

Ian solta o botão, e o elevador desce até abrir as portas para um corredor comum. Olho para os dois lados e vejo uma porta que parece pulsar com a música alta do outro lado e outra porta no extremo oposto do corredor. Volto para dentro do elevador e peço a carteira de motorista do investidor. Tommy joga o documento para mim. Guardo a carteira no bolso e saio do elevador com Syd e Ian.

Quando as portas do elevador se fecham, falo olhando para trás:

— Fim de jogo, Tommy.

vinte

— Que porta? — Ian me pergunta.

Pela primeira vez, Sydney também espera minha decisão.

A porta mais afastada pode ser uma saída, mas também pode nos levar para um bando de malucos do NERVE, e não dá para prever quanto tempo a polícia vai demorar para chegar. Abro a porta para a música. Estamos em uma galeria sobre a pista de dança. Ian e eu nos olhamos e guardamos a arma dentro das roupas.

Quando descemos uma escada cheia de curvas, tenho a impressão de que o público nos ignora. Estamos malvestidos para o lugar, provavelmente parecemos menores de idade que conseguiram entrar na casa, e ainda tem minha jaqueta rasgada e minha mão sangrando. No piso térreo, pego um guardanapo em cima de uma mesa para cobrir o ferimento. Os cortes nas coxas vão ter que esperar. Vamos trombando e desviando de gente que ri e bebe como se esta fosse só mais uma típica noite de sábado. Só olho para o luminoso que indica a saída.

Quando estamos na metade do caminho, uma mulher aponta para nós e grita:

— Ei, olha, são aqueles jogadores do NERVE!

A música fica imediatamente mais baixa, e todo mundo vira para olhar para nós. Um cara pega o celular e pergunta:

— O que estão fazendo aqui? O jogo acabou? Eles estão transmitindo reprises de cenas desde que vocês abriram um buraco na parede. Aquilo foi incrível!

— Estava assistindo àquilo? — pergunto.

— Todo mundo estava. — Ele aponta para uma tela enorme onde vejo um clipe de Ty e Danielle no armário, os dois esverdeados por causa da lente de visão noturna. Eu não ia querer ver aquela cena com todas as cores, mesmo.

Paro na frente do desconhecido.

— Você viu a gente preso lá dentro com as armas? Por que ninguém fez nada?

— Eles têm procedimentos e medidas de segurança, não têm? — E aponta o celular para mim enquanto berra para os amigos. — Ei, eu falei que eles estavam na sala lá em cima. Reconheci a mesa!

Todo mundo se aproxima para nos ver melhor, todos rindo e gritando nosso nome. Duas meninas me pedem um

autógrafo, e os caras que estão com elas começam a me levantar no ar, mas Ian os faz parar.

Fico tensa. Como eles podem se comportar como se nos conhecessem? É difícil entender que, enquanto eu temia por minha vida alguns andares acima, eles viam tudo como uma forma de diversão, eventos que nem mereciam um segundo de reflexão ou atenção.

Ian e Syd tentam me puxar para a porta de saída, mas me livro deles e enfrento a multidão. Ignoro os gritos de “ei, Vee” e me dirijo à cabine do DJ. As telas agora mostram cenas de Ian em uma salinha, com os olhos fixos em um vídeo granulado. Só consigo ver um homem alto batendo em um garotinho e o arrastando para uma picape. Depois, a câmera foca o rosto de Ian sozinho na sala do desafio, vendo as cenas com uma expressão abalada. Não é possível que aquilo seja um vídeo de família, ou é? Agora entendo por que todos os prêmios dele tinham a ver com viajar, fugir. Viro e olho nos olhos do verdadeiro Ian ao meu lado. Ele engole em seco e pisca.

— O garotinho não era você, era?

Ele balança a cabeça.

— Não, mas poderia ser.

O DJ nos recebe com um sorriso largo.

— Temos convidados VIPs aqui hoje, pessoal! — ele anuncia ao microfone.

VIP. Sei. Pego o microfone e peço para ele desligar a música. Por ser uma celebridade temporária, sou atendida imediatamente. O público olha para nós, algumas pessoas ainda dançando com a música que toca dentro da cabeça delas.

Depois de ajudar em tantas apresentações no colégio, eu devia saber como usar um microfone, mas ainda me sinto encabulada. Sopro para ter certeza de que está ligado e falo:

— Oi. Meu nome é Vee.

— E aí, garota? — gritam alguns clientes da boate.

Aponto para a tela.

— Vocês acabaram de me ver participando do NERVE e devem ter pensado que esse é um jeito legal de ganhar alguns prêmios incríveis. Vou contar a verdade. Nós quase morremos lá em cima. O jogo é real. Não se inscrevam e não assistam mais àquela coisa. Nunca mais.

Algumas pessoas foram ao bar pegar uma bebida e conversar. O restante do público continuou olhando para nós, alguns sorrindo, outros cochichando com os amigos, alguns com uma expressão confusa. Reconheço a mulher do boliche, aquela dos cachos vermelhos de soprano. Ela ficou

do nosso lado antes, talvez convença os amigos a me ouvirem. Ela pega uma câmera e a aponta para mim. Todo mundo em volta dela faz a mesma coisa. A sala se torna um mar de braços erguidos segurando celulares que buscam o melhor ângulo.

Eu podia ter morrido, e a reação deles é me filmar? Tenho que fazer um esforço enorme para não jogar o microfone neles e começar a chorar. Nesse momento, o mito de que uma foto rouba parte da sua alma surge na minha cabeça como uma verdade incontestável, porque sinto meu espírito ser sugado de mim, absorvido por centenas de lentes que tudo veem e só querem capturar meu medo, minha raiva, minha atuação.

Fico ali parada, entorpecida, atordoada e vazia.

O DJ aumenta o volume da música, e quando Ian e Syd me puxam em direção à porta, eu não resisto. Atravessamos com esforço um mar de gente que quer nos fazer descrever os desafios, que grita pedindo o número do nosso telefone, querendo saber que páginas mantemos na internet ou pedindo para sorrirmos para mais uma foto ou um vídeo. Pessoas puxam minha jaqueta, seguram meus braços, batem na minha cabeça como se eu fosse um poodle. De repente, sinto meu corpo ser erguido do chão, carregado por um mar

revolto de Observadores. Eu me debato e grito para me colocarem no chão até cair com um baque. Um cara esfrega o queixo onde o acertei e me chama de vaca antipática. Quantas vezes fui xingada hoje? Não importa mais.

Ian me encontra em meio ao caos e me puxa. Quando estamos quase saindo, a porta é empurrada, e dois policiais entram na boate pedindo para falar com o gerente. Por mais que tenha torcido pela chegada deles, não suporto pensar em nada que me obrigue a passar mais tempo naquele zoológico. Não deve ter mais ninguém lá em cima, certo? E, se tiver, provavelmente estão bebendo a cerveja que sobrou. Mesmo assim, acho que devo entregar a eles a carteira de motorista do investidor do NERVE e a arma. Ponho a mão no bolso e, para minha surpresa, descubro que as duas coisas desapareceram. Caíram ou o NERVE mandou alguém para furtar os objetos? Tremo quando penso que os cretinos ainda podem estar no comando. A polícia faz parte da folha de pagamento do jogo?

Talvez Ian e Syd estejam pensando a mesma coisa, porque saímos e continuamos andando depressa e de cabeça baixa no ar gelado até chegarmos à área VIP do estacionamento. Fico surpresa por ninguém ter cortado os

pneus do Volvo de Ian, mas não me surpreende descobrir que não há sinal do carro de Tommy.

Syd veio com ele, por isso entra no Volvo. E, mesmo que tivesse vindo de carro, ela não estaria em condições de ficar sozinha.

Mas eu me sinto mais sozinha que nunca. Milhares de pessoas devem ter nos visto hoje, e a maioria não pensou que os jogadores eram pessoas reais, vivas.

Um Observador se aproxima correndo, bate na janela e implora por mais uma foto. Balanço a cabeça e olho para o outro lado. Ele grita:

— Quem você pensa que é?

Não faço ideia.

Ian manobra o carro de ré para escapar de mais dois Observadores persistentes, e depois seguimos em silêncio. Até Sydney parece estar enfrentando algum tumulto emocional no banco de trás, onde está encolhida e de braços cruzados. Está arrependida por ter deixado Tommy convencê-la a vir ver de perto os desafios finais? Por ele ter enganado a garota que, supostamente, é uma excelente analista de caráter? Falando em caráter, preciso ter certeza sobre Ian. Não acredito que ele tenha sido plantado pelo

NERVE nem que seja um exibicionista da internet. Mas posso confiar na minha percepção, nas minhas crenças?

Olho para ele pelo canto do olho.

— Eu queria saber como você consegue pagar um colégio particular.

Ele parece surpreso, mas depois assente como se entendesse o motivo do comentário. Seus ombros caem.

— Bolsa. E entrego muita pizza. Legal, não é?

Toco o braço dele.

— Lamento que não tenha conquistado sua liberdade.

— Um jogo que distribui armas entre os participantes não deve deixar ninguém sair com o prêmio.

Sydney pigarreia. Olho para trás, e ela escreve no ar com os dedos: “Ele é legal”.

Alguma coisa me diz que Syd tem razão. Tudo que fez esta noite prova que ele é um cara muito legal. Mas e se foi tudo para o jogo? E se o verdadeiro desafio dele fosse me magoar, como Tommy falou?

Minha cabeça dói. Eu devia ligar para casa, mas o que quero de verdade, acima de tudo, é me fechar em mim mesma e recuperar a privacidade que perdi. Seguimos em silêncio até a casa de Sydney.

Quando ela desce do carro, eu também desço.

E abaixo a cabeça.

— Desculpa. Estou muito, muito arrependida por tudo.

Ela suspira.

— Acho que entendi por que se inscreveu. O que importa é que salvou a gente. Estamos todos bem.

Levanto a cabeça. Duvido que Ian possa ouvir a conversa baixa de dentro do carro, mas ela escreve no ar de novo: “Irmã”.

Respondo com o mesmo gesto e espero fora do carro até ela entrar em casa.

Ian quer me levar para casa, mas peço para ele me levar ao boliche, onde deixei meu carro. Uma parte teimosa de mim quer acabar a noite como ela começou, comigo no controle.

As luzes de neon no letreiro do boliche estão apagadas. Não tem mais Adeptos da Pureza nem Observadores. Só um estacionamento quase vazio onde vejo meu carro e uma perua velha.

Os olhos de Ian parecem muito mais velhos do que eram quando nos encontramos ali mesmo horas antes.

— Quer que eu te siga até tua casa, só para ter certeza de que vai chegar bem?

— Você é um fofo, mas sei que está tão cansado quanto eu. Vá para casa e me ligue amanhã. Ou hoje, acho. Depois que a gente dormir um pouco.

Ele sorri.

— Não tenho seu número de telefone.

Meio mundo me viu apavorada e sabe que número de sutiã eu uso, mas meu parceiro não sabe nem o número do meu celular. Loucura. Trocamos números.

Ele se inclina e me beija com delicadeza.

— A única coisa boa desta noite é você.

Balanço a cabeça numa resposta afirmativa e saio do carro querendo acreditar em Ian, mas lutando contra a dúvida persistente de que ele ainda é fofo porque pode haver algum prêmio pós-jogo. Alguém pode estar filmando a gente de dentro daquela peruca. Eca. Se é assim que a vida acontece na estrada da paranoia, é exaustivo, e estou cansada demais para continuar agora. Acho que vou descobrir quais são os verdadeiros sentimentos de Ian com o passar do tempo.

Quando não houver mais nada em jogo.

vinte e um

Um mês depois.

Não sou uma pessoa matinal, mas estou aprendendo. A tranquilidade do amanhecer traz uma promessa diária de que tudo vai voltar ao normal. Mas, como o Gato de Schrödinger, vou ter que pôr a cabeça para fora da caixa para descobrir. É o único jeito. Termino de comer e me visto antes de ligar o telefone, tentada a prolongar um pouco mais a tranquilidade do momento, mas ansiosa para ver se alguma coisa mudou.

Uma mensagem em particular chama minha atenção, mas quase a perco no meio de centenas de textos e dúzias de solicitações de amizade e conexão. Acúmulo típico de um dia. O que significa que a vida continua maluca. E ainda tenho a atenção de muita gente.

Então, vou usar essa atenção.

Posto minha mensagem semanal para todos os novos números de telefone e para as interações acumuladas nos últimos sete dias na minha página do ThisIsMe. Muita gente

vai ignorar, provavelmente, mas algumas pessoas, e espero que sejam suficientes, não.

OI, MUNDO.

QUASE MORRI JOGANDO NERVE, TUDO PARA
ELES TEREM LUCRO. ELES ACREDITAM QUE
PODEM PRATICAR IMPUNEMENTE QUALQUER
ABUSO CONTRA OS PARTICIPANTES PORQUE
NINGUÉM SE IMPORTA, NA VERDADE, E
NINGUÉM PODE ENCONTRÁ-LOS.

MAS ESTÃO ENGANADOS.

ELES PODEM SE ESCONDER,
MAS NÃO DE TODO MUNDO.

ENTÃO, USEM SEUS CONHECIMENTOS
DE INFORMÁTICA, USEM OS CONHECIMENTOS
DOS SEUS AMIGOS, E VAMOS CAÇAR
ESSES FILHOS DA MÃE.
ISTO É UM DESAFIO!

Depois de enviar a mensagem, deixo o celular de lado e não checo mais minhas mensagens até amanhã de manhã, se nada me obrigar a mudar os planos. Minha professora de Design de Acessórios me chama de luddista. Digo que isso é só para preservar minha sanidade.

Prendo o cabelo num rabo de cavalo e vou para a garagem. Estou de castigo todas as noites e fins de semana até ter idade suficiente para votar, mas posso sair para me exercitar de manhã três vezes por semana. Entro no carro e dirijo até uma trilha próxima, onde um Volvo cinza e discreto está me esperando.

Ian está ao lado do carro, alongando as pernas, vestido com short e camiseta que mostram braços e pernas bronzeados e firmes. Estou ficando meio musculosa com todo esse exercício regular e decidi que bíceps são um acessório de moda bem legal. Quando me aproximo de Ian, nós nos beijamos por um momento, depois nos posicionamos perto da calçada para alongar os dedos dos pés e as panturrilhas.

— Talvez a gente tenha conseguido alguma coisa — comento, referindo-me à mensagem que encontrei no meu celular mais cedo.

— Ele ou ela?

— Gayle, cujo verdadeiro nome é Jordan, se o programa de reconhecimento facial estiver certo.

Ele sorri.

— Boa, Tommy!

Depois de pedir muitas desculpas, Tommy se reaproximou de mim e voltamos a ser amigos, embora ainda com muita desconfiança de minha parte, e ele tem colaborado muito com a minha luta contra o NERVE. Acredito de verdade que ele não sabia que as coisas chegariam aonde chegaram. E ele não foi o único a se comportar como um maluco inconsequente naquela noite.

Ian e eu nos aproximamos de uma árvore perto da trilha e a usamos como apoio para novos exercícios de alongamento antes de começarmos a corrida. Na primeira semana depois do jogo, nossas corridas matinais eram bombardeadas por Observadores, que gravavam imagens nossas para um sistema de créditos pós-jogo. Tommy até encontrou um rastreador GPS no para-choque do meu carro.

A polícia não ajudou muito. Evidências insuficientes, disseram. Os outros jogadores afirmaram que as armas eram de plástico e que as bebidas eram suco. Tenho certeza de que receberam algum pagamento pela cooperação. E o investidor sinistro, o que havia participado da reunião dos Adeptos da Pureza, também não revelou muita coisa.

Mas nós resistimos. E já fui procurada por uma tonelada de pessoas querendo colaborar, inclusive um Observador que gravou um vídeo com um breve fragmento de uma cena em

que nossos anfitriões apareciam nas telas na rodada do grande prêmio. É um vídeo de um vídeo, por isso a imagem é granulada, mas Tommy fez o possível para limpá-la o suficiente para que o software de reconhecimento facial a comparasse com milhões de outras imagens na internet. É claro, Guy e Gayle eram pagos para participar, provavelmente, como todos nós. Mas, se eles puderem dar alguma pista que leve aos que realmente ganham dinheiro com o jogo, vale a pena tentar.

Ian e eu passamos correndo por arbustos floridos que perfumam a trilha com a promessa do verão. Respiro fundo, mas me assusto e pulo para trás quando um cara muito magro sai de trás de uma árvore apontando uma câmera para nós.

Ian para na frente dele.

— Cara! Não precisa armar uma emboscada para nós. Basta pedir para tirar uma foto.

E é verdade. Aprendemos uma coisa interessante sobre a fama: aqueles que parecem desesperados por ela são os que os outros menos querem ver. Por isso Ian e eu fazemos questão de posar para as fotos sempre que alguém pede. Quanto mais a gente se exhibe, menos popular esperamos ficar.

Mas esse cara não pediu uma foto. Por isso ele vai arcar com as consequências. Ian e eu pegamos o celular e começamos a filmar nosso Observador.

Ele põe as mãos na frente do rosto.

— Para que isso?

Ian sorri.

— É para um site novo chamado “OLHA QUEM ESTÁ PERSEGUINDO”. Sorria.

O cara foge xingando a gente. Funcionou melhor que de costume. O vídeo que fiz deve ter ficado tremido e sem foco, porque minha câmera ainda é uma porcaria. Mas tem coisas piores do que lidar com um celular ruim.

Um quilômetro depois do começo da trilha, paramos perto de um banco comprido de madeira. Ian me põe sentada em seu colo e me puxa para um beijo quente e saboroso, mas não consigo parar de olhar para as árvores à nossa volta, me perguntando se estamos realmente sozinhos.

Tentamos ter mais privacidade em nossos encontros matinais, mas a casa de Ian e a minha casa estão fora de questão. E mesmo quando estacionamos nos lugares mais isolados, somos interrompidos por malucos fotografando através das janelas. Agora entendo por que aquela outra jogadora, Abigail, fugiu para a área rural da Virgínia e ficou

lá por uma semana. Por mais que eu queira esquecer o NERVE, em parte ainda espero que eles façam a próxima rodada no próximo sábado, conforme estava planejado, nem que seja só para mudar o foco, desviar a atenção para outros jogadores. É um desejo horrível, eu sei.

Quando dois corredores passam por nós, levantamos para continuar a nossa corrida. O dia promete ser claro e ensolarado. Talvez Syd e eu possamos ir almoçar com o pessoal do clube de fotografia para trabalhar nas fotos dela. E eu estou usando as noites em casa para trabalhar no meu portfólio. Para o diabo com o NERVE. Estamos transformando nossos sonhos em realidade.

O horário livre para exercício acaba depressa demais. Ian e eu nos despedimos com um longo beijo antes de eu entrar no meu carro. Quando me afasto, percebo que o carro tem cheiro de restaurante, como se alguém tivesse comido bacon lá dentro. O aroma entrou pela ventilação? Olho para trás para ter certeza de que não tem ninguém escondido no assento traseiro. Vazio. Mas ainda sinto um arrepio nas costas. Nunca vou me livrar disso?

Quando chego em casa, minha mãe e meu pai me cumprimentam com sorrisos aliviados, como fazem toda vez que volto da corrida. Sei que eles têm que fazer um grande

esforço para confiar em mim nessas manhãs, por isso vou fazer tudo que puder para ser digna dessa confiança. Um resultado inesperado de ter contado a verdade sobre o que aconteceu no NERVE é que eles tiveram uma chance de ver o quanto eu quero viver. Acho que eles finalmente acreditam que o que aconteceu na garagem foi um acidente. Se eu tiver muita sorte, talvez eles abram uma exceção e me deixem sair da prisão para ir com Ian a um evento do Habitat para a Humanidade no mês que vem.

Minha mãe aponta para o hall de entrada.

— Você encomendou alguma coisa? Isso estava lá fora quando saí para regar as plantas.

Como se sobrasse algum dinheiro do que tenho que economizar para a faculdade. Vejo um pacote sobre a mesa ao lado da porta. Ainda é muito cedo para entregas, não é? Talvez tenha ficado lá fora desde o dia anterior. O endereço para devolução impresso em letras douradas é o de uma loja de departamentos em Nova York, um lugar muito caro. O selo também é de Nova York, o que reduz muito as chances de o pacote conter uma bomba. Lá vem minha paranoia de novo.

Abro a caixa e encontro outra caixa cercada por um mar de material biodegradável. Lá dentro tem uma bolsa de

veludo com o logo de uma grife que já passei horas admirando on-line. Com as mãos trêmulas, pego o par de sapatos cor-de-rosa dentro da embalagem sofisticada. Os sapatos que o NERVE me ofereceu pelo desafio na cafeteria. Isso é estranho. Eles deixaram claro que eu havia perdido todos os prêmios quando fugi da rodada final. Isso é algum tipo de engano?

Encontro um pequeno envelope prateado dentro de um dos sapatos. No envelope tem um bilhete que me faz ajoelhar lentamente no chão frio. Ele diz:

“Nunca vou me cansar de te observar. Mal posso esperar para te ver jogar de novo.”

Olho para os sapatos, que se tornam mais feios a cada segundo. Bom, logo uma mulher do abrigo vai andar por aí em grande estilo. Levanto para ir jogar os sapatos na caixa de doações da minha mãe. Quando passo pela sala de estar, me assusto com um som familiar. É o meu telefone. Mas não é meu toque comum, genérico.

O toque do meu celular é a voz de uma criança mimada.

DESCE A CORTINA.

agradecimentos

Tive muita ajuda e incentivo para fazer este livro acontecer. Minha profunda gratidão à família e aos amigos, os de perto e os de longe, que me encorajaram nesses vários anos durante os quais persegui o sonho de escrever ficção. Seu apoio e entusiasmo foram meu combustível nos dias mais difíceis.

Agradeço à minha editora na Dial, Heather Alexander, cuja orientação me ajudou a levar esta história em frente e torná-la melhor do que jamais pensei ser possível, e a Andrew Harwell, cuja visão do NERVE influenciou este livro por muito tempo depois de ele sair do projeto.

Muito obrigada à minha extraordinária agente, Ammi-Joan Paquette, cujo olhar atento e conselho experiente me ajudaram a dar forma ao manuscrito, e cuja torcida por mim nunca fraquejou. Todo escritor deveria ter essa sorte.

Agradeço muito aos meus parceiros críticos, que viram esta história se transformar de um começo rústico a algo publicável. Ao meu grupo local de escritores, sempre pronto a discutir ideias sem aviso prévio, e que esteve comigo ao

longo de cinco manuscritos (e ainda vem mais!): Annika de Groot, Lee Harris, Christine Putnam e Lesley Reece. Aos meus críticos on-line que me desafiaram a encontrar um começo melhor para esta história, pois foi assim que acabei colocando Vee em um teatro: Kelly Dyksterhouse, Kristi Helvig (que também foi leitora beta), Joanne Linden, Mary Louise Sanchez e Niki Schoenfeldt.

Às minhas irmãs e à minha sobrinha, que leram e opinaram sempre que fiquei aflita: Mary Ryan, Rachel Ryan e Madeline Anderson (cujo celular eternamente grudado na mão me deu a ideia de uma história na qual os telefones tivessem um papel tão importante). Ao meu irmão de outra mãe, Tim Beauchamp, para quem eu posso ligar a qualquer hora para perguntar sobre quaisquer detalhes técnicos que eu não entenda. No caso deste livro, foram armas de fogo e como usá-las. Mas qualquer informação errada sobre esse assunto que acharem aqui é culpa minha, não dele.

Uma das minhas maiores incentivadoras desde o primeiro manuscrito foi minha querida amiga Lisa Berglund, que SABIA que um dia eu seria publicada. A ausência dela é a única nuvem no meu céu azul. Se há um clube de leitura no céu, tenho certeza de que ela o lidera.

Finalmente, agradeço ao meu marido e aos meus filhos, que me apoiaram nas incontáveis noites em que “mamãe teve que ir à cafeteria para escrever”. Eles me incentivaram muito e são participantes ativos na minha obra, desde os desenhos que fizeram para descrever como achavam que deveria ser uma cena até a discussão de ideias para a história. Amo todos eles mais do que posso expressar com palavras e admito que estou devendo, pelos meus cálculos, 1.509 refeições para eles.